



**INTERTEXTUALIDADE E DIALOGISMO EM DIÁLOGO COM AS
NOVAS TECNOLOGIAS E A(S) LITERATURA(S)
CONTEMPORÂNEA(S) NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO -
PORTFÓLIO DO ESTÁGIO I**

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (CED)
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS (DLLV)
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS

CAROLINE FERRARI
DIEGO RODRIGUES LOPES

INTERTEXTUALIDADE E DIALOGISMO EM DIÁLOGO COM AS
NOVAS TECNOLOGIAS E A(S) LITERATURA(S)
CONTEMPORÂNEA(S) NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO -
PORTFÓLIO DO ESTÁGIO I

FLORIANÓPOLIS

2018

CAROLINE FERRARI
DIEGO RODRIGUES LOPES

**INTERTEXTUALIDADE E DIALOGISMO EM DIÁLOGO COM AS
NOVAS TECNOLOGIAS E A(S) LITERATURA(S)
CONTEMPORÂNEA(S) NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO -
PORTFÓLIO DO ESTÁGIO I**

Portfólio apresentado como requisito final para a
aprovação na disciplina Estágio de Ensino de Língua
Portuguesa e Literatura I (MEN 7001), em 2018/2.

Orientadora: Prof.^a Maria Luiza Rosa Barbosa

FLORIANÓPOLIS
2018

RESUMO

Este Portólio contempla as etapas referentes à disciplina *Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I* (MEN 7001), em 2018/2: uma (breve) reflexão acerca das aulas ministradas, o projeto de docência juntamente com os planos de aula e o projeto extraclasse. O dialogismo/intertextualidade permeia todas as etapas deste projeto, à luz da teoria bakhtiniana. Através destes, objetivávamos fazer com que os alunos construíssem (sólidas) pontes entre o *grande tempo* e a contemporaneidade, ressignificando os conteúdos acerca da fase inicial da literatura portuguesa - os períodos Trovadorismo, Humanismo e Classicismo. Pretendíamos, ainda, não objetificar os gêneros do discurso ao longo de toda a jornada em classe, focando no reconhecimento de seus principais elementos através de leituras guiadas; compreendemos que o estudante não pode ser encarado como uma página em branco ou composto por lacunas, mas um ser dotado de histórias e vivências, que não devem ser ignoradas (BAKHTIN, 1981), mas alargadas... eis o papel primordial do professor.

Palavras-chave: Intertextualidade. Dialogismo. Literatura. Estágio.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
I (BREVE) REFLEXÃO SOBRE A EXPERIÊNCIA NA DOCÊNCIA	7
II PROJETO DE DOCÊNCIA	18
III PROJETO EXTRACLASSE	201
CONSIDERAÇÕES FINAIS	303
REFERÊNCIAS	305

INTRODUÇÃO

A disciplina obrigatória do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) – Estágio Obrigatório I – foi realizada no período do mês de agosto a novembro de dois mil e dezoito. Esse período contempla o primeiro contato dos estagiários com o ambiente escolar, os encontros observados e a regência em sala. O estágio foi realizado no Instituto Estadual de Educação (IEE), localizado na Avenida Mauro Ramos, no Centro de Florianópolis, Santa Catarina. A escola, que, em 2018 completou 126 anos de existência, pertence ao sistema público, com dependência administrativa estadual; conta com mais de trezentos professores e atende ao Ensino Fundamental, ao Ensino Médio (tanto regular, quanto inovador) e ao Magistério (IEE, 2017). Tanto o período de observação, quanto o de regência, foram realizados com o primeiro ano do Ensino Médio noturno – turma 132 – que conta, em média, com vinte alunos, com idade entre quinze a dezoito anos. A maioria dos estudantes pertence ao sexo masculino. A classe pode ser descrita como inquieta, em um primeiro momento; entretanto, com o passar do tempo, notamos suas singularidades, atentando-nos para os sujeitos atuantes e instituídos (BAKHTIN, 1981).

Com o objetivo de inserirmo-nos no contexto escolar, visitamos o IEE, atentando-nos para a estrutura da escola, principalmente da sala de aula. Observamos que as salas continham ar-condicionado, *datashow* e quadro branco. Posteriormente, tivemos acesso aos principais documentos, como o Projeto Político-Pedagógico (PPP), que norteia vivências e relações professor-aluno-comunidade. Após, frequentamos dez aulas da docente-regente da turma; a partir dessa experiência, pudemos elaborar nossos planos de aula e, conseqüentemente, o projeto de docência (ver Seção 2), que norteou a construção desse portfólio. O período supracitado foi de fundamental importância para nossa inserção na docência, pois, além de ser nosso primeiro contato com os alunos, também representou acesso e compreensão da rotina escolar como um todo: desde a relação entre professores, diretores e assistentes pedagógicos, até o funcionamento da instituição escolar.

Após o acesso aos documentos oficiais e à turma, demos início ao período de regência – de setembro a novembro de dois mil e dezoito – contabilizando 14 encontros, que variavam entre duas aulas (uma hora e vinte minutos) nas terças-feiras e uma aula (quarenta minutos) nas sextas. Esses encontros simbolizaram a parte mais representativa do Estágio Obrigatório, pois foram o (primeiro) contato real e efetivo com a comunidade escolar, especialmente com

os estudantes. Acreditamos que tal contato tenha sido ainda mais representativo por se efetivar na rede pública de ensino, realidade essa muitas vezes mascarada pelo meio acadêmico, especialmente nos cursos de Licenciatura. Através das observações realizadas em aulas anteriores, construímos nosso plano de docência embasados nas preferências dos estudantes, não esquecendo de inseri-los em novos conhecimentos, aliando o *grande tempo* à contemporaneidade. Importante citar que outro pilar fundamental para a construção de nosso planejamento foi a professora regente da classe Lisandra Climene Bonotto – profissional atuante na área de Letras há mais de vinte anos – pois, através dos encontros promovidos no período de observação, incorporamos e ressignificamos sua(s) metodologia(s) para com a turma.

Esse portfólio é uma síntese das principais etapas realizadas na disciplina do Estágio Obrigatório I, contemplando, nas seções a seguir, uma breve reflexão sobre o período de regência, o projeto de docência, os planos de aula e o projeto extraclasse. Importante ressaltar que em todas as etapas considerou-se o perfil da escola e dos estudantes, encarando-os como sujeitos *uno*; tem-se consciência de que são dotados de conhecimento prévio e, por conta disso, com as etapas aqui descritas, objetivamos contribuir para sua formação, não apenas intelectual, mas cidadã.

I

INTERSECÇÃO ENTRE RELAÇÕES DIALÓGICAS E PERÍODOS LITERÁRIOS – O TROVADORISMO E O CLASSICISMO: UMA (BREVE) REFLEXÃO ACERCA DA REGÊNCIA NA TURMA 132

É fundamental diminuir a distância entre o que se diz e o que se faz, de tal forma que, num dado momento, a tua fala seja a tua prática.
(Paulo Freire)

Esta seção planeja explicitar reflexões acerca da prática docente referente à disciplina *Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001)*, em 2018/2. Apesar de o Portfólio contemplar nosso primeiro contato com o ambiente escolar, os encontros observados e a regência em sala, restringimo-nos à experiência em classe, relacionando-a com a *intertextualidade* - tema transversal trabalhado durante os conteúdos lecionados.

1 A INTERTEXTUALIDADE E O DIALOGISMO, À LUZ DE BAKHTIN – UMA (BREVE) INTRODUÇÃO

O termo *dialogismo*, na década de 1920, era entendido por Bakhtin, de acordo com Zani (2003), como a noção de que um texto não subsiste sem o outro: sempre há diálogos entre duas ou mais vozes, entre dois ou mais discursos. Para Barros e Fiorin (1999), a *intertextualidade* é a incorporação de um elemento discursivo a outro; é quando o autor produz seu texto com referências a imagens, sons e/ou textos de outras obras ou autores. Esse fenômeno pode ser considerado um fruto de diálogo entre diferentes vozes e consciências; entretanto, tamanha multiplicidade não resulta em anulamento de ideias e discursos, pois tem como foco o compartilhamento. Conforme aponta Alós (2006), os diferentes dizeres, quando intercalados, não perdem suas características próprias para formar um terceiro elemento, mas mantêm determinadas particularidades, acarretando em uma relação afetiva. A obra possui suas próprias significações; o *outro*, aqui, sugere novas orientações e sentidos, sem alterar o que está previamente estabelecido: o novo discurso (re)trabalha a ideia mostrada (ZANI, 2003).

Construir um texto é realizar enunciados em alguma esfera da atividade humana. Acerca dessa questão, Bakhtin (1977) contemporiza que a composição de quase todos os enunciados do homem – desde os que pertencem ao cotidiano, como diálogos familiares, bilhetes e conversas informais, até as obras pertencentes ao *grande tempo* – são compostos por ideias e/ou palavras significativas de outrem. Por essa razão, é possível compararmos a composição de um texto com a de um “tecido”, que é perpassado por fios ideológicos de um *outro* - um outro texto, um outro autor, uma outra ideia. O conceito bakhtiniano de *dialogismo* é então empregado quando reconhecemos que uma obra é polifônica, carregando ecos de textos de outrora (ALGERI; SIBIN, [2007]).

2 TROVADORISMO E CLASSICISMO: PERÍODOS CONSTITUÍDOS DE INTERTEXTUALIDADE?

A leitura é, no entendimento de Lopes (2002), um processo permeado pelo ensino, que deve ter como finalidade transmitir aos alunos a lógica do conhecimento de referência; é do saber acumulado - e muitas vezes já instituído pela humanidade - que devem ser extraídos os conceitos a serem lecionados. Não há um texto totalmente inédito, um texto primeiro; ao mesmo tempo em que se apresenta o *novo*, deve-se programar o olhar dos alunos também para o *canônico*, e vice-versa. Isso implica considerar que as relações intertextuais se tornam cada vez mais explícitas à medida que o leitor-ouvinte amplia sua bagagem cultural, desvendando entrelinhas em variados discursos.

Partindo-se do pressuposto de que há um antecedente para todo texto – e que o antecedente também é antecedido por um *outrem* – esta seção dedicar-se-á a evidenciar, de maneira breve, as correlações e as múltiplas vozes que se fazem presentes em três períodos literários portugueses – Trovadorismo, Humanismo e Classicismo –, que foram trabalhados em sala de aula, na disciplina de Língua Portuguesa, no primeiro ano do Ensino Médio - turma 132 - do Instituto Estadual de Educação (IEE), a partir de produções elaboradas pelos estudantes (releitura de cantigas e criação de um soneto camoniano). Procura-se, aqui, estabelecer pontes que têm de ser atravessadas – ou, ainda, (re)construídas a todo instante –, pois, muitas vezes, a sala de aula é o único local disponível para o estudante se transportar para *além*. Afinal, não seria esse um dos preceitos do *intertexto*?

2.1 TROVADORISMO

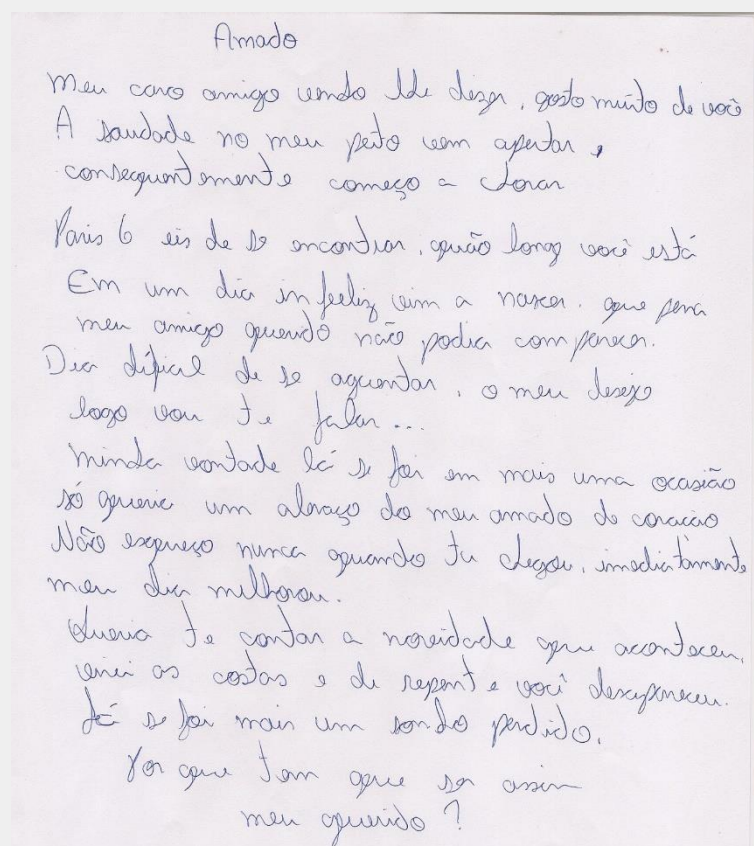
O período trovadoresco é composto por cantigas e romances de cavalaria; aquelas, caracterizadas pelo gênero lírico (através das cantigas de amor e amigo) e pelo gênero satírico (com cantigas de escárnio e maldizer); estas, apresentam um rigoroso código de conduta medieval e cavaleiresca, recheada de romances proibidos e aventuras inescrupulosas. As próprias produções poéticas da época, conforme aponta Algeri e Sibin (2007), já implicam relações de outrora com a música e a dança, concomitantemente. De acordo com os autores, essas produções, muitas vezes, estão envelhecidas para o gosto do leitor moderno; entretanto, na contemporaneidade, muito se tem daquela época: nas cantigas de amigo, por exemplo, há principalmente a temática da saudade; nas de amor, um clima de dor e sofrimento, recheado

por lamentos e lágrimas literárias. Todos esses sentimentos expressam a universalidade e a atemporalidade, ainda que não sejam produzidos da mesma maneira.

Nas cantigas de amigo, a figura masculina do trovador utilizava-se do eu lírico feminino – fato que pode ser observado também na atualidade, já que artistas-homens ainda assumem o outro eu lírico em suas canções. Pode-se ainda citar o fato de que, nessa época, apenas os homens tinham a liberdade de cantar, de apresentar; agora, a mulher pode ser o eu lírico da canção, a compositora, a intérprete, a dançarina; partindo desse pressuposto, em nossa primeira aula, trouxemos músicas atuais de autoria e eu lírico feminino.

A primeira atividade avaliativa que realizamos com a turma foi pautada em releitura de uma cantiga de livre escolha. Com esse exercício, era esperado que os alunos estabelecessem relações entre o período estudado e a contemporaneidade; que utilizassem elementos, palavras e/ou situações rotineiras em suas produções, percebendo que o canônico, apesar de distante, ainda se faz presente. Para exemplificar, temos, na figura 1, a produção do Aluno W.

Figura 1 - Releitura do Aluno W



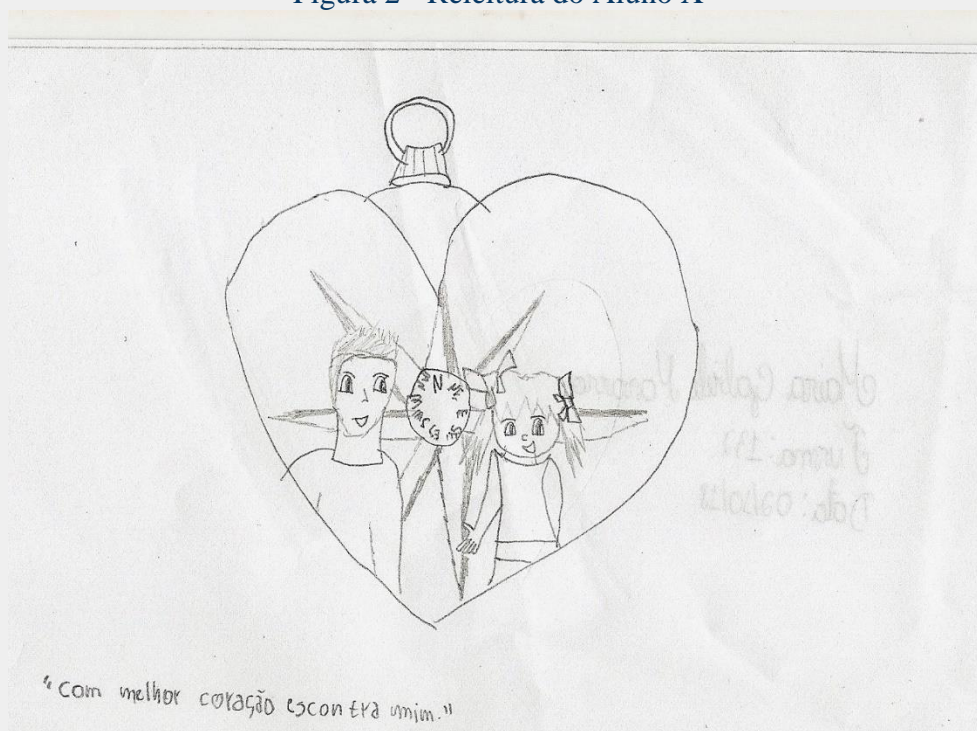
Fonte: Dados de campo (2018)

Nessa produção (figura 1), observamos o eu lírico feminino e a temática da saudade - características primordiais nas cantigas de amigo. Para ilustrar ainda mais a intertextualidade,

notamos que o estudante utilizou um elemento cotidiano em seu escrito - “Paris 6”, restaurante francês presente em vários locais do país.

Diferentemente da produção anterior, o Aluno X utilizou a cantiga de amor Fernão Garcia como texto-base para sua releitura.

Figura 2 - Releitura do Aluno X



Fonte: Dados de campos (2018)

Na imagem acima, o aluno estabeleceu uma ponte entre a cantiga escolhida e a contemporaneidade, através de uma produção artística própria - um desenho - ilustrando o amor entre o casal. O Aluno utiliza a linguagem arcaica da cantiga - “com melhor coração encontra mim” -, ressignificando-a e evidenciando seu entendimento acerca do escrito trovadoresco.

2.2 CLASSICISMO

O Classicismo consistiu em uma concepção de arte baseada em imitação de clássicos, principalmente gregos e latinos, almejando a perfeição estética. Imitar, aqui, não é transcrever, copiar, mas visar à criação de obras seguindo determinadas fórmulas e medidas que eram utilizadas pelos antigos (MOISÉS, 1994). Apesar de o momento ser marcado por profundas transformações ideológicas e culturais, além de ter se desenvolvido durante o

apogeu político de Portugal, o movimento que antecedeu o Barroco ficou marcado pelo resgate de antigas concepções, incorporando-as: sua essência, mesmo que nas entrelinhas, tinha por base a intertextualidade.

Nesse período, emergiu um dos mais importantes autores de Língua Portuguesa, Luís Vaz de Camões, descrito por Ferreira (2010) como protagonista de histórias de amores impossíveis e proibidos, refletindo em sua vasta obra tudo aquilo que viveu. O mais famoso poeta português inova na arte da época ao postular em suas obras o princípio clássico da imitação, porém, na maioria das vezes, acabava por superar o “imitado”, já que (re)inventava o texto (FERREIRA, 2010). Em suas obras, consta o estilo de trovadores medievais – medida velha/redondilhas – e a medida nova/versos decassílabos. A intertextualidade em Camões muitas vezes ocorre por meio de passagens bíblicas, desassociadas de valores cristãos e/ou religiosos, já que tinham intenção filosófica – uma busca por valores plenos (FERREIRA, 2010). Para exemplificar, citamos o soneto *Amor é fogo que arde sem se ver*, que tem como texto-base *Coríntios*, versículo 13. Atualmente, é possível citar a composição de Renato Russo, *Monte Castelo*, que remete ao soneto anteriormente citado. Essas obras foram apresentadas aos alunos, por meio de discussões, debates e leituras; estimulamos que evidenciassem textos e músicas contemporâneas para estabelecermos relações com o *grande tempo*.

A terceira atividade avaliativa realizada com os alunos foi a criação de um soneto nos moldes camonianos, ou seja, composto por dois quartetos (duas estrofes de quatro versos) e dois tercetos (duas estrofes com três versos) com quatorze versos no total. Para ilustrar, observemos a produção do Aluno Y.

Figura 3 - Produção textual do Aluno Y

Amor que arde
Arde com fervor
Arde com calor
Amor que causa alarde

Todos querem amor
Mas o amor machuca
Dá tanto que machuca mesmo a alma
Por isso, preferimos desistir o seu valor

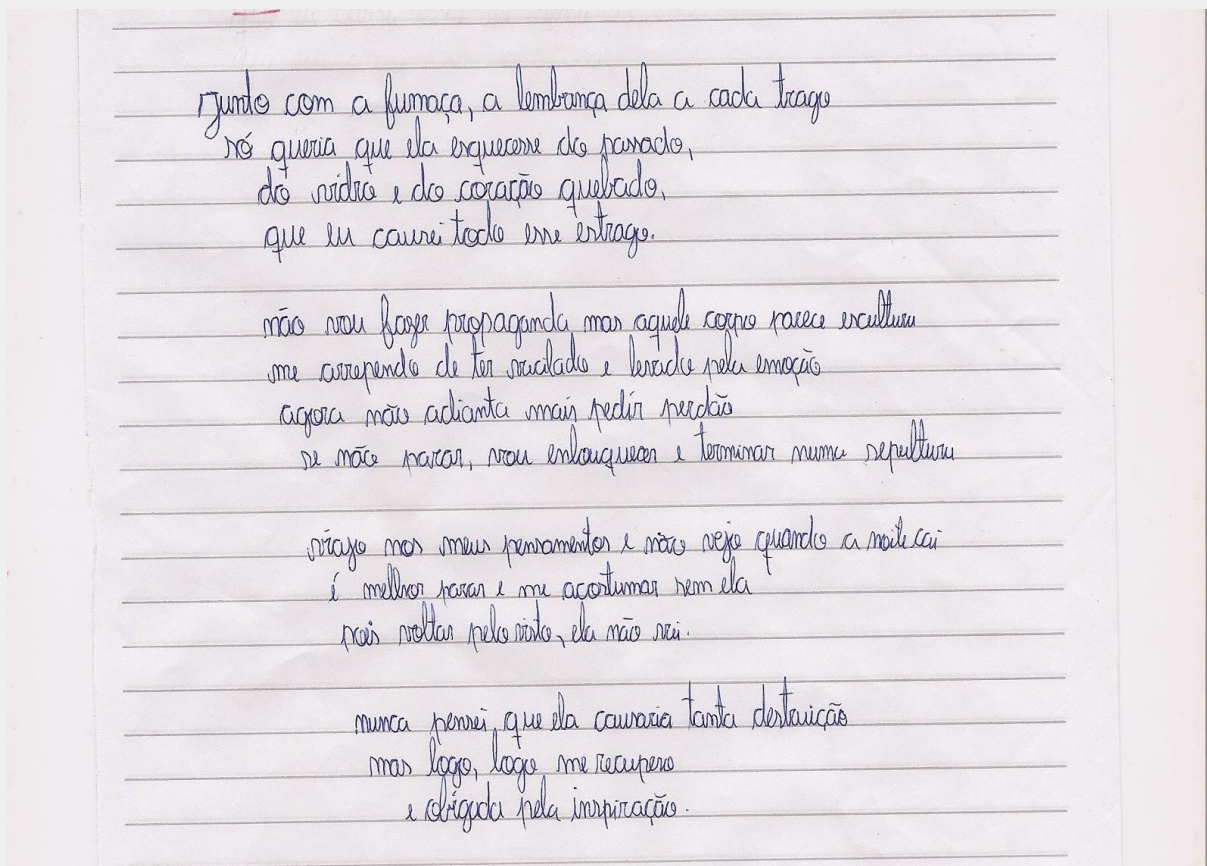
Quando a vida parece um pesadelo
Não se desespera
O amor o elimina com um simples apelo

Nesta luta ainda sigo
Sei que isso parece loucura
Mas meu amor ainda está comigo.

Fonte: Dados de campo (2018)

No texto acima, o dialogismo é percebido através da utilização de palavras que remetem ao escrito de Camões, Amor é fogo que arde sem se ver, tais como: “Amor que arde/Arde com fervor/Arde com calor/Amor que causa alarde”. É perceptível que o estudante ressignifica a produção camoniana com elementos do seu cotidiano; a forma com que este aborda a temática do amor em seu texto é semelhante à Camões: ambos buscam descrevê-lo de uma forma neoplatônica, (quase) impessoal. Com o Aluno Y, percebemos a ponte entre o grande tempo e o contemporâneo, através da maneira com que o sentimentalismo amoroso é abordado; para ilustrar outras vozes polifônicas, observemos o Aluno Z.

Figura 4 - Produção textual do Aluno Z



Fonte: Dados de campo (2018)

Na produção acima, constatamos um soneto camoniano - um soneto cuja estrutura é elaborada aos moldes de Camões; entretanto, o amor, aqui, é abordado de outra maneira - um viés carnal, quase que sexual, indo de encontro à descrição elaborada pelo Aluno Y. Apesar de o discurso romântico estar explícito, a maneira com que o eu lírico se declara para a amada parece ser pautada em vozes modernas - prova disso é a linguagem utilizada, que apresenta até mesmo gírias.

Com a realização das atividades, objetivamos fazer com que os alunos ingressassem de maneira mais profunda nos períodos literários apresentados, não apenas decorando conceitos e metalinguagens, mas também reconhecendo-os e aplicando-os no dia a dia. Procuramos demonstrar que o grande tempo se faz presente na atualidade, seja por músicas, filmes, minisséries, pinturas e obras literárias, englobando os gêneros do discurso primários e secundários. Tendo por base os resultados obtidos, podemos perceber que os estudantes conseguiram estabelecer pontes entre as cantigas do período trovadoresco e o soneto camoniano com aspectos da atualidade, mantendo a temática, e modificando a linguagem

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS (E AS EXPERIÊNCIAS PESSOAIS DURANTE O PROCESSO DE REGÊNCIA)

A partir das atividades propostas, principalmente da releitura das cantigas e da criação de um soneto camonianos, percebemos o quão contemporâneas as temáticas do *grande tempo* - medievais e renascentistas - podem ser. Com essa experiência, pudemos notar a importância que o papel do professor tem em fazer com que os alunos, além de se interessarem pelo conteúdo, estabeleçam pontes, tendo como pano de fundo a intertextualidade. Ademais, a literatura é frequentemente lecionada somente a partir de textos consagrados, como se não houvessem produções atuais passíveis de serem contempladas. É inegável a importância de se estudar o *grande tempo*, mas sabemos que o conhecimento teórico tem de estar atrelado à prática, ao dia a dia. Entendemos que é importante, também, que o docente de língua materna lembre-se de que a literatura é uma arte como muitas outras: música, pintura, dança, produções cinematográficas e televisivas. Estabelecer relações entre livros não é o único caminho possível, conforme tentamos demonstrar em nossa (curta) regência em classe.

O curso de licenciatura em Letras nos deu acesso a inúmeras teorias; apropriamo-nos das ideias bakhtinianas à chomskianas, dominando as técnicas linguísticas e literárias. Ao depararmos-nos, entretanto, com a real vivência do ato de ser docente, principalmente em uma escola pública, notamos que, de fato, nada sabíamos. Apesar de conhecermos o conteúdo a ser lecionado (graças à disciplina de Literatura Portuguesa I, ministrada no primeiro semestre da faculdade), a insegurança esteve presente no início do período de regência: e se os alunos indagassem algo que não soubéssemos responder? E se respondêssemos de maneira errônea? A famosa frase de Jung nunca fez tanto sentido: ao tocarmos uma alma humana, ao entrarmos em contato com os estudantes, bastou sermos apenas *outro*. Logo no período de observação, pudemos constatar que a 132 era tipicamente uma turma de Ensino Médio: os celulares estavam sempre presentes, tanto quanto as conversas paralelas e as idas frequentes ao banheiro (ou qualquer outro ambiente que não envolvesse a sala de aula). Apesar de tais problemáticas, quando o assunto - aos seus olhos - era interessante, voltavam a atenção para a aula... principalmente quando a temática era o *amor*.

Deixamos aqui nosso agradecimento à professora Lisandra Bonotto, regente da turma, que foi um grande pilar para nossa docência: sempre esteve presente, auxiliando-nos. Ao final das aulas, proporcionava-nos diálogos, motivando-nos por meios de palavras confortantes. Outro suporte de inestimável importância para nossa experiência ter sido tão gratificante foi a

professora Maria Luiza Rosa Barbosa, orientadora do Estágio, presente em inúmeros momentos, fazendo com que crescêssemos, tanto intelectualmente quanto pessoalmente. Somos imensamente gratos também à equipe administrativa e pedagógica do Instituto Estadual de Educação (IEE), que se mostrou tão prestativa e paciente conosco.

Durante dois meses, fomos os docentes responsáveis por avaliar a turma 132; em nosso último encontro, solicitamos que os alunos escrevessem sobre o período que estiveram conosco, sobre nossa metodologia, nossa postura em sala de aula. O *feedback* foi extremamente positivo, como podemos constatar nas vinhetas narrativas (1), (2), (3) e (4) que expressam a opinião de alunos(as) da classe:

- (1) *Parabéns! Valeu mesmo. Eu sei que foi difícil lidar com a gente!! Mas agradeço por terem paciência, vocês serão excelentes professores.* (Notas de campo)
- (2) *[...] aprendi bastante com vocês, coisas que não tinha aprendido antes com professores já formados.* (Notas de campo)
- (3) *Desde o primeiro dia, vocês passaram bastante confiança, se importaram com a gente, pediram dedicação da turma até o final. Gostei bastante da comunicação professor-aluno.* (Notas de campo)
- (4) *Me interessei muito pela aula, foi algo massa e diferente, dava uma mudada na rotina da escola. Vocês sempre foram simpáticos e ajudaram quando precisávamos, são poucos os professores que fazem isso.* (Notas de campo)

A partir da experiência em classe e principalmente da opinião dos alunos, sentimo-nos motivados a continuar lecionando, aprimorando-nos. As palavras que utilizaram para descrever nosso tempo juntos foi um gesto mais significativo que qualquer nota e avaliação que pudéssemos vir a receber. A verdade é que fomos mais aprendizes que professores; nunca esqueceremos da turma 132 - o primeiro grande desafio enfrentado em nossa formação (e já concluído). Ao iniciarmos o período de regência, tínhamos uma vaga ideia de como seria a experiência; embarcamos nessa jornada porque pensávamos que gostaríamos de estar em sala de aula... e hoje temos certeza.

5 REFERÊNCIAS

ALGERI, N. M.; SIBIN, E. A. A poesia trovadoresca e suas relações com a literatura de Cordel e a música contemporânea. **Dia a Dia da Educação** - Portal Educacional do Estado do Paraná, Curitiba, 2007.. Disponível

em:<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/810-4.pdf>>. Acesso em: 6 de nov. 2018.

ALÓS, A. P. Texto literário, texto cultural, intertextualidade. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL**, Campinas, SP, v.4, n.6, 2006, p.1-25.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1975.

BARROS, D. L. P.; FIORIN, J. L. **Dialogismo, Polifonia, intertextualidade**: em torno de Bakhtin. São Paulo: EDUSP, 1999.

FERREIRA, M. A. C. G. Camões e a bíblia: intertextualidade na literatura portuguesa. **Darandina**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-7, 2010. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Maria-Aparecida-da-Costa-Gon%C3%A7alves-Ferreira.pdf>>. Acesso em: 6 de nov. 2018.

LOPES, A. C. Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio: quando a integração perde seu potencial crítico. In LOPES, A. C. e MACEDO, E. (Orgs.). **Disciplinas e integração curricular**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002. DCE.

SOUZA, S.; SOBRAL, A. (Org.). **Gêneros, entre o texto e o discurso**: questões conceituais e metodológicas. 1. ed. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2016.

ZANI, R. Intertextualidade: considerações em torno do dialogismo. **Em Questão**. Porto Alegre, v.9, n.1, 2003, p.121-132.

II
PROJETO DE DOCÊNCIA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO (CED)
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO (MEN)
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS (DLLV)
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

**CAROLINE FERRARI
DIEGO RODRIGUES LOPES**

**AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS –
TROVADORISMO, HUMANISMO E CLASSICISMO – EM DIÁLOGO COM AS
NOVAS TECNOLOGIAS E A(S) LITERATURA(S) CONTEMPORÂNEA(S): UMA
ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

**FLORIANÓPOLIS
2018**

**CAROLINE FERRARI
DIEGO RODRIGUES LOPES**

**AS RELAÇÕES INTERTEXTUAIS EM MANIFESTAÇÕES ARTÍSTICAS –
TROVADORISMO, HUMANISMO E CLASSICISMO – EM DIÁLOGO COM AS
NOVAS TECNOLOGIAS E A(S) LITERATURA(S) CONTEMPORÂNEA(S): UMA
ESTRATÉGIA DIDÁTICA PARA O PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

Projeto de Docência apresentado como requisito parcial
para a aprovação na disciplina Estágio de Ensino de
Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001), em 2018/2.

Orientadora: Prof.^a Maria Luiza Rosa Barbosa

FLORIANÓPOLIS

2018

LISTA DE SIGLAS

CCE	Centro de Comunicação e Expressão
CED	Centro de Ciências da Educação
DLLV	Departamento de Línguas e Literatura Vernáculas
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
IEE	Instituto Estadual de Educação
MEN	Departamento de Metodologia de Ensino
MEN 7001	Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I
PPP	Projeto Político-Pedagógico
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	4
1.1.	PROBLEMATIZAÇÃO.....	5
1.2	CONHECIMENTOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA.....	6
2	JUSTIFICATIVA.....	9
3	ESCOLHA DO TEMA.....	13
4	REFERENCIAL TEÓRICO.....	15
4.1	CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM) E DE SUJEITO.....	16
4.2	CONCEPÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM.....	18
4.3	BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....	21
4.4	A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DOS PERÍODOS LITERÁRIOS.....	23
5	OBJETIVOS.....	26
5.1	OBJETIVO GERAL.....	26
5.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	26
6	METODOLOGIA.....	28
7	RECURSOS.....	31
7.1	RECURSOS MATERIAIS.....	31
7.2	RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS.....	31
7.3	RECURSOS ICONOGRÁFICOS.....	31
8	AVALIAÇÃO.....	32
9	CRONOGRAMA.....	36
	REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Este projeto de docência foi elaborado a partir da reflexão acerca das vivências no período de observação de estágio, durante o mês de agosto e setembro de 2018. As aulas reportadas neste planejamento ocorrerão de vinte e cinco de setembro ao dia vinte de novembro de 2018. Ambos os períodos supracitados são requisitos parciais para a aprovação na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001), referente ao segundo semestre deste ano. A observação e a regência foram realizadas no Instituto Estadual de Educação (IEE), mais especificamente para o primeiro ano do Ensino Médio, Turma 132.

Para a elaboração das aulas explicitadas neste projeto, conforme Pelandré e colegas (2011), elaborou-se um roteiro e um questionário – o primeiro teve a função de nos orientar a conhecer a estrutura da escola, através de visitas ao espaço físico, entrevistas com professores e funcionários, além das informações coletadas no Projeto Político-Pedagógico (PPP); o segundo, foi aplicado aos alunos, com o objetivo de conhecê-los, focando em suas práticas de leitura e escrita, de modo a apreender *práticas de letramento* historicizadas nas vivências desses estudantes, tanto quanto às representações e à valoração sobre a escrita das quais se apropriam nas relações escolares e familiares (BARBOSA, 2014; BARTON; HAMILTON, 2004).

Ainda ancorados em Pelandré e colegas (2011), entendemos a importância de contextualizarmos historicamente a escola em que o estágio foi realizado, haja vista nos guiarmos sob a égide da vertente histórico-cultural, linha teórica que traz em seu bojo o entendimento de que “[...] as características humanas se constituíram historicamente por intermédio dos processos de hominização, ou seja, processos por intermédio dos quais cada sujeito singular produz a sua própria humanidade” (PCSC, 2014, p.33). Localizado na Avenida Mauro Ramos, centro de Florianópolis, o IEE pertence ao sistema público de ensino, com esfera de dependência administrativa estadual e, em 2018, completa 126 anos de existência. Além disso, a escola atende ao Ensino Fundamental (do primeiro ao nono ano), ao Ensino Médio Regular, ao Ensino Médio Inovador e ao Magistério; cabe ressaltar ainda que há, aproximadamente, trezentos professores e cerca de nove mil alunos atendidos na instituição. Em relação à turma, tem-se, na disciplina de Língua Portuguesa, uma média de vinte alunos, em sua maioria meninos; a idade dos estudantes varia de quinze a dezoito anos.

Este projeto de docência foi elaborado tendo em vista o perfil da escola e dos estudantes. Leva-se em consideração, ainda, que a etapa escolar em que esses sujeitos se encontram é o Ensino Médio; isso quer dizer que os docentes têm de oferecer aos alunos

“oportunidades de uma compreensão mais aguçada dos mecanismos que regulam nossa língua, tendo como ponto de apoio alguns dos produtos mais caros às culturas letradas: textos escritos, especialmente os literários” (BRASIL, 2018, p.55). Parte-se do pressuposto também de que o educando não é um receptor passivo dos conteúdos ministrados, pois deve ser encarado como sujeito ativo de aprendizagem, evidenciando sua autonomia para lidar com a resignificação dos conhecimentos adquiridos em sala (BRASIL, 2018).

1.1 PROBLEMATIZAÇÃO

Graças à linguagem¹, faz-se possível a construção do conhecimento humano, o desenvolvimento da(s) ciência(s), da(s) arte(s), da filosofia; é a língua(gem) que permeia todas as esferas sociais e as atividades do sujeito, inclusive (e principalmente) no âmbito escolar: a regulação dos pensamentos e das ações ocorre na/pela linguagem (VIEIRA, 2008). Para Bakhtin (1981), a língua não pode ser entendida e analisada isoladamente, pois o signo ideológico por excelência é a palavra, que é a ponte entre os indivíduos nas comunicações sociais². Ancoradas nas ideias bakhtinianas, a aula de português precisa se converter em uma relação de outra ordem para (re)significar as vivências dos sujeitos: “[...] e, se importa quem sejam os sujeitos, se importa que sejam diferentes [...] então nos parece que estamos tratando de alteridade absoluta e não mais relativa e de diferenças não-indiferentes; logo, estamos tratando de **encontro**”. (CERUTTI-RIZZATTI; IRIGOITE, 2015, p.258, grifo nosso)

De acordo com os objetivos presentes no PPP do IEE, datado de 2017, além das considerações expostas no Círculo de Bakhtin (1981), é de responsabilidade dos docentes/estagiários promover condições de acesso à leitura pertinentes à formação do sujeito e condições à formação cidadã em relação à politização e socialização de conhecimentos, além de estimular e produzir contextos favoráveis à leitura e releitura de diversas matizes. Busca-se, portanto, encaminhar os alunos do primeiro ano do Ensino Médio, por meio das atividades propostas, a apropriarem-se dos conteúdos ministrados na disciplina de Língua Portuguesa como peças fundamentais para seu crescimento, tanto social, quanto cultural, formando leitores conscientes e críticos. Convém ressaltar também que os alunos são

¹ Linguagens e códigos são, portanto, mais do que objetos de conhecimento, são meios para o conhecimento, uma vez que o ser humano conhece o mundo por meio de suas linguagens, de seus símbolos. Assim, na medida em que ele se torna mais competente nas diferentes linguagens, torna-se mais capaz de conhecer o mundo (VIEIRA, 2008).

² Para Bakhtin (1981), é na alteridade que os indivíduos constituem e são constituídos, pois o ser se reflete no outro. Constituímos-nos e nos modificamos através da relação com o outro (alteridade) - é isso também que move a língua.

caracterizados pelas mudanças constantes de foco; durante a aula, dividem a atenção para vários elementos, especialmente os tecnológicos. Tal rapidez é, na maioria das vezes, pouco compreensível para os professores, já que, normalmente, são “imigrantes nas novas tecnologias” (CERUTTI-RIZZATTI; IRIGOITE, 2015).

Pretende-se, a partir da metodologia explicitada e das formas de avaliação, oferecer ferramentas suficientes para o reconhecimento, para a leitura e produção de variados gêneros discursivos, além de permitir que o estudante estabeleça pontes e interaja com os conteúdos e com o conhecimento apresentado pelas demais disciplinas. Conforme Barbosa da Silva e Silva Neto (2011), acredita-se que a principal missão dos docentes é propiciar uma reflexão sobre a língua e suas manifestações na materialidade do texto, por intermédio da análise dos componentes na tessitura textual e em sua produção de sentido. Por essas razões, objetiva-se estabelecer uma relação com o *outro*, especialmente através de atividades em grupo/dupla, pois observamos que os estudantes se sentem mais motivados quando trabalham em conjunto. Por meio das atividades propostas, busca-se desenvolver competências textuais e gramaticais, não de uma forma isolada, mas em um processo de realimentação intermitente.

2. CONHECIMENTOS DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

Sabe-se que a formação dos sujeitos, quando ocorre através do contato com artefatos de diferentes culturas, proporciona conhecimento de si, potencialização do senso crítico, além do conhecimento da história de outros povos (SANTA CATARINA, 2014). Com base nesse ideal, nas aulas aqui propostas há o detalhamento de diversos conhecimentos que serão trabalhados acerca da Língua Portuguesa e Literatura(s) com o primeiro ano do Ensino Médio do IEE. Em primeiro lugar, cabe citar os conteúdos relacionados à literatura portuguesa e à brasileira, através dos períodos literários conhecidos como Trovadorismo, Humanismo e Classicismo. Ao partirmos do conceito de literatura,

podemos afirmar que [...] está condicionado à linha teórica adotada pelos estudiosos da literatura. As contribuições da Linguística e de outras áreas do conhecimento não só ofereceram instrumentos de análise, mas também propiciaram mudanças no enfoque do próprio conceito [de literatura], levando em consideração o fato de que não existe um consenso acadêmico sobre as várias teorias literárias e sobre a concepção de literatura (VIEIRA, 2008, p.456).

Poucos são os alunos que de fato leem as obras propostas pelos professores, especialmente tratando-se de textos canônicos, consagrados; tendo em vista essa realidade, este projeto de

docência propõe-se a ser objetivo, dinâmico e principalmente motivador, instigando os estudantes a não apenas adquirir conhecimento, mas também o desejo de obtê-lo. Busca-se não apenas possibilitar o acesso aos conteúdos de português, mas também a ampliação do olhar sobre a leitura e as práticas de escrita.

No cotidiano, e não apenas no ambiente de sala de aula, o aluno deve estar apto a reconhecer diferentes linguagens, e como foram organizadas para produzir sentido:

Os produtos culturais das diversas áreas (literatura, artes plásticas, música, dança etc.) mantêm intensa relação com seu tempo. O aluno deve saber, portanto, identificar obras com determinados períodos, percebendo-as como típicas de seu tempo ou antecipatórias de novas tendências. Para isso, **é preciso exercitar o reconhecimento de elementos que identificam e singularizam tais obras, vários deles relacionados a conceitos já destacados anteriormente** (BRASIL, 2018, p.65, grifo nosso).

Diante desse cenário, conforme Brasil (2018), pretende-se instigar o apreço estético à sonoridade de uma canção, os efeitos das entrelinhas de poemas e sonetos, além de estabelecer relações entre diferentes semioses, como texto literário, filmes e músicas. Leva-se em conta ainda que o estudo da língua é sobre “tentar detectar os compromissos que se criam através da fala e as condições que devem ser preenchidas por um falante para falar da forma que fala em determinada situação concreta de interação” (GERALDI, 2006, p.42). As atividades destinadas ao primeiro ano devem ser sobre o ensino da língua, buscando fazer com que os alunos compreendam que sabem português, recorrendo à metalinguagem apenas quando o ato de descrever a língua é o meio para alcançar o objetivo final, que é o domínio da linguagem.

Muitas vezes, as aulas de literatura são a única oportunidade de o aluno entrar em contato com o universo da cultura, da arte e da(s) ciência(s); a partir dessas instâncias, os estudantes entendem a forma com que os sujeitos se incumbiram de criar histórias que retratam a época em que viveram, contribuindo à explicação da trajetória da humanidade (FISCHER et al., 2012). De acordo com Brasil (2018), pensar o ensino de português no Ensino Médio significa atentar-se não apenas para o literário ou aspectos gramaticais, mas também para a produção e reelaboração de textos e a oralidade. Ademais, se o professor deseja desenvolver competências e habilidades em seus educandos,

[...] deve atentar para que seus procedimentos em sala de aula sejam coerentes com os novos paradigmas que vêm norteando a educação brasileira. Para tanto, é preciso que invista com rigor em sua formação geral e específica, consciente de que o profissional em serviço precisa estar em constante capacitação. Esse parece ser o

melhor caminho para a construção de sua identidade no ofício docente (BRASIL, 2018, p.90).

Cabe ao professor se (re)inventar, adequando-se aos novos tempos e ao cotidiano de seus estudantes, que, por sua vez, inclui leituras prediletas, filmes favoritos, tecnologias, *sites*. A partir disso, a tarefa de educar torna-se ainda mais rica e prazerosa – tanto para os alunos, quanto para os educadores.

2 JUSTIFICATIVA

Analisando o perfil da comunidade escolar do IEE, tem-se que os estudantes apresentam um perfil socioeconômico heterogêneo, uma vez que há sujeitos advindos tanto de entornos de privilégio médio, quanto de comunidades mais fragilizadas; aproximadamente 10% são participantes dos programas Bolsa Família e Santa Renda; as etnias presentes caracterizam-se com cerca de 60% de brancos, 15% de negros e 25% de indígenas. O nível de instrução dos pais ou responsáveis é variado. A escola recebe alunos dos mais diversos municípios, tanto de Florianópolis quanto da Grande Florianópolis. Além das participações de alunos e professores na esfera escolar, a comunidade também está presente, contribuindo com organizações de eventos de cunho religioso, político, esportivo e social, através de agremiações (IEE, 2017b).

Embasado em dois textos primordiais, – *Por que ler os clássicos*, de Italo Calvino, e o ensaio *O direito à literatura*, de Antonio Candido –, este trabalho prima pela literatura como força primeira na construção de sentidos do(s) sujeito(s). Além disso, busca incentivar o ato de ler como ação humanizadora, interpelando, modificando e ampliando as vivências e a historicidade do aluno de maneira geral, apresentando-o a uma realidade que era, até então, muitas vezes, desconhecida.

Calvino (1993), embora aponte a necessidade de se trabalhar com o texto canônico, adverte-nos que o trabalho com a literatura em sala de aula não deve incidir somente no cânone literário, mas também viabilizar a leitura e o trabalho com outras obras. As obras clássicas, segundo esse autor, são livros que, apesar de serem extremamente conhecidos e disseminados no ensino, seja ele qual for, são sempre inesperados e inéditos, por proporcionarem uma sensação de novidade, de atualidade. Assim, para ele, toda (re)leitura de um clássico também se configura como uma descoberta. Ademais, o texto canônico nunca termina de dizer o que tinha para dizer, pois provoca calorosas discussões e debates, que podem formar e/ou modificar opiniões.

Candido (1995), por sua vez, trabalha com a literatura como direito do ser humano. Para ele, o literário tem um papel humanizador e de grande importância para a formação e evolução dos sujeitos; por conta disso, assim como a saúde, a alimentação e a liberdade individual são direitos dos seres, a literatura também deveria de ser. Segundo o autor, a ideia de literatura está intrinsecamente ligada ao poético, ao ficcional e ao dramático, fazendo-se

presente em todos os tempos, em todas as histórias, em todas as culturas e lugares. De acordo com o autor, não é possível existir sem o literário, que é onipresente.

Dado o exposto, importa ressaltar que o projeto aqui relatado, que envolve os alunos e o professor de maneira igualitária, de modo a reforçar a participação de ambos para que as aulas e os conteúdos se efetivem de maneira eficaz, é de extrema importância para o ensino de Língua Portuguesa, especificamente no primeiro ano do Ensino Médio, porque incentiva a leitura, reforça a ideia de literatura, literário e literariedade. Além disso, apresenta grandes clássicos aos estudantes, sem, contudo, esquecer de estabelecer pontes com a contemporaneidade. Entendendo também que o ensino vai além da literatura, este projeto baseia-se no tripé proposto por Geraldi (2006) [1984]: além da leitura de textos (sejam eles canônicos ou não), há produção e análise linguística.

Este projeto visa atender às diretrizes que norteiam o PPP do IEE em relação às orientações para o primeiro ano do Ensino Médio. Conforme exposto nesse documento, a escola pública deve ser um espaço coletivo, de interação e mediação, além de produção, reflexão e reelaboração de conhecimento(s). A escola deve favorecer e proporcionar condições de o educando desenvolver aspectos cognitivo-linguísticos, motores e afetivos. Com isso, estima-se que todos os envolvidos no processo de ensino e aprendizagem construam sua identidade³ na perspectiva do exercício da cidadania (IEE, 2017b). As aulas aqui propostas permitirão a produção de “condições materiais e objetivas de apropriação e [...] de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido e acumulado, cientificamente, pela humanidade” (IEE, 2017b, p.6). Por conseguinte, um dos principais objetivos deste projeto, é torná-lo acessível à comunidade escolar, à Associação de Pais e Professores (APP), aos Grêmios Estudantis, à diretoria.

Os conteúdos planejados e o modo com que os temas serão abordados em sala de aula, que estão descritos minuciosamente nas seções seguintes deste projeto, fundamentam-se nos argumentos expostos por Gandin (2002 apud SUASSUNA; MELO; COELHO 2006): há o estudo de temas vitais, que são de interesse tanto dos alunos, quanto da comunidade escolar de maneira geral; as aulas permitem e necessitam da participação de todos, de modo que os alunos não adquiram postura exclusivamente passiva, além de oportunizar a experiência de uma vivência crítica, exercitando a criatividade do sujeito; o educando é incentivado a

³ Identidade, entendida no Ensino Médio como “não só os valores de sua família [do aluno] e de seu círculo social, mas também os produtos culturais que se encontram à sua disposição, veiculados por algum tipo de linguagem” (BRASIL, 2018, p.65).

desenvolver múltiplas capacidades, como observação, reflexão, argumentação e comparação e, por fim, há a criação de um clima propício ao ato de comunicar, de cooperar e de participar.

As aulas aqui propostas estão estruturadas de forma a fazer com que os educandos aprofundem ainda mais seus conhecimentos acerca da literatura, mais especificamente de três períodos literários: o Trovadorismo, o Humanismo e o Classicismo. Por meio de leituras e debates, além de roteiros de leitura e (re)escritas, estima-se que os alunos compreendam a importância de tais períodos na história da literatura. Sabe-se, entretanto, da dificuldade de apresentar textos arcaicos e de difícil compreensão para os estudantes; por conta disso, os clássicos, do *grande tempo*⁴, estarão constantemente em diálogo com a atualidade, com o que pertence ao cotidiano: sabe-se, por exemplo, que as cantigas de amigo apresentam um eu-lírico feminino, mas são escritas e interpretadas por homens; por conta disso, relacionaremos essa forma de cantiga com músicas atuais, que, além de apresentarem um eu-lírico feminino, são escritas e interpretadas por uma mulher. Não se trata de expor o conteúdo de maneira isolada, mas estabelecer pontes.

Nosso objetivo não é apenas descrever as principais características de três grandes movimentos da literatura; objetivamos fazer com que os alunos percebam que, apesar de serem períodos antigos, com textos relativamente difíceis (como *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente e *Os Lusíadas*, de Camões), são passíveis de serem compreendidos, ainda mais com a presença da intertextualidade. Assim, os educandos entrarão em contato com diferentes gêneros do discurso, além de realizarem atividades diversas.

Importa destacar que, conforme anteriormente exposto, a proposta pedagógica aqui relatada é estruturada no desenvolvimento do aluno como atuante em todo processo de aprendizagem, visando uma autonomia intelectual, uma formação ética e um pensamento crítico. A comunidade escolar deve fornecer condições para que sejam oferecidas essas oportunidades de aquisição com engajamento de todos, principalmente dos docentes, ao longo de toda esta jornada. A aprendizagem de conteúdos pertencentes à disciplina de língua portuguesa é, portanto, de indispensável importância para a formação e desenvolvimento do sujeito, não apenas partindo da intelectualidade, mas de outros aspectos que permeiam os distintos entornos socioculturais.

⁴ “Em qualquer momento do desenvolvimento do diálogo existem massas imensas e ilimitadas de sentidos esquecidos, mas em determinados momentos do sucessivo desenvolvimento do diálogo, em seu curso, tais sentidos serão lembrados em forma renovada (em novo contexto). **Não existe nada absolutamente morto: cada sentido era sua festa de renovação. Questão do grande tempo**” (BAKHTIN, 2003 [1952-53], p.410, grifo nosso).

3 ESCOLHA DO TEMA

As propostas curriculares são compostas de normas obrigatórias para a Educação Básica, que, por sua vez, orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Tendo em vista tais normas, não é uma escolha aleatória da parte dos professores os temas e os assuntos que serão abordados em sala de aula⁵, pois as diretrizes buscam promover uma equidade na aprendizagem dos educandos. Conforme exposto no texto de Suassuna, Melo e Coelho (2006, p. 231), “quanto à definição dos temas dos projetos, [...] este depende de critérios que derivam de dois planos, igualmente importantes: de um lado, o projeto político-pedagógico da escola e da disciplina ou série e, de outro, da realidade dos alunos e da comunidade escolar”. Este projeto de docência, que tem como foco o penúltimo trimestre do primeiro ano do Ensino Médio do IEE, tenciona articular os conteúdos que devem ser lecionados nesta etapa do processo de ensino e aprendizagem com o cotidiano e os interesses dos alunos.

Os conteúdos a serem trabalhados são: as manifestações artísticas Trovadorismo, Humanismo e Classicismo; estas serão articulados a um tema transversal, a intertextualidade. O nosso objetivo é estabelecer comunicação e relação entre diferentes gêneros do discurso – *cantiga, música, romance/novela de cavalaria, teatro e soneto*. Ressaltamos que a escolha por trabalhar com poemas e letras de canção deve-se ao fato de que, somados, correspondem a mais de 40% das questões de literatura do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esse dado revela que, nesse exame, há um peso maior para o gênero lírico em comparação ao narrativo – como crônica e conto (FISCHER et al., 2012). Ademais, a escolha por trabalhar com poesia também se deu pelas respostas obtidas do questionário aplicado aos alunos no período de observação (BARBOSA, 2014).

Interessante ressaltar que, ao abordarmos as manifestações artísticas supracitadas, bem como a(s) intertextualidade(s), nosso foco estará não apenas no contexto histórico e demais características, mas, principalmente, na estrutura dos gêneros. Os alunos devem (re)conhecer e se apropriar do texto para criarem suas produções e compreenderem o universo literário. Faz-se importante mencionar também que, apesar de o cronograma, que está exposto na seção 9, partir de uma estrutura lógica e sequencial, podem ocorrer modificações, tanto nos

⁵ “Não é porque um saber está disponível e é ensinável que ele deve ser ensinado: é porque tal projeto didático busca tal objetivo que tal conceito teórico é eleito e transposto mais do que outro, em convergência com as escolhas dos suportes, com os conhecimentos prévios, com as especialidades afim” (HAMILTON, 2000 apud CERUTTI-RIZZATTI, 2010).

conteúdos propostos, quanto nas datas previamente estabelecidas, por conta de eventuais imprevistos.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Perrone-Moisés (2005) defende que o texto tem um valor que deve ser preservado; segundo a autora, ao mesmo tempo em que as tecnologias nos proporcionam inúmeras informações a todo instante, também somos bombardeados por superficialidade e indiferença, pois notícias e conhecimentos, muitas vezes, são veiculados de maneira inconsequente, sem nenhum critério de seleção. Cabe, aqui, a importância de uma obra literária, que é uma fonte de conhecimento e de exercício para a liberdade da imaginação. Além disso, tal como defende Cândido (1995), Perrone-Moisés (2005, p.347) ainda explicita: “[...] o acesso às obras dotadas desses valores e ao instrumental que permite a sua melhor fruição é um direito ao qual corresponde um dever do professor e do crítico”.

Partindo-se do pressuposto de que a maioria dos educandos do Ensino Médio não têm familiaridade e/ou gosto pela prática da leitura, principalmente em relação aos escritos canônicos, sabe-se que não é possível apresentar e aprofundar obras literárias drasticamente, pois esse hábito tem de ser introduzido de maneira processual, contínua. Cabe ao professor de Língua Portuguesa, portanto, a mediação entre os alunos e as obras, fazendo com que os estudantes percebam que a leitura é um ato relevante não apenas dentro da sala de aula, mas também para a compreensão do mundo. Convém, entretanto, pontuar que, conforme aponta Solé (1998), a dificuldade acerca da leitura não é específica do estudante, pois está presente no próprio conceito de “ler”, na forma com que é ensinada e incentivada pelos professores, no papel que ocupa no Projeto Curricular das escolas.

Sabe-se que o sucesso (ou o fracasso) de uma aula, da transmissão de um conteúdo e, até mesmo, do ambiente escolar em sua totalidade, não depende apenas do conhecimento ou da metodologia adotada pelo professor. A postura do docente é, em contrapartida, de extrema relevância para que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de maneira plena. Por conta disso, explicita-se, nos pontos que seguem, a concepção de língua(gem) e de sujeito adotadas para a produção desse trabalho, além da concepção de ensino e aprendizagem, as bases teórico-metodológicas e os aspectos relativos à relevância do estudo da literatura e dos períodos literários no primeiro ano do Ensino Médio.

4.1 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM) E DE SUJEITO

De acordo com Geraldi (2006 [1984], p.42), “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade, na interlocução, e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. Assim, para o autor, estudar a língua é detectar os compromissos que se criam a partir da fala, além de analisar as condições que devem ser preenchidas para um falante falar da forma com que fala em determinada interação. Por conseguinte, a concepção de língua(gem) que embasa esse projeto é pautada no interagir:

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala. (GERALDI, 2006[1984], p.41).

De acordo com Suassuna, Melo e Coelho (2009), por muito tempo, a concepção de linguagem dominante, principalmente no ambiente escolar, foi a de língua como sistema. O ensino de português, por consequência, tinha como foco a gramática normativa, que é composta de regras previamente estabelecidas. Esse modelo, pautado na língua enquanto código, ainda está presente em algumas escolas e retrata a aula de português como reprodução de conceitos e conteúdos, de reconhecimento de regras e padrões, ao invés de proporcionar conhecimento e oportunidades de produção aos estudantes. Não há necessidade de excluir ou ignorar o ensino da norma culta⁶, mas apropriá-lo: deve-se ter consciência de que, ao ensinar regras impostas sobre o uso da língua, deve-se explicitá-las como uma dentre tantas possibilidades de comunicação, que são adequadas em determinados espaços e situações.

À luz dos estudos de Bakhtin (1988 [1929]) e Geraldi (2006 [1984]), entende-se que a língua não pode ser encarada como uma enunciação isolada, tampouco como mero sistema abstrato de formas linguísticas, já que o estudo e a análise têm de ser pautados na/pela enunciação. Conforme apontam Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p.91), “a função central da linguagem não é a de expressão do pensamento nem a de instrumento de comunicação, mas a de interação entre sujeitos situados historicamente”. Por conta disso, a interação verbal é a realidade fundamental da língua – que vive, evolui e é frequentemente (re)formulada.

Os signos são ideológicos; são criados e devem ser avaliados dentro de um contexto, em determinada situação: “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica” (FARACO, 2003, p.47). Para Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), a ideologia não existe fora de uma linguagem, enquanto que a linguagem, por sua vez,

⁶ Partimos do pressuposto de que “o fato de os sujeitos, de modo geral, atribuírem mais valor ao que se chama de norma culta, ou seja, à fala que caracteriza as elites escolarizadas, não significa que as demais variedades de fala não sejam cultas, já que todas as formas de falar são parte das diferentes culturas” (SANTA CATARINA, 2014, p.107).

é marcada por valores ideológicos. Ao encontro do que explicita Faraco (2003), as autoras evidenciam que todo enunciado é ideológico, pois é proferido em uma esfera sociológica.

A língua ainda possibilita diversas maneiras de o sujeito se manifestar – e é por conta disso que definir tal sujeito é de extrema importância. Conforme é exposto na *Proposta Curricular de Santa Catarina* (2014), a formação do sujeito, quando se dá a partir do contato com diferentes culturas, possibilita a vivência de reflexões mais profundas e a potencialização do senso crítico, além de o conhecimento de história de outros povos. O sujeito, aqui, conforme Bakhtin (1988 [1929]), é um sujeito social e se desenvolve na – e a partir de – linguagem. Além disso, é responsável tanto pelo que diz quanto pelo modo como diz, pois aquele que assina o ato deve responder por ele. Assim, como discute Miotello (2011) a partir do “ato ético”, não há alibi no ato de existir, já que não é possível que o sujeito não responda à convocação do outro.

Os sujeitos – estudantes – têm uma história, um passado, uma cultura; tiveram contato com diversas pessoas ao longo de sua existência, principalmente com a família. O tempo transcorrido é importante, acontecimentos podem ter marcado sua história, mas não podem ser por ela definidos:

[...] ninguém pode se enunciar pelo outro: cada sujeito é responsável pelo que enuncia, pelo modo como o faz e pelas representações de mundo que materializa em seus enunciados. Nessas representações, questões éticas e estéticas estão implicadas e, portanto, provocam mudanças nas formas como os sujeitos em interação concebem a si mesmos, concebem os outros e o mundo de que são parte (SANTA CATARINA, 2014, p.113-114).

Ademais, conforme aponta Geraldi (2010), tem-se que o sujeito é constituído na relação com o outro – não instituído, tampouco determinado por um pertencimento imediato. Cada sujeito tem um modo particular de compreender e interpretar o mundo, pois “entende-se que as ideologias e axiologias materializam-se nos usos das línguas, porque ninguém pode se enunciar pelo outro. Cada sujeito é responsável pelo que enuncia, pelo modo como o faz e pelas representações de mundo que materializa em seus enunciados” (SANTA CATARINA, 2014).

Ao encararmos o sujeito como social, olhamos para além do fato de ele existir; encaramo-lo como um sujeito que pertence a um tempo, a um espaço, a uma cultura, convivendo e dialogando com diversos outros seres ao longo da vida - e é a partir dessa interação com o outro que compreendemos seu papel na sociedade. O sujeito, ao pertencer a um meio social, humaniza-se, transforma-se. Entretanto, vale lembrar que, enquanto o homem é transformado pelo ambiente e pelas pessoas com as quais estabelece comunicação e

determinados vínculos, o espaço ao qual pertence é concomitantemente modificado. Muitas são as relações estabelecidas entre os sujeitos e são inúmeras as mudanças que as interações para com o outro acarretam na trajetória de um indivíduo; ao entrarmos em contato, ao fazermos-nos presentes, transformamos a vida alheia e somos também transformados. É por conta disso que o estudante não é (e nem pode ser) determinado apenas pelo lugar em que nasceu, pela família que o criou, por sua cultura ou religião. Todos esses aspectos são importantes para o desenvolvimento de um ser, mas não o definem, tampouco podem limitá-lo. Existir é expandir-se, portanto.

4.2 CONCEPÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os processos de ensino e aprendizagem têm revelado grandes desafios para o ambiente escolar, além de ter passado por inúmeras mudanças ao longo dos anos. Conforme aponta Geraldi (2006 [1984]), toda metodologia de ensino implica em opções políticas com os mecanismos que são utilizados em sala de aula. Por conseguinte, a perspectiva de ensino aqui descrita não está pautada em um ensino normativista ou prescritivista, que busque estabelecer conceitos e postular regras, mas um processo que contribua significativamente para a formação humana integral dos estudantes. A harmonização necessária para que o ensino de português se efetive depende principalmente do professor, pois este atua como a figura responsável por apresentar não apenas conteúdos engessados, mas o mundo, proporcionando a expansão de experiência dos alunos. Temos, aqui, uma perspectiva sócio-histórico-cultural de ensino e aprendizagem.

À luz dos estudos de Bakhtin (1988 [1929]), sabe-se que a interação social é o principal elemento a ser considerado em relação ao estudo de línguas. Todavia, os materiais disponíveis para os professores, especialmente os livros didáticos, normalmente não seguem tal perspectiva, pois encaram o sistema linguístico a partir do objetivismo abstrato; tal visão é pautada em um sistema que resulta de uma análise completamente ilusória, sendo composto por elementos isolados das unidades reais da cadeia verbal de comunicação (BAKHTIN, 1981). A concepção aqui descrita busca ainda compreender o processo interno da língua ao invés de encará-la como um produto acabado, tido por si mesmo; entretanto, para que uma análise mais minuciosa e precisa aconteça em sala de aula, é necessário que o professor domine os paradigmas teóricos explicitados, colocando-os em prática.

De acordo com Cunha (2004), para os alunos, na atualidade, o bom professor é aquele que, além de dominar o conteúdo, também escolhe formas certas de apresentar a matéria e tem, de maneira geral, um bom relacionamento com o grupo. O docente apresenta o mundo para a criança e expande-o para os jovens. Além de realizar e incentivar discussões técnicas, deve estar atento às divergências, às ideias contrárias; deve promover o diálogo, o debate, enriquecendo o(s) discurso(s) dos estudantes, não impondo verdades absolutas. O educando, também é sujeito ativo nesse processo: carrega vivências, histórias e opiniões. Por consequência, deve ser incentivado a compartilhar conhecimentos e formular e testar hipóteses. O trabalho dos alunos deve ser analisado de forma ampla, tanto individualmente quanto em grupo, para que se possa pontuar, caracterizar e ampliar suas habilidades.

Historicamente, houve teorias que sinalizavam que o professor era o único provedor de conhecimento do ambiente escolar; para tanto, sua função era única e exclusivamente compartilhar desse conhecimento. Em contrapartida, a concepção aqui abordada trata o processo de ensino e aprendizagem como a junção de vários fatores, que obviamente incluem a figura do professor como um papel importante na configuração da sala de aula: o de mediador, mas que reconhece e valoriza a participação dos alunos. Não se busca apenas a formação intelectual do sujeito, mas também uma formação multilateral, já que o foco não está apenas nos conteúdos propriamente ditos, mas também na aplicação de tais conhecimentos no dia a dia das crianças e dos jovens.

As atividades devem ser propostas em torno de um ensino efetivo da língua, utilizando-se da metalinguagem apenas quando for necessário, para que a disciplina de Língua Portuguesa não fique restrita à gramática normativa. Geraldi (2006 [1984]) constata que é mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças. Pretendemos trabalhar com produções que estimulem os estudantes a se posicionarem criticamente, tanto oralmente quanto na escrita. Queremos incluí-los socialmente, estimulando-os à leitura e escrita para que se tornem cidadãos críticos, que consigam analisar e refletir através do uso das palavras (ANTUNES, 2007).

Tendo em vista ainda o que o Antunes (2007) propõe, pretendemos despertar nos alunos um interesse além do preparo para concursos e/ou vestibulares; sabe-se que tais provas são de extrema importância para a trajetória dos estudantes, mas tanto a escrita formal quanto as nomenclaturas gramaticais devem ser encaradas como uma consequência, não como o foco. O principal objetivo é fazer com que os estudantes pensem, estabeleçam relações,

elaborem sínteses, expressando-se com clareza e precisão. Com isso, “[...] o foco das aulas – sobretudo nas aulas de línguas – deixaria de ser a correção para ser o ensino, a exploração, a investigação, a pesquisa, a procura” (ANTUNES, 2007, p. 155).

De acordo com a *Proposta Curricular de Santa Catarina* (2014), são as línguas que possibilitam aos sujeitos o processo de aprendizagem, já que é por meio da escrita, da oralidade e/ou da sinalização que a transmissão de conhecimento acontece; é a partir da linguagem que se provoca no estudante a capacidade de analisar e julgar o contexto no qual está inserido. Assim, as diferentes formas de língua(gem) possibilitam o sujeito se manifestar e se desenvolver em diferentes dimensões, de variadas maneiras. Cabe, aqui, ressaltar a importância das línguas artísticas, que “em suas especificidades, lidam de modo particular com a sensibilidade humana” (SANTA CATARINA, 2014, p.115).

4.3 BASES TEÓRICO-METODOLÓGICAS PARA O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA

A descontextualização dos conteúdos de Língua Portuguesa apresentados em sala de aula em relação à vivência cotidiana dos estudantes é gritante; é necessário ultrapassar e superar tal panorama, aliando os conhecimentos de português a outros conteúdos e disciplinas, como História, Artes e Música. Sabe-se, entretanto, conforme apontam os estudos de Vieira et al. (2010), que os professores de língua materna estão despreparados para trabalhar temas transversais; segundo os autores, para que tal prática seja efetuada com sucesso, faz-se necessário munir o docente não só de conhecimento técnico e didático, mas também de consciência crítica e cidadã.

Ao observarmos os trabalhos de professores da rede particular de ensino em contraste aos da rede pública, ainda de acordo com Vieira et al. (2010), não há diferenças significativas na metodologia de ensino de português: apesar de os docentes compreenderem a importância de se trabalhar temas transversais, dificilmente essa prática é adotada. Segundo pesquisas elaboradas pelos autores, os textos dos livros didáticos, por exemplo, normalmente não são utilizados no desenvolvimento de competências comunicativas, tampouco em diálogo com outros temas.

Para Geraldi (2010), não se deve tomar a escola como um lugar de ensino, fixando os objetos a serem ensinados, mas olhar o ambiente escolar como de aprendizagem, em que o capital cultural e objetos desconhecidos adentram na escola, considerando-se os acidentes, os

acontecimentos pessoais, as particularidades; o processo de aprendizagem não pode acontecer de forma linear, pois não há um ponto de chegada previamente definido, mas reconhecer que sempre há novos avanços. Professores e alunos estão em patamares distintos, mas ambos são aprendizes. A relação que se estabelece não é de ordem, de obrigação, mas mediação. Adequa-se, aqui, o cotidiano aos conteúdos programáticos, pois

[...] um modelo de escola que centre seu ensino nas práticas, aberto a aprendizagens, sem definição prévia de pontos de chegada, valorizando muito mais o processo do que o produto, trata de forma diferente a presença do texto na sala de aula [...] o leitor não vai ao texto para dele extrair um sentido, mas o texto, produzido num passado, vem ao presente do leitor que está carregado de contrapalavras possíveis [...] (GERALDI, 2010 [1986], p.78).

O objetivo da educação aqui descrita, portanto, é expandir não apenas os conhecimentos pontuais de português ou a intelectualidade direcionada à escola de maneira geral, mas formar cidadãos ativos, que ajam e pratiquem no mundo, que saibam (e que, preferencialmente, gostem de) ler, escrever e aplicar os conteúdos apreendidos em suas rotinas. Dessa forma, há uma maior probabilidade de os alunos se sentirem estimulados e motivados a estudar, dialogar e debater. Segundo Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011, p. 97),

[...] o aluno já não pode mais ser visto como sujeito passivo a quem cabe aprender os conteúdos, mas como interlocutor que, com seu horizonte axiológico, traz à escola conhecimentos de mundo e valores com os quais a escola precisa interagir para construir pontes dialógicas que propiciem a aprendizagem de alunos e professores, em contextos sociais histórica e socialmente situados, a partir do respeito à diversidade de saberes, culturas e valores.

Sabe-se que a língua é empregada na forma de enunciados, que podem ser tanto orais quanto escritos, que são concretos e únicos: “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciado, os quais denominamos *gêneros do discurso*⁷” (BAKHTIN, 2003[1952-53], p.262, grifo nosso). Para Marcuschi (2010), os gêneros textuais são fenômenos ligados à vida cultural e social e são, portanto, históricos; contribuem para a ordem e estabilidade das atividades de comunicação rotineiras: os gêneros são “eventos textuais altamente maleáveis, dinâmicos e plásticos” (MARCUSCHI, 2010, p.19). O ensino

⁷ “Já quanto às Línguas, no que diz respeito ao contexto sociointeracional, é preciso considerar que seus usos, nas interações humanas, materializam-se sempre em gêneros do discurso. Tais gêneros estão necessariamente presentes tanto no universo escolar como fora dele, quer seja oralmente – num telefonema –, ou via escrita – na produção de um bilhete –; tanto em situações mais formais – em uma audiência jurídica ou na escrita de um artigo de opinião –, quanto em situações mais informais – em uma conversa de intervalo escolar ou na escrita de uma lista de compras, por exemplo” (SANTA CATARINA, 2014, p.119).

de Língua Portuguesa aqui proposto está pautado em fazer com que os estudantes entrem em contato com diferentes gêneros, observando-os, percebendo-os, estudando-os.

Por conseguinte, faz-se importante destacar que, na base teórico-metodológica aqui apresentada, os gêneros do discurso não serão objetificados. Segundo Geraldi (2010 [1986]), para que essa objetificação não aconteça, é necessário que o foco da relação aluno/professor/conteúdo esteja na aprendizagem e não no ensino, conforme dito anteriormente. Isso faz com que a aula seja tida como um “acontecimento” e não apenas como explanação de conteúdos e resolução de atividades propostas. A leitura tem um papel fundamental na constituição do sujeito, pois

[...] a leitura do mundo e a leitura da palavra são processos concomitantes na constituição dos sujeitos. Ao ‘lermos’ o mundo, usamos palavras. Em cada palavra, a história das compreensões do passado e a construção das compreensões do passado e a construção das compreensões do presente que se projetam como futuro. Na palavra, passado, presente e futuro se articulam (GERALDI, 2010, p.32).

Por conseguinte, compreendemos que a disciplina de Língua Portuguesa deve considerar o propósito interacional, o contexto social, histórico e cultural, a materialidade da língua, a estrutura organizacional e os aspectos do texto, as questões semânticas, sintáticas, lexicais e morfológicas. Além disso, os textos podem (e devem) ser considerados em sua multimodalidade, ao envolverem palavras, sons, imagens e movimento. (SANTA CATARINA, 2014).

4.4 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DOS PERÍODOS LITERÁRIOS

Conforme aponta Candido (1995), todos os seres humanos têm o direito à saúde, à educação e à literatura; a satisfação adquirida através do literário, segundo o autor, constitui-se como um ponto indispensável para a plena formação do indivíduo. A literatura pode ser entendida, de acordo com Todorov (2009, p.77), como “pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos”, transportando-nos para lugares até então desconhecidos, apresentando-nos experiências singulares, transformando cada um de nós a partir de dentro.

De acordo com Leyla Perrone-Moisés (2007), nas últimas décadas do século XX - época chamada de “pós modernidade” ou, ainda, “modernidade tardia” - muito conhecimento, muitas “coisas sólidas” acabaram se dissolvendo no ar; uma das mais importantes foi a literatura. Todos os professores notaram essa mudança, tanto nos conteúdos da disciplina

relacionados ao literário quanto em relação ao (des)interesse dos alunos pelo estudo de obras, de períodos. Entretanto, ainda segundo a autora, ao mesmo tempo em que a literatura perdia gradativamente seu prestígio nas escolas, adaptava-se aos *novos tempos*:

A edição e a circulação de obras literárias ganhou um grande impulso com a informatização; a globalização suscitou um aumento considerável de traduções em todos os países [...] e tudo isso continua ocorrendo como se o conceito de literatura não tivesse sofrido nenhum abalo teórico, como se todos soubessem tacitamente o que é literatura (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.15).

Estudar obras, autores e características de períodos literários é complexo e, muitas vezes, elitizado. É indispensável, no entanto, que tais tópicos estejam inclusos no ensino de português, principalmente no Ensino Médio: a leitura de um texto literário, conforme aponta Perrone-Moisés (2007), pode ser de difícil compreensão e, para que os estudantes sejam introduzidos à estrutura e linguagem, exige um conhecimento que deve ser instalado logo na juventude. Além disso, é importante que os alunos percebam que literatura não é apenas composta por autores renomados, por títulos canônicos, mas que está presente em seu cotidiano e até mesmo nos mais pequenos detalhes: não é necessário abordar apenas as cantigas de amor, de amigo e de escárnio e maldizer ao explicar o Trovadorismo; pode-se fazer uma ponte com poemas da atualidade e com músicas pertencentes à rotina dos estudantes, por exemplo. Sabe-se do descaso em relação às obras literárias por grande parte dos estudantes; por conta disso, deve-se estabelecer um percurso para que se chegue ao *grande tempo*.

Independentemente da forma ou método adotado pelo professor ao ensinar literatura, deve-se ter em mente que o principal objeto de estudo é o texto; texto que está acima da opinião dos docentes, dos educandos e, até mesmo, do autor. Além disso, ensinar literatura é sinônimo de ensinar *a ler* literatura: “o maior elogio que um professor de literatura pode receber [...] é que este [o aluno] lhe diga: ‘você me fez ver, neste livro, coisas que eu não havia visto numa primeira leitura’”. (PERRONE-MOISÉS, 2007, p.22). Para proporcionar leitura proficiente, deve-se oferecer aulas de leitura, de explicações e comentários do texto:

[...] E não estamos supondo que apenas textos canonizados pela tradição didática e historiográfica devam compor o repertório das aulas: uma das maiores riquezas da literatura [...] é justamente sua variedade, sua capacidade há décadas comprovada de acolher a variedade da experiência social e lingüística brasileira [...] (FISCHER et al., 2012, p.121).

5 OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes às aulas propostas neste projeto de docência.

5.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido cientificamente pela sociedade (IEE, 2017b), de modo a proporcionar ao educando a consolidação de conhecimentos adquiridos durante os anos anteriores, garantindo o prosseguimento dos estudos (IEE, 2017a), a construção de sua identidade social na perspectiva do pleno exercício da cidadania, sua formação intelectual e subjetiva, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos ao universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos; ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos, além de desenvolver e/ou ampliar a capacidade dos estudantes para trabalhos coletivos, reconhecendo e utilizando tecnologias para a elaboração das atividades propostas.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as estruturas que fazem parte os gêneros literários⁸.
- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural⁹.
- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político¹⁰.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário¹¹.
- Ler, interpretar e produzir textos relacionados aos gêneros da esfera literária atentando para seu estilo composicional (lírico, narrativo, dramático), estruturando-os de maneira a assegurar coerência e coesão textual, aplicando as propriedades gramaticais¹².

⁸ Este objetivo foi elaborado com base em IEE (2017a).

⁹ Este objetivo foi elaborado com base em IEE (2017a).

¹⁰ Este objetivo foi elaborado com base em FISCHER et al. (2012).

¹¹ Este objetivo foi elaborado com base em FISCHER et al. (2012).

¹² Este objetivo foi elaborado com base em IEE (2017a).

- Contribuir para a capacidade de elaboração e interpretação de textos.
- Desenvolver, através de (re)escritas, a construção e o aprofundamento de conhecimentos gramaticais, previamente trabalhados em sala.
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário¹³.

¹³ Este objetivo foi elaborado com base em FISCHER et al. (2012).

6 METODOLOGIA

Este projeto está ancorado em Geraldini (2006), que postula que qualquer metodologia articula uma opção política, abrangendo uma teoria de compreensão e interpretação do contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem de sua língua materna. Levamos em consideração, também, o exposto nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2018, p.55), que evidencia que o ensino de português “[...] deve considerar a necessária aquisição e o desenvolvimento de três competências: interativa, textual e gramatical. Esse tripé, necessariamente inter-relacionado, mesmo não sendo exclusivo da disciplina, encontra nela os conceitos e conteúdos mais apropriados”. A expressão da língua(gem) está sempre orientada para o *outro*, sendo o aspecto primeiro da relação linguística-literatura; esta é uma reflexão que discute tal relação com clareza, com princípios definidores do que se entende como linguagem (BRAIT, 2017).

Segundo Pelandré (2011), um aspecto importante a ser observado é a forma que os discentes estão organizados em sala de aula. Com base nesse autor, optamos que os estudantes, durante todo o período de regência, estejam dispostos em semicírculo.

Em relação ao período literário Trovadorismo: inicialmente, será realizada uma breve contextualização acerca do contexto histórico, além da apresentação de cantigas de amigo – um dos tipos de cantiga do movimento supracitado – relacionando-as com canções atuais que possuam eu-lírico/autoria feminina: é necessário que o estudante entre em contato com qualquer manifestação que o leve à reflexão e à compreensão de seu espaço e função, tanto na escola quanto em sua comunidade e na sociedade (SANTA CATARINA, 2014). Estimularemos os alunos à realização de um debate¹⁴, pois os interlocutores, organizados social, histórico e politicamente, quando em contato com o *outro*, atingem diferentes formas e graus de interação, de cruzamento de ideias, valores e discursos (BRAIT, 2017). Ainda nessa aula, haverá também a apresentação das cantigas de amor, de escárnio e maldizer, com foco em suas estruturas, relacionando-as com a atualidade.

Na aula seguinte, apresentaremos uma revisão da aula passada, evidenciando as principais características do período Trovadorismo, além de cada cantiga, focando nos aspectos semelhantes e nas diferenças. Entregaremos, ainda, músicas contemporâneas –

¹⁴ Acreditamos que “no transcurso das aulas, os alunos devem ter oportunidade de – individualmente, em duplas ou em grupos – participar de situações dialogadas que implicam graus de formalidade variáveis” (BRASIL, 2018, p.75).

Exagerado, de Cazuza e *Olhos nos olhos*, de Chico Buarque – a fim de que os alunos reconheçam aspectos como o eu-lírico, estabelecendo comparações com as cantigas estudadas. Por fim, haverá uma atividade de reconhecimento de algumas cantigas, classificando-as.

Nas duas aulas que se seguem, os estudantes realizarão uma atividade de releitura: terão de escolher uma entre quatro cantigas recebidas (amor, amigo, escárnio e maldizer), modificando sua linguagem para os dias atuais. O suporte para essa produção será escolhido pelos próprios alunos – música, poema, desenho. Em seguida, uma introdução às novelas de cavalaria, com leitura de textos (*Tristão e Isolda*, *A Demanda do Santo Graal* e *Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda*) e cenas do seriado televisivo *Game of Thrones*, a fim de trabalharmos com outras formas de *semiose*.

Iniciaremos o próximo encontro com uma atividade de revisão sobre os conteúdos abordados anteriormente, principalmente em relação aos romances de cavalaria. Após, no segundo período – Humanismo –, introduziremos o gênero Teatro, focando em características e exemplos, como *Juiz de Paz na Roça*, de Martins Pena. Ocorrerá, então, a leitura de trechos de teatros de Gil Vicente – *O Velho da Horta* e *A Farsa de Inês Pereira*. Na próxima aula, ocorrerá a segunda atividade avaliativa, com foco em trechos específicos d’*O Auto da Barca do Inferno*: dividiremos a turma em quatro grupos (Alcoviteira, Frade, Onzeneiro e O Enforcado). Cada aluno receberá trechos de um dos personagens supracitados e terão de responder algumas questões, guiados por um roteiro de leitura. As questões foram elaboradas de modo a abordar os principais aspectos de cada personagem, o contexto da obra, relacionando-a com o contexto histórico da época e com o Trovadorismo. Estimularemos, ainda, em consonância com a *Proposta Curricular de Santa Catarina* (2014), em cada grupo, um debate, pois o entendimento de um texto, por parte de leitores diferentes, traz consigo pontos de convergências e singularidades, já que não há leituras homogêneas. A finalização e entrega do roteiro ocorrerá no encontro seguinte.

O Classicismo será introduzido de maneira diferenciada: os alunos pesquisarão em diferentes suportes – livros didáticos, obras literárias e internet – os principais aspectos pertencentes a esse período artístico e ao Renascimento. Após um breve debate acerca das respostas, no encontro seguinte, ocorrerá a contextualização acerca da vida e obra de Camões: a épica será abordada de maneira mais superficial, enquanto que a lírica terá maior destaque. Leremos alguns sonetos e poesias do mais famoso poeta português, relando-os novamente com a contemporaneidade.

A produção de textos ocorre em um determinado gênero do discurso; para que esta aconteça, é necessário que os estudantes tenham vivenciado interações por meio de tal gênero antes de realizar a escrita (SANTA CATARINA, 2014). A atividade nessa etapa do projeto é a criação de um soneto (gênero lírico) ou peça teatral (gênero dramático), individual. Os alunos escreverão uma primeira versão, que será corrigida pelos estagiários/docentes e devolvida no encontro seguinte, com algumas correções. Antes de os alunos reescreverem, apresentaremos as principais dificuldades gramaticais observadas em suas produções, trabalhando-as através de mapas conceituais e debates. Nesse sentido, “língua e literatura aparecem, no tecido da concepção dialógica, não como elementos fortuitos, [...] mas como um dos vetores fundantes dessa nova perspectiva da linguagem humana e de suas possibilidades de estudo, em debate e em multiplicação até a contemporaneidade” (BRAIT, 2017, p.21). Depois de todas as atividades, propomos uma prova que abordará os três períodos supracitados, para, por fim, discutiremos aspectos gramaticais referentes ao tema que representou a maior dificuldade dos alunos ao longo de todo o percurso: a pontuação.

7 RECURSOS

Nesta seção, abordaremos os recursos materiais e iconográficos utilizados para o andamento das aulas.

7.1 RECURSOS MATERIAIS

- Quadro branco.
- Marcador para quadro branco.
- Computador.
- Caixas de som.
- *Datashow*.
- Fotocópias.
- Obras literárias.
- Livros didáticos.

7.2 RECURSOS BIBLIOGRÁFICOS

ABDALA JUNIOR, B. **Camões: épica e lírica**. São Paulo: Editora Scipione, 1993.

AFONSO, D. Dom Afonso X. **Língua Portuguesa: Trovadorismo**. Disponível em: <<http://mundolettras2009.blogspot.com/2015/01/exerciciotrovadorismo.html>>. Acesso em: 28 set. 2018.

AMORA, A.S. **Presença da literatura portuguesa (história e antologia)**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

BEDIER, J. **O romance de Tristão e Isolda**. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BLECUA, J. M. C. **Amadis de Gaula**. 2ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996.

BONAVAL, B. de. Bernal de Bonaval. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://www.cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1083>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BRAIT, B. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. **Bakhtiniana**, São Paulo, 2017, p.05-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n2/2176-4573-bak-12-02-0005.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasil: Mec, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRAVO, D. M. **A avaliação docente na prática educativa**. III Congresso Nacional de Educação. 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID5354_17082016200327.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

BUARQUE, Chico. **Olhos nos olhos**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/65962/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BURGALÊS, P. G. Pero Garcia Burgalês. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <www.cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1411>. Acesso em: 28 set. 2018.

CAMÕES, L.V. **Os Lusíadas**. 12ed. São Paulo: Editora Ática, 2012, 112p.

_____. **Sonetos**. 4ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

CAZUZA. **Exagerado**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cazuza/43861/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

CODAX, M. Martim Codax. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1308>>. Vários acessos.

DINIS, D. **Cantares dos trovadores galego-portugueses**. 3ed. Lisboa: Estampa, 1998, p.224-225.

DINIS, D. D. Dinis. **Sentir Português**. 2017. Disponível em: <<https://sentirportugus.blogspot.com/2014/10/analise-da-cantiga-ai-flores-ai-flores.html>> .

ESGARAVUNHA, F. G. Fernão Garcia Esgaravunha. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=220&pv=sim>>. Acesso em: 04 set. 2018.

Fernando V. Peixoto da Fonseca (org.). **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores galego-portugueses**. Lisboa: Livr. Clássica, 1961, p.76.

FERRAZ, S. **Literatura Portuguesa I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

FERREIRA-ROSA, I. Bakhtin e a avaliação escolar: dimensões éticas no ato de avaliar a aprendizagem de línguas. **Poiésis Pedagógica**, v.10, n.2, 2012, p.47-69.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J.W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1984]. p. 39-46.

GONÇALVES, R. **As melhores poesias do Cancioneiro de Garcia Resende**. Lisboa: Casa de Portugal, 1939.

GRILLO, M. C.; LIMA, V. M. R. Especificidades da avaliação que convém conhecer. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.15-21.

GUILHADE, J. G. João Garcia de Guilhade. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1533&pv=sim>>. Vários acessos.

INSTITUTE FOR SYSTEMS AND ROBOTICS. **Luis Vaz de Camões**: Portugal. 2018. Disponível em: <<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/camoes.html>>. Acesso em: 12 de set. 2018.

KEMIAC, L.; ARAUJO, D. L. Avaliação escolar: algumas reflexões sobre o tema à luz de conceitos Bakhtinianos. **Leia escola**. Campina Grande: v.15, n.1, 2015, p.51-63.

LIMA, V. M.; GESSINGER, R. M.; GRILLO, M. C. Questões de prova e suas especificidades. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.95-103.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.
MEGALE, H. **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

MASSAUD, M. **A literatura portuguesa**. 37ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

MENDEZ, J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

MORAES, D. A. Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. **Est. Aval. Educ.**, v. 22, n. 49, p. 233-258, 2011.

PADROZELOS, M. Martin Padrozelos. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1271&pv=sim>>. Acesso em: 04 set. 2018.

PENA, M. **Juiz de Paz na Roça**. São Paulo: LGE, 2006[1838].

PYLE, H. **Rei Arthur e Os Cavaleiros da Távola Redonda (edição comentada e ilustrada)**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Florianópolis: SEDSC, 2014.

SARAIVA, A.J. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SPINA, S.; MOISÉS, M.; AMORA, A.S. **Presença da literatura portuguesa (história e antologia)**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p.5.

VICENTE, G. **Auto da Barca do Inferno**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1996, p. 80-82.

_____. **Farsa de Inês Pereira**. São Paulo: OPSIS MULTIMÍDIA, 1998.

_____. **O Velho da Horta**. 16ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

WOOLFOLK, A. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 481-514.

7.3 RECURSOS ICONOGRÁFICOS

ANITTA. **Vai malandra**. 2017. (3min26seg). Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI>. Acesso em: 03 set. 2018.

BERNARDI, E. **Daenerys dracarys, battle 1/3 - Game of Thrones**. (5min12seg).
Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EJB00TP2jew>>. Acesso em: 04 set. 2018.

Elizabeth: A era de ouro – Trailer legendado. RapaduraCast. 1min31seg. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=HegxXqPuUxA&t=1s>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

Giordano Bruno – Trailer. CG Entertainment. 3min18seg. 1 vídeo colorido. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=rURpfbTvo8A&t=1s>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

O mercador de Veneza. SISBRAN. 2min15seg. 1 vídeo colorido. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=hLIDsPMvb1Q&t=59s>> Acesso em: 21 nov. 2018.

SIMONE & SIMARIA. **Loka**. 2017. (3min36seg). Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=UrT0zCmsN8>>. Acesso em: 03 set. 2018.

Trailer: Hamlet. VersatilHV. 3min. 1 vídeo colorido. Disponível em: <
<https://www.youtube.com/watch?v=8f39MD3mmzY&t=27s>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

8 AVALIAÇÃO

A avaliação é entendida como um processo que visa superar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, incluindo-os socialmente, em prol de uma prática pedagógica democrática. (KEMIAC; ARAÚJO, 2015). O professor tem muitas tarefas importantes e desafiadoras - uma dentre tantas é avaliar:

A avaliação envolveria múltiplas e complexas ações do professor, as quais, quase sempre, se traduzem em notas ou conceitos com vistas a cumprir finalidades burocráticas (a exigência de notas pela instituição escolar) e/ou pedagógicas (verificar a aprendizagem dos alunos, (re)direcionar o ensino, fazer um diagnóstico, etc) (KEMIAC; ARAÚJO, 2015, p.57).

Muitas escolas já têm políticas estabelecidas sobre provas e práticas de avaliação¹⁵, mas os professores individualmente decidem como e quais serão os métodos. Sabe-se que a principal função da avaliação é verificar o que o aluno aprendeu (WOOLFOLK, 2000). Entretanto, neste projeto de docência, a verificação dos conhecimentos adquiridos durante o trimestre não ficará restrita a uma avaliação somativa¹⁶, porque os alunos estarão constantemente sendo avaliados através de atividades que demonstrarão seu conhecimento crítico sobre os fenômenos estudados.

Luckesi (1996, p.33) definiu a avaliação como “um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisões”. Para o autor, o ato de avaliar não tem como objetivo alcançar um julgamento definitivo, porque se destina ao diagnóstico, à inclusão, à melhoria do ciclo de vida. Bravo (2014, p.3) também define o ato de avaliar como a expressão de um posicionamento sobre aspectos de uma realidade: “as tomadas de partido por parte dos educadores implicam o reconhecimento de um sujeito frente a um conjunto de ideias e ações constituintes dos seres humanos e/ou das instituições”, obviamente em princípio e não em sua totalidade exaurível, as quais provocam tomadas de decisões particulares, sobre determinados instantes, em contextos específicos. Nas aulas aqui propostas, parte-se do pressuposto de que

¹⁵ O IEE tem uma portaria, P/189 de 09/02/2017, na qual o professor se responsabiliza em fazer uma recuperação paralela das atividades avaliativas propostas durante os trimestres. Institui também como os alunos devem ser avaliados: habilidades em leitura, interpretação, produções orais e escritas que estejam de acordo com as variedades linguísticas. Serão avaliados de acordo com um diagnóstico a partir da análise do desempenho do aluno em atividades de oralidade e escrita, utilizando-se as estratégias e recursos já descritos. Atividades como: provas, trabalhos (orais e/ou escritos); participação dos alunos. Deverá ser realizado no mínimo três avaliações no trimestre (IEE, 2017b).

¹⁶ “A avaliação é uma atividade natural, enquanto a qualificação é artificial e de mera convivência social, que somente por razões ideológicas ou de oportunidade burocrático-administrativa, ou por simples comodidade, pode ser justificada” (MENDEZ, 2002).

todas as decisões tomadas pelo professor para avaliar os alunos não são neutras, tampouco arbitrárias:

[...] a atitude de avaliar é carregada de intenções e percepções que se traduzem em modos de conceber o mundo, o homem e a sociedade. Essas intenções são orientadoras das políticas educacionais no âmbito da gestão da educação, assim como são norteadoras da prática pedagógica do professor na sala de aula. Ao analisarmos as intenções que estão por trás do ato de avaliar, podemos revelar qual o real comprometimento político desse ato [...] (GONÇALVES; LARCHERT, 2012, p.47).

Segundo Kemic e Araújo (2015), acordos tácitos subjazem à avaliação: a determinado sujeito é atribuído o papel de avaliador; a outros, o papel social de avaliados, sem que isso precise ser explícito. De acordo com os autores, três aspectos subjazem à avaliação e aos gêneros que emergem em ações avaliativas: acordos tácitos sobre os papéis sociais assumidos pelos sujeitos, regras e modos específicos de conduta e comportamento e mediação da interação pela escrita. A avaliação é um estágio deveras importante do processo de ensino-aprendizagem: de um lado, o aluno toma conhecimento de sua apropriação dos conteúdos; de outro, o professor consegue refletir a prática docente, sua metodologia e estratégias (LIMA; GESSINGER; GRILLO, 2010). Avaliar ainda exige do educador uma visão ampla e detalhada, tanto de sua missão de educar, quanto dos conteúdos adquiridos pela turma ao longo dos anos. A partir desse olhar, o profissional da educação poderá transformar a avaliação em um processo contínuo. Por conta disso, as formas de avaliações aqui propostas são pautadas em uma (longa) caminhada que não tem como foco a objetividade; isso quer dizer que são cumulativas e envolvem não apenas o educando, mas também o professor e a escola, já que o desempenho dos alunos deve ser acompanhado minuciosamente.

Sabendo que a avaliação se constitui um instrumento mensurador dos saberes universais, do quanto foi aprendido pelo aluno mediante o seu ato de pensar a partir de um lugar singular, em um dado espaço e tempo (FERREIRA-ROSA, 2012), é necessário que os discentes também tenham consciência do *que* e do *quanto* sabem, de que o ato de aprender não é (e nem pode) ser reduzido a um número: “a avaliação docente pode se incluir como elemento reflexivo na qualidade do ensino e propugnar, ancorada no diálogo impulsionado pelas instituições de ensino, a melhoria na prática docente como elemento caracterizador dos movimentos emancipatórios.” (BRAVO, 2014, p.5). Além de serem apresentados a elementos de reflexão acerca do processo pedagógico como um todo, é importante que os métodos e as estratégias de avaliar sejam diversificados. O olhar avaliativo

[...] caracteriza-se, justamente, por interpretações de diferentes intensidades e

matizes (qualidade), sobre múltiplas dimensões do aprender de cada aluno (aprendizagem), que se realizam a partir de concepções de educação, de sujeito, de sociedade também diferentes (avaliação) (HOFFMANN, 2005, p.26).

Assim, partindo das considerações aqui expostas, a avaliação proposta nesse projeto de docência divide-se em dois grandes blocos: o primeiro, que constituirá a primeira nota, é resultado da soma de três atividades, enquanto que o segundo é constituído da nota obtida na prova, que será realizada ao final do período de regência.

A primeira nota, portanto, é resultado de uma atividade proposta para cada período: no Trovadorismo, a partir de quatro cantigas selecionadas pelos estagiários/docentes – de amor, de amigo, de escárnio e maldizer – os alunos terão de escolher uma, reinventando-a, ressignificando a linguagem para os dias atuais. Esse exercício será realizado individualmente. Os alunos têm grande liberdade para escolherem o suporte a ser utilizado, já que podem optar entre música/cantiga, poema e desenho. Após, há a atividade referente ao Humanismo: depois de uma contextualização acerca do teatro vicentino, os alunos serão divididos em quatro grupos; cada grupo receberá um trecho de um personagem da obra *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente (Alcoviteira, Frade, Onzeneiro e O Enforcado). Responderão um roteiro de leitura, composto de oito perguntas, cujo principal objetivo é levá-los à análise e reflexão. Já no Classicismo, os estudantes, individualmente, realizarão uma produção textual, que pode ser um soneto (gênero lírico) nos moldes Camonianos, estudados nas últimas aulas ou uma peça teatral (gênero dramático) a fim de estabelecer pontes com as aulas do período do Humanismo. A temática para os dois gêneros é a mesma: o amor pelo viés camoniano.

Importante ressaltar que o primeiro aspecto a ser considerado em relação à produção de textos diz respeito à percepção das condições que as unidades de sentido são elaboradas. Para tanto, o aluno deve ter clareza sobre o que tem a dizer sobre o tema, o lugar social de que fala, para quem é endereçado seu texto, os mecanismos composicionais que utilizará e de que forma seu texto se tornará público (BRASIL, 2018). Com a reescrita das produções textuais, objetivamos que o aluno perceba o que deve ser modificado e aprimorado em seus escritos, para que não ocorra a correção pela correção, mas que visualizem que os conhecimentos linguísticos norteiam e sustentam as suas produções. Conforme Mendez (2002, p.83),

avaliamos para conhecer quando corrigimos construtiva e solidariamente com quem aprende, não para confirmar ignorâncias, desqualificar esquecimentos, penalizar aprendizagens não-adquiridas. Quando os professores agem como corretores que explicam e comunicam razoavelmente, são fonte de aprendizagem mediante a informação compreensível e argumentada que devem fornecer nessa tarefa.

A partir dessa proposta, enquanto o educador compreende o que é preciso melhorar e/ou reformular em sua metodologia, os estudantes assimilam a lógica de seus erros e acertos, aspectos que não foram compreendidos ao longo da trajetória. Através da reescrita, estes são agentes e protagonistas do processo de ensino-aprendizagem.¹⁷ (GRILLO; LIMA, 2010).

Após a realização das atividades, a segunda nota advém de uma prova¹⁸, que abordará os três períodos trabalhados. Sabe-se da necessidade de tornar os métodos avaliativos em sala de aula contínuos e diversificados; entretanto, acredita-se ainda na importância de uma avaliação - escrita, individual, sem consulta - por possibilitar um diagnóstico preciso, tanto coletivo quanto individual, da turma. Ademais, para que a prova se torne um instrumento de coleta de dados e sirva de proposta para a avaliação formativa, o professor deve levar em consideração não apenas o conteúdo, mas a maneira com que cada questão está sendo abordada no teste, a adequação das perguntas com o trabalho realizado em sala, a importância de uma linguagem clara, além de atentar-se à diversificação das atividades, atendendo diferentes níveis de dificuldade. O critério de correção também se faz deveras relevante neste processo (MORAES, 2011).

¹⁷ “Na contramão das práticas tradicionais – em que se buscava encontrar os “erros”, mais do que os “acertos” dos alunos –, o professor de Língua Portuguesa deve valorizar os ganhos que o estudante obteve ao longo de seu processo de aprendizagem, baseando-se nas matrizes de competências e habilidades, que exigem um outro olhar sobre o ensino” (BRASIL, 2018, p.84).

¹⁸ Prova, aqui, é entendida como “um processo avaliativo que considere a necessária relação entre ensino, aprendizagem e avaliação apresenta-se, de imediato, como instrumento de orientação ou de reorientação dos processos de ensinar e de aprender. A exigência primeira para a ocorrência de uma avaliação dessa natureza é a clareza dos objetivos pedagógicos, das atividades propostas pelo professor e das aprendizagens que se pretende realizar” (GESSINGER; GRILLO; FREITAS, 2010, p.35).

9 CRONOGRAMA

Nº aulas	Tópicos	Atividades	Tempo
2	Apresentação; Trovadorismo; Cantigas; Intertextualidade.	- Apresentação dos estagiários e das avaliações; - Introdução ao Trovadorismo; - Apresentação de duas canções atuais (<i>Loka</i> e <i>Vai Malandra</i>), com eu lírico feminino/autoria feminina; - Apresentação e leitura de três cantigas de amigo; - Relação das canções atuais com cantigas de amigo; - Caracterização e leitura de cantigas de amor; - Caracterização e leitura de cantigas de escárnio e maldizer; - Comparação entre as cantigas.	- 15min - 05min - 10min - 10min - 05min - 10min - 15min - 10min
1	Trovadorismo; Cantigas; Intertextualidade.	- Entrega e discussão do <i>handout</i> - Atividade sobre cantigas trovadorescas e correção - Atividade sobre canções atuais e correção	- 10min - 15min - 15min
2	Trovadorismo.	- Atividade de releitura	- 1h20min
1	Trovadorismo; Novelas de cavalaria.	- Apresentação dos romances de cavalaria - Contextualização e leitura de trechos de <i>Amadis de Gaula</i> , <i>Demanda do Santo Graal</i> e <i>Tristão e Isolda</i> - Vídeo de trecho da série <i>Game of Thrones</i>	- 15min - 20min - 5min
2	Revisão; Teatro; Humanismo.	- Atividade de revisão sobre o Trovadorismo; - Gênero Teatro e leitura de <i>Juiz de paz na roça</i> (Martins Pena); - Contextualização e leitura de <i>Farsa de Inês Pereira</i> e <i>O velho da horta</i> - Apresentação do período <i>Humanismo</i>	- 25min - 20min; - 25min; - 10min;
FERIADO	FERIADO	FERIADO	
2	Humanismo; Atividade avaliativa.	- Apresentação sobre Humanismo, Fernão Lopes e poesias palacianas; - Contextualização <i>Auto da Barca do Inferno</i> ; - Atividade avaliativa.	- 15min - 05min - 1h
1	Humanismo	Finalização da atividade proposta sobre <i>Auto da Barca do Inferno</i> .	- 40min
2	Classicismo	- Entrega das atividades com comentário; - <i>Handout</i> (novelas de cavalaria e Humanismo); - Vídeos dos filmes; - Pesquisa e discussão Classicismo.	- 15min - 15min - 10min - 40min
1	Classicismo	- Vida e obra de Camões; - Contextualização e leitura de trechos d’ <i>Os Lusíadas</i> ; - Lírica de Camões – estrutura e leitura de trechos.	- 5min - 15min - 20min
2		- Atividade individual: criação de um soneto (gênero lírico)	- 1h20min
FERIADO	FERIADO	FERIADO	

2	Classicismo	- Reescrita do soneto	1h20min
1	Trovadorismo Classicismo Humanismo	- Revisão para a prova	40min
2	PROVA	Conteúdos: Trovadorismo, Humanismo e Classicismo.	1h20min
FERIADO	FERIADO	FERIADO	
2	ASPECTOS GRAMATICAIIS/ENCERRAMENTO	- Entrega das avaliações com comentário; - <i>Handout</i> e atividades sobre pontuação; - Avaliação dos docentes.	- 40min - 20min - 20min

10 REFERÊNCIAS

ANTUNES, I. **Aula de português: encontro e interação**. São Paulo: Parábola, 2003.

BAKHTIN, M. (Volochninov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-53].

BARBOSA, M. L. R. **Deslindando os usos da escrita nos domínios escolar e familiar: implicações de práticas de letramento no processo de alfabetização**. 2014. 450p. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. p. 42-85.

BARBOSA DA SILVA, C. M. M.; SILVA NETO, J. G. A Língua Portuguesa no Ensino Médio: Conteúdos de ensino e o desenvolvimento da aula. **Alfa**. São Paulo: São Paulo, 2013, p.295-314.

BARTON, D.; HAMILTON, M. La literacidad entendida como practica social. In: ZAVALA, V.; NIÑO-MURCIA, M.; AMES, P. (Eds.). **Escritura y sociedad: nuevas perspectivas teóricas y etnográficas**. Lima, Peru: Red pal el Desarrollo de las ciencias sociales en Perú, 2004. p. 109-139.

BRAIT, B. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. **Bakhtiniana**, São Paulo, 2017, p.05-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n2/2176-4573-bak-12-02-0005.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasil: Mec, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRAVO, D. M. A avaliação docente na prática educativa. **III Congresso Nacional de Educação**. 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID5354_17082016200327.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CALVINO, I. **Por que ler os clássicos?** São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CANDIDO, A. **Vários escritos**. 3. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CERUTTI-RIZZATTI, M. E.; IRIGOITE, J. C. S. A aula de português: sobre vivências (in)funcionais. **Revista Alfa**. São Paulo, 2015, p. 255-279.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 16.ed. Campinas: Papirus, 2004.

CUNHA, S.; AMANDIO, F.; SARAIVA, J. Os contos de Machado de Assis: uma nova perspectiva no Ensino Médio. **Nau Literária**: crítica e teoria de literaturas, v.6, n.2, 2010.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo**: as ideias linguísticas do Circulo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FERREIRA-ROSA, I. Bakhtin e a avaliação escolar: dimensões éticas no ato de avaliar a aprendizagem de línguas. **Poiésis Pedagógica**, v.10, n.2, 2012, p.47-69.

FISCHER, L. et al. A Literatura no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). **Nonada**. Porto Alegre, v. 18, n. 1, p.111-126, set. 2012. Disponível em: <<https://seer.uniritter.edu.br/index.php?journal=nonada&page=article&op=view&path%5B%5D=568>>. Acesso em: 21 ago. 2018.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J.W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1984]. p. 39-46.

GERALDI, J. W. **A aula como acontecimento**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

GESSINGER, R. M.; GRILLO, M. C.; FREITAS, A. L. Critérios de avaliação a serviço da aprendizagem. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.35-44.

GONÇALVES, A. L.; LARCHERT, J. M. **Avaliação da aprendizagem**. Ilhéus: Universidade Estadual de Santa Cruz, 2012.

GRILLO, M. C.; LIMA, V. M. R. Especificidades da avaliação que convém conhecer. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.15-21.

HOFFMANN, J. **O jogo do contrário em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (IEE) (Santa Catarina). Secretaria Estadual de Educação. **Planejamento - 2017**. Florianópolis: IEE, 2017a. 38p. Disponível em: <<http://www.iee.sed.sc.gov.br/documentos/planejamento-2017>>. Acesso em: 23 ago. 2018

INSTITUTO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO (IEE) (Santa Catarina). Secretaria Estadual de Educação: **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Florianópolis: IEE, 2017b. 100p. Disponível em: <<http://www.iee.sed.sc.gov.br/a-escola/8-secretaria/27859-projeto-politico-pedagogico>>. Acesso em: 23 ago. 2018.

KEMIAC, L.; ARAUJO, D. L. Avaliação escolar: algumas reflexões sobre o tema à luz de conceitos Bakhtinianos. **Leia escola**. Campina Grande: v.15, n.1, 2015, p.51-63.

LIMA, V. M.; GESSINGER, R. M.; GRILLO, M. C. Questões de prova e suas especificidades. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.95-103.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais e ensino**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
MENDEZ, J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

MIOTELLO, V. O discurso da ética e a ética do discurso. **Cad. Esc. Legis.**, Belo Horizonte, v. 12, n. 9, p. 83-129, 2011.

MORAES, D. A. Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. **Est. Aval. Educ.**, v. 22, n. 49, p. 233-258, 2011.

PELANDRÉ, N. L. [et al.]. A inserção no espaço escolar. In: _____. **Estágio Supervisionado I e II**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011, p. 20-24.

PERRONE-MOISÉS, L. Por amor à arte. **Estud. av.**, v. 19, n. 55, p. 335-348, 2005.

PERRONE-MOISÉS, L. O ensino da literatura. **Literaturas, artes, saberes**. São Paulo: Editora Hucitec, 2007, p.13-22.

PINHEIRO, H. **A poesia na sala de aula**. 3.ed. Campina Grande, PB: Bagagem, 2007.

RODRIGUES, R. H; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Fundamentos do pensamento bakhtiniano: uma epistemologia ancorando a busca de uma mudança no ensino de Língua Portuguesa. In: _____. **Linguística Aplicada**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011., p. 199-215.

RAMOS, T. R. O.; CORSO, G. K. **Literatura e ensino**. Florianópolis: Editora UFSC, 2018.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Florianópolis: SEDSC, 2014.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SUASSUNA, L.; MELO, I.; COELHO, W. O projeto didático: forma de articulação entre leitura, literatura, produção de texto e análise linguística. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VIEIRA, A. Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. **Cadernos de pesquisa**, v.38, n.134, 2008, p.441-458.

VIEIRA, R.; FERREIRA, R. M. N.; SCHMIDLIN, R. F. A prática pedagógica de professores de língua portuguesa em uma perspectiva de transversalidade e desenvolvimento de competências comunicativas. **Revista F@ciência**, Paraná, v. 7, n. 3, p. 26-40, 2010.

WOOLFOLK, A. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 481-514.

11 APÊNDICES

11.1 PLANO(S) DAS AULAS

11.1.1 Plano de aula 1 – 25/09/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

Introdução ao movimento literário Trovadorismo.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir de forma significativa para a formação intelectual e subjetiva do aluno, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos no universo literário; apresentar e comparar o texto literário com o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político; estabelecer relações entre o *grande tempo* e a atualidade.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar e analisar a estrutura das cantigas de amigo, amor, escárnio e maldizer.
- Estabelecer intertextualidade entre canções trovadorescas e que estão presentes no dia a dia dos educandos.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Introdução e caracterização do período literário Trovadorismo.
- Apresentação de cantigas de amigo, relacionando-as com canções atuais.
- Caracterização de cantigas de amor, focando no conceito de *amor cortês*.
- Caracterização de cantigas de escárnio e maldizer, focando nas principais diferenças e semelhanças entre ambas.

V METODOLOGIA

Primeiramente, apresentar-nos-emos à turma: nome, idade, instituição à qual somos vinculados e *e-mail*. Após, daremos início à contextualização do período histórico do Trovadorismo, a partir de uma metodologia expositiva-argumentativa, através de *slides*. Após, exibiremos trechos de canções atuais (som e letra), para, em seguida, caracterizarmos, com o auxílio de cópias impressas, as cantigas de amigo, relacionando-as. Estabeleceremos pontos em comum entre as músicas apresentadas, propondo um debate sobre a presença do eu lírico feminino e da figura da mulher nesses dois momentos de manifestações artísticas.

Apresentaremos, em seguida, as principais características das cantigas de amor, novamente através de *slides*; posteriormente, os alunos lerão, em voz alta, a cantiga de D. Dinis. Após, o mesmo ocorrerá com as cantigas de escárnio e maldizer para, então, compararmos os tipos de cantigas apresentados até então.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Computador.
- Caixas de som.
- *Datashow*.
- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

De acordo com Bravo (2014), o ato de avaliar pode ser entendido como a expressão de um posicionamento sobre aspectos de uma realidade. Partindo dessa premissa, a avaliação se dará da participação dos alunos no debate proposto em sala, que visa relacionar cantigas de amigo com canções contemporâneas de autoria feminina. Estima-se que o aluno consiga construir pontes entre o *grande tempo* e a atualidade e, com isso, perceba que há relação entre o canônico e o que diz respeito ao seu dia a dia.

VIII REFERÊNCIAS

ANITTA. **Vai malandra**. 2017. (3min26seg). Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=kDhptBT_-VI>. Acesso em: 03 set. 2018.

BRAVO, Diego Martín. **A avaliação docente na prática educativa**. III Congresso Nacional de Educação. 2014. Disponível em:

<http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID5354_17082016200327.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

CODAX, Martim. Martim Codax. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1308>>. Acesso em: 03 set. 2018.

DINIS, D. **Cantares dos trovadores galego-portugueses**. 3ed. Lisboa: Estampa, 1998, p.224-225.

Fernando V. Peixoto da Fonseca (org.). **Cantigas de escárnio e maldizer dos trovadores galego-portugueses**. Lisboa: Livr. Clássica, 1961, p.76.

SIMONE & SIMARIA. **Loka**. 2017. (3min36seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UrT0zCmsN8>>. Acesso em: 03 set. 2018.

SPINA, S.; MOISÉS, M.; AMORA, A.S. **Presença da literatura portuguesa (história e antologia)**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961, p.5.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Apresentação dos estagiários e das avaliações	15min
Introdução ao Trovadorismo	05min
Apresentação de duas canções atuais, com eu lírico feminino/autoria feminina	10min
Apresentação e leitura de três cantigas de amigo	10min
Relação das canções atuais e das cantigas de amigo	05min
Caracterização das cantigas de amor e leitura	10min
Caracterização das cantigas de escárnio e maldizer e leitura	15min
Comparação das cantigas de amigo, amor, escárnio e maldizer	10min

ANEXO A - *LOKA* (SIMONE E SIMARIA FT. ANITTA)

Cadê você, que ninguém viu?
Desapareceu, do nada sumiu
Tá por aí tentando esquecer
O cara safado que te fez sofrer

Cadê você? Onde se escondeu?
Por que sofre se ele não te mereceu?
Insiste em ficar em cima desse muro
Espera a mudança em quem não tem futuro

Deixa esse cara de lado
Você apenas escolheu o cara errado
Sofre no presente por causa do seu passado
Do que adianta chorar pelo leite
derramado?

Põe aquela roupa e o batom
Entra no carro, amiga, aumenta o som

E bota uma moda boa
Vamos curtir a noite de patroa
Azarar os boy, beijar na boca
Aproveitar a noite, ficar louca

E bota uma moda boa
Vamos curtir a noite de patroa
Azarar os boy, beijar na boca
Aproveitar a noite, ficar louca

Esquece ele e fica louca, louca, louca
Agora chora no colo da patroa, louca,
louca
Esquece ele e fica louca, louca, louca

Agora chora no colo da patroa, louca,
louca

Cadê você, que ninguém viu?
Desapareceu, do nada sumiu
Tá por aí tentando esquecer
O cara safado que te fez sofrer

Cadê você? Onde se escondeu?
Por que sofre se ele não te mereceu?
Insiste em ficar em cima desse muro
Espera a mudança em quem não tem futuro

Deixa esse cara de lado
Você apenas escolheu o cara errado
Sofre no presente por causa do seu passado
Do que adianta chorar pelo leite
derramado?

Põe aquela roupa e o batom
Entra no carro, amiga, aumenta o som

E bota uma moda boa
Vamos curtir a noite de patroa
Azarar os boy, beijar na boca
Aproveitar a noite, ficar louca (2x)

Esquece ele e fica louca, louca, louca
Agora chora no colo da patroa, louca,
louca
Esquece ele e fica louca, louca, louca

Agora chora no colo da patroa, louca,
louca

**ANEXO B - VAI MALANDRA - ANITTA FT. MC ZAAC FT. MAEJOR FT.
TROPKILLAZ, DJ YURI**

Vai malandra an, an
E ta louca, tu brincando com o bumbum
An, an tutudum an, an

Ta pedindo, an, an
Se prepara, vou dançar presta atenção
An, an tutudum an, an

Cê aguenta an, an
Se eu te olhar
Descer, quicar até o chão

Desce, rebola gostoso
Empina me olhando
Te pego de jeito
Só começar embrazando contigo
É taca, taca, taca, taca

Desço, rebolo gostoso
Empino te olhando
Te pego de jeito
Se começar embrazando contigo
É

Não vou mais parar
Cê vai aguentar

Vai malandra
Show me somethin
Brazilian baby u know I want ya
Booty big sit a glass on it

See my zipper put that a** on it
Hypnotized by the way you shake it
I can't lie I'm tryna see you naked
Anitta baby I'm tryna Spank it
I can give it to u can u take it

Já tá louca, bebendo
Tão solta, envolvendo eu to vendo
Não Para não

Vai malandra an, an
E ta louca, tu brincando com o bumbum

An, an tutudum an, an

Vem malandra an, an
Eu tô louca, tô brincando com o bumbum
An

Vai malandra
Turn around and put it down on me baby

Vai malandra an, an
Eu tô louca, tô brincando com o bumbum
An, an baby

Desce, rebola gostoso
Empina me olhando
Te pego de jeito
Só começar embrazando contigo
É taca, taca, taca, taca

Desço, rebolo gostoso
Empino te olhando
Te pego de jeito
Se começar embrazando contigo
É

Não vou mais parar
Cê vai aguentar

Throw it back on me and Zaac
Make it clap yea I'm into that
Pullin trax yea I'm into that
From the back yea I'm into that
Big dog to the kitty cat
Young boss where the Millys at
In favela where it's litty at
And the whole Brazil is feelin that

Já tá louca, bebendo
Tão solta, envolvendo eu to vendo
Não Para não

Vai malandra an, an
E ta louca, tu brincando com o bumbum

ANEXO C - TRADUÇÃO LIVRE - MARTIN CODAX

Ondas do mar de Vigo,
acaso vistes meu amigo?
Queira Deus que ele venha cedo!

Ondas do mar agitado,
acaso vistes meu amado?
Queira Deus que ele venha cedo!

Acaso vistes meu amigo,
aquele por quem suspiro?
Queira Deus que ele venha cedo!

Acaso vistes meu amado,
por quem tenho grande cuidado?
Queira Deus que ele venha cedo!

ANEXO D - JULIÃO BOLSEIRO

Aquestas noites tan longas,
que Deus fez en grave día
por mi, por que as non dórmio,
e por que as non fazia
no tempo que meu amigo
soía falar comigo?

Por que as fêz Deus tan grandes,
non poss' eu dormir, coitada!
e de como som sobejas,
quisera-m outra vegada
no tempo que meu amigo
soía falar comigo.

Porque as Deus fêz tan grandes,
sen mesura e desiguaaes.
e as eu dormir non posso?
por que as non fêz ataes,
no tempo que meu amigo
soía falar comigo?

ANEXO E - NUNO FERNANDES TORNEOL

Ergue-te, amigo que dormes nas manhãs frias!
Todas as aves do mundo, de amor, diziam:
Alegre eu ando.

Ergue-te, amigo que dormes nas manhãs claras!
Todas as aves do mundo, de amor, cantavam:
Alegre eu ando.

Todas as aves do mundo, de amor, diziam;
Do meu amor e do teu se lembrariam:
Alegre eu ando.

Todas as aves do mundo, de amor, cantavam;
Do meu amor e do teu se recordavam:
alegre eu ando.

Do meu amor e do teu se lembrariam;
tu lhes tolheste os ramos em que eu as via:
alegre eu ando.

Do meu amor e do teu se recordavam;
tu lhes tolheste os ramos em que pousavam:
alegre eu ando.

Tu lhes tolheste os ramos em que eu as via;
e lhes secaste as fontes em que bebiam:
alegre eu ando.

Tu lhes tolheste os ramos em que pousavam;
e lhes secaste as fontes que as refrescavam:
alegre eu ando.

ANEXO F - D. DINIS

Quant'a, senhor, que m'eu de vós parti,
atam muyt'á que nunca vi prazer,
nen pesar, e quero-vos eu dizer
como prazer, nen pesar non er (vi):
perdi o sen e non poss' estremar
o ben do mal, nen prazer do pesar.

E, des que m'eu, senhor, per bõa fé,
de vós parti, creed' agora ben
que non vi prazer, nen pesar de ren
e aquesto direy-vos por que (é):
perdi o sen e non poss' estremar
o ben do mal, nen prazer do pesar.

Ca, mha senhor, ben des aquela vez
que m'eu de vós parti, no coraçon
nunca ar ouv'eu pesar des enton,
nen prazer, e direi-vos que mh-o fez:
perdi o sen e non poss' estremar
o ben do mal, nen prazer do pesar.

ANEXO G - FERNÃO VELHO

Maria Peres se mãefestou
noutro dia, ca por pecador
se sentiu, e log'a Nostro Senhor
pormeteu, pelo mal em que andou,
que tevers'um clérig'a seu poder,
polos pecados que lhi faz fazer
o demo, com que x'ela sempr'andou.

Mãefestou-se, ca diz que s'achou
pecador muit'e, porém, rogador
foi log'a Deus, ca teve por melhor
de guardar a El ca o que a guardou.
E mentre viva diz que quer teer
um clérigo, com que se defender
possa do demo, que sempre guardou.
E pois que bem seus pecados catou,
de sa mort' ouv'ela gram pavor
e d'esmolnar ouv'ela gram sabor.
E logo entom um clérigo filhou
e deu-lhe a cama em que o sol jazer.
E diz que o terrá mentre viver,
e esta fará; todo por Deus filhou.

E pois que s'este preito começou,
antr'eles ambos ouve grand'amor.
Antr'el á sempr'o demo maior
atá que se Balteira confessou.
Mais pois que viu o clérigo caer,
antr'eles ambos ouv'i a perder
o demo, dês que s'ela confessou.

APÊNDICE A – APRESENTAÇÃO DE *SLIDES*



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV)
Departamento de Metodologia de Ensino (MEN)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Instituto Estadual de Educação (IEE)
Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I



AULA UM

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

Apresentação

Caroline Ferrari: carolineferrariletras@hotmail.com

Diego Rodrigues Lopes: rodrigueslopesdiego@yahoo.com.br

Curso de Letras – Língua e Literatura Portuguesa



Avaliações



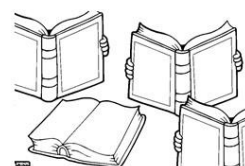
02/10 – Releitura de uma cantiga;

16/10 – 19/10 – Roteiro de leitura;

30/10 – 09/11 - Criação do texto gênero lírico;

09/11 – Revisão para a prova;

13/11 – Prova.



Portugal

Era Medieval

Trovadorismo (séc. XII ao XIV)

Humanismo (séc. XV e início do séc. XVI)

Era Clássica

Classicismo (séc. XVI)

Barroco (séc. XVII)

Neoclassicismo/Arcadismo (séc. XVIII)

Era Moderna

Romantismo (primeira metade do séc. XIX)

Realismo/Naturalismo/Parnasianismo/Simbolismo
(segunda metade do séc. XIX)

Modernismo (séc. XX)

Trovadorismo

- Primeira escola literária da língua portuguesa;
- A Europa passava por várias invasões dos povos germânicos – guerras;
 - Feudalismo;
- Sociedade: a nobreza, o clero e a plebe;
 - Forte influência da Igreja – teocentrismo;
 - Valores espirituais.



Trovadorismo

• Principais características

- Cantigas;
- Romances de cavalaria;
- Tradição oral/escrita.

Trovadorismo

• Principais autores

- D. Afonso X;
- D. Dinis (rei trovador; maior número de cantigas produzidas);
- Nuno Fernandes Torneol;
- Fernão Lopes.

• Principais obras

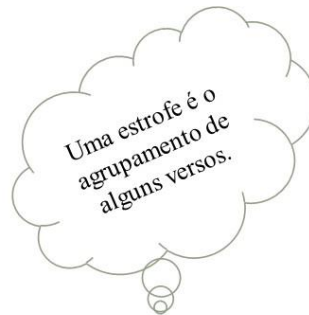
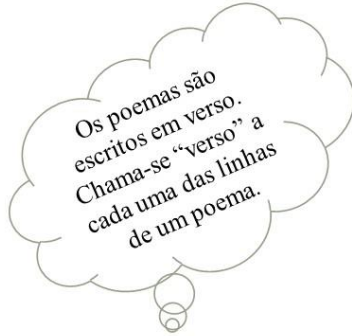
- *Cancioneiros*: reunião de várias cantigas;
- *Cancioneiro da Ajuda* (séc. XIII);
- *Cancioneiro da Vaticana* (séc. XV);
- *Cancioneiro da Biblioteca Nacional* (séc. XIV);
- *Cantiga da Ribeirinha* – mais antiga (início do séc. XII) – cantiga de amor.



Gênero lírico – para relembrar...

- Canção;
- Musicalidade, beleza, ritmo;
- Transmitir emoções;
- Eu-lírico:
 - a voz que fala no texto;
 - personagem criado pelo escritor, que pode ser ele mesmo.

Para relembrar...



Cadê você, que ninguém viu?

Desapareceu, do nada sumiu

Tá por aí tentando esquecer

O cara safado que te fez sofrer

Cadê você? Onde se escondeu?

Por que sofre se ele não te mereceu?

Insiste em ficar em cima desse muro

Espera a mudança em quem não tem futuro

Deixa esse cara de lado

Você apenas escolheu o cara errado

Sofre no presente por causa do seu passado

Do que adianta chorar pelo leite derramado?

Põe aquela roupa e o batom

Entra no carro, amiga, aumenta o som

E bota uma moda boa

Vamos curtir a noite de patroa

Azazar os boy, beijar na boca

Aproveitar a noite, ficar louca (2x)

Esquece ele e fica louca, louca, louca

Agora chora no colo da patroa, louca, louca (2x)

Põe aquela roupa e o batom

Entra no carro, amiga, aumenta o som



Vai, malandra, an an
Ê, tá louca, tu brincando com o
bumbum
An an, tutudum, an na (2x)

Tá pedindo, an, an
Se prepara, vou dançar, presta
atenção
An, an tutudum an, an
Cê aguenta an, an
Se eu te olhar
Descer, quicar até o chão

Desce, rebola gostoso
Empina me olhando
Te pego de jeito
Se eu começar embrazando contigo
Ê taca, taca, taca, taca (2x)

Não vou mais parar
Cê vai aguentar (2x)

Já tá louca, bebendo
Tão solta, envolvendo, eu tô vendo
Não para, não

Vai, malandra, an an
Ê, tá louca, tu brincando com o
bumbum
An an, tutudum, an an
Vem, malandra, an an
Eu tô louca, tô brincando com o
bumbum
An an

Vai, malandra
Turn around and put it down on me,
baby
Vai, malandra, an an
Ê, tá louca, tô brincando com o
bumbum
An an, baby

Desce, rebola gostoso
Empina me olhando

Te pego de jeito
Se eu começar embrazando contigo
Ê taca, taca, taca, taca (2x)

Não vou mais parar
Cê vai aguentar
Não vou mais parar
Cê vai aguentar

Já tá louca, bebendo
Tão solta, envolvendo, eu tô vendo
Não para, não

Vai, malandra, an an
Ê, tá louca, tu brincando com o
bumbum
An an, tutudum, an an
Vai, malandra, an an
Ê, tá louca, tô brincando com o
bumbum
An an, baby



Principais características – cantigas

- Galego-português;
- Tradição oral e coletiva;
- Poesia cantada – acompanhada por instrumentos musicais;
- Cantigas de amor, amigo, escárnio, maldizer;
- Gênero lírico e/ou satírico.

Principais características – cantigas

Trovador

- Alta nobreza
- Compositor

Segrel

- Nobre
- Poeta e cantor

Jogral

- Compositor e cantor
- *Produção*

Menestrel

- Cantor

Soldadeira

- Mulher que acompanha o jogral



Cantigas de amigo

- Festas rurais e populares;
- Linguagem e estrutura simples;
- Relação amorosa entre camponeses;
- Lamento amoroso da moça cujo namorado partiu (guerra, viagem ou morte);
- Saudade;
- Eu-lírico feminino e autoria masculina;
- Visão feminina do amor;
- Diálogo com amigas ou com a mãe;

Estrutura:

- Dois versos e um refrão – ritmo.

Martin Codax

Ondas do mar de Vigo,
acaso vistes meu amigo?
Queira Deus que ele venha cedo!

Acaso vistes meu amigo,
aquele por quem suspiro?
Queira Deus que ele venha cedo!

Ondas do mar agitado,
acaso vistes meu amado?
Queira Deus que ele venha cedo!

Acaso vistes meu amado,
por quem tenho grande cuidado?
Queira Deus que ele venha cedo!

Nuno Fernandes Torneol

Ergue-te, amigo que dormes nas
manhãs frias!
Todas as aves do mundo, de
amor, diziam:
Alegre eu ando.

Ergue-te, amigo que dormes nas
manhãs claras!
Todas as aves do mundo, de
amor, cantavam:
Alegre eu ando.

Todas as aves do mundo, de
amor, diziam;
Do meu amor e do teu se
lembrariam:
Alegre eu ando.

Todas as aves do mundo, de
amor, cantavam;
Do meu amor e do teu se
recordavam:
alegre eu ando.

Do meu amor e do teu se
lembrariam;
tu lhes tolheste os ramos em que
eu as via:
alegre eu ando.

Do meu amor e do teu se
recordavam;
tu lhes tolheste os ramos em que
pousavam:
alegre eu ando.

Tu lhes tolheste os ramos em que
eu as via;
e lhes secaste as fontes em que
bebiavam:
alegre eu ando.

Tu lhes tolheste os ramos em que
pousavam;
e lhes secaste as fontes que as
refrescavam:
alegre eu ando.

Julião Bolseiro

Aquestas noites tan longas,
que Deus fez en grave dia
por mi, por que as non dórmo,
e por que as non fazia
no tempo que meu amigo
soía falar comigo?

Por que as fêz Deus tan grandes,
non poss' eu dormir, coitada!
e de como som sobejas,
quisera-m outra vegada

no tempo que meu amigo
soía falar comigo.

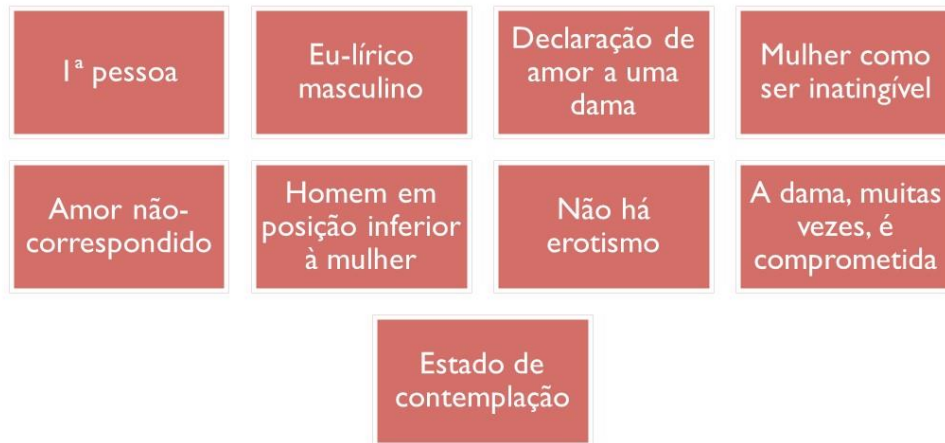
Porque as Deus fêz tan grandes,
sen mesura e desiguaaes.
e as eu dormir non posso?
por que as non fêz ataes,
no tempo que meu amigo
soía falar comigo?

Cantigas de amigo *versus* canções atuais

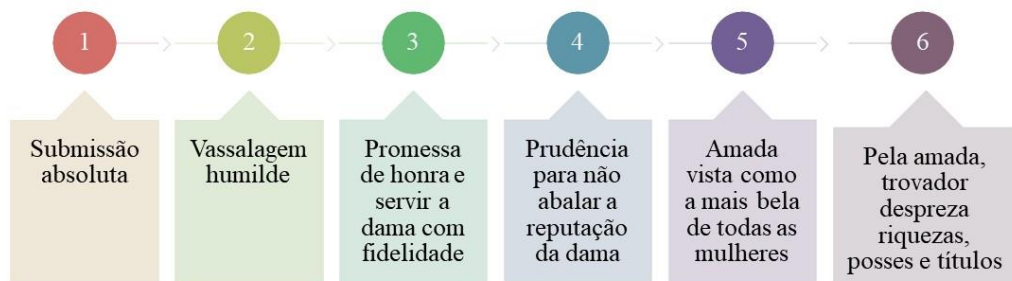


- Gênero lírico;
- Eu-lírico feminino;
- Autorias diferentes (homens *versus* mulheres);
- Linguagem e vocabulário antagônicos;
- Contexto histórico/cultura.

CANTIGA DE AMOR



REGRAS DO JOGO DO AMOR CORTÊS



D. DINIS

Já nem prazer já nem pesar me acodem,
que nunca mais, senhora, algum senti
depois que dos meus olhos nos perdi.
E sem prazer ou sem pesar não podem,
senhora, meus sentidos estremar
o bom do mal, o prazer do pesar.

Por nada mais prazer posso sentir,
ou pesar, se de vós me separei.
E se não mais no mundo os sentirei,
não vejo como possam conseguir,
senhora, meus sentidos estremar
o bem do mal, o prazer do pesar.

Se de vós me afastei e desde então
perdi quer o pesar quer o prazer
que me destes outrora a conhecer;
se ambos perdi, como é que poderão,
senhora, meus sentidos estremar
o bem do mal, o prazer do pesar.

CANTIGA DE ESCÁRNIO/MALDIZER

- Registro da sociedade medieval portuguesa (cultura, moral e língua).

Escárnio

- Ridicularizar alguém utilizando a *ironia*;
- Palavras ambíguas;
- Crítica indireta;
- Ridicularização do amor cortês.

Maldizer

- Palavras diretamente ofensivas e, às vezes, obscenas;
- Crítica direta;
- Amor de nobres com membros do clero/plebe.



FERNÃO VELHO

Maria Peres se mãefestou
noutro dia, ca por pecador
se sentiu, e log'a Nostro Senhor
pormeteu, pelo mal em que andou,
que teves's'um clérig'a seu poder,
polos pecados que lhi faz fazer
o demo, com que x'ela sempr'andou.

Mãefestou-se, ca diz que s'achou
pecador muit'e, porém, rogador
foi log'a Deus, ca teve por melhor
de guardar a El ca o que a guardou.
E mentre viva diz que quer teer
um clérigo, com que se defender
possa do demo, que sempre guardou.

E pois que bem seus pecados catou,
de sa mort' ouv'ela gram pavor
e d'esmolnar ouv'ela gram sabor.
E logo entom um clérigo filhou
e deu-lhe a cama em que o sol jazer.
E diz que o terrá mentre viver,
e esta fará; todo por Deus filhou.

E pois que s'este preto começou,
antr' eles ambos ouve grand'amor.
Antr'el á sempr'o demo maior
atá que se Balteira confessou.
Mais pois que viu o clérigo caer,
antr' eles ambos ouv'i a perder
o demo, dês que s'ela confessou.

- Nome da pessoa satirizada é identificado;
- Nas cantigas de escárnio, o nome não é revelado;
- Cantiga de maldizer;
- Má reputação;
- Contrapondo-se ao amor cortês;
- Jogo de palavras: “teve um clérigo em seu poder”: aproximou-se da religião *versus* romance com o padre (sentido reforçado na terceira estrofe);
- Crítica direta, em forma de zombaria;
- Linguagem grosseira.



APÊNDICE B – ATIVIDADES AVALIATIVAS (CRONOGRAMA)

Atividades

02/10 – Releitura de uma cantiga;

16/10 – 19/10 – Roteiro de leitura;

30/10 – 09/11 - Criação do texto gênero lírico;

09/11 – Revisão para a prova;

13/11 – Prova.

11.1.2 Plano de aula 2 – 28/09/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 40min.

II TEMA

Trovadorismo, com foco nas cantigas, relacionando-as com canções contemporâneas.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação de novos conteúdos, a partir do conhecimento produzido cientificamente pela sociedade. Ampliar o repertório de estratégias e métodos de interpretação de textos por parte dos educandos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Comparar as cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer.
- Ler e interpretar textos relacionados aos gêneros lírico e satírico.
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Sintetização dos conteúdos apresentados na última aula (características do Trovadorismo e de cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer).

V METODOLOGIA

Inicialmente, entregaremos um *handout* sintetizando os conteúdos arrolados na última aula: as principais características do movimento literário Trovadorismo e das cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer. Após, faremos uma atividade em que os alunos terão de ler cantigas de diferentes tipos, classificando-as, com auxílio do *handout*. Por fim, ocorrerá uma atividade sobre canções contemporâneas, com foco no eu lírico.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

Em um primeiro momento, essa aula será expositiva. Partindo dessa premissa, a avaliação se dará a partir do interesse e da interação dos alunos nos conteúdos ministrados. Em um segundo momento, a avaliação se dará a partir das atividades propostas.

VIII REFERÊNCIAS

AFONSO, D. Dom Afonso X. **Língua Portuguesa: Trovadorismo**. Disponível em: <<http://mundolettras2009.blogspot.com/2015/01/exerciciotrovadorismo.html>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BONAVAL, B. de. Bernal de Bonaval. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://www.cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1083>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BUARQUE, C. **Olhos nos olhos**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/65962/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

BURGALÊS, P. G. Pero Garcia Buralês. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <www.cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1411>. Acesso em: 28 set. 2018.

CAZUZA. **Exagerado**. Disponível em: <<https://www.letras.mus.br/cazuza/43861/>>. Acesso em: 28 set. 2018.

CODAX, M. Martim Codax. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1314>>. Acesso em: 28 set. 2018.

DINIS, D. D. Dinis. **Sentir Português**. 2017. Disponível em: <<https://sentirportugus.blogspot.com/2014/10/analise-da-cantiga-ai-flores-ai-flores.html>>. Acesso em: 28 set. 2018.

GUILHADE, J. G. de. João Garcia de Guilhade. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1520>>. Acesso em: 28 set. 2018.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Entrega e discussão do <i>handout</i>	10min
Atividade sobre cantigas e correção	15min
Atividade sobre canções atuais e correção	15min

APÊNDICE A – *HANDOUT* TROVADORISMO



Cantiga de amigo	Cantiga de amor	Cantiga de escárnio	Cantiga de maldizer
Gênero lírico	Gênero lírico	Gênero satírico	Gênero satírico
Eu-lírico feminino	Eu-lírico masculino	Eu-lírico masculino	Eu-lírico masculino
Autoria masculina	Autoria masculina	Autoria masculina	Autoria masculina
Saudade do amigo/amado	Amor cortês	Ironia	Palavras ofensivas
Amor natural e espontâneo	Mulher idealizada e distante	Crítica indireta	Crítica direta

APÊNDICE B - ATIVIDADE SOBRE CANTIGAS

Atividade

Ai ondas que eu vim ver,
Se me ~~saberedes~~ dizer
Por que tarda meu amigo sem mim?

Ai ondas que eu vim mirar,
Se me ~~saberedes~~ contar
Por que tarda meu amigo sem mim?

☐) Cantiga de amigo

☐) Cantiga de amor

☐) Cantiga de escárnio

☐) Cantiga de maldizer

Trovas não fazeis como provençal
Mas como ~~Bernaldo~~ o de Bonaval
O vosso trovar não é natural.
Ai de vós, como ele e o demo aprendestes.
Em trovardes mal vejo eu o sinal
Das loucas ideias em que empreendestes.

☐) Cantiga de amigo

☐) Cantiga de amor

☐) Cantiga de escárnio

☐) Cantiga de maldizer

A dona que eu am'e tenho por senhor
~~amostrade-mi-a~~, Deus, se vos ~~en~~ prazer
for,
~~senom dade-mi~~ a morte.

A que ~~tenh'e~~u por lume destes olhos meus
e por que choram ~~senor~~, ~~amostrade-mi-a~~,
Deus,
~~senom dade-mi~~ a morte.

☐) Cantiga de amigo

☐) Cantiga de amor

☐) Cantiga de escárnio

☐) Cantiga de maldizer

Ai, dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv[o] em meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

- ☐) Cantiga de amigo
- ☐) Cantiga de amor
- ☐) Cantiga de escárnio
- ☐) Cantiga de maldizer

Ai flores, ai, flores do verde pino,
se sabedes novas do meu amigo?
ai, Deus, e u é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?
ai, Deus, e u é?

- ☐) Cantiga de amigo
- ☐) Cantiga de amor
- ☐) Cantiga de escárnio
- ☐) Cantiga de maldizer

Roi queimado morreu con amor
Em seus cantares por Sancta Maria
por ua dona que gran bem queria
e por se meter por mais trovador
porque lhela non quis [o] benfazer
fez-se en seus cantares morrer
mas ressurgiu depois ao terçer dia!

- ☐) Cantiga de amigo
- ☐) Cantiga de amor
- ☐) Cantiga de escárnio
- ☐) Cantiga de maldizer

De um certo cavalheiro sei eu, por caridade
Que nos ajudaria a matar tal saudade.
Deixai-me que vos diga em nome da verdade:
Não é rei, nem é conde, mas outra potestade,
Que não direi, que não direi, que não direi...

- ☐) Cantiga de amigo
- ☐) Cantiga de amor
- ☐) Cantiga de escárnio
- ☐) Cantiga de maldizer

APÊNDICE C - ATIVIDADE SOBRE CANÇÕES CONTEMPORÂNEAS

Exagerado - Cazuza

Amor da minha vida
Daqui até a eternidade
Nossos destinos foram traçados
Na maternidade

Paixão cruel, desenfreada
Te trago mil rosas roubadas
Pra desculpar minhas mentiras
Minhas mancadas

Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado

Eu nunca mais vou respirar
Se você não me notar

Eu posso até morrer de fome
Se você não me amar

Por você eu largo tudo
Vou mendigar, roubar, matar
Até nas coisas mais banais
Pra mim é tudo ou nunca mais

Exagerado
Jogado aos teus pés
Eu sou mesmo exagerado
Adoro um amor inventado

Que por você eu largo tudo
Carreira, dinheiro, canudo
Até nas coisas mais banais
Pra mim é tudo ou nunca mais

Para refletir

- A) Retirem todas as marcas que evidenciam o eu-lírico e, em seguida, caracterizem-no.
- B) Compare a música “Exagerado”, de Cazuza, com as cantigas de amor: o que há em comum?

Olhos nos olhos – Chico Buarque

Quando você me deixou, meu bem
Me disse pra ser feliz e passar bem
Quis morrer de ciúme, quase enlouqueci
Mas depois, como era de costume, obedeci

Quando você me quiser rever
Já vai me encontrar refeita, pode crer
Olhos nos olhos, quero ver o que você faz
Ao sentir que sem você eu passo bem demais

E que venho até remoçando

Me pego cantando
Sem mais nem porquê
E tantas águas rolaram
Quantos homens me amaram
Bem mais e melhor que você

Quando talvez precisar de mim
Cê sabe que a casa é sempre sua, venha sim
Olhos nos olhos, quero ver o que você diz
Quero ver como suporta me ver tão feliz.

Para refletir

- a) A partir da leitura da canção acima, você acredita que o eu-lírico seja feminino ou masculino? Por quê?
- b) Caracterizem esse eu-lírico (como ele é, como age...).
- c) Há constante referência a um outro ser, com quem ele “fala”. Caracterizem esse ser.
- d) Por que “olhos nos olhos”? Comente.

11.1.3 Plano de aula 3 – 02/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

Trovadorismo, com foco nas cantigas.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Proporcionar ao educando a consolidação de conhecimentos adquiridos durante as aulas anteriores. Contribuir de forma significativa para a formação intelectual e subjetiva do sujeito, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos dos jovens no universo literário. Espera-se, ainda, ampliar o conhecimento de métodos de elaboração e interpretação de textos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Desenvolver, através de (re)escritas, a construção e aprofundamento de conhecimentos gramaticais previamente trabalhados em sala.
- Contribuir para a capacidade de (re)elaboração e (re)interpretação de textos.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Cantigas de amor, amigo, escárnio e maldizer, que foram estudadas ao longo das aulas anteriores.

V METODOLOGIA

Os alunos receberão quatro cantigas impressas - de amor, amigo, escárnio e maldizer - e terão de selecionar uma, ressignificando a linguagem para os dias atuais. Cabe ressaltar que o suporte adotado para essa produção é definido pelo estudante (poesia, música, crônica, desenho ou teatro).

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

O aluno deve ter clareza sobre o que tem a dizer acerca da atividade proposta, reconhecendo o lugar social de que fala, para quem é endereçado seu texto e os mecanismos composicionais que utilizará (BRASIL, 2018). Avaliaremos, neste exercício, a forma com que o aluno se apropriou dos conteúdos lecionados e a maneira com que ressignificou e reestruturou as cantigas, além de questões gramaticais, que permeiam toda a produção textual.

VIII REFERÊNCIAS

ESGARAVUNHA, F. G. Fernão Garcia Esgaravunha. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=220&pv=sim>>. Acesso em: 04 set. 2018.

PADROZELOS, M. Martin Padrozelos. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1271&pv=sim>>. Acesso em: 04 set. 2018.

GUILHADE, J. G. João Garcia de Guilhade. **Cantigas Medievais Galego-Portuguesas**. 2012. Disponível em: <<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=1533&pv=sim>>. Acesso em: 04 set. 2018.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Atividade de releitura	1h20min

ANEXO A – SUPORTE PARA A PRIMEIRA ATIVIDADE AVALIATIVA



Cantiga de amor

Fernão Garcia Esgaravunha

A melhor dona que eu nunca vi,
per bõa fé, nem que oí dizer,
e a que Deus fez melhor parecer,
mia senhor est, e senhor das que vi,
de mui bom preço e de mui bom sem,
per bõa fé, e de tod'outro bem
de quant'eu nunca doutra dona oí.

E bem creede, de pram, que é 'ssi,
e será já, enquant'ela viver,
e quen'a vir e a bem conhecer,
sei eu, de pram, que dirá que é 'ssi.

Ainda vos de seu bem mais direi:
é muit'amada, pero que nom sei
quen'a tam muito ame come mim.

E por tod'esto mal dia naci,
porque lhe sei tamanho bem querer,
como lh'eu quer'e vejo-me morrer,
e non'a vej', e mal dia naci!
Mais rog'a Deus, que lhe tanto bem fez,
que El me guise com'algũa vez
a veja ced', u m'eu dela parti,
com melhor coração escontra mim.

Cantiga de Amigo

Martim Padrozelos

Ai meu amigo, coitada
vivo, porque vos nom vejo,
e, pois vos tanto desejo,
em grave dia foi nada
se vos cedo, meu amigo,
nom faço prazer e digo.

Pois que o cendal venci
de parecer em Valongo,
se m'ora de vós alongo,
em grave dia naci
se vos cedo, meu amigo,
nom faço prazer e digo.

Por quantas vezes pesar
vos fiz de[s] que vos amei,
algũa vez vos farei
prazer, e Deus nom m'ampar
se vos cedo, meu amigo,
nom faço prazer e digo.



Cantiga de maldizer

João Garcia de Guilhade

A Dom Foam quer'eu gram mal
e quer'a sa molher gram bem;
gram sazom há que m'est'avém
e nunca i já farei al;
ca, des quand'eu sa molher vi,
se púdi, sempre a servi
e sempr'a ele busquei mal.

Quero-me já maenfestar,
e pesará muit'[a] alguém,
mais, sequer que moira por en,
dizer quer'eu do mao mal
e bem da que mui bõa for,
qual nom há no mundo melhor,

quero-[o] já maenfestar.

De parecer e de falar
e de boas manhas haver,
ela, nõn'a pode vencer
dona no mund', a meu cuidar;
ca ela fez Nostro Senhor
e el fez o Demo maior,
e o Demo o faz falar.

E pois ambos ataes som,
como eu tenho no coração,
os julg'Aquel que pod'e val.

Cantiga de Escárnio

João Garcia de Guilhade

Ai dona fea, fostes-vos queixar
que vos nunca louv'en[o] meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
em que vos loarei todavia;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus mi perdom,
pois havedes [a]tam gram coração
que vos eu loe, em esta razom

vos quero já loar todavia;
e vedes qual será a loaçom:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, nunca vos eu loei
em meu trobar, pero muito trobei;
mais ora já um bom cantar farei
em que vos loarei todavia;
e direi-vos como vos loarei:
dona fea, velha e sandia!

11.1.4 Plano de aula 4 – 05/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 40min

II TEMA

Trovadorismo, com foco nos romances de cavalaria.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido cientificamente pela sociedade. Contribuir para a formação intelectual e subjetiva do sujeito, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos dos jovens no universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos e ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de interpretação de textos, com o auxílio de suportes tecnológicos – computador, *Datashow* e apresentação no formato PowerPoint.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, pautado no enriquecimento cultural e intelectual dos sujeitos – alunos.
- Ler e interpretar textos relacionados ao gênero literário narrativo.

- Reconhecer a presença de valores no patrimônio literário através de obras trovadorescas.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Novelas de cavalaria.

V METODOLOGIA

Em um primeiro momento, entregaremos a atividade avaliativa (corrigida e comentada), realizada na última aula (02/10/2018). Apresentaremos, com a ajuda de *slides*, as principais características das novelas de cavalaria, focando em sua estrutura. Após, para exemplificar, contextualizaremos a obra *Amadis de Gaula*, seguida por um trecho e, por fim, o mesmo ocorrerá com *A Demanda do Santo Graal* e *Tristão e Isolda*. Com o intuito de explorarmos a intertextualidade, apresentaremos filmes, séries e curtas-metragens inspirados em *O Rei Arthur*. Após, para que os alunos tenham contato com ao menos um dos romances, terão acesso ao livro *Três grandes cavaleiros da Távola Redonda: Lancelot, Tristão e Percival*, de Howard Pyle. Ao final da apresentação, exibiremos um trecho da série *Game of Thrones*, que retrata os conflitos medievais. Entregaremos para os alunos um *handout*, contendo as principais ideias dialogadas até o momento.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Computador.
- *Datashow*.
- Caixas de som.

VII AVALIAÇÃO

Sabe-se que a principal função da avaliação é verificar o que o aluno aprendeu (WOOLFOLK, 2000). Entretanto, nesta aula, a verificação dos conhecimentos adquiridos não ficará restrita a uma avaliação nos moldes tradicionais, porque os alunos estarão constantemente sendo avaliados através de leituras, debates e participação efetiva.

VIII REFERÊNCIAS

BEDIER, J. **O romance de Tristão e Isolda**. 6ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BERNARDI, E. **Daenerys dracarys, battle 1/3 - Game of Thrones**. (5min12seg). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=EJB00TP2jew>>. Acesso em: 03 out. 2018.

BLECUA, J. M. C. **Amadis de Gaula**. 2ed. Madrid: Ediciones Cátedra, 1996. Disponível em: <http://helenabarbas.net/BiblioLus/Textos/Amadis_1_GVLopes.pdf>. Acesso em: 03 out. 2018.

MEGALE, H. **A Demanda do Santo Graal**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

PYLE, H. **Rei Arthur e Os Cavaleiros da Távola Redonda: Lancelot, Tristão e Percival** (edição comentada e ilustrada). Rio de Janeiro: Zahar, 2013.




SARAIVA, A.J. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

WOOLFOLK, A. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 481-514.


IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Apresentação dos romances de cavalaria	15min
Apresentação e leitura de trechos de <i>Amadis de Gaula</i> , <i>A Demanda do Santo Graal</i> e <i>Tristão e Isolda</i>	20min
Vídeo de <i>Game of Thrones</i>	5min





APÊNDICE A – HANDOUT TROVADORISMO 2



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



TROVADORISMO



DEFINIÇÃO

Conjunto de manifestações literárias que ocorreram na Idade Média, época em que predominou o Feudalismo como sistema sociopolítico. O Trovadorismo é considerado pelos estudiosos como o primeiro movimento literário da Língua Portuguesa (na época conhecida como galego-português) e está, diretamente, relacionado à organização de Portugal como reino independente.

MARCO INICIAL

Define-se como marco inicial do Trovadorismo em Portugal o ano de 1189, quando o trovador Paio Soares de Taveirós apresenta a “Cantiga da Ribeirinha”. O movimento se estende até 1418.

CARACTERÍSTICAS DA PRODUÇÃO LITERÁRIA DA ÉPOCA

As poesias desse período eram compostas por poetas/trovadores, geralmente de origem nobre. Eram apresentadas ao público em sua forma cantada, com auxílio de instrumentos musicais (alaúde, viola, lira, harpa, entre outros). Justamente por isso, tais produções passaram a se chamar cantigas e foram reunidas em Cancioneiros.

GÊNEROS DA POESIA TROVADORESCA

A poesia trovadoresca divide-se em dois gêneros básicos: o **lírico**, que engloba as Cantigas de Amor e as Cantigas de Amigo; e o **satírico** em que se inscrevem as Cantigas de Escárnio e as Cantigas de Maldizer.

CARACTERÍSTICAS DAS CANTIGAS

- ➔ **Cantigas de Amor:** eu-lírico masculino – poesias escritas para a mulher amada. Nesse tipo de cantiga, o homem revela-se bastante submisso à mulher, assumindo a condição de vassalo. Retratam, geralmente, um amor idealizado, distante e nunca correspondido.
- ➔ **Cantigas de Amigo:** eu-lírico feminino, embora fossem escritas por homens. São produções mais populares, com inclinações de literatura oral; retratam, geralmente, os anseios e dissabores ocasionados pela ausência do homem amado. Nesse contexto, o termo “amigo” deve ser entendido como “namorado”.
- ➔ **Cantigas de Escárnio:** produzidas com intuito de zombar de uma pessoa em específico. As críticas apresentavam-se de forma indireta e o destinatário da sátira dificilmente era citado, uma vez que se exploravam jogos de linguagem, como a ambiguidade (o duplo sentido).
- ➔ **Cantigas de Maldizer:** também com teor satírico e feitas para zombar de alguém, traziam críticas agressivas e diretas. Além de geralmente citar o nome do destinatário, eram utilizadas palavras de baixo calão.

Este material foi produzido no âmbito do Estágio I – 2018/2 (UFSC/IEE) com base em: SPINA, S. *Presença da literatura: era medieval*. São Paulo: Difel, 1986.

APÊNDICE B – APRESENTAÇÃO DE *SLIDES*



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV)
Departamento de Metodologia de Ensino (MEN)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Instituto Estadual de Educação (IEE)
Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I



Aula quatro

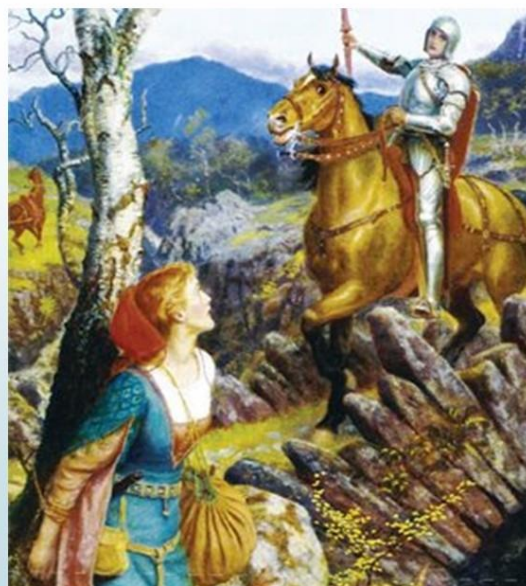
Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

Novela de cavalaria

- Gênero literário escrito em prosa, típico da Idade Média;
- Narrada em capítulos;
- Popular em Portugal, Espanha, Inglaterra, França e Itália;
- Personagens: cavaleiros, heróis e donzelas;
- Relatavam, em sua maioria, grandes aventuras e atos de coragem dos cavaleiros medievais;
- Os acontecimentos tinham mais importância do que os personagens.



- Amor cortês;
- Fim trágico;
- Provação da honra, lealdade e coragem do cavaleiro - apresentação de códigos de conduta dos cavaleiros;
- Violência;
- Referências a períodos históricos e míticos;
- Uso de locais imaginários, como terras fantásticas e míticas;
- Moral cristã - visão teocêntrica.



Principais romances de cavalaria:

- Amadís de Gaula;
- A Demanda do Santo Graal;
- Tristão e Isolda.

Principais autores:

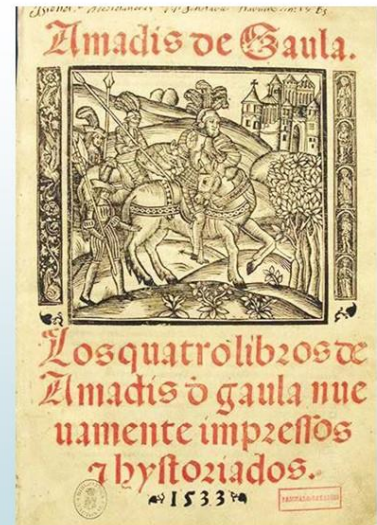
- João de Lobeira;
- Jorge Ferreira de Vasconcelos;
- Francisco de Moraes Cabral;
- Marion Zimmer Bradley.

A maioria das novelas de cavalaria tem autoria desconhecida!



Amadis de Gaula

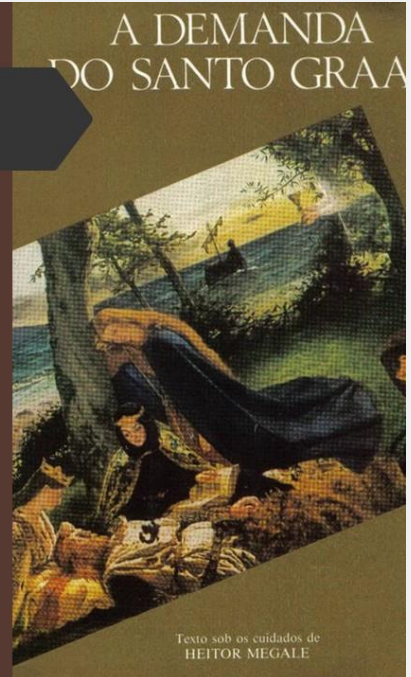
- Amadis foi abandonado pelos pais e salvo por uma família;
 - Com sete anos, foi escolhido para ser pajem (empregado) de Oriana, filha do Rei D. Lisuarte, da Grã-Bretanha;
 - Apaixona-se pela moça secretamente;
 - Enfrenta o terrível monstro Endriago, matando-o, dentre outras aventuras;
 - O rei afasta Amadis de Oriana e tenta casá-la com um inimigo do herói;
 - Amadis acaba morto em combate;
- Oriana, ao ver a morte de Amadis, atira-se e morre.



“E, metendo a espada na bainha, foi-se a um arvoredor, onde estava uma donzela mui formosa que lhe deu um escudo e uma lança, e deitou-se a correr contra Gandales, e Gandales a ele, e feriram-se com as lanças nos escudos, de tal modo que voaram em pedaços; e juntaram-se então dos cavalos e dos corpos tão bravamente que caíram ambos e os cavalos com eles; e cada um se levantou o mais prestes que pôde e houveram sua batalha assim a pé; mas não durou muito, porque a donzela que fugia se meteu entre eles, e disse: – Cavaleiros, aquietai-vos! O cavaleiro que viera após ela pôs-se logo fora do combate. E ela disse-lhe: – Vinde à minha obediência!”

A Demanda do Santo Graal

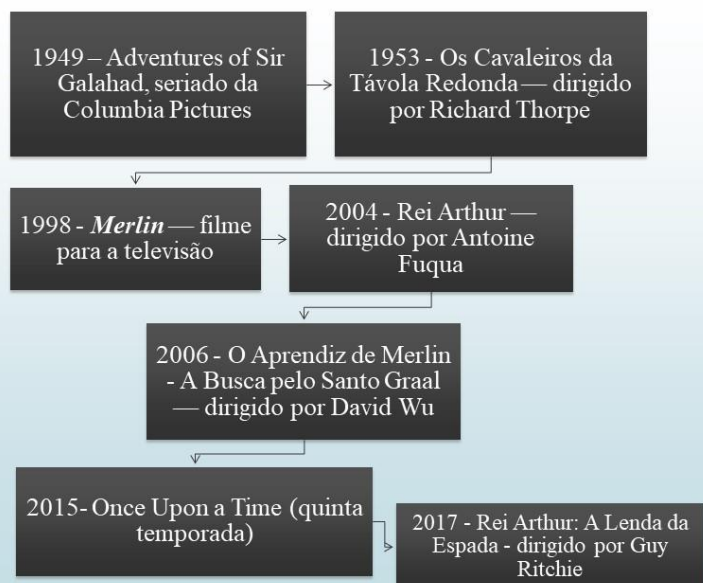
- No texto, o mais importante é a busca dos cavaleiros pelo Santo Vaso, o Graal, o cálice bebido por Cristo na Última Ceia, cujo sangue foi recolhido por José de Arimatéia após a crucificação e levado para a Inglaterra.
- Os únicos cavaleiros que conseguem são Galaaz, Boorz e Percival. Desses, Galaaz é o mais importante, pois ele é o homem visto como perfeito, virgem, capaz de vitórias impossíveis, bom e um exímio cavaleiro; os outros, são pecadores;
- A pureza dos cavaleiros é essencialmente relacionada à sua relação com o feminino.



“[...] E depois que observou muito tempo pela admiração que teve de sua beleza, afastou-se um pouco, todo espantado, porque bem pareceu a ele que se todas as belezas que houve em mulheres pecadoras fossem reunidas numa só, não seria tão formosa como esta. E a donzela abriu os olhos, e quando o viu diante de si, ergueu-se como espantada e disse:

- - Ai, senhor! E quem sois que aqui entrastes armado?
- - Donzela, disse ele, sou um cavaleiro andante, e a ventura me trouxe aqui. Não tenhais pavor de mim, porém tenho gosto em vos olhar, porque se vos olho, não é de admirar, porque Deus me ajude, sois a mais formosa pessoa que alguma vez vi.”

Baseado em Rei Artur...



Tristão e Isolda

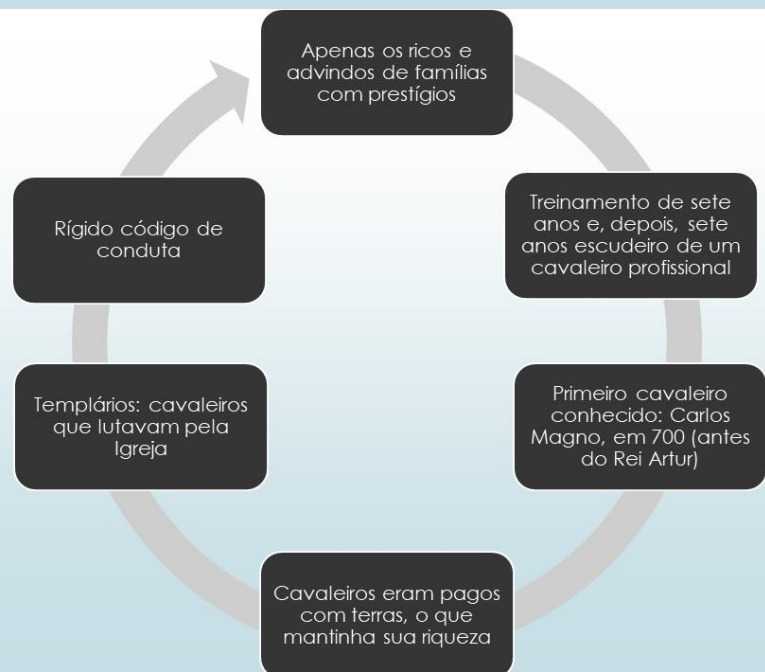
- História lendária sobre o trágico amor entre o cavaleiro Tristão e a princesa Isolda;
- Tristão viaja à Irlanda para trazer a princesa Isolda para casar com seu tio, Marcos; no caminho, bebem uma poção de amor e se apaixonam;
- Isolda casa com Marcos e Tristão casa com outra princesa (que também chama Isolda), mas continuam se amando;
- Tristão é ferido por uma lança e manda chamar Isolda para curá-lo; sua mulher faz com que ele acredite que ela não virá. Ele, então, morre e Isolda morre após vê-lo.

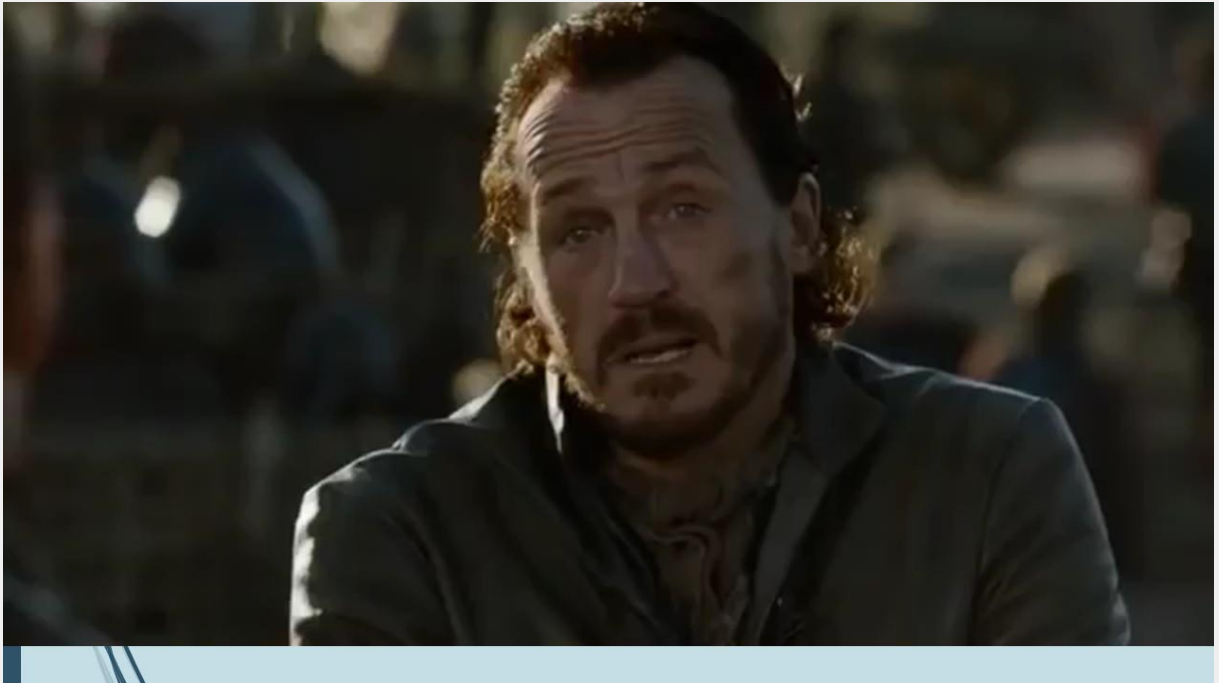


“- Senhora, levantai-vos e deixai que me aproxime. Tenho mais direito de chorar do que vós. Acreditai-me. Amei-o mais.

Ela voltou-se para o oriente e orou a Deus. Em seguida, descobriu um pouco o corpo, estendeu-se junto dele, em todo o comprimento do seu amigo. Beijou-o na boca e no rosto e o abraçou bem apertado: corpo contra corpo, boca contra boca, assim ela entregou sua alma. Morreu junto dele, de dor por seu amigo.”

Para se tornar um cavaleiro...





11.1.5 Plano de aula 5 – 09/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

Introdução ao período literário Humanismo e ao gênero Teatro.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir para a formação intelectual e subjetiva do aluno, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos no universo literário através de diferentes períodos e gêneros; apresentar e comparar as obras com o momento de sua produção, caracterizando-as através de aspectos do contexto histórico, social e político.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar a estrutura do gênero literário dramático.
- Ler e interpretar textos relacionados ao gênero dramático.
- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Contribuir para a capacidade de interpretação de textos.
- Conduzir os alunos à reflexão através de diferentes textos, gêneros e obras, tanto do *grande tempo*, quanto da atualidade.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Gênero do discurso Teatro.
- Ler e discutir trechos de *Juiz de Paz na Roça*, de Martins Pena.
- Ler e discutir trechos de *Farsa de Inês Pereira*.
- Ler e discutir trechos de *O Velho da Horta*.
- Introdução ao período literário Humanismo.

V METODOLOGIA

Em um primeiro momento, os alunos farão uma atividade relativa ao período literário Trovadorismo, com foco nas cantigas e nas novelas de cavalaria. Após, introduziremos o gênero Teatro através de apresentação de *slides*, pontuando as principais características. Após exemplificaremos com algumas peças atuais e outras pertencentes ao *grande tempo* - como *Hamlet*, de Shakespeare -. Com o intuito de reconhecer o gênero, os alunos lerão trechos pré-estabelecidos de *Juiz de Paz na Roça* (Martins Pena). Posteriormente, o foco estará especificamente nos teatros medievais, caracterizando-os e exemplificando-os, através da leitura de *Farsa de Inês Pereira* e *O Velho da Horta*. Delinearemos, então, um dos principais autores dessa época - Gil Vicente - através de uma (breve) apresentação de sua biografia. Para finalizar, introduziremos o período literário Humanismo.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Computador;
- *Datashow*;
- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

Luckesi (1996, p.33) define a avaliação como “um juízo de qualidade sobre dados relevantes para uma tomada de decisões”. Para o autor, o ato de avaliar não tem como objetivo alcançar um julgamento definitivo, porque se destina ao diagnóstico e à inclusão. Assim, nesta aula, a avaliação será pautada em observar como os alunos estabelecem pontes entre o *grande tempo* e a atualidade., valorizando a sua interação com o conteúdo proposto.

VIII REFERÊNCIAS

AMORA, A.S. **Presença da literatura portuguesa (história e antologia)**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1961.

LUCKESI, C. C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1996.

PENA, M. **Juiz de Paz na Roça**. São Paulo: LGE, 2006[1838].

VICENTE, G. **Farsa de Inês Pereira**. São Paulo: OPSIS MULTIMÍDIA, 1998. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000111.pdf>> Acesso em: 10 de out. 2018.

VICENTE, G. **O Velho da Horta**. 16ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Atividade – revisão Trovadorismo (cantigas e novelas de cavalaria)	25min.
Apresentação do gênero Teatro, através de <i>slides</i> , e leitura de <i>Juiz de Paz na Roça</i> (Martins Pena)	20min
Teatros medievais: leitura de <i>Farsa de Inês Pereira</i> e <i>O Velho da Horta</i> e apresentação de Gil Vicente	25min
Apresentação do período Humanismo	10min

APÊNDICE A – ATIVIDADE SOBRE CANTIGAS E NOVELAS DE CAVALARIA

1) Sobre o “Trovadorismo”, julgue as afirmativas a seguir:

- a. () As novelas de cavalaria, gênero literário escrito em prosa na Idade Média, são geralmente longas e narradas em capítulos.
- b. () Nas cantigas de amigo, o trovador escreve o poema do ponto de vista feminino.
- c. () As novelas de cavalaria contavam com cavaleiros aventureiros que buscavam proteger a amada (amor cortês), além de apresentarem, quase que sempre, um final feliz.
- d. () Os romances de cavalaria exibiam um código de conduta próprio dos cavaleiros medievais (provação de honra, lealdade e coragem).
- e. () Muitas cantigas trovadorescas foram reunidas em livros ou coletâneas, que receberam o nome de cancioneiros.
- f. () Não é possível encontrar traços das novelas de cavalaria da Idade Média em produções da atualidade.
- g. () As cantigas não eram apresentadas acompanhadas de instrumentos musicais e/ou coro vocálico.
- h. () Quando as novelas de cavalaria começaram a ser escritas, a moral cristã não estava tão presente; por conta disso, pode-se dizer que, na época, a razão prevalecia (antropocentrismo).
- i. () Uma das mais importantes histórias de cavalaria é a do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda.
- j. () As cantigas de amigo têm certa dose de erotismo.

2) Quais são as principais semelhanças e diferenças entre as cantigas e as novelas de cavalaria?

3) Nas mais importantes novelas de cavalaria que circularam na Europa medieval, principalmente como propaganda das Cruzadas, sobressaem-se:

- a) as namoradas sofredoras, que fazem bailar para atrair o namorado ausente.
- b) os cavaleiros medievais, concebidos segundo os padrões da Igreja Católica (por quem lutam).
- c) as namoradas castas, fiéis, dedicadas, dispostas a qualquer sacrifício para ir ao encontro do amado.
- d) os namorados castos, fiéis, dedicados que, entretanto, são traídos pelas namoradas sedutoras.
- e) os cavaleiros sarracenos, escravos e infiéis, inimigos da fé cristã.

APÊNDICE B – APRESENTAÇÃO DE *SLIDES*



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV)
Departamento de Metodologia de Ensino (MEN)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Instituto Estadual de Educação (IEE)
Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I



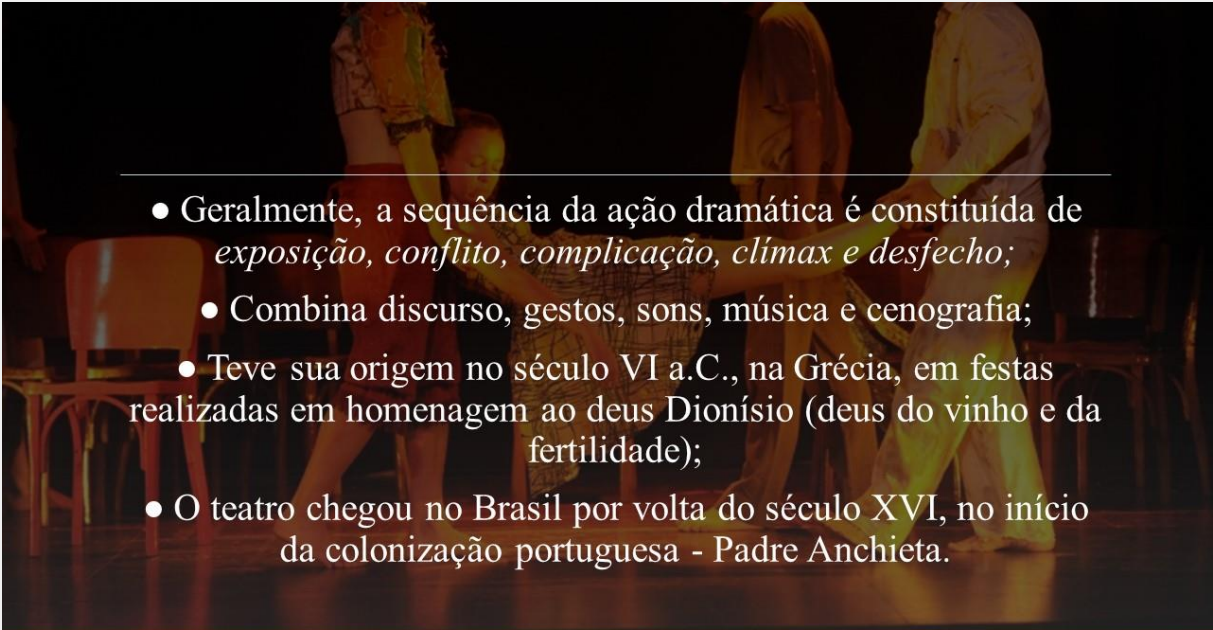
AULA CINCO

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes



Gênero dramático

- Para ser representado em um palco - Teatro;
- Não há narrador – ações em cena se desenvolvem por meio dos artistas;
- Pode fazer uso de cenários;
- Interpretação dos artistas: voz, gestual, expressividade;
- Diálogo como elemento essencial;
- Usual: peças escritas em prosa;
- Drama do homem comum;
- Herói problema *versus* herói épico.

- 
-
- Geralmente, a sequência da ação dramática é constituída de *exposição, conflito, complicação, clímax e desfecho*;
 - Combina discurso, gestos, sons, música e cenografia;
 - Teve sua origem no século VI a.C., na Grécia, em festas realizadas em homenagem ao deus Dionísio (deus do vinho e da fertilidade);
 - O teatro chegou no Brasil por volta do século XVI, no início da colonização portuguesa - Padre Anchieta.

Teatro:

“um texto [...] encenado em que os diálogos são os que mais bem imitam as situações reais. Neles, os personagens conversam entre si para dar ao espectador a sensação de estar dentro da cena. [...] A maneira como as coisas são ditas permite ao leitor fazer inferências sobre as características de cada personagem e compreender os conflitos da trama.”

COSTA, S. R. **Dicionário de Gêneros Textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p.146.

Para exemplificar...

Romeu e Julieta (Shakespeare);
Sonho de uma noite de verão (Shakespeare);
Quebra nozes (Tchaikovsky);
O Lago dos Cisnes (Tchaikovsky);
Auto da Compadecida (Ariano Suassuna);
Esperando Godot (Samuel Becket);
Beijo no Asfalto (Nelson Rodrigues);
Vai que Cola (Multishow);
Sai de Baixo (Rede Globo).



Juiz de Paz na Roça (1838) – Martins Pena

Primeira comédia de costumes do teatro brasileiro

Crítica as convenções sociais, o casamento, a família, o governo e satiriza figuras como padres, juízes, políticos inescrupulosos e novos ricos

Aninha e José amam-se e planejam casar em segredo, mas José é capturado para tornar-se soldado contra a Revolução Farroupilha

Ato único com 23 cenas



Teatros medievais

- a) **Auto** – representação de curta duração;
- b) **Farsa** – história de cotidiano;
- c) **Romanescos** – novelas de cavalaria;
- d) **Fantasia alegórica** – personagens alegóricos (normalmente Estado ou clero).



Na Idade Média, havia dois tipos de encenação:

1. Religiosas

Mistério: Natal ou Páscoa; Jesus Cristo;

Milagre: Narração de algum milagre;

Moralidade: Moralizar costumes.

2. Profanas

Arremedilho: Imitação cômica de pessoas/acontecimentos;

Momo: Personagens usando máscaras – encenações carnavalescas.



Farsa de Inês Pereira (1523) Gil Vicente

Inês busca desesperadamente um marido e encontra Pero Vaz, mas não se apaixona, porque ele não sabia cortejá-la;

Casa-se, então, com o escudeiro Braz da Mata, que está na guerra e a prende em casa;

Inês fica viúva;

Casa com Pero Vaz por insistência da Corte; além disso, ele prometeu deixá-la livre;

Pero ingenuamente ajuda Inês a encontrar o amante.

Gil Vicente

Nasceu entre 1465 e 1466 e morreu entre 1536 e 1540;

Funcionário da Coroa, pai e Cristão;

Escreveu peças teatrais e alguns poemas;

Considerado o criador do Teatro em Portugal;

Transição entre a Idade Média teocêntrica e Idade Moderna renascentista e antropocêntrica.



O teatro de Gil Vicente

O Teatro Vicentino, teve origem em 1502 com *O Monólogo do Vaqueiro*;

Distanciou-se das regras orientadas do Teatro Grego (ação-tempo-espço);

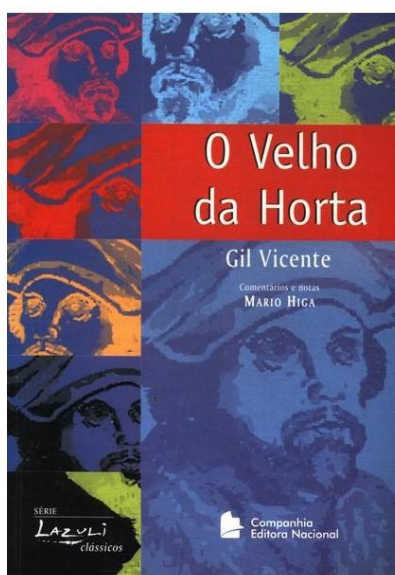
Suas peças possuem um forte teor satírico - criticou a nobreza, o clero e o povo;

Linguagem é variada - tipos sociais próximos do público;

Diálogos dinâmicos – ditos e expressões populares;

Fatos e acontecimentos contemporâneos;

Há presença de cantigas em algumas de suas peças.



O Velho da Horta – Gil Vicente

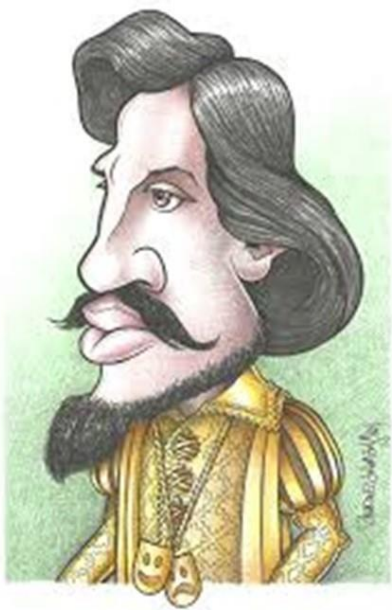
Velho hortelão que recebe a visita de uma moça, que lhe vem comprar hortalças;

Encanta-se com a beleza da moça e passa a persegui-la;

Alcoviteira para ajudá-lo a conquistar a moça; Ela o engana e ele perde todo seu dinheiro;

Fim: o velho pobre e arrependido *versus* a jovem casando-se com um belo rapaz;

Visão moralista do autor.



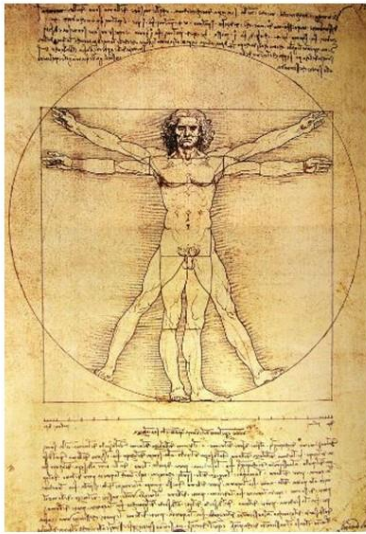
Julgue as afirmativas a seguir:

- () Gil Vicente não praticou a lei das três unidades, tradição do Teatro Grego.
- () O teatro vicentino tem características medievais e modernas, o que levou a crítica a considerá-lo autor de transição.
- () O amor cortês é o principal tema dos teatros de Gil Vicente.
- () O humor e a atitude moralista são marcas dos textos teatrais vicentinos.
- () Crítica à nobreza, a elementos do clero e pessoas do povo.
- () Linguagem rebuscada e de difícil acesso, para dificultar a memorização.

Humanismo (1434 – 1527)

- 1 - Doutrina dos humanistas do Renascimento que ressuscitaram o culto das línguas e das literaturas antigas.**
- 2 - Culto; deificação da humanidade.**
- 3 - Doutrina centrada no homem ou na humanidade.**

Dicionário Aurélio



Contexto histórico

Transição entre a Idade Média e a Idade Moderna;

Antropocentrismo, cientificismo e racionalismo – Renascimento;

Convivência de elementos espiritualistas e terrenos;

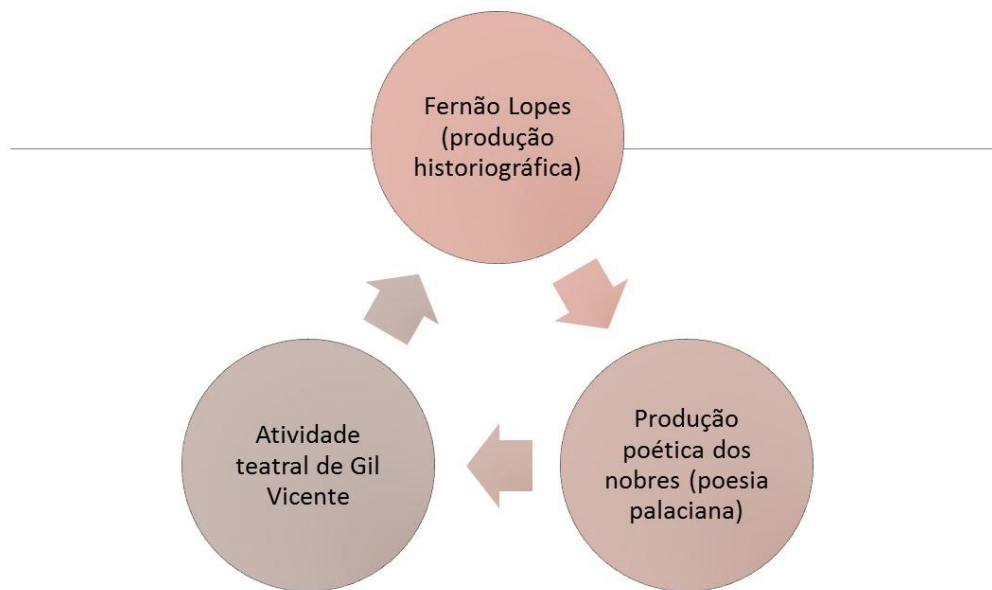
Descentralização do conhecimento (Igreja);

Decadência do Feudalismo e o florescimento das cidades europeias;

Desenvolvimento do comércio e o surgimento da burguesia;

Expansão marítima;

Produções literárias diferentes do lirismo (cantigas).



ANEXO A – TRECHOS DE *JUIZ DE PAZ NA ROÇA*, DE MARTINS PENA

Ato único CENA I

Sala com uma porta no fundo. No meio uma mesa, junto à qual estarão cosendo Maria Rosa e Aninha.

Maria Rosa – Teu pai tarda muito.

Aninha – Ele disse que tinha hoje muito que fazer.

Maria Rosa – Pobre homem! Mata-se com tanto trabalho! É quase meio-dia e ainda não voltou. Desde as quatro horas da manhã que saiu; está só com uma xícara de café.

Aninha – Meu pai quando principia um trabalho não gosta de o largar, e minha mãe sabe bem que ele tem só a Agostinho.

Maria Rosa – É verdade. Os meias-caras agora estão tão caros! Quando havia valongo eram mais baratos.

Aninha – Meu pai disse que quando desmanchar o mandiocal grande há-de comprar uma negrinha para mim.

Maria Rosa – Também já me disse.

Aninha – Minha mãe, já preparou a jacuba para meu pai?

Maria Rosa – É verdade! De que me ia esquecendo! Vai aí fora e traz dous limões.

(Aninha sai) Se o Manuel João viesse e não achasse a jacuba pronta, tínhamos campanha velha. Do que me tinha esquecido! (Entra Aninha)

Aninha – Aqui estão os limões.

Maria Rosa – Fica tomando conta aqui, enquanto eu vou lá dentro. (Sai)

Aninha, só – Minha mãe já se ia demorando muito. Pensava que já não poderia falar co senhor José, que está esperando-me debaixo dos cafezeiros. Mas como minha mãe está lá dentro, e meu pai não entra nesta meia hora, posso fazê-lo entrar aqui. (Chega à porta e acena com o lenço) Ele aí vem.

CENA II

Entra José com calça e jaqueta branca.

José – Adeus, minha Aninha! (Quer abraçá-la)

Aninha – Fique quieto. Não gosto destes brinquedos. Eu quero casar-me com o senhor, mas não quero que me abrace antes de nos casarmos. Esta gente quando vai à Corte, vem perdida. Ora diga-me, concluiu a venda do bananal que seu pai lhe deixou?

José – Concluí.

Aninha – Se o senhor agora tem dinheiro, por que não me pede a meu pai?

José – Dinheiro? Nem vintém!

Aninha – Nem vintém! Então o que fez do dinheiro? É assim que me ama? (Chora.)

José – Minha Aninha, não chores. Oh, se tu soubesses como é bonita a Corte! Tenho um projeto que te quero dizer.

Aninha – Qual é?

José – Você sabe que eu agora estou pobre como Jó, e então tenho pensado em uma cousa. Nós nos casaremos na freguesia, sem que teu pai o saiba; depois partiremos para a Corte e lá viveremos.

Aninha – Mas como? Sem dinheiro?

José – Não te dê isso cuidado: assentarei praça nos Permanentes.

Aninha – E minha mãe?

José – Que fique raspando mandioca, que é ofício leve. Vamos para a Corte, que você

verá o que é bom.

Aninha – Mas então o que é que há lá tão bonito?

José – Eu te digo. Há três teatros, e um deles maior que o engenho do capitão-mor.

Aninha – Oh, como é grande!

José – Representa-se todas as noites. Pois uma mágica... Oh, isto é cousa grande!

Aninha – O que é mágica?

José – Mágica é uma peça de muito maquinismo.

Aninha – Maquinismo?

José – Sim, maquinismo. Eu te explico. Uma árvore se vira em uma barraca; paus viram-se em cobras, em um homem vira-se em macaco.

Aninha – Em macaco! Coitado do homem!

José – Mas não é de verdade.

Aninha – Ah, como deve ser bonito! E tem rabo?

José – Tem rabo, tem.

Aninha – Oh, homem!

José – Pois o curro dos cavaleiros! Isto é que é cousa grande! Há uns cavalos tão bem ensinados, que dançam, fazem medidas, saltam, falam, etc. Porém o que mais me espantou foi ver um homem andar em pé em cima do cavalo.

Aninha – Em pé? E não cai?

José – Não. Outros fingem-se bêbados, jogam os socos, fazem exercício – e tudo isto sem caírem. E há um macaco chamado o macaco. Major, que é coisa de espantar.

Aninha – Há muitos macacos lá?

José – Há, e macacas também.

Aninha – Que vontade tenho eu de ver todas estas cousas!

José – Além disto há outros muitos divertimentos. Na Rua do Ouvidor há um cosmorama, na Rua de São Francisco de Paula outro, e no Largo uma casa aonde se veem muitos bichos cheios, muitas conchas, cabritos com duas cabeças, porcos com cinco pernas, etc.

Aninha – Quando é que você pretende casar-se comigo?

José – O vigário está pronto para qualquer hora.

Aninha – Então, amanhã de manhã.

José – Pois sim. (Cantam dentro)

Aninha – Aí vem meu pai! Vai-te embora antes que ele te veja.

José – Adeus, até amanhã de manhã.

Aninha – Olhe lá, não falte! (Sai José)

[...]

ANEXO B – TRECHO DE FARSA DE INÊS PEREIRA, DE GIL VICENTE

Põe-se Inês Pereira às costas do marido, e diz:

INÊS – Marido, assi me levade.

PÊRO – Ides à vossa vontade?

INÊS – Como estar no Paraíso!

PÊRO – Muito folgo eu com isso.

INÊS – Esperade ora, esperade!

Olhai que lousas aquelas,

Pera poer as talhas nelas!

PÊRO – Quereis que as leve?

INÊS – Si.

Uma aqui e outra aqui.

Oh como folgo com elas!

Cantemos, marido, quereis?

PÊRO – Eu não saberei entoar..

INÊS – Pois eu hei só de cantar

E vós me respondereis

Cada vez que eu acabar:

Pois assi se fazem as cousas.

Canta Inês Pereira:

INÊS – Marido cuco me levades

E mais duas lousas.

PÊRO – Pois assi se fazem as cousas.

INÊS – Bem sabedes vós, marido,

Quanto vos amo.

Sempre fostes percebido

Pera gamo.

Carregado ides, noss'amo,

Com duas lousas.

PÊRO – Pois assi se fazem as cousas.

INÊS – Bem sabedes vós, marido,

Quanto vos quero.

Sempre fostes percebido

Pera cervo.

Agora vos tomou o demo

Com duas lousas.

PÊRO – Pois assi se fazem as cousas.

E assi se vão, e se acaba o dito Auto.

ANEXO C – TRECHO *O VELHO DA HORTA*, DE GIL VICENTE

Velho – O noivo, moço tão polido,
Não tirava os olhos dela,
E ela dele. Oh que estrela!
É ele um par bem escolhido!
Ó roubado,
Da vaidade enganado,
Da vida e da fazenda!
Ó velho, siso enleado[1]
Quem te meteu desastrado
Em tal contenda?

Se os jovens amadores
Os mais têm fins desastradas,
Que farão as câs lançadas
No conto dos amadores?[2]
Que sentias,
Triste velho, em vim dos dias?
Se a ti mesmo contemplaras,
Soubera que não sabias,
E viras como não vias,
E acertaras.

Quero-me ir buscar a morte,
Pois que tanto mal busquei.
Quatro filhas que criei
Eu as pus em pobre sorte.
Vou morrer.
Elas hão de padecer,
Porque não lhes deixo nada;
De quanta riqueza e haver
Fui sem razão despender,
Mal gastada.

[1] Juízo confuso.

[2] Se até os jovens apaixonados erram, quem dirá os velhos apaixonados.

11.1.6 Plano de aula 6 – 16/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

A manifestação artística Humanismo.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido cientificamente pela sociedade; auxiliar na construção da identidade social dos estudantes na perspectiva do pleno exercício da cidadania; contribuir de forma significativa para a formação intelectual e subjetiva do(s) sujeito(s), através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos dos estudantes no universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos e desenvolver e/ou ampliar a capacidade dos alunos em trabalhos coletivos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação escrita e ao enriquecimento cultural.
- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre as concepções artísticas e os procedimentos de construção do texto literário.
- Contribuir para a capacidade de elaboração e interpretação de textos;

- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Humanismo.
- Gênero dramático – Teatro.

V METODOLOGIA

Em um primeiro momento, contextualizaremos o período literário Humanismo, com foco em seu contexto histórico e suas principais características. Para auxiliar na organização e esquematização dos conteúdos trabalhados, os alunos receberão um mapa mental a ser completado pelos estudantes, de acordo com as informações que julgarem mais importantes. Após, apresentaremos, de forma breve, o autor Fernão Lopes – biografia e obras, principalmente suas crônicas; em seguida, focaremos na poesia palaciana, exemplificando-a com Ruis Gonçalves. Por fim, conduziremos a segunda atividade avaliativa, que consiste em um roteiro de leitura de *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, autor previamente estudado. Nesta, serão entregues trechos distintos; nos quais há um fragmento referente a um personagem específico – Onzeneiro, Frade, Alcoviteira e Enforcado.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Computador.
- *Datashow*.
- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

Pretendemos, através dessa metodologia, conduzir a sala de aula como um espaço coletivo, marcado, principalmente, pela interação e mediação, além de produção, debates, reflexões e ressignificações do conhecimento arrolados até o momento.

VIII REFERÊNCIAS

FERRAZ, S. **Literatura Portuguesa I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

GONÇALVES, R. **As melhores poesias do Cancioneiro de Garcia Resende**. Lisboa: Casa de Portugal, 1939.

VICENTE, G. **Auto da Barca do Inferno**. São Paulo: Klick Editora, 1997[1517].

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Apresentação de <i>slides</i> sobre Humanismo, Fernão Lopes e poesias palacianas	15min
Contextualização <i>Auto da Barca do Inferno</i>	05min
Atividade avaliativa	1h

APÊNDICE A – ROTEIRO DE LEITURA (ALCOVITEIRA)

- 1) Resuma o trecho (mínimo: dez linhas; máximo: quinze) de *Auto da Barca do Inferno*, focando nos principais acontecimentos (1pt).
- 2) O trecho pertence ao gênero dramático? Justifique sua resposta. (1pt).
- 3) As peças do teatro Vicentino possuem um forte teor satírico e moralista. Quais são as características presentes no fragmento que evidenciam essa afirmação? (1pt).
- 4) Por que é correto afirmar que o personagem evidenciado é alegórico? Quais são as críticas à nobreza, clero e/ou ao povo que você percebe nesse personagem? (1pt).
- 5) Há características das cantigas (de amor, amigo, escárnio e maldizer) e das novelas de cavalaria presentes no fragmento? Cite quais são e exemplifique com trechos. (1,5pt).
- 6) Julgue (em V ou F) as afirmativas abaixo sobre o personagem evidenciado no trecho (0,5pt):
 - () Seu trabalho é explorar outras mulheres, encaminhando-as para o mundo da prostituição.
 - () Acreditava estar ajudando as moças ao incentivá-las à prostituição.
 - () Brísida Vaz foi condenada ao Inferno, mas mantinha a convicção de que iria para o Paraíso.
 - () A Alcoviteira admite seus pecados e reconhece prontamente sua permanência no Inferno.
 - () O Diabo recusa a presença da Alcoviteira em sua barca, pois alega que seus feitos foram positivos para as moças.
- 7) Cite os principais traços da personalidade do personagem evidenciado, justificando-os. (2pt).
- 8) PENSANDO EM RELAÇÕES INTERTEXTUAIS...** (2pt)
Selecione uma fala da Alcoviteira; transcreva-a e reescreva-a, modificando a linguagem para os dias atuais.

APÊNDICE B – ROTEIRO DE LEITURA (ENFORCADO)

- 1) Resuma o trecho (mínimo: dez linhas; máximo: quinze) de *Auto da Barca do Inferno*, focando nos principais acontecimentos (1pt).
- 2) O trecho pertence ao gênero dramático? Justifique sua resposta. (1pt).
- 3) As peças do teatro Vicentino possuem um forte teor satírico e moralista. Quais são as características presentes no fragmento que evidenciam essa afirmação? (1pt).
- 4) Por que é correto afirmar que o personagem evidenciado é alegórico? Quais são as críticas à nobreza, clero e/ou ao povo que você percebe nesse personagem? (1pt).
- 5) Há características das cantigas (de amor, amigo, escárnio e maldizer) e das novelas de cavalaria presentes no fragmento? Cite quais são e exemplifique com trechos. (1,5pt).
- 6) Julgue (em V ou F) as afirmativas abaixo sobre o personagem evidenciado no trecho (0,5pt):
 - () O Enforcado realizou vários furtos e acreditou que seria canonizado caso cometesse suicídio.
 - () Este personagem transporta consigo uma corda ao redor do pescoço.
 - () O Diabo diz que o Enforcado não pode entrar em sua barca.
 - () O Enforcado passou, primeiramente, pelo purgatório.
 - () O personagem principal deste trecho dialoga com o Anjo, negociando sua entrada no Paraíso.
- 7) Cite os principais traços da personalidade do personagem evidenciado, justificando-os. (2pt).
- 8) PENSANDO EM RELAÇÕES INTERTEXTUAIS...** (2pt)

Selecione uma fala do Enforcado; transcreva-a e reescreva-a, modificando a linguagem para os dias atuais.

APÊNDICE C – ROTEIRO DE LEITURA (FRADE)

- 1) Resuma o trecho (mínimo: dez linhas; máximo: quinze) de *Auto da Barca do Inferno*, focando nos principais acontecimentos (1pt).
- 2) O trecho pertence ao gênero dramático? Justifique sua resposta. (1pt).
- 3) As peças do teatro Vicentino possuem um forte teor satírico e moralista. Quais são as características presentes no fragmento que evidenciam essa afirmação? (1pt).
- 4) Por que é correto afirmar que o personagem evidenciado é alegórico? Quais são as críticas à nobreza, clero e/ou ao povo que você percebe nesse personagem? (1pt).
- 5) Há características das cantigas (de amor, amigo, escárnio e maldizer) e das novelas de cavalaria presentes no fragmento? Cite quais são e exemplifique com trechos. (1,5pt).
- 6) Julgue (em V ou F) as afirmativas abaixo sobre o personagem evidenciado no trecho (0,5pt):
 - () O frade chega sozinho à barca, vestindo roupa de esgrima e dançando.
 - () Por se tratar de uma figura religiosa, foi enviado para o Paraíso, não sendo julgado pelo Diabo.
 - () O trecho pode ser entendido como uma crítica ao clero e à religião/religiosidade da época.
 - () O diabo é chamado de Berzebu.
 - () O frade foi condenado porque era mundano, desrespeitando os votos de castidade.
- 7) Cite os principais traços da personalidade do personagem evidenciado, justificando-os. (2pt).
- 8) PENSANDO EM RELAÇÕES INTERTEXTUAIS...** (2pt)
Selecione uma fala do Frade; transcreva-a e reescreva-a, modificando a linguagem para os dias atuais.

APÊNDICE D – ROTEIRO DE LEITURA (ONZENEIRO)

- 1) Resuma o trecho (mínimo: dez linhas; máximo: quinze) de *Auto da Barca do Inferno*, focando nos principais acontecimentos (1pt).
- 2) O trecho pertence ao gênero dramático? Justifique sua resposta. (1pt).
- 3) As peças do teatro Vicentino possuem um forte teor satírico e moralista. Quais são as características presentes no fragmento que evidenciam essa afirmação? (1pt).
- 4) Por que é correto afirmar que o personagem evidenciado é alegórico? Quais são as críticas à nobreza, clero e/ou ao povo que você percebe nesse personagem? (1pt).
- 5) Há características das cantigas (de amor, amigo, escárnio e maldizer) e das novelas de cavalaria presentes no fragmento? Cite quais são e exemplifique com trechos. (1,5pt).
- 6) Julgue (em V ou F) as afirmativas abaixo sobre o personagem evidenciado no trecho (0,5pt):
 - () O personagem enriqueceu à custa de altos juros de dinheiro.
 - () Rapidamente aceitou sua sentença.
 - () É extremamente ambicioso e interesseiro.
 - () Apesar de ter sido rico em vida, depois de morto, apresenta-se sem riqueza alguma.
 - () Apesar de ganancioso, após a sentença, o personagem não deseja voltar à Terra.
- 7) Cite os principais traços da personalidade do personagem evidenciado, justificando-os. (2pt).
- 8) PENSANDO EM RELAÇÕES INTERTEXTUAIS...** (2pt)
Selecione uma fala do Onzeneiro; transcreva-a e reescreva-a, modificando a linguagem para os dias atuais.

APÊNDICE E – MAPA MENTAL DO HUMANISMO



APÊNDICE F – APRESENTAÇÃO DE *SLIDES*



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV)
Departamento de Metodologia de Ensino (MEN)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Instituto Estadual de Educação (IEE)
Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I



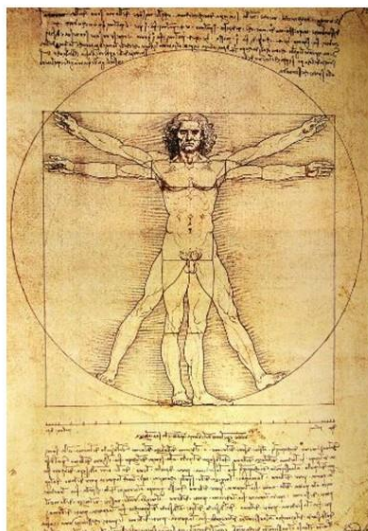
AULA SEIS

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

Humanismo (1434 – 1527)

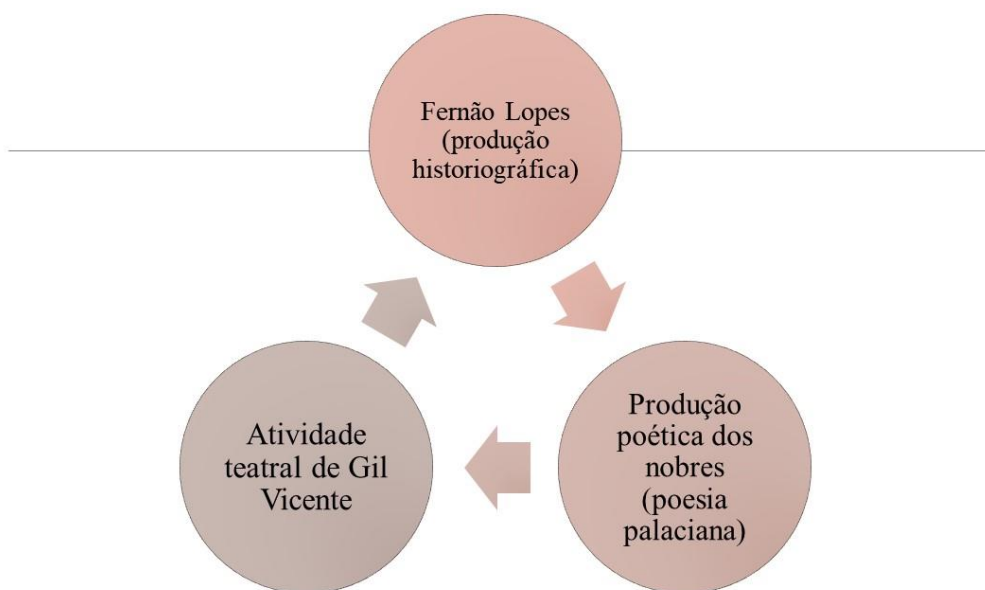
- 1 - Doutrina dos humanistas do Renascimento que ressuscitaram o culto das línguas e das literaturas antigas.
- 2 - Culto; deificação da humanidade.
- 3 - Doutrina centrada no homem ou na humanidade.

Dicionário Aurélio



Contexto histórico

- Transição entre a Idade Média e a Idade Moderna;
- Antropocentrismo, cientificismo e racionalismo – Renascimento;
- Convivência de elementos espiritualistas e terrenos;
- Descentralização do conhecimento (Igreja);
- Decadência do Feudalismo e o florescimento das cidades europeias;
- Desenvolvimento do comércio e o surgimento da burguesia - expansão marítima;
- Produções literárias diferentes do lirismo (cantigas).





Fernão Lopes

- Nasceu entre 1378 e 1384 e morreu por volta de 1460;
- Funcionário da Corte;
- 1434 – cronista-mor do Reino (chefe responsável pela guarda dos arquivos) – início do Humanismo;
- Considerado o melhor prosador português medieval;
- Une história (imparcialidade na análise de fatos históricos) e literatura.

Características da obra de Fernão Lopes

Estilo simples, sendo avesso ao erudito e elevado;

Reconstituiu ambientes da corte, aldeias, combates e rebeliões populares;

Tom próximo da oralidade;

Estruturação de cenários e perfis individuais (Pedro I, Afonso V...).



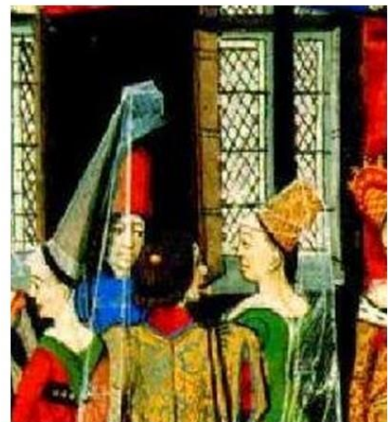


Crônicas de Fernão Lopes

- 1) **Crônica Del-Rei D. Pedro I** – caráter psicológico do Rei; relato da morte de Inês de Castro (*Os Lusíadas*);
- 2) **Crônica Del-Rei D. Fernando** – perfil do Rei D. Fernando e Rainha Leonor Telles; forte participação do povo.
- 3) **Crônica de El-Rei D. João** – Fatos ocorridos desde a morte de D. Fernando (1383) até a aclamação de D. João.

Poesia palaciana

- Autores abordavam apenas realidades palacianas (assuntos de montaria, festas);
- Destinada aos nobres;
- Amor tratado de forma sensual;
- Sátira;
- Mulher não é extremamente idealizada;
- Versos continuavam a ser redondilhas;
- Poesias palacianas feitas para leitura, não mais para o canto.



Ruis Gonçalves

Que de meus olhos partays
Em qual quer parte questeys,
Em eu coração fycays
E nele vos converteys.

Este é o vosso luguar,
Em que mays certa vos vejo,
Por que nam quer meu desejo
Que vos dy possays mudar.
E por ysso que partays,
Em qual quer parte questeys,
Em meu coração fycays,
Pois nele vos corvertays.

Atividade avaliativa



16/10/2018 – 19/10/2018



Auto da Barca do Inferno (1517) – Gil Vicente

- Alegoria do juízo final – bem x mal, céu x inferno;
- Teatro poético, com rimas e metáforas;
- Vida cotidiana e doutrina cristã;
- Diabo e Anjo esperam a chegada das almas;
- Nobreza, clero e povo – estereótipos da sociedade medieval;
- Apresentação, julgamento, defesa e arrependimento;
- Segmento (ou não) das regras religiosas da Igreja Católica.

• Diabo: simpático e irônico	• Frade: sensual e cortesão	• Fidalgo: explorador	• Alcoviteira: enganadora
• Sapateiro: ladrão	• Onzeneiro: ambicioso	• Judeu: pecador	• Procurador e Corregedor: corrupção
• Enforcado: falta de fé e perdição	• Anjo: sério e calado	• Parvo: ingenuidade	• Cavaleiros: lutaram em nome da Igreja

Personagens

Onzeneiro

- Agiota; roubava dinheiro;
- Bolsa vazia: símbolo cênico;
- Recusa-se a entrar no Inferno;
- Ganância e avareza;
- Queria voltar à vida para recuperar seu dinheiro.



Frade

- Religioso condenado;
- Traz a namorada Florença;
- Conhecedor da arte da dança e dos cantos populares;
- Recorre ao Anjo, mas não obteve resposta;
- Apegado aos prazeres do mundo;
- Falso moralismo religioso.

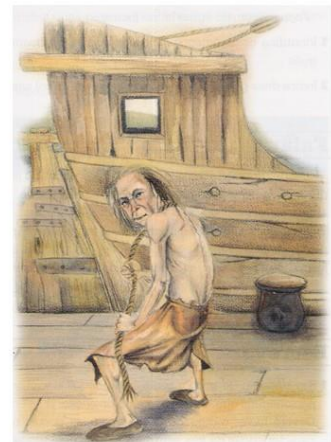
Alcoviteira – Brígida Vaz

- Feitiçaria;
- Incentivava as mulheres à prostituição;
- Tenta convencer o Anjo com discurso sedutor;
- Diabo se encanta com a personagem.



O enforcado – Pero de Lisboa

- Escrivão;
- Traz a corda com a qual se enforcou;
- Busca pela redenção;
- Criminoso em sua profissão;
- Crítica à burocracia corrupta.



11.1.7 Plano de aula 7 – 19/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 40min.

II TEMA

Humanismo.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Proporcionar ao educando a consolidação de conhecimentos adquiridos durante as aulas anteriores, garantindo o prosseguimento dos estudos; auxiliar na construção da identidade social dos estudantes na perspectiva do pleno exercício da cidadania. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos; ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos, além de desenvolver e/ou ampliar a capacidade dos estudantes para trabalhos coletivos.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as estruturas que fazem parte o gênero dramático (Teatro).
- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural.
- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Período literário Humanismo.
- *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

V METODOLOGIA

Nesta aula, os alunos finalizarão a atividade proposta anteriormente: um roteiro de leitura, com questões em sua maioria dissertativas, acerca da obra *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

Sabemos que a avaliação é um estágio deveras importante do processo de ensino-aprendizagem: de um lado, o aluno toma conhecimento de sua apropriação dos conteúdos; de outro, o professor consegue refletir a prática docente, sua metodologia e estratégias (LIMA; GESSINGER; GRILLO, 2010). Tendo em vista essas premissas, os alunos serão avaliados a partir de sua interação com a atividade proposta.

Cabe ressaltar que a nota dos estudantes não é obtida a partir de uma atividade isolada, mas de uma junção de exames e fatores, pois avaliar ainda exige do educador uma visão ampla e detalhada, tanto de sua missão de educar, quanto dos conteúdos adquiridos pela turma até o presente momento. A partir desse olhar, o profissional da educação poderá transformar a avaliação em um processo contínuo.

VIII REFERÊNCIAS

LIMA, V. M.; GESSINGER, R. M.; GRILLO, M. C. Questões de prova e suas especificidades. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.95-103.

VICENTE, G. **Auto da Barca do Inferno**. São Paulo: Klick Editora, 1997[1517].

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Finalização da atividade proposta	40min

11.1.8 Plano de aula 8 – 23/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

Introdução ao período literário Classicismo.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes às aulas propostas neste projeto de docência.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, de modo a proporcionar ao educando a consolidação de conhecimentos adquiridos; contribuir para a formação intelectual e subjetiva dos alunos, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos ao universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos e ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Relacionar o contexto histórico do Classicismo com outras formas de semiose.
- Estimular o uso de diferentes meios tecnológicos para elaboração de pesquisas.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Classicismo.

V METODOLOGIA

Entregaremos, para iniciar a aula, a atividade realizada nos últimos dois encontros (roteiro de leitura). Depois, haverá apresentação e leitura de dois *handouts* – um, sobre romances de cavalaria; outro, sobre o Humanismo. Após uma discussão para relembrar esses temas, assistimos trechos de alguns filmes, com o intuito de iniciarmos uma ponte entre produções cinematográficas e o contexto histórico do Classicismo/Renascimento. São eles: *Giordano Bruno* (1973), *Hamlet* (1990), *O mercador de Veneza* (2004) e *Elizabeth, a era de ouro* (2007). Para finalizar, os alunos realizaram uma pesquisa sobre o movimento supracitado em alguns suportes, como celulares, livros didáticos e manuais de literatura.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Celulares.
- Livros.
- Manuais didáticos.
- Computador.
- *Datashow*.
- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

A avaliação dessa aula estará pautada na participação dos estudantes, principalmente em relação aos debates acerca da relação entre o movimento literário Classicismo e as produções cinematográficas apresentadas.

VIII REFERÊNCIAS

Elizabeth: A era de ouro – Trailer legendado. RapaduraCast. 1min31seg. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HegxXqPuUxA&t=1s>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

FERRAZ, S. **Literatura Portuguesa I**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2008.

Giordano Bruno – Trailer. CG Entertainment. 3min18seg. 1 vídeo colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rURpfbTvo8A&t=1s>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

MASSAUD, M. **A literatura portuguesa**. 37ed. São Paulo: Cultrix, 2013.

O mercador de Veneza. SISBRAN. 2min15seg. 1 vídeo colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hLIDsPMvb1Q&t=59s>> Acesso em: 21 nov. 2018.

Trailer: Hamlet. VersatilHV. 3min. 1 vídeo colorido. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8f39MD3mmzY&t=27s>>. Acesso em: 21 nov. 2018.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Entrega das atividades com comentário	15min
<i>Handout</i> (novelas de cavalaria e Humanismo)	15min
Vídeos dos filmes	10min
Pesquisa e discussão sobre Classicismo	40min

APÊNDICE A – HANDOUT NOVELAS DE CAVALARIA



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



PROSA MEDIEVAL: NOVELAS DE CAVALARIA

Definição



As *novelas de cavalaria*, gênero da esfera literária escrito em prosa, típico da Idade Média, são narrativas que contam os grandes feitos de um herói (acompanhado de seus cavaleiros), entremeados de histórias de amor e assuntos de guerra. Tais narrativas colocavam em destaque a figura dos "heróis-cavaleiros", imbuídos dos valores da nobreza feudal (coragem, verdade e lealdade), os quais passavam por situações de extremo perigo na luta do bem contra o mal. O *romance (novela) de cavalaria* foi o "primeiro gênero literário de alcance continental escrito nas línguas vernáculas emergentes" (LOPES, 2009, p.154). Além disso, esses romances, como tradição literária, tiveram quatro séculos de história.

Contexto histórico

As *novelas de cavalaria* - também conhecidas como *romances de cavalaria* - originaram-se no século XII, na França e na Inglaterra, a partir da *prosificação* das *canções de gesta*. Essas narrativas em que "se descreviam as enredadas aventuras dos cavaleiros do rei Arthur, herói da resistência céltica às invasões Anglo-saxãs, parecem ter sido introduzidas na Península [Ibérica] por via da corte portuguesa no final do século XIII" (SARAIVA, 1999, p. 21).

A maioria das *novelas de cavalaria* em língua portuguesa são traduções ou adaptações de novelas francesas ou inglesas, especialmente daquelas que integram o *ciclo bretão*, como *A demanda do Santo Graal*.

Essas novelas (ou romances) circulavam pela Europa como forma de exaltar as Cruzadas e estimular a fé cristã, de modo a angariar o apoio das populações ao movimento. Geralmente, eram tidas em alto apreço e foi muito grande a sua influência sobre os hábitos e os costumes da população da época (SARAIVA, 1999).

Ciclos

As *novelas* (ou *romances*) de cavalaria foram agrupadas em três ciclos: (i) *bretão ou arturiano*; (ii) *carolíngio*; e (iii) *clássico*.

- **Ciclo bretão ou arturiano** - assuntos de origem celta, inspirados na corte do célebre Rei Arthur e de seus célebres cavaleiros da tábua redonda.
- **Ciclo carolíngio** - *novelas* (*romances*) que têm por herói Carlos Magno e seus cavaleiros, conhecidos como “os doze pares da França”.
- **Ciclo clássico** - narrativas baseadas em temas greco-romanos, ou seja, na história e lendas de clássicos antigos, incluindo as façanhas de Alexandre, o Grande, e dos heróis da Guerra de Tróia.

Características das *novelas de cavalaria*

- Registro escrito das histórias que se criavam e contavam em torno dos códigos de conduta medieval e cavaleiresca.
- Seu meio de circulação era a fidalguia e a realeza.
- De caráter aventureiro e simbólico, relatavam aventuras referentes à espiritualidade cristã e subordinam-se a um ideal místico, que sublima o amor cortês.
- Cavaleiro como herói guerreiro e figura máxima de virtudes cristãs; acima de tudo, um vencedor infalível de infiéis, pecadores e monstros.
- Fundia elementos sagrados e profanos: guerras, milagres, amor e aventuras.

Estrutura do gênero *novela de cavalaria*

Os *romances de cavalaria* (*novelas de cavalaria*) eram longos e, por conta disso, eram divididos em numerosos capítulos. Diferentemente das cantigas, não eram mais apresentados em versos, mas em prosa; não mais cantados, mas lidos. A trama dessas novelas era ficcional, contendo elementos míticos e/ou fantásticos.

No enredo dessas novelas, os acontecimentos tinham mais importância do que os personagens. As aventuras eram sem fim e havia várias possibilidades de continuação (sequências).

Exemplos de *novelas de cavalaria*

- *Amadis de Gaula*
- *A Demanda do Santo Graal*
- *Tristão e Isolda*
- *Rei Arthur*
- *Dom Quixote de La Mancha*

REFERÊNCIAS

LOPES, Marcos Antônio. Explorando o gênero literário: romance de cavalaria. **Tempo**, v. 16, n. 30, p.146-165, 2011.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

SARAIVA, António José. **Iniciação à literatura portuguesa**. São Paulo: Companhia da Letras, 1999.

APÊNDICE B – HANDOUT HUMANISMO



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



HUMANISMO

Definição do Humanismo



"A palavra *Humanismo* com que se designou este movimento, inspirada pelo conceito de *humanitas* (o de *humanidade*, ou *qualidade humana*, como *cultura e estrutura moral*) de Cícero, exprime a crença num conjunto de valores morais e estéticos universalmente humanos, os quais se achariam definidos tanto nas Escrituras e na Patrística, como na cultura profana da Antiguidade" (LOPES; SARAIVA, 1979, p.175-176). Esse movimento é baseado no reconhecimento de superioridade artística e literária das civilizações antigas; a partir daí, conceberam a noção de *homem completo* (espírito e corpo), participante do vasto conjunto de elementos da natureza.

Contexto histórico

- A partir da invenção e do desenvolvimento da imprensa, do avanço das grandes navegações europeias, da crise e queda do sistema feudal e com o aparecimento da classe burguesa, surge uma nova visão acerca do ser humano: passou-se a questionar os velhos valores e, principalmente, o domínio do acesso ao saber pela Igreja.
- Tanto a estrutura hierárquica da sociedade medieval, composta pelos nobres, cleros e pelo povo, quanto os ideais teocêntricos são colocados em xeque: a cena, agora, pertence ao *antropocentrismo*, ao homem como centro do mundo, à razão.
- Destaca-se, também, a *Reforma Protestante*, consequência da enorme insatisfação do povo em relação ao Clero. Esse movimento, de cunho econômico, religioso e principalmente político, marcou uma grande rebelião contra a Igreja Católica na época.

Principais características do Humanismo (FURLAN; SIQUEIRA, 2008)

- O ideal humanista propunha a realização harmoniosa das faculdades morais e estéticas do indivíduo.
- Substituição da dialética e da retórica escolástica (baseada no aristotelismo), pela leitura e o comentário de autores clássicos.
- Defesa de uma crítica de base filológica e histórica, retomavam Platão e os filósofos neoplatônicos.
- Valorização do saber crítico voltado para um maior conhecimento do homem e uma cultura capaz de desenvolver as potencialidades da condição humana.

<i>Principais autores</i>	<i>Principais obras</i>
<ul style="list-style-type: none"> • Giovanni Bocaccio (1313-1375) • Fernão Lopes (1390-1460) • Gil Vicente (1465-1536) 	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Decameron</i> - Giovanni Bocaccio • Crônicas de Fernão Lopes • <i>Auto da Barca do Inferno</i>, <i>Farsa de Inês Pereira</i> , <i>O Velho da Horta</i> - Gil Vicente

APÊNDICE C – PESQUISA SOBRE CLASSICISMO



Tendo em vista os vídeos apresentados e a pesquisa realizada, responda às questões a seguir.

1. Quais são os principais aspectos observados nos quatro vídeos apresentados? Há semelhanças e diferenças entre eles? Quais?
2. O Renascimento foi um movimento de grande importância histórica, artística, literária e cultural. De maneira sucinta, descreva-o.
3. Quais são as principais características do período literário “Classicismo”?
4. Quais são as semelhanças e as diferenças do Classicismo em relação ao Trovadorismo e Humanismo?
5. Quais são as principais obras e os autores que você encontrou referentes ao período?
6. Na sua opinião, esses filmes parecem ser “clássicos”? O que é um filme “clássico”? O que é “ser clássico” de modo geral?

11.1.9 Plano de aula 9 – 26/10/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 40min.

II TEMA

Classicismo, com foco em Camões.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Contribuir para a construção da identidade social do estudante, na perspectiva do pleno exercício da cidadania, sua formação intelectual e subjetiva, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos ao universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos; ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de interpretação de textos.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as estruturas que fazem parte os gêneros literários.
- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural.
- Ler e interpretar textos relacionados aos gêneros da esfera literária atentando para seu estilo composicional (lírica de Camões).
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

-
- Vida e obra de Camões.

V METODOLOGIA

Brevemente, apresentaremos a biografia de Camões – o principal nome do movimento literário estudado nas aulas anteriores (Classicismo). Contextualizaremos, também de maneira breve, a obra épica *Os Lusíadas*, focando nos três principais episódios do texto: Gigante Adamastor, Inês de Castro e Ilha dos Amores. Após, abordaremos a estrutura da lírica de Camões, através de leitura de sonetos. Para finalizar, estabeleceremos relações entre os escritos camonianos e composições atuais, como *Monte Castelo*, de Renato Russo.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- *Datashow*.

VII AVALIAÇÃO

A avaliação desta aula será embasada no envolvimento dos alunos com os textos e debates propostos; analisaremos principalmente as pontes estabelecidas entre o *grande tempo* e a contemporaneidade.

VIII REFERÊNCIAS

CAMÕES, L. V. de. **Os Lusíadas**. 3 ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.

_____. **Sonetos**. 4ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.

INSTITUTE FOR SYSTEMS AND ROBOTICS. **Luis Vaz de Camões**: Portugal. 2018. Disponível em: <<http://users.isr.ist.utl.pt/~cfb/VdS/camoes.html>>. Acesso em: 12 de set. 2018.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Vida e obra de Camões	5min
Contextualização e leitura de trechos d' <i>Os Lusíadas</i>	15min
Lírica de Camões – estrutura e leitura	20min

APÊNDICE A – APRESENTAÇÃO DE *SLIDES*



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV)
Departamento de Metodologia de Ensino (MEN)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Instituto Estadual de Educação (IEE)
Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I



Aula nove

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

1. Quais são os principais aspectos observados nos quatro vídeos apresentados? Há semelhanças e diferenças entre eles? Quais?
2. O Renascimento foi um movimento de grande importância histórica, artística, literária e cultural. De maneira sucinta, descreva-o.
3. Quais são as principais características do período literário “Classicismo”?
4. Quais são as semelhanças e as diferenças do Classicismo em relação ao Trovadorismo e Humanismo?
5. Quais são as principais obras e os autores que você encontrou referentes ao período?
6. Na sua opinião, esses filmes parecem ser “clássicos”? O que é um filme “clássico”? O que é “ser clássico” de modo geral?



Camões: vida e obra

Biografia

- ▶ Nasceu por volta de 1525, provavelmente em Lisboa;
- ▶ Família empobrecida;
- ▶ Adquiriu uma sólida formação: foco em obras de escritores clássicos;
- ▶ Imagem do homem de letras em armas - perdeu a visão na luta contra os mouros;
- ▶ Vida boêmia, resultando em sua prisão;
- ▶ Embarcou em 1553 para a Índia.



- ▶ Viagens trouxeram experiência e amargos dissabores - perdeu sua amada;
- ▶ Preso em 1561 por irregularidades em sua função administrativa - provedor-mor dos bens de defuntos e ausentes;
- ▶ Sai da prisão e é contemplado por cargos públicos;
- ▶ Camões volta à Lisboa em 1570;
- ▶ Publicou *Os Lusíadas* em 1572.

▶ “[...] enfim acabarei a vida e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria que não só me contentei de morrer nela, mas com ela.”

▶ O poeta morreu em 1580, ano em que Portugal passou para o domínio castelhano.



Epopeia

Relata uma série de feitos históricos em forma narrativa;

Fatos podem ser reais ou lendários;

Os Lusíadas - principal epopeia da época moderna.

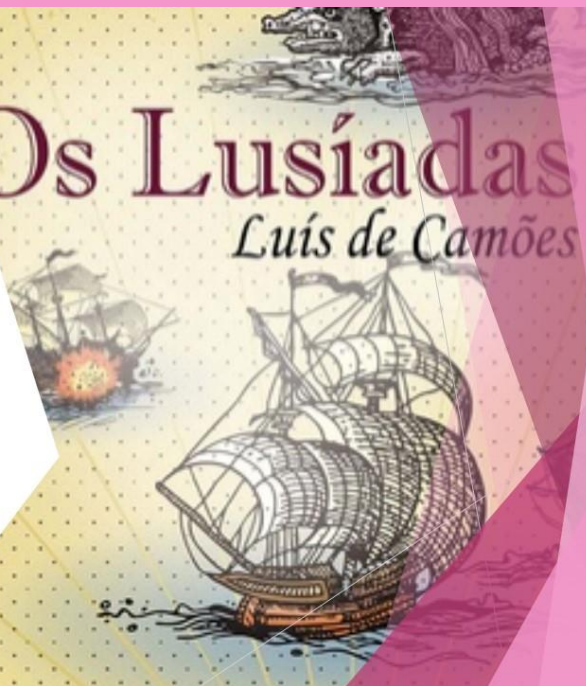
Ex.: A Odisseia e A Ilíada (Homero);

Obra épica - *Os Lusíadas* (1572)

- ▶ Tom grandiloquente, marcante e exaltado.
- ▶ Núcleo narrativo: a viagem empreendida por Vasco da Gama a fim de estabelecer contato com as Índias;
- ▶ Plano terreno + plano mítico.
- ▶ Elementos renascentistas pagãos + elementos medievais cristãos.

Os Lusíadas

Luís de Camões

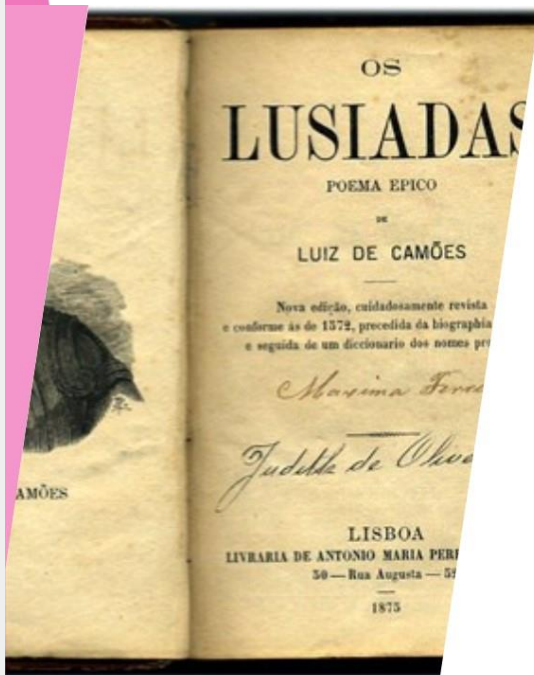


Estrutura - Os Lusíadas

- ▶ 10 cantos, 1102 estrofes ou estâncias e 8816 versos;

As armas e os barões assinalados
Que, da ocidental praia lusitana,
Por mares nunca dantes navegados
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto subimaram.

- A Estâncias organizadas em oitava rima
- B (oito versos, com o esquema rítmico
- A ABABABCC);
- B
- A Versos são decassílabos heroicos;
- B
- C
- C



Estrutura - Os Lusíadas

- ▶ **Proposição:** introdução, apresentação;
- ▶ **Invocação:** invoca as ninfas do Tejo;
- ▶ **Dedicatória:** dedica a obra ao rei D. Sebastião;
- ▶ **Narração:** narrativa da viagem.

Planos temáticos

Viagem:
descoberta do
caminho
marítimo

História de
Portugal: relato
de episódios

Poeta: Camões
refere-se a si
mesmo

Mitologia
greco-romana



Inês de Castro

- ▶ Conta a história da amante de D. Pedro I, Inês de Castro;
- ▶ Teriam casado secretamente;
- ▶ D. Afonso IV, pai de D. Pedro, descobre e manda matar Inês;
- ▶ D. Pedro teria beijado o cadáver: “depois de morta foi rainha.”

Estavas linda Inês, posta
em sossego,
De teus anos colhendo
doce fruto,
Naquele engano da alma,
ledo e cego,
Que a Fortuna¹ não deixa
durar muito,
Nos saudosos campos de
Mondego²,
De teus formosos olhos
nunca enxuto,

Aos montes ensinando e
às ervinhas
O nome que no peito
escrito tinhas.

¹: divindade romana, guia da vida;

²: rio da cidade de Coimbra.

Gigante Adamastor



- ▶ Gigante mitológico;
- ▶ Identifica-se com o Cabo das Tormentas (ou Cabo da Boa Esperança) - passagem da África, do Ocidente para o Oriente;
- ▶ Representa o medo e superstições sobre monstros, penhascos e sobre os oceanos Atlântico e Índico;
- ▶ Mostra o amor impossível e a figura do amante rejeitado.

Aqui espero tomar, se
não me engano,
De quem me descobriu
suma vingança

E não se acabará só
nisto o dano

De vossa pertinace¹
confiança:

Antes, em vossas naus
vereis, cada ano,

Se é verdade o que meu
juízo alcança,

Naufrágios, perdições
de toda sorte,
Que o menor mal de
todos seja a morte!

¹: persistente

Ilha dos Amores

- ▶ Vênus resolve recompensar os portugueses;
- ▶ Cupido feriu com flechas de amor as ninfas;
- ▶ Ilha preparada por Vênus - tudo nela era sensual e erótico.



Oh! Que famintos beijos na floresta,
E que mimoso choro que soava!
Que afagos tão suaves, que ira honesta,
Que em risinhos alegres se tornava!
O que mais passam na manhã e na sesta,
Que Vênus com prazeres inflamava,
Melhor é experimentá-lo que julgá-lo;
Mas julgue-o quem não pode experimentá-lo.

Lírica de Camões

► A poesia lírica de Camões é dividida em:

- 1) Medida velha (5 ou 7 sílabas - redondilha menor ou maior);
- 2) Medida nova (10 sílabas - decassílabos).

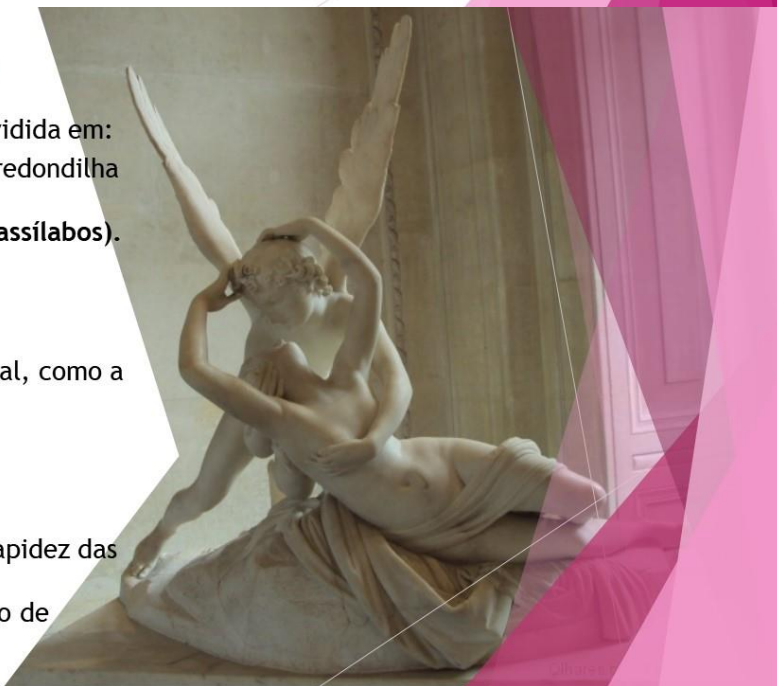
Influência de autores clássicos do Renascimento;

Características da cultura medieval, como a sátira;

Reflexão, racionalismo.

► Temas:

- Fugacidade dos bens da vida - rapidez das transformações;
- Desconcerto do mundo - inversão de valores;



O amor segundo Camões

- ▶ Neoplatonismo - Amor verdadeiro pertence ao mundo das ideias;
- ▶ Caráter espiritual;
- ▶ Realizando-se plenamente no plano da alma;
- ▶ Mulher pura e perfeita;
- ▶ Frustração amorosa;
- ▶ Circunstâncias trágicas - morte;
- ▶ Definição do sentimento amoroso...

*Amor é fogo que arde sem se ver,
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente,
é dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.*

*É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor*



Intertextualidades...

- ▶ Você conhece algum outro poema, música ou filme que defina o amor? Qual?
- ▶ Em sua opinião, como o amor é retratado na atualidade?

O amor é sofredor, é benigno; o amor não é invejoso; o amor não trata com leviandade, não se ensoberbece.
Não se porta com indecência, não busca os seus interesses, não se irrita, não suspeita mal;
Não folga com a injustiça, mas folga com a verdade;
Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta.

1 Coríntios 13:4-7



Monte Castelo

8.532.248 visualizações

48 MIL

1,6 MIL

COMPARTILHAR

...

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria
É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade
O amor é bom, não quer o mal
Não sente inveja ou se envaidece
O amor é o fogo que arde sem se ver

É ferida que dói e não se sente
É um contentamento descontente
É dor que desatina sem doer

Ainda que eu falasse
A língua dos homens
E falasse a língua dos anjos
Sem amor eu nada seria

É um não querer mais que bem querer
É solitário andar por entre a gente
É um não contentar-se de contente
É cuidar que se ganha em se perder
É um estar-se preso por vontade
É servir a quem vence, o vencedor
É um ter com quem nos mata a lealdade

Tão contrário a si é o mesmo amor

Estou acordado e todos dormem
Todos dormem, todos dormem
Agora vejo em parte
Mas então veremos face a face

É só o amor! É só o amor
Que conhece o que é verdade



- ▶ Você conhecia alguma dessas obras?
Se sim, qual(is)?
- ▶ Como o amor é percebido nos três textos? Pode-se dizer que é um amor cortês?
- ▶ A mulher é retratada de maneira especial? É vista como um “ser superior” ou “inatingível”?
- ▶ O eu-lírico é feminino ou masculino?

11.1.10 Plano de aula 10 – 30/10/2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

Gênero lírico – Sonetos.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Espera-se formar leitores (preferencialmente) assíduos, ampliando o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos, além de desenvolver e/ou ampliar a capacidade dos estudantes para trabalhos coletivos, reconhecendo e utilizando tecnologias para a elaboração das atividades propostas.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da escrita.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Produzir textos relacionados ao gênero da esfera literária atentando para seu estilo composicional (lírico), estruturando-os de maneira a assegurar coerência e coesão textual, aplicando as propriedades gramaticais.
- Contribuir para a capacidade de elaboração de textos.
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Sonetos (gênero lírico).

V METODOLOGIA

A atividade nesta aula é a criação de um soneto – texto do gênero lírico - individualmente. Essa ideia foi proposta com base no que enuncia a Proposta Curricular de Santa Catarina (2014): a produção de textos ocorre em um determinado gênero do discurso; para que esta aconteça, é necessário que os estudantes tenham vivenciado interações por meio de tal gênero antes de realizar a escrita.

VI AVALIAÇÃO

O aspecto avaliativo a ser considerado em relação à produção de textos dos alunos, principalmente nesta aula, diz respeito à percepção das condições que as unidades de sentido são elaboradas. Para tanto, o aluno deve ter clareza acerca do que tem a dizer sobre o tema, o lugar de que fala, além de domínio de aspectos gramaticais, que permeiam toda as construções textuais.

VII REFERÊNCIAS

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Educação. **Proposta curricular de Santa Catarina**: formação integral na educação básica. Florianópolis: SEDSC, 2014.

VIII CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Atividade individual: Criação de um soneto (gênero lírico)	1h20min



Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)
Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas (DLLV)
Departamento de Metodologia de Ensino (MEN)
Centro de Comunicação e Expressão (CCE)
Instituto Estadual de Educação (IEE)
Estágio Ensino Língua Portuguesa Literatura I



Aula dez

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

Produza, individualmente, um soneto (gênero lírico) ou uma peça teatral (gênero dramático); **TEMA: AMOR!**

► Caso escolha:

a) **Soneto:** seguir a estrutura do Soneto - 14 versos, apresentados em 4 estrofes (ou estâncias), sendo 2 quartetos (DUAS ESTROFES DE QUATRO VERSOS) e 2 tercetos (DUAS ESTROFES DE TRÊS VERSOS).

b) **Peça teatral:** uma cena, com, no mínimo, 3 personagens. (mínimo: duas páginas).

Soneto de Camões

- ▶ Forma poética fixa;
- ▶ Geralmente, composto por dois quartetos (duas estrofes de quatro versos) e dois tercetos (duas estrofes de três versos);
- ▶ Métrica: deve possuir o mesmo número de sílabas poéticas;
- ▶ Rimas
 - a) Rimas entrelaçadas ou opostas: ABBA

1. Amor é um fogo que arde sem se **ver**,
2. É ferida que dói e não se **sente**;
3. É um contentamento **descontente**;
4. É dor que desatina sem **doer**.

5. É um não querer mais que bem **querer**;
6. É um andar solitário entre a **gente**;
7. É nunca contentar-se de **contente**;
8. É um cuidar que ganha em se **perder**.

9. É querer estar preso por **vontade**;
10. É servir a quem vence o **vencedor**;
11. É ter com quem nos mata **lealdade**.

12. Mas como causar pode seu **favor**
13. Nos corações humanos **amizade**,
14. Se tão contrário a si é o mesmo **Amor**?

Quartetos

Tercetos

Rimas entrelaçadas ou opostas (ABBA)

Vês?! Ninguém assistiu ao formidável

Enterro de tua última quimera

Somente a ingratidão - esta pantera -

Foi tua companheira inseparável...

(Augusto dos Anjos)

Gênero dramático - peças de teatro

- ▶ Não há narrador;
- ▶ Cenários, personagens, tempo, espaço;
- ▶ Diálogo: elemento essencial;

1. Apresentação: faz-se a exposição tanto dos personagens quanto da ação a ser desenvolvida.

2. Conflito: o momento em que surge as peripécias da ação dramática.

3. Desenlace: Momento de conclusão, encerramento ou desfecho da ação dramática.

Critérios de avaliação

Adequação
ao gênero
escolhido
(3pt)

Coesão e
coerência
(3pt)

Criatividade
(3pt)

Gramática
(1pt)

11.1.11 Plano de aula 11 – 06/11/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min.

II TEMA

Sonetos (gênero lírico).

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido nas aulas anteriores; formar leitores (preferencialmente) assíduos, ampliando seu conhecimento de estratégias e métodos de elaboração de textos.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Produzir texto relacionado aos gêneros da esfera literária atentando para seu estilo composicional (lírico), estruturando-o de maneira a assegurar coerência e coesão textual, aplicando as propriedades gramaticais.
- Desenvolver, através de (re)escritas, a construção e aprofundamento de conhecimentos gramaticais previamente trabalhados em sala.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Gênero lírico.

V METODOLOGIA

Depois de os alunos receberem a versão comentada de seus textos, haverá um debate com os estudantes sobre os aspectos e dificuldades observadas pelos discentes. Nesse sentido, “língua e literatura aparecem, no tecido da concepção dialógica, não como elementos fortuitos, [...] mas como um dos vetores fundantes dessa nova perspectiva da linguagem humana e de suas possibilidades de estudo, em debate e em multiplicação até a contemporaneidade” (BRAIT, 2017, p.21). Após, elaborarão uma nova versão de suas produções, a ser entregue ao final do encontro.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Quadro branco.
- Pincel para o quadro.

VII AVALIAÇÃO

Com a reescrita das produções textuais, objetivamos que o aluno perceba o que deve ser modificado e aprimorado em seus escritos, para que não ocorra a correção pela correção, mas que visualizem que os conhecimentos linguísticos norteiam e sustentam as suas produções. Conforme Mendez (2002, p.83),

avaliamos para conhecer quando corrigimos construtiva e solidariamente com quem aprende, não para confirmar ignorâncias, desqualificar esquecimentos, penalizar aprendizagens não-adquiridas. Quando os professores agem como corretores que explicam e comunicam razoavelmente, são fonte de aprendizagem mediante a informação compreensível e argumentada que devem fornecer nessa tarefa.

A partir dessa proposta, o professor aprende concomitantemente com os alunos: enquanto o educador compreende o que é preciso melhorar e/ou reformular em sua metodologia, os estudantes assimilam a lógica de seus erros e acertos, aspectos que não foram compreendidos ao longo da trajetória. Através da reescrita, estes são agentes e protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. (GRILLO; LIMA, 2010).

VIII REFERÊNCIAS

BRAIT, B. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. **Bakhtiniana**, São Paulo, 2017, p.05-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n2/2176-4573-bak-12-02-0005.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

GRILLO, M. C.; LIMA, V. M. R. Especificidades da avaliação que convém conhecer. **Por que falar ainda em avaliação?** Porto Alegre: ediPUCRS, 2010, p.15-21.

MENDEZ, J. M. A. **Avaliar para conhecer, examinar para excluir**. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Reescrita do soneto	1h20min

11.1.12 Plano de aula 12 – 09/11/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 40min.

II TEMA

Trovadorismo, Humanismo e Classicismo.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido cientificamente, pela sociedade (IEE, 2017b), de modo a proporcionar ao educando a consolidação de conhecimentos adquiridos durante os anos anteriores, garantindo o prosseguimento dos estudos (IEE, 2017a), a construção de sua identidade social e na perspectiva do pleno exercício da cidadania, sua formação intelectual e subjetiva, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos ao universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos e ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as estruturas que fazem parte os gêneros literários.
- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural.

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Ler, interpretar e produzir textos relacionados aos gêneros da esfera literária atentando para seu estilo composicional (lírico, narrativo, dramático), estruturando-os de maneira a assegurar coerência e coesão textual, aplicando as propriedades gramaticais.
- Contribuir para a capacidade de elaboração e interpretação de textos.
- Desenvolver, através de (re)escritas, a construção e aprofundamento de conhecimentos gramaticais previamente trabalhados em sala.
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Principais características do Trovadorismo, Humanismo e Classicismo.
- Contextualização histórica dos períodos.
- Estrutura dos gêneros lírico, narrativo e dramático.
- Relações intertextuais.

V METODOLOGIA

Esta aula está pautada em Geraldini (2006), que postula que qualquer metodologia articula uma opção política, envolvendo uma teoria de compreensão e interpretação do contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem. Levamos em consideração, também, o exposto nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2018, p. 55), que evidencia que o ensino de português “[...] deve considerar a necessária aquisição e o desenvolvimento de três competências: interativa, textual e gramatical. Esse tripé, necessariamente inter-relacionado, mesmo não sendo exclusivo da disciplina, encontra nela os conceitos e conteúdos mais apropriados”.

A expressão da língua(gem) está sempre orientada para o *outro*, sendo o aspecto primeiro da relação linguística-literatura; esta é uma reflexão que discute tal relação com clareza, com princípios definidores do que se entende como linguagem (BRAIT, 2017). Tendo em vista estes pressupostos, será realizada uma retrospectiva/revisão dos conteúdos abordados durante as aulas anteriores, para que os alunos retomem os principais aspectos, implementando-os na avaliação a ser realizada no próximo encontro.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Computador.
- *Datashow*.
- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

O principal aspecto a ser avaliado é a participação efetiva dos alunos e o interesse em esclarecer as possíveis dúvidas que tenham permanecido ao longo de todo o percurso das aulas aqui descritas.

VIII REFERÊNCIAS

BRAIT, B. A emergência, nas fronteiras entre língua e literatura, de uma perspectiva dialógica de linguagem. **Bakhtiniana**, São Paulo, 2017, p.05-23. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/bak/v12n2/2176-4573-bak-12-02-0005.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). **Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais: Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasil: Mec, 2018. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/linguagens02.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2018.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J.W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1984]. p. 39-46.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Revisão para a prova	40min

APÊNDICE A – HANDOUT DO CLASSICISMO/GÊNERO LÍRICO



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



CLASSICISMO

Definição do Classicismo

“A época do Classicismo principia em 1527, quando Sá de Miranda, regressando da Itália, entra a divulgar em Portugal os novos ideais estéticos; e termina em 1580, quando falece Camões e Portugal passa para o domínio da Espanha. Constituindo a faceta estética da Renascença, o movimento clássico, **assim chamado porque objetivava a imitação dos antigos gregos e latinos, deu margem ao cultivo da poesia, da historiografia, da literatura de viagens, da novelística, do teatro clássico e da prosa doutrinária.**” (MOISÉS, 2014[1968], p.81)

Contexto histórico - Renascimento (FERRAZ, 2011)

- Absolutismo e mercantilismo português;
- Grandes navegações - destacando-se a viagem de Vasco da Gama às Índias - cujo objetivo é a busca de ouro, riquezas, especiarias - *imperialismo colonialista*;
- Império colonial ultramarino que se estendia do Oriente ao Ocidente;
- A cultura deixou de ser exclusividade dos membros da Igreja, atingindo camadas mais amplas da burguesia emergente.

Principais características do Classicismo

- O Classicismo sofreu grande Influência do modelo greco-latino, destacando-se a *mitologia grega* (*deuses do Olimpo*);
- Atitude racionalista - razão como bem supremo a ser cultivado; desse racionalismo, advém a busca de equilíbrio entre técnica (forma) e inspiração (conteúdo);
- Otimista quanto ao presente e quanto ao futuro da sociedade;
- Respeito e culto à natureza - teoria aristotélica do ‘homem natural’;
- Universalismo: nova mentalidade científica (reflexão em torno do lugar do homem no mundo - *antropocentrismo*) e preocupação com o bem coletivo;
- Linguagem clara, sem excessos;
- Expressão dos sentimentos permaneceu, mas estava submetida a uma explicação racional/lógica.

Principais autores

Principais obras

- Luís Vaz de Camões
- Bernardim Ribeiro
- Antônio Ferreira

- *Os Lusíadas*
- *Menina e Moça*
- *Castro*



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



GÊNERO LÍRICO - SONETOS

O gênero lírico

O gênero lírico é caracterizado através de: o trabalho sobre os sons, organizando a musicalidade; a presença da repetição; a prevalência da lógica interna; a organização coordenativa do pensamento e a independência em relação à norma gramatical (STAIGER, 1975). Além disso, é produzido em primeira pessoa, apresentando-se como subjetivo, pois delinea a visão de mundo do *eu-lírico* - suas angústias e expectativas.

Os sonetos - o que são? (FERRAZ, 2011)



- *Medida Nova*: oriunda da Itália, refletia a tendência da recuperação da estética clássica, conservando as rígidas regras de se criar com cada forma;
- Petrarca fez o soneto tornar-se a composição lírica mais famosa do Ocidente, a qual sobrevive há 700 anos;
- No século XX, os grandes sonetistas: Dante, Petrarca, Shakespeare e Camões.
- No Brasil, os grandes sonetistas: Cláudio Manuel da Costa e Cruz e Souza.

Principais características do Soneto

- Obra curta, criada para transmitir uma mensagem, utilizando-se da *sonoridade*;
- 14 versos - divididos em dois quartetos (grupos de quatro versos) e dois tercetos (grupos de três versos);
- Os versos devem possuir a mesma métrica (mesmo número de sílabas poéticas - é possível unir duas ou mais palavras em uma mesma sílaba poética);
- Principais temas do soneto camoniano: fugacidade dos bens da vida (rapidez das transformações), desconcerto do mundo (inversão de valores) e amor.

APÊNDICE B – APRESENTAÇÃO DE *SLIDES*



Revisão para a prova

Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

Primeira questão

1. (Mackenzie – SP): Sobre a poesia trovadoresca em Portugal, é **incorreto** afirmar:
 - Refletiu o pensamento da época, marcada pelo teocentrismo, feudalismo e valores altamente moralistas.
 - Representou um claro apelo popular à arte, que passou a ser representada por setores mais baixos da sociedade.
 - Pode ser dividida em lírica e satírica.
 - Em boa parte de sua realização, teve influência provençal.
 - As cantigas de amigo, apesar de escritas por trovadores, expressam o eu lírico feminino.

Primeira questão

1. (Mackenzie – SP): Sobre a poesia trovadoresca em Portugal, é **incorreto** afirmar:

- Refletiu o pensamento da época, marcada pelo teocentrismo, feudalismo e valores altamente moralistas.
- **Representou um claro apelo popular à arte, que passou a ser representada por setores mais baixos da sociedade.**
- Pode ser dividida em lírica e satírica.
- Em boa parte de sua realização, teve influência provençal.
- As cantigas de amigo, apesar de escritas por trovadores, expressam o eu lírico feminino.

Segunda questão

02. Uma das afirmativas abaixo, feitas sobre os **romances de cavalaria**, não está correta, nem pode ser justificada em hipótese alguma. Qual é?

- A maioria das novelas de cavalaria têm autoria desconhecida.
- Um dos importantes ciclos de cavalaria é o do rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda.
- Os romances de cavalaria têm sua origem nas canções de gesta (poemas com temas guerreiros).
- Na época em que os romances de cavalaria foram escritos, o período literário vigente era o Classicismo; isso significa que temas religiosos já não eram mais tão frequentes quanto nas cantigas (Trovadorismo).

Segunda questão

- 02. Uma das afirmativas abaixo, feitas sobre os **romances de cavalaria**, não está correta, nem pode ser justificada em hipótese alguma. Qual é?
- A maioria das novelas de cavalaria têm autoria desconhecida.
- Um dos importantes ciclos de cavalaria é o do rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda.
- Os romances de cavalaria têm sua origem nas canções de gesta (poemas com temas guerreiros).
- **Na época em que os romances de cavalaria foram escritos, o período literário vigente era o Classicismo; isso significa que temas religiosos já não eram mais tão frequentes quanto nas cantigas (Trovadorismo).**

Terceira questão

- 03. (Mackenzie – SP, adaptada): Sobre Gil Vicente:

- () Autor representativo do Humanismo em Portugal.
- () Escritor de obras líricas.
- () Apresentava, de um lado, a ideologia teocêntrica do mundo medieval; de outro, o antropocentrismo emergente.
- () Considerado o autor de transição entre o Trovadorismo e o Humanismo.
- () Principais obras: *O Velho da Horta*, *O Auto da Compadecida* e *A Demanda do Santo Graal*.

Terceira questão

- 03. (Mackenzie – SP, adaptada): Sobre Gil Vicente:

(V) Autor representativo do Humanismo em Portugal.

(F) Escritor de obras líricas.

(V) Apresentava, de um lado, a ideologia teocêntrica do mundo medieval; de outro, o antropocentrismo emergente.

(V) Considerado o autor de transição entre o Trovadorismo e o Humanismo.

(F) Principais obras: *O Velho da Horta*, *O Auto da Compadecida* e *A Demanda do Santo Graal*.

Quarta questão

- 04. (PUC-SP, adaptada): Sobre *Auto da barca do inferno*, é **incorreto** afirmar:

- Onzeneiro idolatra o dinheiro; é egoísta e agiota; de tudo que juntara, nada leva para a morte, ou melhor, leva a bolsa vazia.

- Frade representa o clero decadente e é subjugado por suas fraquezas: mulher e esporte; leva a amante e as armas de esgrima.

- Diabo, capitão da barca do inferno, é quem apressa o embarque dos condenados; é dissimulado e irônico.

- Anjo, capitão da barca do céu, é quem elogia a morte pela fé; é austero e inflexível.

- Corregedor representa a justiça e luta pela aplicação íntegra e exata das leis; leva papéis e processos.

Quarta questão

- 04. (PUC-SP, adaptada): Sobre *Auto da barca do inferno*, é **incorreto** afirmar:

- Onzeneiro idolatra o dinheiro; é egoísta e agiota; de tudo que juntara, nada leva para a morte, ou melhor, leva a bolsa vazia.
- Frade representa o clero decadente e é subjugado por suas fraquezas: mulher e esporte; leva a amante e as armas de esgrima.
- Diabo, capitão da barca do inferno, é quem apressa o embarque dos condenados; é dissimulado e irônico.
- Anjo, capitão da barca do céu, é quem elogia a morte pela fé; é austero e inflexível.
- **Corregedor representa a justiça e luta pela aplicação íntegra e exata das leis; leva papéis e processos.**

Quinta questão

- 05. (UnSEB-SP) Leia atentamente as proposições a seguir:

I) Os cancioneiros foram os principais trovadores do período conhecido como Trovadorismo.

II) O Humanismo é um período de transição, que vai do final da Idade Média ao início da Idade Moderna.

III) O caráter alegórico do teatro de Gil Vicente pode ser tomado como exemplo de crítica social.

Assinale:

- Se todas forem corretas.
- Se I e II forem corretas.
- Se todas forem incorretas.
- Se II e III forem corretas.
- Se somente I for correta.

Quinta questão

- 05. (UnSEB-SP) Leia atentamente as proposições a seguir:

I) Os cancioneros foram os principais trovadores do período conhecido como Trovadorismo.

II) O Humanismo é um período de transição, que vai do final da Idade Média ao início da Idade Moderna.

III) O caráter alegórico do teatro de Gil Vicente pode ser tomado como exemplo de crítica social.

Assinale:

- Se todas forem corretas.
- Se I e II forem corretas.
- Se todas forem incorretas.
- **Se II e III forem corretas.**
- Se somente I for correta.

Sexta questão

- 06. (UFSC – 2013, adaptada) Sobre o Renascimento:
- uma das características mais importantes do Renascimento foi a ruptura com a Antiguidade Clássica.
- Os estudos astronômicos desenvolvidos por Nicolau Copérnico durante o Renascimento permitiram a conclusão de que os planetas giravam em torno da Terra.
- Os mecenas foram personagens importantes no Renascimento, pois sua oposição aos artistas fez com que estes exercessem com mais afinco sua criatividade.
- Leonardo da Vinci, artista de grande versatilidade e inúmeros interesses, é um representante do Humanismo.
- O período renascentista se beneficiou da preservação de textos antigos pelos monges e da criação de universidades.
- As cruzadas, que incrementaram o intercâmbio entre muçulmanos e cristãos, bem como o domínio mouro na Península Ibérica, contribuíram para o Renascimento.

Sexta questão

- 06. (UFSC – 2013, adaptada) Sobre o Renascimento:
- uma das características mais importantes do Renascimento foi a ruptura com a Antiguidade Clássica.
- Os estudos astronômicos desenvolvidos por Nicolau Copérnico durante o Renascimento permitiram a conclusão de que os planetas giravam em torno da Terra.
- Os mecenas foram personagens importantes no Renascimento, pois sua oposição aos artistas fez com que estes exercessem com mais afinco sua criatividade.
- **Leonardo da Vinci, artista de grande versatilidade e inúmeros interesses, é um representante do Humanismo.**
- **O período renascentista se beneficiou da preservação de textos antigos pelos monges e da criação de universidades.**
- **As cruzadas, que incrementaram o intercâmbio entre muçulmanos e cristãos, bem como o domínio mouro na Península Ibérica, contribuíram para o Renascimento.**

Sétima questão

- Descreva, **com suas palavras**, as principais características das cantigas no período Trovadoresco.

Período trovadoresco

- Gênero lírico: cantigas de amor/amigo;
- Gênero satírico: cantigas de escárnio/maldizer;
- Romances (novelas) de cavalaria – código de conduta dos cavaleiros medievais; narrados em capítulos;
- Linguagem rebuscada, de difícil entendimento;
- Foco nos nobres e no clero;
- Religiosidade – Teocentrismo (Deus ao centro).

Oitava questão

- **Caracterize os romances de cavalaria.** Após, relacione-os com obras atuais (livros, filmes, séries, quadrinhos, músicas).

Novelas (romances) de cavalaria

- Obras longas, divididas em capítulos;
- Normalmente, têm autoria desconhecida;
- *Rei Arthur e os Cavaleiros da Távola Redonda* é uma das mais famosas histórias;
- Idealização da mulher;
- Final trágico;
- Religiosidade – Teocentrismo – ideais cristãos;
- Nobreza e clero.

Nona questão

- O Teatro (gênero dramático) está presente principalmente em qual período estudado (Trovadorismo, Humanismo, Classicismo)? Quais são as principais características desse gênero? Quem é a principal referência do Teatro em Portugal nesse período?

Teatro (gênero dramático)

- Está presente no Humanismo;
- A principal referência em Portugal é Gil Vicente – TEATRO VICENTINO (teatro escrito por Gil Vicente)
- Principais características;
 - Ausência de narrador;
 - Diálogo(s);
 - Personagens;
 - Cenário;
 - Tempo;
 - Espaço;
 - Para ser encenado.

Décima questão

- Como um Soneto (gênero lírico) é estruturado? Quais são suas principais características? A rima é empregada? De que maneira?

Soneto

- Um soneto é composto por: dois quartetos (quatro versos) e dois tercetos (três versos) = quatorze versos;
- Sim, a rima é empregada. Esquema de rimas: ABBA; ABBA; ABA; ABA;
- O Soneto camoniano geralmente tem como temática:
 - a) Amor;
 - b) Fugacidade da vida/rotina;
 - c) Rapidez das transformações.

APÊNDICE B – REVISÃO PARA PROVA

01. (Mackenzie – SP): Sobre a poesia trovadoresca em Portugal, é **incorreto** afirmar:

- a) Refletiu o pensamento da época, marcada pelo teocentrismo, feudalismo e valores altamente moralistas.
- b) Representou um claro apelo popular à arte, que passou a ser representada por setores mais baixos da sociedade.
- c) Pode ser dividida em lírica e satírica.
- d) Em boa parte de sua realização, teve influência provençal.
- e) As cantigas de amigo, apesar de escritas por trovadores, expressam o eu lírico feminino.

02. Uma das afirmativas abaixo, feitas sobre os **romances de cavalaria**, não está correta, nem pode ser justificada em hipótese alguma. Qual é?

- a) A maioria das novelas de cavalaria têm autoria desconhecida.
- b) Um dos importantes ciclos de cavalaria é o do rei Arthur e os cavaleiros da Távola Redonda.
- c) Os romances de cavalaria têm sua origem nas canções de gesta (poemas com temas guerreiros).
- d) Na época em que os romances de cavalaria foram escritos, o período literário vigente era o Classicismo; isso significa que temas religiosos já não eram mais tão frequentes quanto nas cantigas (Trovadorismo).

03. (Mackenzie – SP, adaptada): Sobre Gil Vicente:

- () Autor representativo do Humanismo em Portugal.
- () Escritor de obras líricas.
- () Apresentava, de um lado, a ideologia teocêntrica do mundo medieval; de outro, o antropocentrismo emergente.
- () Considerado o autor de transição entre o Trovadorismo e o Humanismo.
- () Principais obras: *O Velho da Horta*, *O Auto da Compadecida* e *A Demanda do Santo Graal*.

04. (PUC-SP, adaptada): Sobre *Auto da barca do inferno*, é **incorreto** afirmar:

- a) Onzeneiro idolatra o dinheiro; é egoísta e agiota; de tudo que juntara, nada leva para a morte, ou melhor, leva a bolsa vazia.
- b) Frade representa o clero decadente e é subjugado por suas fraquezas: mulher e esporte; leva a amante e as armas de esgrima.
- c) Diabo, capitão da barca do inferno, é quem apressa o embarque dos condenados; é dissimulado e irônico.
- d) Anjo, capitão da barca do céu, é quem elogia a morte pela fé; é austero e inflexível.
- e) Corregedor representa a justiça e luta pela aplicação íntegra e exata das leis; leva papéis e processos.

05. (UniSEB-SP) Leia atentamente as proposições a seguir:

- I) Os cancioneiros foram os principais trovadores do período conhecido como Trovadorismo.
- II) O Humanismo é um período de transição, que vai do final da Idade Média ao início da Idade Moderna.
- III) O caráter alegórico do teatro de Gil Vicente pode ser tomado como exemplo de crítica social.

Assinale:

- a. Se todas forem corretas.

- b. Se I e II forem corretas.
- c. Se todas forem incorretas.
- d. Se II e III forem corretas.
- e. Se somente I for correta.

06. (UFSC – 2013, adaptada) Sobre o Renascimento, assinale a(s) preposição(ões) correta(s):

- 01. uma das características mais importantes do Renascimento foi a ruptura com a Antiguidade Clássica.
- 02. Os estudos astronômicos desenvolvidos por Nicolau Copérnico durante o Renascimento permitiram a conclusão de que os planetas giravam em torno da Terra.
- 03. Os mecenas foram personagens importantes no Renascimento, pois sua oposição aos artistas fez com que estes exercessem com mais afinco sua criatividade.
- 04. Leonardo da Vinci, artista de grande versatilidade e inúmeros interesses, é um representante do Humanismo.
- 05. O período renascentista se beneficiou da preservação de textos antigos pelos monges e da criação de universidades.
- 06. As cruzadas, que incrementaram o intercâmbio entre muçulmanos e cristãos, bem como o domínio mouro na Península Ibérica, contribuíram para o Renascimento.

07. Descreva, **com suas palavras**, as principais características das cantigas no período Trovadoresco.

08. Caracterize os **romances de cavalaria**. Após, relacione-os com obras atuais (livros, filmes, séries, quadrinhos, músicas).

09. O Teatro (gênero dramático) está presente principalmente em qual período estudado (Trovadorismo, Humanismo, Classicismo)? Quais são as principais características desse gênero? Quem é a principal referência do Teatro em Portugal nesse período?

10. Como um Soneto (gênero lírico) é estruturado? Quais são suas principais características? A rima é empregada? De que maneira?

11.1.13 Plano de aula 13 – 13/11/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min

II TEMA

Trovadorismo, Humanismo e Classicismo.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de novos conhecimentos, a partir do conhecimento produzido cientificamente, pela sociedade (IEE, 2017b), de modo a proporcionar ao educando a consolidação de conhecimentos adquiridos durante os anos anteriores, garantindo o prosseguimento dos estudos (IEE, 2017a), a construção de sua identidade social na perspectiva do pleno exercício da cidadania, sua formação intelectual e subjetiva, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos ao universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos; ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos, reconhecendo e utilizando tecnologias para a elaboração das atividades propostas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar as estruturas que fazem parte os gêneros literários.
- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural.

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, caracterizando-o através de aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Ler, interpretar e produzir textos relacionados aos gêneros da esfera literária atentando para seu estilo composicional (lírico, narrativo, dramático), estruturando-os de maneira a assegurar coerência e coesão textual, aplicando as propriedades gramaticais.
- Contribuir para a capacidade de elaboração e interpretação de textos.
- Desenvolver, através de (re)escritas, a construção e aprofundamento de conhecimentos gramaticais previamente trabalhados em sala.
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Trovadorismo, Humanismo e Classicismo.
- Estrutura dos gêneros lírico, narrativo e dramático.
- Relações intertextuais.

V METODOLOGIA

Tendo em vista que os conteúdos planejados no projeto de docência e nos demais planos de aula já foram expostos e discutidos, será aplicada uma prova - uma avaliação individual, com consulta aos textos e às anotações do caderno dos próprios estudantes.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Cópias impressas.

VII AVALIAÇÃO

A avaliação é entendida como um processo que visa superar as dificuldades de aprendizagem dos alunos, incluindo-os socialmente, em prol de uma prática pedagógica democrática. (KEMIAC; ARAÚJO, 2015). O professor tem muitas tarefas importantes e desafiadoras - uma dentre tantas é avaliar:

A avaliação envolveria múltiplas e complexas ações do professor, as quais, quase sempre, se traduzem em notas ou conceitos com vistas a cumprir finalidades burocráticas (a exigência de notas pela instituição escolar) e/ou pedagógicas (verificar a aprendizagem dos alunos, (re)direcionar o ensino, fazer um diagnóstico, etc) (KEMIAC; ARAÚJO, 2015, p.57).

Muitas escolas já têm políticas estabelecidas sobre provas e práticas de avaliação, mas os professores individualmente decidem como e quais serão os métodos. Sabe-se que a principal função da avaliação é verificar o que o aluno aprendeu (WOOLFOLK, 2000). Bravo (2014, p.3) também define o ato de avaliar como a expressão de um posicionamento sobre aspectos de uma realidade: “as tomadas de partido por parte dos educadores implicam o reconhecimento de um sujeito frente a um conjunto de ideias e ações constituintes dos seres humanos e/ou das instituições”, obviamente em princípio e não em sua totalidade exaurível, as quais provocam tomadas de decisões particulares, sobre determinados instantes, em contextos específicos.

Segundo Kemiác e Araújo (2015), acordos tácitos subjazem à avaliação: a determinado sujeito é atribuído o papel de avaliador; a outros, o papel social de avaliados, sem que isso precise ser explícito. De acordo com os autores, três aspectos subjazem à avaliação e aos gêneros que emergem em ações avaliativas: acordos tácitos sobre os papéis sociais assumidos pelos sujeitos, regras e modos específicos de conduta e comportamento e mediação da interação pela escrita.

Sabendo que a avaliação se constitui um instrumento mensurador dos saberes universais, do quanto foi aprendido pelo aluno mediante o seu ato de pensar a partir de um lugar singular, em um dado espaço e tempo (FERREIRA-ROSA, 2012), é necessário que os discentes também tenham consciência do *que* e do *quanto* sabem, de que o ato de aprender não é (e nem pode) ser reduzido a um número: “a avaliação docente pode se incluir como elemento reflexivo na qualidade do ensino e propugnar, ancorada no diálogo impulsionado pelas instituições de ensino, a melhoria na prática docente como elemento caracterizador dos movimentos emancipatórios.” (BRAVO, 2014, p.5).

Após a realização das atividades, a segunda nota advém de uma prova, que abordará os três períodos literários trabalhados. Sabe-se da necessidade de tornar os métodos avaliativos em sala de aula contínuos e diversificados; entretanto, acredita-se ainda na importância de uma avaliação - escrita, individual, sem consulta - por possibilitar um diagnóstico preciso, tanto coletivo quanto individual, da turma. Ademais, para que a prova se torne um instrumento de coleta de dados e sirva de proposta para a avaliação formativa, o professor deve levar em consideração não apenas o conteúdo, mas a maneira com que cada questão está sendo abordada no teste, a adequação das perguntas com o trabalho realizado em sala, a importância de uma linguagem clara, além de atentar-se à diversificação das atividades, atendendo diferentes níveis de dificuldade. O critério de correção também se faz deveras relevante neste processo (MORAES, 2011).

VIII REFERÊNCIAS

BRAVO, D. M. **A avaliação docente na prática educativa**. III Congresso Nacional de Educação. 2014. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID5354_17082016200327.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2018.

FERREIRA-ROSA, I. Bakhtin e a avaliação escolar: dimensões éticas no ato de avaliar a aprendizagem de línguas. **Poiésis Pedagógica**, v.10, n.2, 2012, p.47-69.

KEMIAC, L.; ARAUJO, D. L. Avaliação escolar: algumas reflexões sobre o tema à luz de conceitos Bakhtinianos. **Leia escola**. Campina Grande: v.15, n.1, 2015, p.51-63.

MORAES, D. A. Prova: instrumento avaliativo a serviço da regulação do ensino e da aprendizagem. **Est. Aval. Educ.**, v. 22, n. 49, p. 233-258, 2011.

WOOLFOLK, A. **Psicologia da educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2000, p. 481-514.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Avaliação individual	1h20min

APÊNDICE A – AVALIAÇÃO INDIVIDUAL



AVALIAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA - 13/11/2018

Aluno(a): _____
Série: _____ Turma: _____

1. Após ler as duas cantigas abaixo, responda às questões: (2,0 pontos)

1. *Martin Codax*

Ondas do mar de Vigo,
se vistes meu amigo!
E ai Deus, se verrá cedo!

Ondas do mar levado,
se vistes meu amado!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amigo,
o por que eu sospiro!
E ai Deus, se verrá cedo!

Se vistes meu amado,
por que hei gran cuidado!
E ai Deus, se verrá cedo!

2. *Joan Garcia de Guilhade*

Ai, dona fea, foste-vos queixar
que vos nunca louv'en [o] meu cantar;
mais ora quero fazer um cantar
en que vos loarei toda via;
e vedes como vos quero loar:
dona fea, velha e sandia!

Dona fea, se Deus me perdon,
pois avedes [a] tan gran coraçon
que vos eu loe, en esta razon
vos quero já loar toda via;
e vedes qual será a loaçom:
dona fea, velha e sandia!

a. A cantiga de *Martin Codax* é de amor, amigo, escárnio ou maldizer? E a de *Joan Garcia de Guilhade*? Cite dois trechos de cada uma das cantigas que evidenciam sua afirmação.

b. Quais são as principais diferenças e semelhanças entre as duas cantigas apresentadas?

2) Sobre as novelas de cavalaria, classifique as afirmativas abaixo em V (verdadeira) ou F (falsa). (2,0 pontos)

- () As novelas de cavalaria pertencem ao gênero dramático (Teatro) e se enquadram no período conhecido como Humanismo.
- () O mais conhecido escritor de novelas de cavalaria é Gil Vicente.
- () Exibiam um código de conduta próprio dos cavaleiros medievais (provação de honra, lealdade e coragem).
- () Uma das mais importantes histórias de cavalaria é a do *Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda*.
- () As novelas circulavam pela Europa como forma de exaltar as Cruzadas e estimular a fé cristã.

3. O Humanismo é uma corrente filosófica, artística e literária que surgiu na Europa no século XV. Sobre esse período, responda às questões abaixo. (2,0 pontos)

a. Quais são as principais características do Humanismo?

b. O teatro vicentino é a mais importante produção dessa época. Caracterize-o.

4. Leia o soneto camoniano a seguir e responda às questões. (2,0 pontos)

Amor é fogo que arde sem se ver;
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

a. Qual é a estrutura do soneto camoniano? Circule, no texto, onde estão as rimas.

b. Camões descreve o amor em suas obras como *neoplatônico*, ou seja, pertencente ao ‘mundo das ideias’. Com base no soneto apresentado, como é possível evidenciar essa característica?

5. Escolha UM gênero dentre os estudados (cantiga – amor/amigo/escárnio/maldizer –, novela de cavalaria, teatro ou soneto) e relacione-o com alguma produção contemporânea (filme, série, pintura, livro, música, poesia ou teatro). Não se esqueça de justificar sua escolha! (2,0 pontos)

QUESTÃO EXTRA (+1 PONTO)

Escolha um dos filmes citados em aula (*Elizabeth - Era de ouro*, *Hamlet*, *Mercador de Veneza* ou *Giordano Bruno*) e, através de uma cena específica, relacione-o com o conceito de **Classicismo** estudado.

11.1.14 Plano de aula 14 – 20/11/2018



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO**

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORA: Lisandra Bonotto

ANO: 2018

TURMA: 132

CARGA HORÁRIA: 1h20min

II TEMA

Pontuação e encerramento.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta.

3.1 OBJETIVO GERAL

Consolidar os conhecimentos adquiridos durante os anos anteriores, garantindo o prosseguimento dos estudos, a construção de sua identidade social e na perspectiva do pleno exercício da cidadania, sua formação intelectual e subjetiva, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos ao universo literário. Espera-se, ainda, formar leitores (preferencialmente) assíduos; ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos, reconhecendo e utilizando tecnologias para a elaboração das atividades propostas.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar os conteúdos estudados, identificando condições de continuidade, com vistas ao aprimoramento da comunicação oral e escrita e ao enriquecimento cultural.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Pontuação.

V METODOLOGIA

Nesta aula, ocorrerá o encerramento das atividades planejadas para a turma: em um primeiro momento, entregaremos corrigidas e comentadas as avaliações individuais realizadas na última aula; após, faremos uma pequena retomada de todos os conteúdos apresentados em sala, para auxiliar os alunos na recuperação, que será comandada pela professora-regente Lisandra Bonotto, na próxima sexta-feira, dia 23/11. Após, discutiremos um *handout* sobre pontuação (vírgula e ponto e vírgula), pois essa foi a principal defasagem nas produções dos alunos. Para finalizar, pediremos que os alunos deem um *feedback* acerca do período de regência.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Cópias impressas.
- Quadro branco.
- Caneta de quadro branco.

VII AVALIAÇÃO

Nesta aula, os alunos serão avaliados apenas por sua participação. Além disso, cabe ressaltar que, neste dia, os estudantes avaliarão nosso trabalho durante o período de regência.

VIII CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Entrega da avaliação escrita e comentada; revisão para a recuperação	40min
<i>Handout</i> e atividades sobre pontuação	20min
Avaliação dos alunos para com os docentes/encerramento	20min

APÊNDICE A – *HANDOUT* SOBRE PONTUAÇÃO (VÍRGULA; PONTO E VÍRGULA)

Vírgula

Separa elementos dentro de uma oração e orações dentro de um período. Marca uma pequena pausa.

- Enumeração de dois ou mais elementos;
Ex.: A prova é composta por entrevista, dinâmica e algumas questões.
- Para isolar o aposto (*aposto*: “*explicação*” do substantivo);
Ex.: Florianópolis, a capital de Santa Catarina, é uma das cidades mais bonitas do Brasil.
- Para isolar o vocativo (*vocativo*: “*chamar*” alguém);
Ex.: Maria, traga minha escova de cabelo.
- Para marcar supressão de um verbo;
Ex.: Eu fiz exercício de matemática; ela, de português.
- Para separar orações;
Ex.: Ela chegou em casa, cozinhou, lavou a louça, descansou e dormiu.
- Antes de conjunções adversativas (*mas*, *porém*, *contudo*, *entretanto*, *todavia*)
Ex.: Ela gosta de macarrão, mas eu prefiro arroz.
- Para separar lugares, datas, endereços;
Ex.: Florianópolis, 13 de novembro.
- Para isolar expressões exemplificativas, conformativas e conjunções (isto é, a saber, por exemplo, ou melhor).
Ex.: O governador, ou melhor, o excelentíssimo senhor governador, janta aqui todos os dias.

Ponto e vírgula

Pausa intermediária no texto: nem tão curta feito a vírgula, nem tão longa feito o ponto final.

- Para separar orações coordenadas não unidas por conjunção, mas que guardam relação entre si;
Ex.: O mar está poluído; os peixes estão mortos.
- Para separar orações coordenadas, quando pelo menos uma delas já possui elementos separados por vírgula;
Ex.: O resultado final foi o seguinte: quinze alunos votaram contra; nove, a favor.
- Para separar itens de uma enumeração;
Ex.: No parque de diversões, as crianças encontram: brinquedos; balões; pipoca; carrossel.
- Para alongar a pausa de conjunções adversativas (*mas*, *porém*, *contudo*, *todavia*, *entretanto*), substituindo a vírgula;
Ex.: Gostaria de ir hoje; todavia, só irei amanhã.
- Para separar orações coordenadas adversativas quando a conjunção aparece no meio da oração.

Ex.: Esperava encontrar todos os produtos no supermercado; obtive, porém, apenas alguns.

ATIVIDADE SOBRE PONTUAÇÃO

1) (Fuvest-1998) Os sinais de pontuação foram bem utilizados em:

- a) Nesse instante, muito pálido, macérrimo, Prudente de Moraes entrou no Catete, sentou-se e, seco, declarou ao silêncio atônito dos que o contemplavam: "Voltei."
- b) "Mãe onde estão os nossos: os parentes, os amigos e os vizinhos?" Mãe, não respondia.
- c) Os estados, que ainda devem ao governo, não poderão obter financiamentos, mas os estados que já resgataram suas dívidas ainda terão créditos.
- d) Ao permitir a apreensão, de jornais e revistas, o projeto, retira do leitor o direito a ser informado pelo veículo que ele escolheu.
- e) Assim, passa-se a permitir, condenações absurdas, desproporcionais aos danos causados.

2) Pontue corretamente as sentenças a seguir:

- Quem entra naquela casa seja brasileiro ou estrangeiro é recebido com muita simpatia.
- Até Pelé do alto de seus 60 anos colocou-se como alternativa.
- Faça sozinho ou melhor faça como quiser.
- O governo criou ainda programas de mutirão e urbanização.
- E agora José?
- Foi você João quem ganhou a corrida?
- Corre senão o cachorro te pega gritou a menina.
- O diretor fez um filme bem-humorado e acima de tudo inteligente.
- Acharmos muitas coisas erradas. Contudo mudar não é possível.
- Se todos concordarem ficaremos em casa e tomaremos chimarrão.
- Agora está satisfeito o referido ministro que através dessas obras pretende deixar sua marca no governo.

3) (MPE - GO 2018) Marque a alternativa em que a vírgula foi empregada de forma correta:

- O doutor Diego Tardelli, esteve aqui à sua procura.
- O réu confirmou, todo o seu depoimento.
- A sentença condenatória, não foi devidamente fundamentada.
- Ele me perguntou, se eu já havia terminado o trabalho.
- Leonardo Silva, zagueiro do Atlético MG, jogará futebol por apenas mais um ano.

4) (IFPR 2010) - Assinale a alternativa cujo texto está corretamente pontuado.

- Os dois principais nomes da pintura modernista no Brasil são de mulheres: Anita Malfatti e Tarsila do Amaral apesar de não haver antes delas, uma tradição aparente de mulheres pintoras no país.
- Os dois principais nomes da pintura modernista no Brasil são de mulheres; Anita Malfatti e Tarsila do Amaral; apesar de não haver, antes delas, uma tradição aparente, de mulheres pintoras no país.
- Os dois principais nomes da pintura modernista no Brasil são de mulheres, Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, apesar de não haver, antes delas, uma tradição aparente de mulheres pintoras no país.
- Os dois principais nomes da pintura modernista no Brasil, são de mulheres Anita Malfatti e Tarsila do Amaral, apesar de não haver antes delas, uma tradição aparente de mulheres pintoras no país.

APÊNDICE B – PROVA DE RECUPERAÇÃO



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



RECUPERAÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Aluno(a): _____
Série: _____ Turma: _____

1. Leia atentamente a cantiga abaixo e responda (2 pontos):

Fernão Velho

Maria Peres se mãefestou
noutro dia, ca por pecador
se sentiu, e log'a Nostro Senhor
pormeteu, pelo mal em que andou,
que tevess'um clérig'a seu poder,
polos pecados que lhi faz fazer
o demo, com que x'ela sempr'andou.

Mãefestou-se, ca diz que s'achou
pecador muit'e, porém, rogador
foi log'a Deus, ca teve por melhor
de guardar a El ca o que a guardou.
E mentre viva diz que quer teer
um clérigo, com que se defender
possa do demo, que sempre guardou.

E pois que bem seus pecados catou,
de sa mort' ouv'ela gram pavor
e d'esmolnar ouv'ela gram sabor.
E logo entom um clérigo filhou
e deu-lhe a cama em que o sol jazer.
E diz que o terrá mentre viver,
e esta fará; todo por Deus filhou.
[...]

a. A cantiga *Fernão Velho* é de amor/amigo/escárnio ou maldizer? Enumere as principais características dessa cantiga.

2) Sobre as cantigas, assinale a alternativa incorreta (1 ponto):

- a. Na cantiga de amigo, a autoria é masculina, o eu lírico é feminino e lamenta a ausência de seu amado.
- b. Na cantiga de escárnio, a sátira é feita indiretamente, sem a utilização de nomes próprios.
- c. As cantigas de amor e amigo pertencem ao mesmo gênero - o gênero lírico.
- d. Nas cantigas de amor, o apelo erótico é “purificado” e ocorre a idealização de sentimentos amorosos.

e. As cantigas de maldizer pertencem ao gênero satírico, e são caracterizadas por críticas duras e diretas ao destinatário.

3) Os romances (novelas) de cavalaria são produções literárias do período medieval (Trovadoresco). Descreva as principais características dessas obras, citando exemplos (2 pontos).

4) Use “T” para Trovadorismo e “H” para Humanismo (2 pontos):

- () Em suas produções, apresenta cantigas de amigo, amor, escárnio e maldizer.
- () Conhecido como um período de transição entre a Idade Média e a Idade Moderna.
- () Apresenta narrativas que giram em torno de grandes feitos de cavaleiros medievais, que lutam em nome da religião e fazem peripécias pela mulher amada - Novelas de Cavalaria.
- () Período marcado pelo cientificismo, racionalismo e equilíbrio entre teocentrismo e antropocentrismo.
- () Forte presença do gênero dramático, principalmente através dos teatros vicentinos (Gil Vicente).

5) Classifique as alternativas a seguir em V (verdadeira) ou F (falsa) (1 ponto):

- () Camões é o mais famoso autor português, pertencente ao período “Classicismo”; escreveu importantes textos líricos, mas sua mais importante obra é a épica “Os Lusíadas”.
- () O Humanismo se associa à noção de antropocentrismo e representou a base filosófica e cultural do Renascimento.
- () Gil Vicente compôs peças de caráter sacro e satírico.
- () Camões, em seus sonetos, descreve a mulher como um ser erótico e inatingível.
- () O Humanismo valorizou o misticismo, o geocentrismo e as realizações culturais medievais.

6) Leia atentamente o soneto a seguir e responda às questões abaixo (2 pontos):

Amor é fogo que arde sem se ver;
é ferida que dói, e não se sente;
é um contentamento descontente;
é dor que desatina sem doer.

É um não querer mais que bem querer;
é um andar solitário entre a gente;
é nunca contentar-se de contente;
é um cuidar que ganha em se perder.

É querer estar preso por vontade;
é servir a quem vence, o vencedor;
é ter com quem nos mata, lealdade.

Mas como causar pode seu favor
nos corações humanos amizade,
se tão contrário a si é o mesmo Amor?

a. Qual é a estrutura do soneto camoniano? Quais são os principais temas dos sonetos de Camões?

b. Relacione o soneto com alguma produção atual (música, livro, série, filme, pintura).

III
PROJETO EXTRACLASSE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC)
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO (CCE)
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS (DLLV)
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**BÁRBARA FARIAS DA SILVA
CAROLINE FERRARI
DIEGO RODRIGUES LOPES**

**UMA (RICA) EXPERIÊNCIA EXTRACLASSE: OS GÊNEROS DO DISCURSO, À
LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA, EM CONCURSOS PÚBLICOS E PROVAS DE
VESTIBULARES**

**FLORIANÓPOLIS
2018**

**BÁRBARA FARIAS DA SILVA
CAROLINE FERRARI
DIEGO RODRIGUES LOPES**

**UMA (RICA) EXPERIÊNCIA EXTRACLASSE: OS GÊNEROS DO DISCURSO, À
LUZ DA TEORIA BAKHTINIANA, EM CONCURSOS PÚBLICOS E PROVAS DE
VESTIBULARES**

Projeto extraclasses apresentado como requisito parcial
para a aprovação na disciplina Estágio de Ensino de
Língua Portuguesa e Literatura I (MEN 7001), em
2018/2.

Orientadora: Prof.^a Maria Luiza Rosa Barbosa

**FLORIANÓPOLIS
2018**

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	205
2 REFLEXÃO TEÓRICA	206
2.1 CONCEPÇÃO DE SUJEITO	206
2.3 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA	207
2.3 CONCEPÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LP	208
2.4 CONCEPÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO	210
3 OBJETIVOS	211
3.1 OBJETIVO GERAL	211
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	211
4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS	212
5 METODOLOGIA	212
5.1 CRONOGRAMA	214
REFERÊNCIAS	214

1 INTRODUÇÃO

O minicurso *Uma (rica) experiência extraclasse: os gêneros do discurso, à luz da teoria bakhtiniana, em concursos públicos e provas de vestibulares* será realizado no dia 27 de outubro de 2018, nas dependências do Instituto Estadual de Educação (IEE), localizado na Avenida Mauro Ramos, Centro, no município de Florianópolis/SC. Esse curso foi elaborado por ser requisito parcial para a aprovação na disciplina Estágio de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura I, do curso de Letras - Língua Portuguesa e Literaturas, ofertado pelo Centro de Comunicação e Expressão (CCE), da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), no segundo semestre de 2018.

A oferta desse mini curso se justifica pelo fato de que, graças à linguagem, faz-se possível a construção do conhecimento humano, o desenvolvimento da(s) ciência(s), da(s) arte(s), da filosofia; é a língua(gem) que permeia todas as esferas sociais e as atividades dos sujeitos, inclusive (e principalmente) no âmbito escolar: a regulação dos pensamentos e das ações ocorre na/pela linguagem (VIEIRA, 2008). Para Bakhtin (1981), a língua não pode ser entendida e analisada isoladamente, pois o signo ideológico por excelência é a palavra, a qual é a ponte entre os indivíduos nas interações. Ancorando-se na teoria bakhtiniana, entende-se que é necessário que o curso aqui planejado e descrito se converta em uma relação de outra ordem, ressignificando as vivências dos sujeitos que ali se fazem presentes: “[...] e, se importa quem sejam os sujeitos, se importa que sejam diferentes [...] então nos parece que estamos tratando de alteridade absoluta e não mais relativa e de diferenças não-indiferentes; logo, estamos tratando de **encontro**” (CERUTTI-RIZZATTI; IRIGOITE, 2015, p. 258, grifo nosso).

Ainda conforme as considerações expostas pelo Círculo de Bakhtin (1981), é de responsabilidade dos docentes/estagiários promover condições de acesso à leitura pertinentes à formação do sujeito e condições para a formação cidadã em relação à politização e à socialização de conhecimentos, além de estimular e de produzir contextos favoráveis à leitura e à releitura de diversas matizes. Busca-se, portanto, levar os alunos, por meio dos conteúdos expostos, a se apropriarem destes como peças fundamentais para seu crescimento, tanto social quanto cultural, contribuindo para sua formação de maneira consciente e crítica.

Tendo em vista o público-alvo - alunos do Magistério e do Ensino Médio, com interesse em prestar concursos de Nível Médio e demais provas, como o vestibular - objetiva-se, neste curso, oferecer ferramentas suficientes para o reconhecimento, para a leitura e para a

produção de textos em diferentes gêneros discursivos, além de permitir que o estudante estabeleça pontes e interaja com os conteúdos apresentados pelas demais disciplinas. Tendo por base os ensinamentos de Barbosa da Silva e Silva Neto (2011), acredita-se que a principal missão dos docentes é propiciar uma reflexão sobre a língua e suas manifestações na materialidade do texto, por intermédio da análise dos componentes na tessitura textual e em sua produção de sentido. Os gêneros a serem abordados foram selecionados por constantemente se fazerem presentes nas provas dos principais concursos para Nível Médio e Magistério do estado de Santa Catarina e vestibulares da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC).

Tendo em vista as considerações apresentadas, esta primeira parte do projeto visa explicitar a organização deste trabalho, evidenciando as escolhas no que tange às ações planejadas. Na segunda seção, salienta-se o aporte teórico, demonstrando a base epistemológica que permeará as ações e a postura dos docentes/estagiários; na terceira parte, serão mobilizados, através dos objetivos, os conhecimentos, as atitudes e as habilidades pretendidas de serem alcançadas ao longo desta aula. Na quarta seção, há a explicitação dos conhecimentos a serem trabalhados, enquanto que, na quinta, há a descrição das etapas que compõem a metodologia das ações a serem empreendidas. Em seis, têm-se as referências e, posteriormente, os anexos e apêndices.

2 REFLEXÃO TEÓRICA

Nas subseções a seguir, há o detalhamento acerca das concepções de sujeito, de língua, de ensino e aprendizagem de língua portuguesa e de gêneros do discurso adotadas neste projeto.

2.1 CONCEPÇÃO DE SUJEITO

Os sujeitos têm um passado: vivenciaram diferentes histórias, tiveram contato com *outros* ao longo de sua existência. Convém, entretanto, contemporizar que, apesar de tal historicidade, de o tempo ser um (dentre tantos) importante fator para a formação e o amadurecimento de sua personalidade, o estudante não pode ser resumido ao que lhe aconteceu. Ao encararmos o sujeito como um ser social, olhamos para além do fato de ele existir; encaramo-lo como um sujeito que pertence a um tempo, a um espaço, a uma cultura, convivendo com diversos *outros* - e é a partir dessa interação que é possível compreender seu

papel na sociedade. Muitas são as relações estabelecidas entre os indivíduos e são inúmeras as mudanças que as interações para com o outro acarretam suas trajetórias; ao entrarmos em contato, ao nos fazermos presentes, transformamos a vida alheia e somos também transformados. Existir é expandir-se, portanto.

Apesar de, conforme aponta Geraldi (2010), o sujeito ser constituído por intermédio de tais relações, ninguém pode se enunciar por outrem; cada indivíduo é inteiramente responsável por aquilo que enuncia, pelo modo com que enuncia e pelas representações de mundo que materializa em seus enunciados: “Nessas representações, questões éticas e estéticas estão implicadas e, portanto, provocam mudanças nas formas como os sujeitos em interação concebem a si mesmos, concebem os outros e o mundo de que são parte” (SANTA CATARINA, 2014, p.113-114).

Independentemente da idade - sejam crianças, adultos, sejam idosos - é de extrema relevância para um bom andamento do processo de ensino e aprendizagem que os estudantes sejam encarados como sujeitos de sua própria história; devem ter consciência de que uma aula - seja ela qual for - não é mera transmissão de conteúdo, cujo professor é vetor de todo o conhecimento. Conforme explicitado, os estudantes têm vivências; isso quer dizer que possuem rica bagagem cultural e que, diferentemente do que costumam pensar, dominam de forma plena a língua portuguesa, inclusive a gramática.

2.3 CONCEPÇÃO DE LÍNGUA

Tão importante quanto se endereçar um *olhar sensível* para a singularidade dos estudantes, é atentar para a concepção de língua que move o trabalho do professor em sala de aula, uma vez que “[...] os princípios teóricos, conscientemente ou não, orientam todas as escolhas que são feitas na escola. [...]” (ANTUNES, 2007, p. 145). Necessário se faz, portanto, o entendimento de que, como pontua Geraldi (2006 [1984], p.42), que “a língua só tem existência no jogo que se joga na sociedade [...] e é no interior de seu funcionamento que se pode procurar estabelecer as regras de tal jogo”. Assim, para o autor, estudar a língua é detectar os compromissos que se criam a partir da fala, pois a construção do conhecimento humano e o desenvolvimentos da(s) ciência(s), da(s) arte(s) e da filosofia são licenciados pela/através da língua(gem), esta permeia e (re)elabora todas as atividades e esferas sociais dos sujeitos (VIEIRA, 2008, p.449).

A concepção de língua que embasa este projeto é pautada no interagir, uma vez que a *língua(gem)* é “[...] um lugar de interação social; assim, o foco não é classificar os elementos

linguísticos, nem as relações de interdependência estabelecidas no interior das estruturas linguísticas” (PMF, 2016, p. 77). Justamente por isso, é “[...] relevante conceber o enunciado na interação do sujeito com os outros, compreendendo como o vocabulário e a gramática são agenciados para tal [...]” (PMF, 2016, p. 77). Importa lembrar que no entendimento de Geraldi (2006 [1984], p. 41),

[...] mais do que possibilitar uma transmissão de informações de um emissor a um receptor, a linguagem é vista como um lugar de interação humana. Por meio dela, o sujeito que fala pratica ações que não conseguiria levar a cabo, a não ser falando; com ela o falante age sobre o ouvinte, constituindo compromissos e vínculos que não preexistiam à fala.

De acordo com Suassuna, Melo e Coelho (2009), por muito tempo, a concepção de língua(gem) dominante foi a de língua como sistema. Entende-se, todavia, que não há necessidade de excluir ou ignorar o ensino da norma culta, mas apropriá-lo: deve-se ter consciência de que, ao ensinar regras impostas sobre o uso da língua, deve-se explicitá-las como uma dentre tantas possibilidades de comunicação, que são adequadas em determinados espaços e para determinadas situações (ANTUNES, 2003).

Os signos são ideológicos; isso quer dizer que são criados e devem ser avaliados dentro de um contexto: “não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica” (FARACO, 2003, p.47). Para Rodrigues e Cerutti-Rizzatti (2011), a ideologia não existe fora de uma linguagem, enquanto que a linguagem, por sua vez, é marcada por valores ideológicos. Isso significa que, ao encontro do que explicita Faraco (2003), as autoras evidenciam que todo enunciado é ideológico, porque é proferido em uma esfera sociológica. A língua ainda possibilita diversas maneiras de o sujeito se manifestar – e é por conta disso que definir tal sujeito é de extrema importância.

2.3 CONCEPÇÃO DE ENSINO E APRENDIZAGEM DA LÍNGUA PORTUGUESA

Conforme aponta Geraldi (2006 [1984]), toda metodologia de ensino implica em opções políticas com os mecanismos que são utilizados em sala de aula. A perspectiva de ensino aqui descrita não está pautada em um ensino normativista ou prescritivista, que busque estabelecer conceitos e postular regras, mas em um processo que contribua significativamente para a formação humana integral dos estudantes. Além disso, à luz dos estudos de Bakhtin (1988 [1929]), tem-se a noção de que a interação social é o principal elemento a ser

considerado em relação ao estudo de línguas. Essa teoria busca ainda compreender o processo interno da língua ao invés de encará-la como um produto acabado, tido por si mesmo; entretanto, para que uma análise mais minuciosa e precisa aconteça em sala de aula, é necessário que o professor domine os paradigmas teóricos explicitados, colocando-os em prática.

Outro aspecto a considerar é a interação entre professor e estudantes mediada pela linguagem. De acordo com Cunha (2004), para os alunos, na atualidade, o bom professor é aquele que, além de dominar o conteúdo, também escolhe formas certas de apresentar a matéria e tem, de maneira geral, um bom relacionamento com o grupo. O docente apresenta o mundo para a criança e expande-o para os jovens. Além de realizar e incentivar discussões técnicas, deve estar atento às divergências; deve promover o diálogo, enriquecendo o(s) discurso(s), não impondo verdades absolutas. O educando, por sua vez, também é sujeito ativo neste processo: carrega vivências, histórias e opiniões. Por consequência, deve ser incentivado a compartilhar conhecimentos e formular e testar hipóteses. O trabalho dos alunos deve ser analisado de forma ampla, tanto individualmente quanto em grupo, para que se possa pontuar, caracterizar e ampliar sua(s) habilidade(s).

As atividades devem ser propostas em torno de um ensino efetivo da língua, utilizando-se da metalinguagem apenas quando for necessário, para que a disciplina de Língua Portuguesa não fique restrita à gramática normativa. Geraldi (2006 [1984]) constata que “no ensino da língua, [...] é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças”. Pretende-se, assim, trabalhar com produções que estimulem os estudantes a se posicionarem criticamente.

Tendo em vista ainda o que Antunes (2007) propõe, pretende-se despertar nos alunos um interesse além do preparo para concursos e/ou vestibulares; sabe-se que tais provas são de extrema importância para a trajetória dos estudantes, mas tanto a escrita formal quanto às nomenclaturas gramaticais devem ser encaradas como uma consequência, não como o foco. O principal objetivo é fazer com que os estudantes pensem, estabeleçam relações, elaborem sínteses, expressando-se com clareza e precisão. Com isso, “[...] o foco das aulas – sobretudo nas aulas de línguas – [deixa] de ser a correção para ser o ensino, a exploração, a investigação, a pesquisa, a procura” (ANTUNES, 2007, p. 155).

2.4 CONCEPÇÃO DE GÊNEROS DO DISCURSO

A partir da teoria de Bakhtin (2016[1895-75]), concebe-se a importância de situar a *língua(gem)* em *enunciados* e que estes se materializam em diferentes *gêneros do discurso* presentes nas mais variadas *esferas de atividade humana*, refletindo “[...] as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (BAKHTIN, 2016[1895-75], p. 11-12).

Nesse sentido, partindo dos pressupostos de que “[...] a consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais” e de que “os signos só emergem no processo de interação entre uma consciência e outra” (BAKHTIN [VOLOCHÍNOV], 2014 [1929], p. 34-36), sendo a palavra o veículo privilegiado da ideologia, isto é, um dos principais modos de registro das variações das relações sociais e, ao mesmo tempo, o material privilegiado de comunicação, na vida cotidiana, conclui-se, consoante à teoria de Bakhtin [Volochnikov] (2014 [1929]), que, para observar o fenômeno da linguagem, é preciso situar os sujeitos, como enunciadore e enunciatários, no meio social, produtores de *enunciados* nos diversos *gêneros do discurso* das diferentes esferas de atividade humana.

Assim sendo, o trabalho com os *gêneros* deve ser direcionado de modo que os alunos compreendam as noções implicadas na sua *dimensão social*, como reconhecer “[...] quem são os sujeitos que estão interagindo, onde se dá essa interação, para que finalidades ela se presta e informações afins” (SANTA CATARINA, 2014, p.120), para que, então, seja possível a orientação no que tange à *dimensão verbal do gênero*. Tendo em vista o que aborda a *Proposta Curricular de Santa Catarina* (2014) quanto à importância de pensar o planejamento do trabalho docente objetivando a contemplação dos diferentes modos de interagir, para que os alunos se apropriem da *língua(gem)* para além da esfera escolar e das demandas cotidianas, e sim que sejam capazes, também, de “[...] lidar com o mundo e com a vida no plano das ciências, da espiritualidade, das Artes, da Filosofia e campos afins, incluídas, nas Artes, as manifestações linguísticas características da Literatura” (SANTA CATARINA, 2014, p. 121), considera-se, portanto, o trabalho com língua materna permeado pela teoria dos *gêneros do discurso*, o qual é indissociável das práticas de leitura e de escrita, fundamental para a realização de práticas didático-pedagógicas que incentivem a reflexão dos sujeitos acerca de sua história e de sua cultura, bem como da história e da cultura do *outro*,

que desenvolvam a capacidade da *ausculta* e da verbalização das opiniões e das reflexões, que valorizem a identidade e a subjetividade e que provoquem uma transformação no olhar dos alunos sobre suas vivências e sobre si (BAKHTIN, 2003[1981]) – transformação que, por sua vez, tem potencial para converter-se em mudanças nos seus conjuntos de valores e de atitudes para além do campo profissional e escolar.

3 OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta neste projeto.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de conhecimentos, de modo a contribuir para a formação plena - tanto intelectual, quanto subjetiva - dos sujeitos, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos aos *gêneros do discurso*, à luz da teoria bakhtiniana. Espera-se, ainda, ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos em variados gêneros do discurso, para que se possa reconhecê-los através de seu conteúdo temático, seu estilo e sua configuração composicional.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a noção de *gênero do discurso* e os três elementos que compõem o *enunciado*: conteúdo temático, estilo e configuração composicional.
- Ler e interpretar textos relacionados aos gêneros da esfera literária, atentando para seu estilo composicional.
- Reconhecer, produzir, compreender e avaliar a elaboração e a interpretação de textos.
- Reconhecer os meios nos quais os gêneros do discurso circulam socialmente.
- Reconhecer as distintas tipologias textuais e sua predominância ou não nos diferentes gêneros do discurso, com base na percepção dos elementos dos quais foi construído (saber que se trata de uma reportagem, lei, conto, crônica etc.).
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.

- Relacionar os gêneros artigo de opinião, conto, crônica, lei, medida provisória, charge e reportagem às esferas da atividade humana que lhes são correspondentes.
- Apropriar-se dos procedimentos de organização e funcionamento de textos, responsáveis por garantir a continuidade de sentidos: progressão/continuidade temática e tópica.

4 CONHECIMENTOS TRABALHADOS

Pretende-se trabalhar conteúdos relacionados aos *gêneros do discurso*, conforme o conceito apontado principalmente pelo filósofo russo Mikhail Bakhtin (2003[1981]). Os gêneros foram escolhidos por serem os mais recorrentes em provas de concursos públicos e processos seletivos para a categoria de Magistério e Nível Médio, além de provas de vestibulares, principalmente da UFSC. Assim, nosso principal objetivo é fazer com que os alunos reconheçam tais gêneros, não apenas porque são frequentes em provas de larga escala, mas porque estão presentes no cotidiano. É importante que os alunos tenham ciência, por exemplo, dos diferentes suportes em que um mesmo gênero pode ser encontrado, bem como suas principais características e meios de circulação.

Desta maneira, os seguintes conhecimentos serão trabalhados em sala de aula: inicialmente, uma breve introdução à teoria bakhtiniana (como o estudo da classificação em *gênero primário* e *gênero secundário*, estilo e suporte); após, os seguintes tópicos serão abordados: (i) Conto; (ii) Crônica; (iii) Charge/tirinha; (iv) Artigo de opinião; (v) Reportagem; (vi) Lei. Ao final da explicitação de cada gênero, os alunos lerão um exemplo, além de responderem, em conjunto, algumas questões. Para finalizar o extraclasse, uma atividade em grupo (entre quatro e seis pessoas) será proposta. Assim, além de trabalharmos com os conhecimentos relacionados à língua portuguesa, focando na proposta de *gêneros* descrita por Bakhtin (2003[1981]), exercitaremos o trabalho em conjunto, valorizando o coletivo.

5 METODOLOGIA

Este projeto está ancorado em Geraldi (2006), que postula que qualquer metodologia articula uma opção política, envolvendo uma teoria de compreensão e interpretação do contexto sócio-histórico-cultural dos sujeitos envolvidos no processo de ensino e

aprendizagem de sua língua materna. Levamos em consideração, também, o exposto nas *Orientações Educacionais Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais* (BRASIL, 2018, p. 55), que evidencia que o ensino de português “[...] deve considerar a necessária aquisição e o desenvolvimento de três competências: interação, texto e gramática. Esse tripé, necessariamente inter-relacionado, mesmo não sendo exclusivo da disciplina, encontra nela os conceitos e conteúdos mais apropriados”. A expressão da língua(gem) está sempre orientada para o *outro*, sendo o aspecto primeiro da relação linguística-literatura; esta é uma reflexão que discute tal relação com clareza, com princípios definidores do que se entende como linguagem (BRAIT, 2017).

Partindo desse pressuposto, iniciaremos o minicurso com uma apresentação de *slides* sobre a teoria dos *gêneros do discurso*, ancorada em Bakhtin (2003, [1981]): evidenciaremos os três componentes do enunciado - estilo, configuração composicional e conteúdo temático -, que caracterizam os textos nos diferentes gêneros do discurso que circulam nas variadas esferas de atividade humana. Além disso, abordaremos a classificação dos gêneros (primário e secundário), aplicando-os com a utilização de uma linguagem de fácil entendimento, pois o público será heterogêneo. Situiremos, ainda, os gêneros em suas esferas de circulação, para fazer com que os estudantes percebam a aplicação dessa teoria no cotidiano. Para finalizar esse primeiro bloco, traremos questões oriundas de concursos públicos, exemplificando o que fora visto até o momento.

Após expormos, de maneira breve, a teoria, detalharemos oito gêneros discursivos, que foram escolhidos por conta de sua recorrência nas principais provas de concurso do estado de Santa Catarina: lei, medida provisória, artigo de opinião, conto, crônica, charge e reportagem. Estes também serão abordados com o auxílio de apresentação de *slides*, com foco em suas principais características, para que os estudantes possam reconhecê-los; após esse primeiro contato, traremos exemplos de cada texto em seu suporte original, como jornais, revistas e livros, de modo a proporcionar aos estudantes uma maior aproximação para com os textos nos diferentes gêneros evidenciados. A partir disso, organizaremos uma dinâmica, em grupo, para que os alunos analisem e identifiquem os principais pontos levantados, ao longo do minicurso, em dois textos do gênero quem receberem.

Cabe ressaltar que os gêneros discursivos *lei* e *medida provisória* serão trabalhados no último bloco do minicurso, pois apresentam maior complexidade e pouca familiaridade por parte dos alunos para com os textos desses gêneros, em relação aos outros gêneros abordados, tendo em vista que a circulação dos gêneros discursivos da esfera jurídica é mais restrita.

Justamente por isso, há maior dificuldade implementá-los e relacioná-los no dia a dia. Para finalizar, trabalharemos, novamente, com questões retiradas de concursos, que abordem esses gêneros da esfera jurídica, não apenas com o intuito de que os alunos façam reconhecimento dos textos, mas para que saibam interpretá-los.

5.1 CRONOGRAMA

Atividade	Tempo
Abordagem introdutória sobre a teoria dos <i>gêneros do discurso</i> : apresentação em <i>slides</i> .	15min
Questões de concursos que abordam gêneros do discurso.	15min
Contextualização e conceitualização dos gêneros: Conto; Crônica; Charge; Artigo de opinião; Reportagem.	45min
Intervalo	15min
Atividade: dinâmica de interação com os textos nos gêneros apresentados.	30min
Contextualização e conceitualização dos gêneros da esfera jurídica: lei e medida provisória.	30min
Atividade: dinâmica de interação com os textos nos gêneros da esfera jurídica apresentados.	30min

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, I. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola, 2003.
- _____. Novas concepções de língua e suas repercussões. In: _____. **Muito além da gramática**: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. São Paulo: Parábola, 2007. p. 145-157.
- BARBOSA DA SILVA, C. M. M.; SILVA NETO, J. G. A Língua Portuguesa no Ensino Médio: Conteúdos de ensino e o desenvolvimento da aula. **Alfa**. São Paulo, SP, p.295-314, 2013.
- BAKHTIN, M. (Volochninov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1952-53].
- _____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-53].

CERUTTI-RIZZATTI, Mary Elizabeth; IRIGOITE, Josa Coelho da Silva. A aula de português: sobre vivências (in)funcionais. **Revista Alfa**, São Paulo, 2015, p. 255-279.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. 16. ed. Campinas: Papirus, 2004.

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Circulo de Bakhtin**. Curitiba: Criar Edições, 2003.

GERALDI, J. W. Concepções de linguagem e ensino de português. In: GERALDI, J.W. (Org.). **O texto na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2006 [1984]. p. 39-46.

_____. **A aula como acontecimento**. São Paulo: Pedro e João Editores, 2010.

PREFEITURA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Secretaria de Educação. Área de conhecimento: linguagens. In: _____. **Proposta Curricular da rede municipal de ensino de Florianópolis**. Florianópolis: PMF, 2016. p. 73-98.

RODRIGUES, R. H; CERUTTI-RIZZATTI, M. E. Fundamentos do pensamento bakhtiniano: uma epistemologia ancorando a busca de uma mudança no ensino de Língua Portuguesa. In: _____. **Linguística Aplicada**. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011., p. 199-215.

SANTA CATARINA. Secretaria de Estado de Educação. Proposta curricular de Santa Catarina: formação integral na educação básica. Florianópolis: SEDSC, 2014.

SUASSUNA, L.; MELO, I.; COELHO, W. O projeto didático: forma de articulação entre leitura, literatura, produção de texto e análise linguística. In: BUNZEN, C.; MENDONÇA, M. (Orgs.). **Português no Ensino Médio e formação do professor**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

VIEIRA, A. Formação de leitores de literatura na escola brasileira: caminhadas e labirintos. **Cadernos de pesquisa**, v. 38, n.134, 2008, p.441-458.

APÊNDICE A - Plano de aula - 26/10/2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC) CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO

PLANO DE AULA

I IDENTIFICAÇÃO

ESCOLA: Instituto Estadual de Educação (IEE)

DISCIPLINA: Língua Portuguesa

PROFESSORES ESTAGIÁRIOS: Bárbara, Caroline e Diego

ANO: 3º anos do Ensino Médio e curso do Magistério

CARGA HORÁRIA: 3h

II TEMA

Os gêneros do discurso à luz da teoria Bakhtiniana, com foco em provas de vestibulares e concursos públicos.

III OBJETIVOS

Nesta seção, abordaremos o objetivo geral e os objetivos específicos referentes à aula proposta neste projeto.

3.1 OBJETIVO GERAL

Produzir condições de apropriação e produção de conhecimentos, de modo a contribuir para a formação plena - tanto intelectual, quanto subjetiva - dos sujeitos, através da inserção e/ou aprofundamento dos conhecimentos relativos aos *gêneros do discurso*, à luz da teoria bakhtiniana. Espera-se, ainda, ampliar o conhecimento de estratégias e métodos de elaboração e interpretação de textos em variados gêneros do discurso, para que se possa reconhecê-los através de seu conteúdo temático, seu estilo e sua configuração composicional.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Compreender a noção de *gênero do discurso* e os três elementos que compõem o *enunciado*: conteúdo temático, estilo e configuração composicional.
- Ler e interpretar textos relacionados aos gêneros da esfera literária, atentando para seu estilo composicional.
- Reconhecer, produzir, compreender e avaliar a elaboração e a interpretação de textos.
- Reconhecer os meios nos quais os gêneros do discurso circulam socialmente.

- Reconhecer as distintas tipologias textuais e sua predominância ou não nos diferentes gêneros do discurso, com base na percepção dos elementos dos quais foi construído (saber que se trata de uma reportagem, lei, conto, crônica etc.).
- Reconhecer a presença de valores (sociais e humanos) no patrimônio literário.
- Relacionar os gêneros artigo de opinião, conto, crônica, lei, medida provisória, charge e reportagem às esferas da atividade humana que lhes são correspondentes.
- Apropriar-se dos procedimentos de organização e funcionamento de textos, responsáveis por garantir a continuidade de sentidos: progressão/continuidade temática e tópica.

IV CONHECIMENTOS/CONTEÚDOS ABORDADOS

- Teoria de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso (definição de ‘gênero do discurso’, componentes dos gêneros e classificação (primários e secundários).
- Gênero *Conto* (principais características e exemplos).
- Gênero *Crônica* (principais características, exemplos e resolução de exercícios).
- Gênero *Charge/tirinha* (principais características, exemplos e resolução de exercícios).
- Gênero *Artigo de opinião* (principais características e exemplos).
- Gênero *Reportagem* (principais características, exemplos e resolução de exercícios).
- Gênero *Lei* - esfera jurídica (principais características e exemplos).

V METODOLOGIA

Inicialmente, através de apresentação de *slides* no Powerpoint, trouxemos para os alunos a teoria dos Gêneros do discurso à luz de Bakhtin: definições, classificação (gênero primário e secundário) e composição (conteúdo temático, estilo e construção composicional). Resolvemos, então, em conjunto, uma série de questões acerca da teoria Bakhtiniana que frequentemente está presente em provas de concurso (principalmente para a área do magistério). Após, para finalizar essa primeira etapa, realizamos uma atividade com foco nos gêneros primários e secundários: os alunos entraram em contato com diferentes suportes (como livros, dicionários, jornais, panfletos, revistas) e realizamos uma dinâmica de reconhecimento.

Apresentamos, ainda com auxílio do Powerpoint, os mais conhecidos gêneros do discurso, difundidos em diferentes provas de vestibulares e concursos por todo o país. Focamos em suas principais características, na estrutura e trouxemos exemplos, lidos em voz alta com toda a turma: *conto*, *crônica*, *charge/tirinha*, *artigo de opinião*, *reportagem* e *lei*. Para finalizar, nos últimos trinta minutos, os estudantes realizaram uma atividade: separados em grupos de quatro ou cinco, receberam determinado gênero em determinado suporte (ex.: Constituição Federativa do Brasil, no suporte ‘livro’) e caracterizaram-na, respondendo às seguintes perguntas:

- a. Qual é o suporte em que o texto está inserido?
- b. A linguagem é acessível ou rebuscada? Por quê?
- c. Quais são os elementos recorrentes neste gênero? E os opcionais?
- d. Onde costuma circular este gênero?
- e. Qual é o principal assunto discutido?
- f. Você costuma ter contato com este gênero? Onde?

Assim, com o minicurso apresentado, espera-se que os alunos reconheçam os diferentes gêneros do discurso em suportes variados, pois estes circulam em diferentes esferas sociais e fazem parte do cotidiano de todos.

VI RECURSO(S) DIDÁTICO(S)

- Computador.
- *Datashow*.
- Cópias impressas.
- Livros.
- Jornais.
- Revistas.
- Panfletos.
- Bulas de remédio.
- *DVD*.

VII AVALIAÇÃO

Por se tratar de um minicurso realizado extraclasse, não há avaliação formal; entretanto, o foco estará no interesse, postura, envolvimento e participação dos estudantes nas dinâmicas e atividades propostas. Outro importante ponto a ser levado em conta é a presença (ou não) de *feedback* dos estudantes ao final das apresentações.

VIII REFERÊNCIAS

ARAUJO, Y. Devaneios com: Sigmund e Freud. **Depósito de Tirinhas**. 2016. Disponível em: <<https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/150964569187/devaneios-com-sigmund-e-freud-por-yorh%C3%A1n-ara%C3%BAjo>> . Acesso em: 29 de out. 2018.

AZEVEDO, Solange. Uma história de agressões e mortes. **Revista Época**, Rio de Janeiro, v. 569, p. 46-52, 13 abr. 2009.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-53].

BONDUKI, N. O destino do Brasil em jogo. **CartaCapital**, São Paulo, 23 out. 2018. Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/politica/o-destino-do-brasil-em-jogo>>. Acesso em: 23 out. 2018.

CONSTANTINO, R. Polícia e Ladrão. **Revista Isto É**, São Paulo, 11 out. 2018. Disponível em: <<https://istoe.com.br/policia-e-ladrao/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

DUVIVIER, G. E eles viveram felizes para sempre. **Folha de São Paulo**, 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/colunas/gregorioduvivier/2013/10/1363203-e-eles-viveram-felizes-para-sempre.shtml>>. Acesso em: 25 de out. 2018.

EMCKE, C. Xenofonia: a normalização do ódio. **EL PAÍS Brasil**: o jornal global. São Paulo. 23 set. 2018. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/21/opinion/1537548764_065506.html>. Acesso em: 23 out. 2018.

GIUDICE, V. O dia em que nossa vizinha enlouqueceu. **Os Banheiros**. 1979. p.119-128.

LAVADO, J. S. **Mafalda**: Todas as tiras. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

PARRA, N.; POMPERMAIER, P. H. Identidade e apropriação cultural. **Revista Cult**, São Paulo, 22 jul. 2017. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/identidade-e-apropriacao-cultural/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

SCHULZ, C. M. **Peanuts Completo (1961-1962)**. Porto Alegre: RS: L&PM, 2013, 344p.
TELLES, L. F. Que se chama solidão. **Conto Brasileiro**. Disponível em: <<http://contobrasileiro.com.br/que-se-chama-solidao-conto-de-lygia-fagundes-telles/>>. Acesso em: 26 de out. 2018.

VEJA, Revista. Falta de exercício é pior para a saúde do que o cigarro, diz estudo. **Veja.com**, São Paulo, 22 out. 2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/saude/falta-de-exercicio-e-pior-para-a-saude-do-que-o-cigarro-diz-estudo/>>. Acesso em: 23 out. 2018.

IX CRONOGRAMA

ATIVIDADES	TEMPO
Apresentação da teoria de gêneros do discurso, através de Bakhtin (o que são os gêneros do discurso, gêneros primários e secundários); Resolução de exercícios em conjunto sobre a teoria de Bakhtin em concursos variados.	25min
Atividade de reconhecimento de gêneros primários e secundários através de suportes (bula de remédio, revista, panfleto, jornal, livro, tese, DVD).	20min
Estrutura do gênero Conto e leitura do conto <i>Que se chama solidão</i> , de Lygia Fagundes Telles	30min
Intervalo	20min
Estrutura do gênero Crônica e leitura da crônica <i>E foram felizes para sempre</i> , de Duvivier; Resolução de exercícios de Crônicas em concursos e vestibulares.	15min
Estrutura de Charge/tirinha e leitura de algumas charges; Resolução de exercícios sobre tirinhas e charges em provas de vestibular.	10min
Estrutura do gênero Artigo de Opinião e leitura de um artigo.	10min
Estrutura do gênero Reportagem, com leitura de uma reportagem; Resolução de exercícios sobre reportagem em provas de vestibular e concursos.	13min
Estrutura do gênero Lei (jurídico).	7min
Atividade de reconhecimento acerca dos gêneros do discurso estudados	30min

APÊNDICE B - TABELA DOS GÊNEROS DO DISCURSO

Gênero	Forma	Estilo	Função	Suporte	Contexto
Carta pessoal	Variável, com elementos recorrentes: data, local, cumprimento, corpo, despedida, assinatura.	Em geral, linguagem coloquial, familiar, íntima.	Troca de informações, manifestação de sentimentos, etc.	Folha de papel (dentro de envelope).	Esfera da vida cotidiana, familiar e afetiva.
Conto					
Crônica					
Charge					
Artigo de opinião					

Reportagem					
Lei					
Medida provisória					



Centro de Ciências da Educação
Departamento de Metodologia de Ensino



GÊNEROS DO DISCURSO

Bárbara Farias
Caroline Ferrari
Diego Rodrigues Lopes

Quem foi Mikhail Bakhtin?

- Filósofo russo que revolucionou a teoria linguística do século XX;
- Um dos mais destacados pensadores de uma rede de profissionais preocupados com as formas de estudar **linguagem, literatura e arte – Círculo de Bakhtin**;
- Linguagem como um constante **processo de interação mediado pelo diálogo** - e não apenas como um sistema autônomo.

(PINHEIRO, 2009)



Os gêneros do discurso

- Os gêneros do discurso são tipos relativamente estáveis de enunciados: suas fronteiras são fluidas;
- **Nenhum fenômeno linguístico surge na língua a não ser por meio dos gêneros** - os gêneros materializam-se em textos;
- É a interação social em uma determinada esfera que traz à tona o gênero;
- A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana.



Os gêneros do discurso

- As formas de usar a linguagem são variadas - são diversas as esferas de atividade humana (esfera científica, jornalística, literária, doméstica etc.);
- A língua acontece na forma de **enunciados**;
- Aprender a falar significa aprender a construir enunciados (porque falamos por enunciados e não por orações isoladas).
- **Os enunciados são únicos e irrepetíveis.**



Os três elementos do enunciado

- **Conteúdo temático:**

- não diz respeito meramente ao assunto principal de um texto, mas sim ao **tema do ponto de vista (da valoração, da avaliação) do locutor**, seja ele falante ou autor.

- **Estilo:**

- do gênero e não do sujeito;
- onde há estilo, há gênero.

- **Construção composicional:**

- suporte do gênero, a letra, como o estilo é organizado.

A heterogeneidade dos gêneros do discurso

“A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo” (BAKHTIN, 2016[1952-53], p.12).

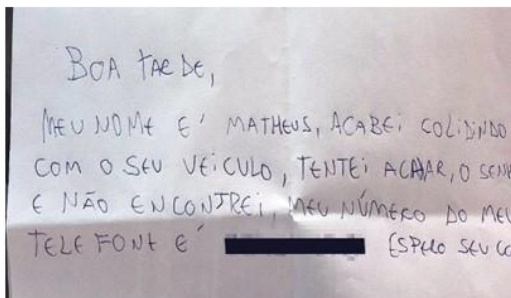


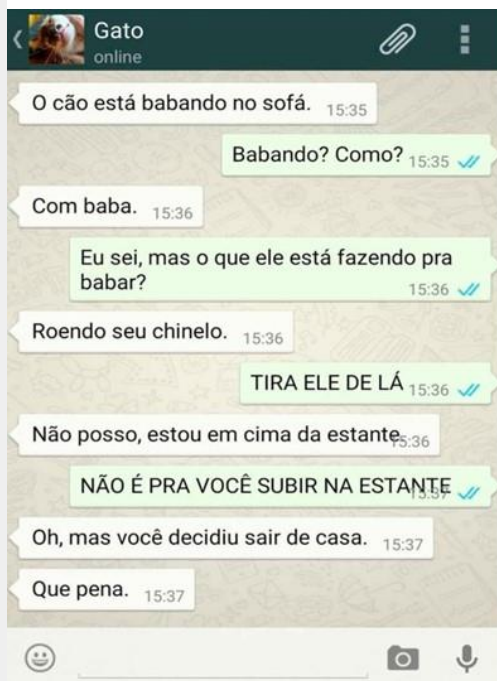
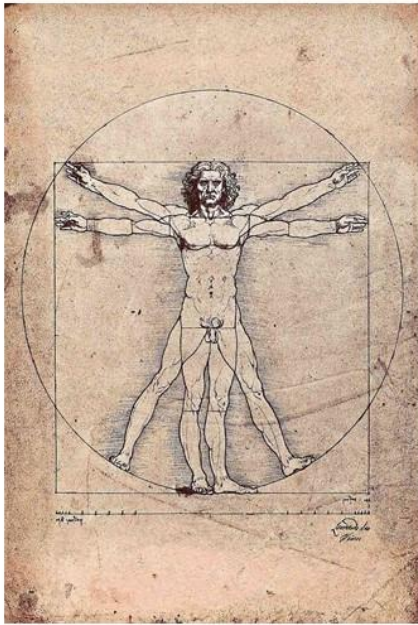
Os gêneros primários e secundários

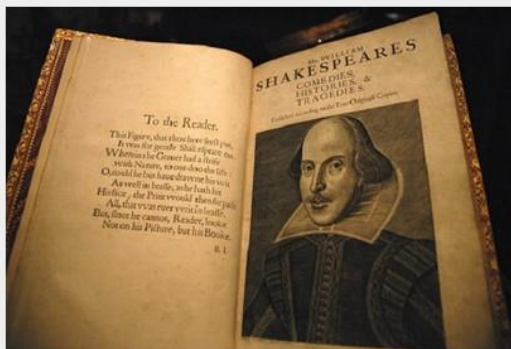
- Os gêneros primários (simples) são encontrados na comunicação cotidiana: **um bilhete, uma conversa informal, no mercado ou em aula;**
- Os gêneros secundários surgem de um convívio cultural mais complexo: **obras literárias, obras artísticas, filmes, teorias sociais e científicas, livros/textos religiosos, etc.**



L'Ecrivaine, de Agnès Bolouche (2014)







Resumindo...

- Cada esfera de interação social elabora tipos relativamente estáveis de enunciados – os **gêneros discursivos**;
- Três elementos que compõem o enunciado: **conteúdo temático**, **estilo** e **construção**;
- Determina-se a escolha de um gênero pela esfera de necessidades da temática, o conjunto dos participantes, a vontade enunciativa ou a intenção do locutor.

GÊNEROS DO DISCURSO CONFORME AS ESFERAS DE CIRCULAÇÃO

ESFERAS SOCIAIS DE CIRCULAÇÃO	GÊNEROS DISCURSIVOS	
COTIDIANA	Adivinhas Álbum de Família Anedotas Bilhetes Cantigas de Roda Carta Pessoal Cartão Cartão Postal Causos Comunicado Convites <i>Curriculum Vitae</i>	Diário Exposição Oral Fotos Músicas Parlendas Piadas Provérbios Quadrinhas Receitas Relatos de Experiências Vividas Trava-Línguas
LITERÁRIA / ARTÍSTICA	Autobiografia Biografias Contos Contos de Fadas Contos de Fadas Contemporâneos Crônicas de Ficção Escultura Fábulas Fábulas Contemporâneas Haikai Histórias em Quadrinhos Lendas Literatura de Cordel Memórias	Letras de Músicas Narrativas de Aventura Narrativas de Enigma Narrativas de Ficção Científica Narrativas de Humor Narrativas de Terror Narrativas Fantásticas Narrativas Míticas Paródias Pinturas Poemas Romances Tankas Textos Dramáticos
ESCOLAR	Ata Cartazes Debate Regrado Diálogo/Discussão Argumentativa Exposição Oral Júri Simulado Mapas Palestra Pesquisas	Relato Histórico Relatório Relatos de Experiências Científicas Resenha Resumo Seminário Texto Argumentativo Texto de Opinião Verbetes de Enciclopédias

IMPrensa	Agenda Cultural Anúncio de Emprego Artigo de Opinião Caricatura Carta ao Leitor Carta do Leitor Cartum Charge Classificados Crônica Jornalística Editorial Entrevista (oral e escrita)	Fotos Horóscopo Infográfico Manchete Mapas Mesa Redonda Notícia Reportagens Resenha Crítica Sinopses de Filmes Tiras
PUBLICITÁRIA	Anúncio Caricatura Cartazes Comercial para TV E-mail Folder Fotos Slogan	Músicas Paródia Placas Publicidade Comercial Publicidade Institucional Publicidade Oficial Texto Político

POLÍTICA	Abaixo-Assinado Assembleia Carta de Emprego Carta de Reclamação Carta de Solicitação Debate	Debate Regrado Discurso Político "de Palanque" Fórum Manifesto Mesa Redonda Panfleto
JURÍDICA	Boletim de Ocorrência Constituição Brasileira Contrato Declaração de Direitos Depoimentos Discurso de Acusação Discurso de Defesa	Estatutos Leis Ofício Procuração Regimentos Regulamentos Requerimentos
PRODUÇÃO E CONSUMO	Bulas Manual Técnico Placas	Regras de Jogo Rótulos/Embalagens
MIDIÁTICA	Blog Chat Desenho Animado E-mail Entrevista Filmes Fotoblog Home Page	Reality Show Talk Show Telejornal Telenovelas Torpedos Video Clip Video Conferência

(Fonte: adaptado de BARBOSA, Jaqueline Peixoto. Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva enunciativa para o ensino da Língua Portuguesa)



(Concurso Público para Seleção de Professores do Magistério - GO)

Bakhtin (1997) define gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados e complementa que a riqueza e variedade da atividade humana comunicativa são inesgotáveis. Segundo essa definição, a exploração dos gêneros discursivos na aula de língua portuguesa deve levar em consideração:

- (A) a heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos.
- (B) a estabilidade de elementos enunciativos presentes nos gêneros do discurso.
- (C) a comunicação humana organizada pelos tipos de enunciados.
- (D) a quantidade e a qualidade de enunciados disponíveis em discursos.

(Concurso Público para Seleção de Professores do Magistério - GO)

Bakhtin (1997) define gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados e complementa que a riqueza e variedade da atividade humana comunicativa são inesgotáveis. Segundo essa definição, a exploração dos gêneros discursivos na aula de língua portuguesa deve levar em consideração:

- ☒ (A) a heterogeneidade dos gêneros do discurso orais e escritos.
- (B) a estabilidade de elementos enunciativos presentes nos gêneros do discurso.
- (C) a comunicação humana organizada pelos tipos de enunciados.
- (D) a quantidade e a qualidade de enunciados disponíveis em discursos.

(FCC - 2016 - SEDU-ES - Professor - Língua Portuguesa)

BAKHTIN, em *Estética da Criação Verbal*, explica que: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

Depreende-se do texto que, na caracterização de um gênero discursivo, deve-se considerar, principalmente,

- (A) o emprego de recursos linguísticos específicos e a fixação dos enunciados orais e escritos.
- (B) a ocorrência particular, específica, dependendo da esfera de comunicação a que pertencem os falantes.
- (C) o modo de composição, o tema e os usos de linguagem relacionados às finalidades de cada campo de atividade humana.
- (D) a irregularidade no emprego de enunciados orais e escritos em determinados campos de atividade verbal.

(FCC - 2016 - SEDU-ES - Professor - Língua Portuguesa)

BAKHTIN, em *Estética da Criação Verbal*, explica que: “O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo de atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. [...] Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”.

Depreende-se do texto que, na caracterização de um gênero discursivo, deve-se considerar, principalmente,

- (A) o emprego de recursos linguísticos específicos e a fixação dos enunciados orais e escritos.
- (B) a ocorrência particular, específica, dependendo da esfera de comunicação a que pertencem os falantes.
- ☒ (C) o modo de composição, o tema e os usos de linguagem relacionados às finalidades de cada campo de atividade humana.
- (D) a irregularidade no emprego de enunciados orais e escritos em determinados campos de atividade verbal.

(FUNDEP – IFSP 2014)

A divisão proposta por Bakhtin (2003) entre gêneros primários e secundários

- (A) equivale a uma classificação dos gêneros textuais conforme as suas regularidades.
- (B) propõe uma separação da diversidade de textos de acordo com suas tipologias.
- (C) destoa do conceito que atribui uma relatividade às características dos gêneros.
- (D) atesta uma concepção de gêneros voltada para as atividades enunciativas.

(FUNDEP – IFSP 2014)

A divisão proposta por Bakhtin (2003) entre gêneros primários e secundários

(A) equivale a uma classificação dos gêneros textuais conforme as suas regularidades.

(B) propõe uma separação da diversidade de textos de acordo com suas tipologias.

(C) destoa do conceito que atribui uma relatividade às características dos gêneros.

(D) atesta uma concepção de gêneros voltada para as atividades enunciativas.

Partindo do pressuposto de que um texto estrutura-se a partir de características gerais de um determinado gênero, identifique os gêneros descritos a seguir:

- I. Tem como principal característica transmitir a opinião de pessoas de destaque sobre algum assunto de interesse. Algumas revistas têm uma seção dedicada a esse gênero;
- II. Caracteriza-se por apresentar um trabalho voltado para o estudo da linguagem, fazendo-o de maneira particular, refletindo o momento, a vida dos homens através de figuras que possibilitam a criação de imagens;
- III. Gênero que apresenta uma narrativa informal ligada à vida cotidiana. Apresenta certa dose de lirismo e sua principal característica é a brevidade;


IV. Linguagem linear e curta, envolve poucas personagens, que geralmente se movimentam em torno de uma única ação, dada em um só espaço, eixo temático e conflito. Suas ações encaminham-se diretamente para um desfecho;

V. Esse gênero é predominantemente utilizado em manuais de eletrodomésticos, jogos eletrônicos, receitas, rótulos de produtos, entre outros.

São, respectivamente:

- a) texto instrucional, crônica, carta, entrevista e carta argumentativa.
- b) carta, bula de remédio, narração, prosa, crônica.
- c) entrevista, poesia, crônica, conto, texto instrucional.
- d) entrevista, poesia, conto, crônica, texto instrucional.
- e) texto instrucional, crônica, entrevista, carta e carta argumentativa.

São, respectivamente:

- a) texto instrucional, crônica, carta, entrevista e carta argumentativa.
- b) carta, bula de remédio, narração, prosa, crônica.
-  c) entrevista, poesia, crônica, conto, texto instrucional.
- d) entrevista, poesia, conto, crônica, texto instrucional.
- e) texto instrucional, crônica, entrevista, carta e carta argumentativa.

Processo seletivo – ACT-SED/SC (2015)

São exemplos de gêneros textuais dentro da cultura literária ficcional, exceto:

- (A) relato de viagem.
- (B) conto maravilhoso e conto parodiado.
- (C) fábula e lenda.
- (D) narrativa de aventura, narrativa de ficção científica.
- (E) narrativa de enigma, novela fantástica.

Processo seletivo – ACT-SED/SC (2015)

São exemplos de gêneros textuais dentro da cultura literária ficcional, exceto:

- ☒ (A) relato de viagem.
- (B) conto maravilhoso e conto parodiado.
- (C) fábula e lenda.
- (D) narrativa de aventura, narrativa de ficção científica.
- (E) narrativa de enigma, novela fantástica.

Conto

- É uma breve narrativa escrita em prosa;
- Envolve enredo, personagens, tempo e espaço;
- Realidade e ficção não têm limites precisos;
- Linguagem objetiva, direta, priorizando as ações;
- Os fatos são relatados a partir do ponto de vista do narrador (1ª ou 3ª pessoa).



O conto não se refere só ao acontecido. **Não tem compromisso com o evento real.** Nele, realidade e ficção não tem limites precisos. [...] A esta altura, **não importa averiguar se há verdade ou falsidade:** o que existe é já a ficção, a arte de inventar um modo de se representar algo. (GOTLIB, 1990, p. 12)

Estrutura

- 1) **Introdução (apresentação):** narrador apresenta os fatos iniciais, o tempo, o espaço, os personagens;
- 2) **Complicação (desenvolvimento):** a parte em que se desenvolve o conflito;
- 3) **Clímax:** o momento mais tenso da narrativa;
- 4) **Desfecho:** revela o fim da história, do conflito.



Análise do conto

Quais são os personagens principais?

O que acontece na história?

Em que tempo e em que lugar se passa a história narrada?

Quem narra? Como narra? O narrador também é um dos personagens?

Principais contistas brasileiros

- Machado de Assis;
- Aluísio Azevedo;
- Clarice Lispector;
- Lima Barreto;
- Lygia Fagundes Telles.



Refletindo sobre o conto

- Qual é o título do conto? E o autor?
- Quais são os personagens?
- Quais são os principais acontecimentos?
- Em que tempo e lugar se passa a história narrada?
- O narrador também é um dos personagens?



Crônica

- Inicialmente, foi desenvolvida com **caráter histórico** (crônicas históricas). Estas relatavam, no século XV, fatos (reais ou fictícios) ou acontecimentos do cotidiano, com toques de humor;
- Os autores – cronistas – relatam acontecimentos sociais a partir de **sua visão crítica sobre os fatos**.
- Na maioria das crônicas, é possível encontrar sequências de *discurso direto* (diálogo);
- Encontramos as crônicas nos seguintes **suportes de circulação**:
 - 1) Jornais;
 - 2) Revistas;
 - 3) Livros (coletâneas de crônicas).

Características

- o Texto curto;
- o Tratam de acontecimentos do cotidiano;
- o Aproximação com o público-leitor;
- o Linguagem direta, simples e coloquial;
- o Poucos personagens, quando tem.





Cronistas brasileiros

- Machado de Assis;
- Carlos Drummond de Andrade;
- Rubem Braga;
- Luís Fernando Veríssimo;
- Fernando Sabino;
- Caio Fernando de Abreu;
- Raquel de Queiroz.

Crônica ≠ conto

- Confunde-se com o **conto** moderno pelo tamanho;
- Uma diferença significativa é que na crônica **não deve haver ninguém com caracterização própria de personagem**, no sentido ficcional, como ter perfil psicológico, personalidade e participação em ações que caracterizem um enredo.

Tipos de crônica

- *Narrativa*;
- *Argumentativa*: semelhante àqueles gêneros de cunho argumentativo, uma vez que apresenta uma ideia passível de discussão; exposição das ideias do cronista acerca de um determinado assunto.
- *Descritiva*: caracterização de seres animados e inanimados; a captação impressionista, particularizada e conotativa dos elementos define a descrição subjetiva; a captação referencial, impessoal e denotativa define a descrição objetiva.
- *Lírica*: quando ocorre nostalgia, saudade e emoção, tentando traduzir poeticamente a linguagem dos sentimentos.

Crônica narrativa

- O gênero discursivo *crônica narrativa* pertence à **tipologia de texto narrativa** e pode ser definido como sendo uma **breve história** que retrata **acontecimentos diversos do cotidiano ou um fato vivenciado pelo autor – cronista** – em determinada época e de maneira, geralmente, bem-humorada e inusitada.
- O autor faz questão de deixar claro que o modo como apresenta o evento é bem particular, bem subjetivo, pode ter um toque leviano, humorístico, pitoresco, lírico, poético etc.
- A crônica narrativa conta um episódio cativante cuja **trama é leve e digestiva, envolvendo muita ação, poucas personagens e uma conclusão inusitada.**

- **Crônica Jornalística:** mais comum na atualidade, produzidas pelos meios de comunicação, utilizando-se de temas da atualidade para ocorrer uma reflexão. **No espaço jornalístico,** a função da crônica seria a de ensinar o leitor a **ver mais longe**. Para isto, faz-se uma associação entre **o fato, os personagens e a preocupação estética revelada na estruturação do texto** para que haja uma **empatia com o leitor**.
- **Crônica Histórica:** relata fatos ou acontecimentos históricos – com personagens, tempo e espaços definidos.
- **Crônica Humorística:** apela ao humor para entreter ao leitor, ao mesmo tempo, utiliza-se da ironia como ferramenta essencial para criticar alguns aspectos: sociais, políticos, culturais, históricos, econômicos etc.

The screenshot shows the homepage of the Folha de S. Paulo newspaper. At the top, there's a header with the newspaper's name, a login/subscribe section, and a digital subscription offer. Below this is a navigation bar with various sections like 'Seções', 'Opinião', 'Poder', etc. A banner for 'FOLHA DIGITAL' is prominent, advertising unlimited access for R\$1.00 in the first month. Below the banner, there's a section for 'colunistas' (columnists) featuring Gregório Duvivier. His article, 'E eles viveram felizes para sempre', is displayed with a date of 28/10/2013. To the right of the article is a sidebar with social media links and a 'Compartilhe fatos. Não boatos.' (Share facts. Not rumors.) message with a WhatsApp icon. At the bottom right, there's a table titled 'EM COLUNISTAS' listing recent articles and their authors.

FOLHA DE S. PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
QUINTA-FEIRA, 25 DE OUTUBRO DE 2013 13:35

FOLHA DIGITAL Acesso ilimitado por apenas R\$ 1,00 no primeiro mês. ASSINE JÁ!

colunistas
gregorio duvivier
E eles viveram felizes para sempre
28/10/2013 03h00

Compartilhe fatos. Não boatos.

LIDAS	COMENTADAS	ENVIADAS	ULTIMAS
1	Rede Social: É o povo que está elegendo ele, no WhatsApp, diz líder Bolsonista		
2	Fernando Canizian: Bolsonaro é maçã pronta para cair, só que veio bichada		
3	Mercado Aberto: Mesmo após reforma trabalhista, troca de depósito por seguro e barrada na Justiça		
4	Daniela Lima: Foi o eleitor quem puxou o gatilho		

São características da crônica:

- I. Gênero narrativo marcado pela brevidade, narra fatos históricos em ordem cronológica.
- II. Publicada em jornal ou revista, destina-se à leitura diária ou semanal, pois trata de acontecimentos cotidianos.
- III. Obra de ficção do gênero narrativo, apresenta narrador, personagens, ponto de vista e enredo.
- IV. Gênero que se define por sua pequena extensão, é mais curto que a novela ou o romance, apresentando uma estrutura fechada.
- V. Tipo de texto que se caracteriza por envolver um remetente e um destinatário, geralmente é escrito em primeira pessoa.

- a) I e II.
b) I e III.
c) IV e V.
d) I e V.
e) III e IV.

Charge e tirinhas

- Textos verbais e não verbais - linguagem concisa e bem-humorada;
- Cores, movimentos, formas, sombras e desenhos;
- Incitam o leitor a exercer suas funções interpretativas visuais e verbais.



Charge: definição

“a charge é essencialmente política em todos os sentidos da palavra e, obrigatoriamente, carrega grande força crítica, poder reivindicatório e contestador. A simbologia das personagens e temáticas de que o chargista se apossa, indica e aponta para o mundo vivido. Somente há sentido fazer charge de figuras públicas e que sejam reconhecidas pela grande massa da população, que é o que produz o impacto maior no humor.” (CONFORTINI, 1999, p.84).



- Exige do leitor um acompanhamento dos fatos: **o que, onde, como, quando e quem**;
- Quem não tiver essas informações, dificilmente entenderá a charge.






A charge de Ivan Cabral foi utilizada na prova do ENEM (2012)

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

- a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- b) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
- e) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

O efeito de sentido da charge é provocado pela combinação de informações visuais e recursos linguísticos. No contexto da ilustração, a frase proferida recorre à

-  a) polissemia, ou seja, aos múltiplos sentidos da expressão “rede social” para transmitir a ideia que pretende veicular.
- b) ironia para conferir um novo significado ao termo “outra coisa”.
- c) homonímia para opor, a partir do advérbio de lugar, o espaço da população pobre e o espaço da população rica.
- d) personificação para opor o mundo real pobre ao mundo virtual rico.
- e) antonímia para comparar a rede mundial de computadores com a rede caseira de descanso da família.

Sobre as charges e tirinhas, é **incorreto** afirmar:

- a) As charges são poderosos veículos de comunicação, constituindo um gênero que alia a força das palavras a imagens e muito bom humor.
- b) No Brasil, a charge é comumente utilizada com a intenção de tecer críticas políticas e sociais, sempre preservando como traço predominante o humor.
- c) Assim como nas charges, as tirinhas apresentam uma linguagem permeada pelo bom humor, aliando as linguagens verbal e não verbal para a construção de sentidos do texto.
- d) As charges e as tirinhas não podem ser consideradas como gêneros textuais, visto que a linguagem não verbal é a linguagem predominante.

Sobre as charges e tirinhas, é **incorreto** afirmar:

- a) As charges são poderosos veículos de comunicação, constituindo um gênero que alia a força das palavras a imagens e muito bom humor.
- b) No Brasil, a charge é comumente utilizada com a intenção de tecer críticas políticas e sociais, sempre preservando como traço predominante o humor.
- c) Assim como nas charges, as tirinhas apresentam uma linguagem permeada pelo bom humor, aliando as linguagens verbal e não verbal para a construção de sentidos do texto.
- ✓ d) As charges e as tirinhas não podem ser consideradas como gêneros textuais, visto que a linguagem não verbal é a linguagem predominante.

Artigo de opinião

- Um texto no gênero *artigo de opinião* caracteriza-se, sobretudo, pela intenção de convencer os leitores quanto a forma de pensar do autor do texto, o qual tem a finalidade de dissertar sobre um tema e defender sua tese - seu ponto de vista -, ou seja, argumentar sobre o tema;
- O artigo de opinião tem o predomínio da **tipologia argumentativa**, com a **apresentação de teses sobre um determinado tema, ancorado em evidências, provas, exemplos, citações, etc.** Sua estrutura contém uma **contextualização inicial (abordagem geral), seguida de detalhamento, problema, análise, tese, argumentos e um fecho (conclusão - ideia geral ou convite à ação).**

Principais características

- Esfera de circulação: jornalística;
- Veiculação: meios de comunicação como revistas e jornais impressos e online;
- Tema do texto: predominam os temas que estão em alta na atualidade;
- Tipologia textual que predomina: argumentação;
- Pessoa do discurso na qual o texto é escrito: primeira e terceira pessoa (“eu” e “nós”);
- Linguagem: formal, no entanto, simples e objetiva – preferência por vocábulos comuns para a melhor compreensão do público-leitor;
- Predominância de verbos no presente e no imperativo;
- Título: polêmico e provocativo.

Tipologia textual argumentativa

Análise

Argumentos/ponto de vista

EL PAÍS

OPINIÃO

É verdade que na Alemanha (da mesma forma que em outros países europeus) sempre existiram ressentimentos xenófobos e antissemitas, como também grupos e partidos de extrema direita. Não são fenômenos novos. A novidade desses últimos anos é o exibicionismo desavergonhado com o qual são manifestadas em público essas posturas desumanas, o desenfreio com o qual se assedia e se fustiga nas ruas os que têm aspecto, crenças e uma forma de amar diferentes dos da maioria. A novidade é o consenso social sobre o que é tolerável dizer e o que deve continuar sendo intolerável. O consenso da Alemanha do pós-guerra, que incluía a reflexão crítica sobre os crimes do Holocausto como núcleo moral e político da própria autopercepção, se tornou frágil. As convicções racistas e antissemitas já não são expressadas às escondidas e no anonimato e sim muitas vezes abertamente e com orgulho; não somente quando se está bêbado no bar e sim também sóbrio e na televisão.

MAIS INFORMAÇÕES



Porque votamos em Hitler

Terceira pessoa do discurso

Primeira pessoa do discurso

O desprezo racista e o nacionalismo deixaram de ser atitudes que são encontradas somente às margens da sociedade e das quais é preciso tomar distância. Agora estão aqui ao lado, entre nós. Se anos atrás me perguntassem se alguma vez eu poderia imaginar que se voltaria a odiar com tanta arrogância, a falar e a assediar dessa forma em nosso país, teria me parecido impossível.

EL PAÍS

OPINIÃO

O que precisamos é um arrazoador de confiança e contagioso a favor das virtudes de uma democracia heterogênea e um debate comprometido sobre as vantagens de uma Europa aberta, inclusiva e solidária que não se limite a defender seus valores humanistas quando se trata de diferenciar-se de outras regiões supostamente atrasadas e sim os pratique e os desenvolva todos os dias.

Precisamos de uma reflexão sobre o que o Estado nacional ainda pode e deve contribuir, e sobre o que se pode decidir melhor em escala local e em escala transnacional. E, não menos importante, o que precisamos é de mais proteção para os que têm crenças diferentes, um aspecto diferente, uma forma de amar que não se ajusta à norma, para que a diferença já não seja vista como uma ameaça e sim como um enriquecimento.

Carolín Emcke é jornalista, escritora e filósofa alemã, autora de *Contra o ódio* (Taurus).

Adere a  The Trust Project

[Mais informação >](#)



MAIS INFORMAÇÕES



Fecho/conclusão

Convite à ação

Redatora do artigo

Questões em provas...

FGV - 2015 - Prefeitura de Niterói - RJ - Fiscal de Tributos

Texto 1 – Cercados de objetos por todos os lados

Nunca possuímos tantas coisas como hoje, mesmo que as utilizemos cada vez menos. As casas em que passamos tão pouco tempo são repletas de objetos. Temos uma tela de plasma em cada aposento, substituindo televisores de raios catódicos que há apenas cinco anos eram de última geração. Temos armários cheios de lençóis; acabamos de descobrir um interesse obsessivo pelo “número de fios”. Temos guarda-roupas com pilhas de sapatos. Temos prateleiras de CDs e salas cheias de jogos eletrônicos e computadores. Temos jardins equipados com carrinhos de mão, tesouras, podões e cortadores de grama. Temos máquinas de remo em que nunca nos exercitamos, mesa de jantar em que não comemos e fornos triplos em que não cozinhamos. São os nossos brinquedos: consolos às pressões incessantes por conseguir o dinheiro para comprá-los, e que, em nossa busca deles nos infantilizam. [...]

Exatamente como quando as marcas de moda põem seus nomes em roupas infantis, uma cozinha nova de aço inoxidável nos concede o alibi do altruísmo quando a compramos. Sentimo-nos seguros acreditando não se tratar de caprichos, mas de investimento na família. E nossos filhos possuem brinquedos de verdade: caixas e caixas de brinquedos que eles deixam de lado em questão de dias. E, com infâncias cada vez mais curtas, a natureza desses brinquedos também mudou. O Mc Donald's se tornou o maior distribuidor mundial de brinquedos, quase todos usados, para fazer *merchandising* de marcas ligadas a filmes. [...]

Na minha vida, devo admitir que andei fascinado pelo brilho do consumo e ao mesmo tempo enojado e com vergonha de mim mesmo diante do volume do que nós todos consumimos e da atração superficial, mas forte, que a fábrica do querer exerce sobre nós.

(Sudjic, Deyan. *A linguagem das coisas*, Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.)

FGV - 2015 - Prefeitura de Niterói - RJ - Fiscal de Tributos

O texto 1 desta prova deve ser classificado como:

- a) texto didático, já que procura divulgar verdades úteis para a vida futura;
- b) artigo de divulgação científica, pois tem por fim expandir informações dominadas por poucos;
- c) artigo de debate deliberativo, visto que pretende colocar em discussão opiniões polêmicas de outras pessoas;
- d) editorial de jornal, dado que apresenta objetivamente opiniões que circulam na sociedade;
- e) artigo de opinião, pois seu autor realiza um depoimento de caráter pessoal sobre tema momentâneo.

O texto 1 desta prova deve ser classificado como:

- a) texto didático, já que procura divulgar verdades úteis para a vida futura;
- b) artigo de divulgação científica, pois tem por fim expandir informações dominadas por poucos;
- c) artigo de debate deliberativo, visto que pretende colocar em discussão opiniões polêmicas de outras pessoas;
- d) editorial de jornal, dado que apresenta objetivamente opiniões que circulam na sociedade;
- ✓ e) artigo de opinião, pois seu autor realiza um depoimento de caráter pessoal sobre tema momentâneo.

Reportagem

- O texto no gênero *reportagem* caracteriza-se por ter o objetivo de informar o leitor a respeito de um assunto, contudo, o repórter o faz de maneira imparcial, mas sem deixar de lado o objetivo de, também, formar a opinião do leitores quanto ao assunto abordado;
- Diferente do gênero *notícia*, a *reportagem* não se prende à cobertura de um fato. O assunto conduzido pela reportagem nem sempre está relacionado aos temas mais falados na atualidade, pois aquela pode tratar de um fenômeno social ou de acontecimentos produzidos na sociedade que são de interesse desta, e, nesse sentido, aborda esse assunto a partir de uma longa pesquisa com levantamento de dados, com entrevistas com testemunhas e/ou especialistas e com análise detalhada dos fatos.

Estrutura da reportagem

- Título;
- *Lead* (lide): linha que resume as informações principais do assunto do texto (pode ou não estar presente na reportagem);
- Corpo do texto: desenvolvimento do tema, abordagem de informações e declarações, de levantamento de dados, de entrevistas com testemunhas e/ou especialistas e de análise detalhada dos fatos;
- Intertítulos, palavras ou frases curtas que intercalam o texto.

Elementos recorrentes no gênero reportagem

Além de levantamento de dados, de entrevistas com testemunhas e/ou especialistas e de análise detalhada dos fatos, outros elementos que são recorrentes no gênero *reportagem* são:

- **Recurso da polifonia** - existem outras vozes além da voz do repórter. Para tanto, a polifonia tem a finalidade de permitir que o repórter aborde o tema de maneira global e, dessa maneira, isente-se da apresentação dos fatos.
- Equilíbrio entre os **discursos direto e indireto** - aparece por conta do polifonia, para trazer a voz do repórter e as outras vozes que aparecem;
- Assinatura do jornalista.

Principais características

- Esfera de circulação: jornalística;
- Veiculação: meios de comunicação como revistas e jornais impressos e online;
- Tema do texto: pode tratar de um fenômeno social ou de acontecimentos produzidos no espaço público que são de interesse da coletividade;
- Tipologias textuais que predominam: expositiva. Pode aparecer, também, descrição e narração, uma vez que as reportagens podem descrever ações e incluírem tempo, espaço e personagens;
- Pessoa do discurso na qual o texto é escrito: terceira pessoa do singular;
- Linguagem: clara e objetiva, visto que a finalidade da reportagem é atingir e ser entendido por todos, sem exceções.
- Imparcialidade: ausência de opinião do repórter – foco na fala dos envolvidos, permitindo assim que, os leitores, ouvintes e/ou telespectadores tirem suas próprias conclusões.

Estrutura do gênero reportagem

O tema do texto é o fenômeno social da apropriação cultural

Há, também, presença de fotos, no texto no gênero reportagem...

Título

CULT

Ex: Carta contemporânea



GRUPO CULT

EDIÇÕES

DOSSIÊS DIGITAIS

COLUMNISTAS

SEÇÕES

ANUNCIOS

Home • Seções • Reportagens •

Identidade e apropriação cultural

Nathalia Parra e Paulo Henrique Pompermaier
22 de fevereiro de 2017



Lead

Especialistas afirmam que discussão é mais profunda: “Dizer que apropriação cultural se resume a usar ou não turbante, comer ou não sushi é, na melhor das hipóteses, uma grande desonestidade intelectual”

“CÓPIA OU NÃO CÓPIA? NA MEMÓRIA DAS HIPÓTESES, UMA DESONESTIDADE INTELLECTUAL”

Turbante, dreadlocks, cocar, desenhos tradicionais. Símbolos culturais e estéticos que se por um lado ajudam a compor o imaginário de nação miscigenada, também carregam seu valor simbólico de resistência dentro da comunidade na qual estão inseridos. No palco dos sincretismos, diversos atores e culturas se misturam, não sem provocar polêmica e discussões que muitas vezes não arranham mais que a superfície da questão.

Enquadra-se aí o debate sobre “apropriação cultural”, tema que vem dividindo opiniões desde que sites e jornais repercutiram o caso de uma garota branca que teria sido repreendida por duas mulheres negras porque usava um turbante.

A educadora e pesquisadora de dinâmicas raciais Suzane Jardim afirma que, toda vez que emerge, essa discussão é erroneamente deslocada para o âmbito do “purismo cultural”, na qual apenas os responsáveis pela criação de um determinado elemento teriam autorização de utilizá-lo.

Longe disso, o que está em jogo segunda ela é a forma como se dá a interação entre grupos historicamente marginalizados e seus antagonistas – relação que seria marcada por “preconceito, exclusão, etnocentrismo, poder e capitalismo”.

“Vemos a diferença sistêmica entre os que usam esses elementos como adorno e os que usam por princípio, religião ou resgate de uma identidade”, diz Jardim. “Quando falam em cultura, os negros se referem muito mais a resistência e racismo do que à origem dos elementos, propriamente”.

Tipologia textual e elementos recorrentes

Exposição

Recurso da polifonia; equilíbrio entre os discursos direto e indireto

Corpo do texto

Mais detalhes...



Mulheres da comunidade de Santa-Maria Tlahuilotepc (Foto: Carina Pérez García)

Intertítulo

Na indústria

A feminista negra Stephanie Ribeiro concorda que o debate não pode ser “problematizado” sob uma perspectiva individual. A crítica, segundo ela, deve ser sistêmica e estrutural.

Narração

Ela relembra, por exemplo, o episódio em que a estilista francesa Isabel Marant foi acusada de copiar um tipo de bordado feito há 600 anos pela comunidade mexicana Santa-Maria Tlahuilotepc. Enquanto a estampa de Marant era comercializada por cerca de R\$ 1.000, as túnicas tradicionais das mulheres de Oaxaca saíam por aproximadamente R\$ 65.

“A enorme lucratividade adquirida pela estilista e sua marca nem chegará perto da comunidade, para quem a manutenção da sua identidade é mais que estética: é uma forma de resistência e resiliência”, afirma Ribeiro. “Ao falar de apropriação cultural, estamos questionando um ramo dessa árvore do racismo estrutural que atinge diversos povos não-brancos, comumente criticados, perseguidos e massacrados por sua identidade.”

Questões em provas...

São características do gênero reportagem:

- a) Comunicação utilizada entre pessoas que mantêm algum tipo de relação íntima, cuja linguagem é predominantemente coloquial.
- b) Seu principal objetivo é transmitir a opinião de pessoas de destaque sobre algum assunto de interesse.
- c) Texto jornalístico divulgado nos meios de comunicação de massa, informa fatos de interesse público, cuja linguagem deve ser objetiva e clara.
- d) A linguagem é sua principal característica, pois há uma preocupação com a seleção e a combinação vocabular. Sua linguagem é predominantemente subjetiva.

São características do gênero reportagem:

- a) Comunicação utilizada entre pessoas que mantêm algum tipo de relação íntima, cuja linguagem é predominantemente coloquial.
- b) Seu principal objetivo é transmitir a opinião de pessoas de destaque sobre algum assunto de interesse.
- ☒ c) Texto jornalístico divulgado nos meios de comunicação de massa, informa fatos de interesse público, cuja linguagem deve ser objetiva e clara.
- d) A linguagem é sua principal característica, pois há uma preocupação com a seleção e a combinação vocabular. Sua linguagem é predominantemente subjetiva.

FGV - 2018 - Ministério Público Estadual - AL (MPE/AL)

As opções a seguir apresentam exemplos de textos representativos do gênero opinativo no jornalismo, à exceção de uma. Assinale-a.

- A. Crônica.
- B. Artigo.
- C. Reportagem.
- D. Editorial.
- E. Comentário.

FGV - 2018 - Ministério Público Estadual - AL (MPE/AL)

As opções a seguir apresentam exemplos de textos representativos do gênero opinativo no jornalismo, à exceção de uma. Assinale-a.

- A. Crônica.
- B. Artigo.
- ☒ C. Reportagem.
- D. Editorial.
- E. Comentário.

FCC - 2015 - Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP)

Entre os vários gêneros jornalísticos, este se caracteriza por ser um texto assinado que reflete a opinião de seu autor ou um determinado ponto de vista. Trata-se

- A. da notícia.
- B. da suíte.
- C. da reportagem.
- D. do editorial.
- E. do artigo.

FCC - 2015 - Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP)

Entre os vários gêneros jornalísticos, este se caracteriza por ser um texto assinado que reflete a opinião de seu autor ou um determinado ponto de vista. Trata-se

- A. da notícia.
- B. da suíte.
- C. da reportagem.
- D. do editorial.
- ☒ E. do artigo.

Atividade de identificação dos gêneros do discurso

1. Qual é o suporte em que o texto está inserido?
2. A linguagem é acessível ou rebuscada? Por quê?
3. Quais são os elementos recorrentes neste gênero? E os opcionais?
4. Onde costuma circular este gênero?
5. Qual é o principal assunto discutido?
6. Você costuma ter contato com este gênero? Onde?



Lei

ESTRUTURA

- Entidade de origem:
 - Leis federais;
 - Leis estaduais;
 - Leis municipais.
- Número de referência e data de criação;

Ex.: a Lei de Responsabilidade Fiscal é a Lei Complementar Federal nº 101, criada em 4 de maio de 2000.

ESTRUTURA

- Ementa: descrição/resumo da lei, recuada à direita;



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI COMPLEMENTAR Nº 101, DE 4 DE MAIO DE 2000.

Estabelece normas de finanças públicas voltadas para a responsabilidade na gestão fiscal e dá outras providências.

Preâmbulo: parágrafo introdutório que representa a “motivação” em que foi criada a lei.

PREÂMBULO

Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.

*Nós, representantes do povo brasileiro, reunidos em Assembleia Nacional Constituinte para instituir um Estado Democrático, destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias, promulgamos, sob a proteção de Deus, a seguinte **CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL.***

Conteúdo: título – capítulo – seção

- Cada um deles tem uma denominação específica, que indicará a matéria de que trata;
- O título identificado com números romanos.



TÍTULO I DOS PRINCÍPIOS FUNDAMENTAIS

Art. 1º A República Federativa do Brasil, formada pela união indissolúvel dos Estados e Municípios e do Distrito Federal, constitui-se em Estado Democrático de Direito e tem como fundamentos:

- I - a soberania;
- II - a cidadania;
- III - a dignidade da pessoa humana;
- IV - os valores sociais do trabalho e da livre iniciativa;
- V - o pluralismo político.

Parágrafo único. Todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição.

Artigos

- Números de forma sequencial em algarismos arábicos (1, 2, 3...);
- Artigo 1-9: numeração cardinal (1º, 2º, 3º...);
- A partir do artigo 10 – numeração ordinária (10, 11, 12...);
- Podem ter forma simples ou subdivisões:
- Quando há subdivisões, chamamos a parte inicial do artigo (aquela que acompanha o número) de **caput** (“cabeça”, em latim).

Parágrafos, incisos e alíneas

- **Parágrafos:**

- Se o artigo dispuser de apenas um parágrafo, será denominado **Parágrafo único**. Se existirem múltiplos parágrafos, eles serão designados pelo símbolo “§”, seguido da respectiva numeração.

- **Incisos:**

- Números romanos;
- descrever as hipóteses em que a regra que está no *caput* deve ser aplicada.

- **Alíneas:**

- São identificadas por letras minúsculas (a, b, c...);
- Subdivisões dos incisos - detalha hipóteses de aplicação de uma regra prevista anteriormente.



Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos

LEI Nº 12.305, DE 2 DE AGOSTO DE 2010.

[Regulamento](#)

Institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos; altera a Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e dá outras providências.

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

TÍTULO I

DISPOSIÇÕES GERAIS

CAPÍTULO I

DO OBJETO E DO CAMPO DE APLICAÇÃO

Art. 1º Esta Lei institui a Política Nacional de Resíduos Sólidos, dispondo sobre seus princípios, objetivos e instrumentos, bem como sobre as diretrizes relativas à gestão integrada e ao gerenciamento de resíduos sólidos incluídos os perigosos, às responsabilidades dos geradores e do poder público e aos instrumentos econômicos aplicáveis.

§ 1º Estão sujeitas à observância desta Lei as pessoas físicas ou jurídicas, de direito público ou privado, responsáveis, direta ou indiretamente, pela geração de resíduos sólidos e as que desenvolvam ações relacionadas à gestão integrada ou ao gerenciamento de resíduos sólidos.

§ 2º Esta Lei não se aplica aos rejeitos radioativos, que são regulados por legislação específica.

Art. 2º Aplicam-se aos resíduos sólidos, além do disposto nesta Lei, nas Leis nºs 11.445, de 5 de janeiro de 2007, 9.974, de 6 de junho de 2000, e 9.966, de 28 de abril de 2000, as normas estabelecidas pelos órgãos do Sistema Nacional do Meio Ambiente (Sisnama), do Sistema Nacional de Vigilância Sanitária (SNVVS), do Sistema Unificado de Atenção à Sanidade Agropecuária (Suasa) e do Sistema Nacional de Metrologia, Normalização e Qualidade Industrial (Sismetro).

CAPÍTULO II

DEFINIÇÕES

Art. 3º. Das competências desta Lei, entende-se por:

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2016 [1952-53].

BARBOSA, Jaqueline Peixoto. **Trabalhando com os gêneros do discurso**: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. 2001. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2001. Disponível em: <<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/14098>>. Acesso em: 2 out. 2018.

GOTLIB, N.B. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

PINHEIRO, T. Mikhail Bakhtin, o filósofo do diálogo. **Nova Escola**, São Paulo, 01 ago. 2009. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1621/mikhail-bakhtin-o-filosofo-do-dialogo>>. Acesso em: 29 set. 2018.

ROJO, R. Gêneros do discurso. In: FRADE, I. C. A. S.; VAL, M. G. C.; BREGUNCI, M. G. C. (Orgs.). **Glossário Ceale**: termos de alfabetização, leitura e escrita para educadores [on-line]. Belo Horizonte: CEALE-FAE-UFMG, 2014. Disponível em: <<http://www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/generos-do-discurso>>. Acesso em: 16 set. 2018.

ANEXO A - REPORTAGEM DA REVISTA VEJA

10/23/2018

Falta de exercício é pior para a saúde do que o cigarro, diz estudo | VEJA.com



Assine

Saúde

Falta de exercício é pior para a saúde do que o cigarro, diz estudo

De acordo com pesquisadores, o sedentarismo aumenta em até 500% a probabilidade de morte prematura

Por **Da Redação**

🕒 22 out 2018, 17h59 - Publicado em 22 out 2018, 17h01



Relatório divulgado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) revelou que 1,4 bilhão de pessoas são sedentárias em todo o mundo (iStock/Getty Images)

<https://veja.abril.com.br/saude/falta-de-exercicio-e-pior-para-a-saude-do-que-o-cigarro-diz-estudo/>

1/9

**Assine**

Open. Para os pesquisadores, o sedentarismo deveria ser tratado como uma doença para qual o tratamento é a **atividade física**, assim, um número maior de pessoas passaria a se exercitar com maior frequência. A pesquisa ainda salientou que o exercício pode ser benéfico para pessoas de qualquer idade e sexo, embora sejam mais pronunciado nas mulheres.

O hábito de manter-se fisicamente ativo também pode aumentar a **expectativa de vida** — em comparação com pessoas ativas, os sedentários apresentam risco 500% maior de **morte prematura** — e diminuir gastos com saúde. “Doenças cardiovasculares e diabetes são as doenças mais caras (nos Estados Unidos). Em vez de pagar somas enormes pelo tratamento de doenças, devemos incentivar os pacientes e comunidades a se exercitarem diariamente”, disse Jordan Metzl, do Hospital for Special Surgery, nos Estados Unidos, à *CNN*.

Veja também

**Saúde****Exercícios para doenças mentais** 🔒

🕒 19 out 2018 - 07h10

Para chegar a essa conclusão, a equipe de pesquisadores da Fundação Clínica de Cleveland, nos Estados Unidos, avaliou o desempenho físico — por meio de uma rotina de exercícios na esteira — de 122.007 pessoas. Os voluntários passaram por testes de stress, que levaram em consideração idade, sexo, altura, peso e índice de massa corporal (IMC), além de medicamentos utilizados e comorbidades (diabetes, hipertensão, hiperlipidemia, doença renal terminal e tabagismo).

Exercite-se

Segundo a revista *Time Health*, após oito anos de acompanhamento, a principal conclusão do estudo foi o papel da atividade física na longevidade. Os resultados também mostraram que pessoas que se exercitam demais não apresentam maior risco de morte, contrariando o que se acreditava previamente. “Uma vez liberados por seus médicos, os pacientes não devem ter medo da intensidade do exercício”, disse Metzl.

Veja também

**Saúde****Atividade física reverte risco cardíaco causado pelo sedentarismo**

🕒 8 jan 2018 - 16h01



Assine

expectativa de vida. A alta aptidão aeróbica (bom desempenho durante exercício) foi associada à maior sobrevivência e trouxe inúmeros benefícios para pacientes idosos e/ou hipertensos.

Por outro lado, a falta de exercício pode ser extremamente perigosa. “Não ter aptidão física (capacidade de realizar atividades com tranquilidade e menor esforço) para exercícios físicos deve ser considerado um fator de risco para mortalidade da mesma forma que doenças, como hipertensão, diabetes e tabagismo — se não for mais forte do que todas elas”, alertou Wael Jaber, principal autor do estudo, à *CNN*.

Maior mortalidade

De acordo com os cientistas, o dado mais impressionante encontrado no estudo é o fato da falta de atividade física ser tão prejudicial à saúde quanto doenças graves. O risco de morte para os participantes que tiveram baixo desempenho nos testes foi maior do que a de pacientes diagnosticados com insuficiência renal e passavam por diálise semanal. Já indivíduos que passam muito tempo sentados apresentaram risco três vezes maior do que o de fumantes.

No resultado geral, a falta de exercício físico aumentou em 500% a probabilidade de morte. Quem se exercita pouco teve um risco 390% mais elevado do que pessoas que se exercitam regularmente. Esses números são preocupantes, especialmente diante do relatório divulgado no mês passado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) que revelou que 1,4 bilhão de pessoas são sedentárias em todo o mundo.

Veja também



Saúde

'Paradoxo do exercício': o motivo pelo qual somos tão preguiçosos

🕒 1 out 2018 - 16h10

“Sedentarismo e estilos de vida ocidentais têm levado a maior incidência de doenças cardíacas e isso (novo estudo) mostra que é modificável. Nós estamos destinados a andar, correr, se exercitar”, comentou Satjit Bhusri, cardiologista do Hospital Lenox Hill, nos Estados Unidos, à *CNN*.

Inatividade física e câncer de mama

Um estudo brasileiro, publicado recentemente, mostrou que a falta de atividade física é responsável por 12% das mortes por câncer de mama. Segundo o Ministério da Saúde, uma em cada dez vítimas de câncer poderiam ter a vida poupada se praticassem 150 minutos de atividade física por semana.



Assine

exercícios moderados, como uma caminhada rápida, ou 75 minutos de atividade física intensa, como uma corrida. Essa quantidade pode ser dividida em treinos de duas a cinco vezes por semana.

Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos (CDC, na sigla em inglês), indica a realização de 150 minutos semanais de exercícios aeróbicos moderados associados a atividades de fortalecimento muscular, duas vezes por semana. Exercícios de resistência, como treinos funcionais, que utilizam o peso do próprio corpo, ou musculação, também são importantes para a aptidão física. Por isso, o ideal é intercalar os aeróbicos (corrida, caminhada, natação e bicicleta) com exercícios de resistência, pelo menos duas vezes na semana.

NOTÍCIAS SOBRE

ATIVIDADE FÍSICA

DIABETES

HIPERTENSÃO

OMS - ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE

PESQUISA CIENTÍFICA

SAÚDE PÚBLICA

TABAGISMO

Pela Web

Recomendado por



As apostas mais quentes da estação na nova coleção #ResortRiachuelo!

Riachuelo



6 trabalhos que estarão extintos em menos de 10 anos

Liberdade 360



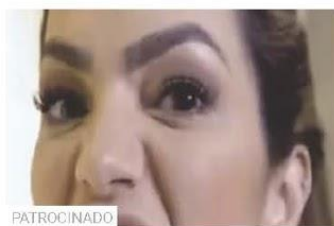
Petrobras vai Subir ou Cair? Saiba agora a visão dos Analistas

Toro Radar



[Galeria] Revelado: Por que Meghan sempre tem que ficar atrás de Kate

desafiomundial



Vergonha de sorrir em público? Famosos contam como superaram

Bem Estar



Especialista revela como estudar e memorizar tudo

Guia do Estudo

24/10/2018

Identidade e apropriação cultural

Home (<https://revistacult.uol.com.br/home>) • Seções (<https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/secoes/>) • Reportagens (<https://revistacult.uol.com.br/home/categoria/secoes/reportagens/>) •

Identidade e apropriação cultural

Nethalia Parra e Paulo Henrique Pompermaier

22 de fevereiro de 2017



(Foto: Alberto Henschel)

Especialistas afirmam que discussão é mais profunda: “Dizer que apropriação cultural se resume a usar ou não turbante, comer ou não sushi é, na melhor das hipóteses, uma grande desonestidade intelectual”

Turbante, dreadlocks, cocar, desenhos tradicionais. Símbolos culturais e estéticos que, se por um lado ajudam a compor o imaginário de nação miscigenada, também carregam seu valor simbólico de resistência dentro da comunidade na qual estão inseridos. No palco dos sincretismos, diversos atores e culturas se misturam, não sem provocar polêmica e discussões que muitas vezes não arranham mais que a superfície da questão.

Enquadra-se aí o debate sobre “apropriação cultural”, tema que vem dividindo opiniões desde que sites e jornais repercutiram o caso de uma garota branca que teria sido repreendida por duas mulheres negras porque usava um turbante.

A educadora e pesquisadora de dinâmicas raciais Suzane Jardim afirma que, toda vez que emerge, essa discussão é erroneamente deslocada para o âmbito do “purismo cultural”, na qual apenas os responsáveis pela criação de um determinado elemento

teriam autorização de utilizá-lo.

Longe disso, o que está em jogo segunda ela é a forma como se dá a interação entre grupos historicamente marginalizados e seus antagonistas – relação que seria marcada por “preconceito, exclusão, etnocentrismo, poder e capitalismo”.

“Vemos a diferença sistêmica entre os que usam esses elementos como adorno e os que usam por princípio, religião ou resgate de uma identidade”, diz Jardim. “Quando falam em cultura, os negros se referem muito mais a resistência e racismo do que à origem dos elementos, propriamente”.

Pesquisadora e ex-Secretária Adjunta da Secretaria Municipal de Políticas para as Mulheres de São Paulo, Juliana Borges afirma que “dizer que apropriação cultural se resume a usar ou não turbante, comer ou não sushi” é, na melhor das hipóteses, uma grande desonestidade intelectual, além de escancarar a face racista “ainda tão presente na sociedade brasileira”.

A discussão, primordialmente, tem a ver com questões estruturais e estruturantes da sociedade brasileira, segundo Borges, e passa pelo esvaziamento histórico e cultural de etnias sequestradas do continente africano para serem escravizadas por aqui.

Nesse contexto, símbolos como o turbante podem ser encarados como elos entre um povo e sua ancestralidade, suas origens perdidas. A crítica seria menos ao uso individual em si e mais a uma estrutura social que escrutina tradições de um povo enquanto aplaude as mesmas quando praticadas por outros.

A questão da “proibição do uso”, segundo Suzane Jardim, não encontra vulto material algum fora da internet. “O que existe são manifestações de incômodo que podem se manifestar contra um indivíduo – pois sabemos que há uma diferença no tratamento –, e isso acaba por se voltar contra o próprio negro, fortalecendo a imagem estereotipada de que são raivosos, vitimistas ou injustos com a população branca repleta de boas intenções”, afirma.



Mulheres da comunidade de Santa Maria Tlahuilotepéc (Foto: Camila Pérez García)

Na indústria

A feminista negra Stephanie Ribeiro concorda que o debate não pode ser “problematizado” sob uma perspectiva individual. A crítica, segundo ela, deve ser sistêmica e estrutural.

Ela relembra, por exemplo, o episódio em que a estilista francesa Isabel Marant foi acusada de copiar (<http://ffw.uol.com.br/blog/moda/estilista-francesa-isabel-marant-e-acusada-de-plagio/>) um tipo de bordado feito há 600 anos pela comunidade mexicana Santa-Maria Tlahuiloteppec. Enquanto a estampa de Marant era comercializada por cerca de R\$ 1.000, as túnicas tradicionais das mulheres de Oaxaca saíam por aproximadamente R\$ 65.

“A enorme lucratividade adquirida pela estilista e sua marca nem chegará perto da comunidade, para quem a manutenção da sua identidade é mais que estética: é uma forma de resistência e resiliência”, afirma Ribeiro. “Ao falar de apropriação cultural, estamos questionando um ramo dessa árvore do racismo estrutural que atinge diversos povos não-brancos, comumente criticados, perseguidos e massacrados por sua identidade.”

Para Suzane Jardim, a reprodução de símbolos culturais em escala industrial carrega o agravante de esvaziar os movimentos sociais: “Os símbolos estão lá. Podem até passar uma falsa mensagem de aceitação e de paz entre os povos, mas a exclusão do negro na hora do registro de sua própria história reforça uma ideologia já velha, na qual o Brasil é o país da miscigenação e do bom convívio entre as raças desde que o negro permaneça escondido e sem oportunidades reais dentro do sistema.”

Fiscalizar “quem está usando o quê” nunca foi um real foco da luta anti-racista, segundo Jardim. Esta continua focada do extermínio da juventude negra, no encarceramento em massa de sua população, na guerra às drogas e no acesso à Universidade, elenca Borges. No entanto, ela afirma que o caso da curitibana Thuane Cordeiro foi ilustrativo, já que evidenciou a maneira como as “dinâmicas da apropriação e da manutenção da desigualdade continuam sendo mantidas”.

“Grandes jornais e plataformas online o noticiaram assumindo a veracidade da história e o fazendo em tom de denúncia contra a atitude ‘radical’ dos negros brasileiros”, critica. “Mas casos de racismo envolvendo desconhecidos são denunciados diariamente sem tomar esse tipo de proporção.”

(2) COMENTÁRIOS

DEIXE O SEU COMENTÁRIO

BRASIL DIREITOS HUMANOS

UMA HISTÓRIA DE AGRESSÕES E MORTES

ÉPOCA ouviu estudiosos, vítimas - e um assassino confesso - para entender um problema mundial: a violência contra a mulher cometida pelo próprio parceiro

Solange Azevedo

Quatro tiros à queima-roupa. Na noite de 7 de janeiro, o moto-boy Marcelo Travitzki Barbosa, de 29 anos, invadiu a academia de ginástica em que Marina Sanchez Garnero, sua ex-namorada, trabalhava como recepcionista. Para descarregar seu ódio, Marcelo disparou seis vezes. Errou duas. Marina, uma jovem de sorriso fácil e longos cabelos negros, morreu aos 23 anos, baleada pelas costas.

A história da vida e da morte de Marina resume a tragédia de mulheres, pobres ou ricas, do mundo inteiro. Segundo a Organização Mundial da Saúde, pelo menos 100 mil mulheres de 15 anos ou mais são assassinadas a cada ano. Metade é vítima do companheiro ou do ex, segundo Ana Falú, diretora-regional do

Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher.

Marina e Marcelo se conheceram num bar da Vila Madalena, um bairro boêmio de São Paulo, em abril de 2004. Na adolescência, Marcelo perdeu o pai e a mãe, vítimas da aids. Órfão, viveu na casa de uma prima. Depois, na de um tio, até ser acolhido pela avó. Usuário de drogas como crack e álcool, foi preso por tentativa de assalto ao atingir a maioridade. Passou mais de um ano na cadeia. Marina era uma adolescente de 18 anos que, na noite do primeiro encontro, divertia-se no aniversário de uma amiga. Na infância, vira o pai definhando por causa de um câncer. Andava deprimida com o assassinato recente do ex-namorado. Essas aflições contribuíram para que o casal se identificasse. Começaram a namorar, mas

o relacionamento adoeceu rápido. As discussões, geralmente por ciúme, se tornaram frequentes. No Natal de 2004, Marcelo fez um escândalo no portão da casa de Marina. "Foi a primeira grande briga", afirma Ana Maria Sanchez, de 52 anos, mãe de Marina. "Conversei com minha filha e disse que não queria mais o namoro. Mas aquilo parecia um carma. Marina buscava justificativas: 'Mãe, eu gosto dele'... 'Ele ficou nervoso'... 'Ele vai mudar'. Ele ameaçava a Marina e toda a minha família. Ameaçou colocar fogo na casa da minha mãe. Sempre tive medo de que machucasse a minha filha. Mas matar é uma coisa tão séria. Na minha cabeça, seria muito difícil alguém tirar a vida justamente da pessoa que dizia amar."

A violência doméstica - física, psicológica, sexual e patrimonial - é mais



“

Marcelo é uma pessoa agressiva e totalmente desequilibrada. Faz uso de drogas e é alcoólatra

”

MARINA SANCHEZ GARNERO,
assassinada aos 23 anos pelo ex-
namorado. Ela tinha procurado a polícia
quatro vezes. A frase acima consta do
último boletim de ocorrência, registrado
em novembro do ano passado

“ Eu me senti perdido. Fiquei quase quatro anos preso. Os meus planos eram todos com ela. Quando vi a Marina com o outro cara, tomei uma facada nas costas ”

MARCELO TRAVITZKI BARBOSA, preso em flagrante por ter matado a ex-namorada com quatro tiros, pelas costas. Marcelo diz ter sido movido por “ciúme” e “ódio” porque ela havia iniciado um novo relacionamento.

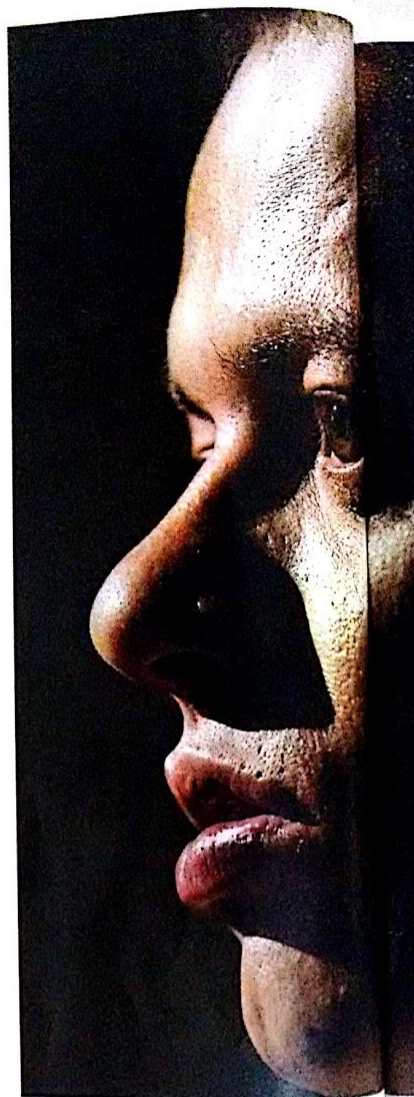
comum do que se imagina (*leia o quadro na página 50*). Pesquisas sugerem que cerca de 25% da população feminina mundial foi, é ou será vítima ao menos uma vez na vida. Só chegam ao conhecimento público os casos que envolvem celebridades. Recentemente, o ator Dado Dolabella agrediu a ex-namorada, a atriz Luana Piovani; o rapper americano Chris Brown bateu na namorada, a cantora Rihanna. O escândalo correu mundo. Mas a imensa maioria das ocorrências desse tipo permanece oculta. Estima-se que apenas metade das vítimas procure ajuda. As razões são diversas: medo, vergonha, dependência financeira ou emocional, descrença na Justiça.

Marina não se omitiu. Denunciou o ex-namorado quatro vezes à polícia. A primeira foi quatro anos atrás. “Ele parecia bêbado. Tentou nos agredir porque minha filha tinha terminado o namoro”, afirma Ana Maria. Em entrevista a *ÉPOCA*, na prisão, Marcelo dá sua versão: “Naquele dia eu cortei um PM que veio pra cima de mim. A mãe da Marina começou a achar que eu era um monstro porque tinha machucado um policial” (*leia a íntegra da entrevista em epoca.com.br*).

Em outubro de 2005, Marcelo foi preso por roubo. Ele e um amigo assaltaram os ocupantes de um Toyota Corolla, em Perdizes, e levaram o veículo. Os dois ordenaram que as vítimas saíssem do carro e roubaram pertences como celulares e cartões de crédito. A dupla abandonou o Corolla, mas foi presa em flagrante pela polícia. Marcelo foi condenado a pena de sete anos e meio. Marina ia vê-lo na cadeia. “Pensei que estava tudo acabado.

Mas a Marina começou a me visitar.” Nas saídas temporárias (a que alguns detentos têm direito em datas festivas), Marcelo ia atrás dela. Na cabeça dele, parecia natural que brigas homéricas e xingamentos estivessem embutidos numa relação de casal. Ele cresceu vendo o pai espancar a mãe. “Eu gritava. Ela gritava. Eu xingava. Ela xingava. Era praxe a Marina fazer B.O. Desde o início do namoro, os vizinhos chamaram a polícia mais de 20 vezes”, diz. Quando a relação terminava, ele não enxergava o ponto final. Interpretava as brigas como desavenças passageiras. Ao sentir que Marina estava “mais calma”, tornava a assediá-la. “As escolhas amorosas não são racionais. Há casos em que a mulher desenvolve uma espécie de pas de deux com o homem. Ele a espanca. Ela se sacrifica. E o casal dialoga desse jeito absurdo”, diz a psicanalista Diana Corso, estudiosa da violência. “Admitir que o homem que você ama ou acredita amar é aquele que te faz mal é muito difícil. Dar um basta e assumir que você não vai conseguir transformar a relação em que apostou é uma grande derrota pessoal e emocional”, afirma Valéria Pandjarian, do Comitê Latino-Americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher.

Marcelo ficou encarcerado até junho do ano passado. Nesses quase três anos, Marina se formou em publicidade. Fez amigos. Viajou. Trocou de emprego. Foi morar sozinha. Um abismo se abriu entre os dois. Ana Maria percebeu que a filha andava diferente. “Ela começou a se desprender dele e ver que outras coisas na vida importavam.” Quem acompanhava o vaivém do casal notava que a persona-



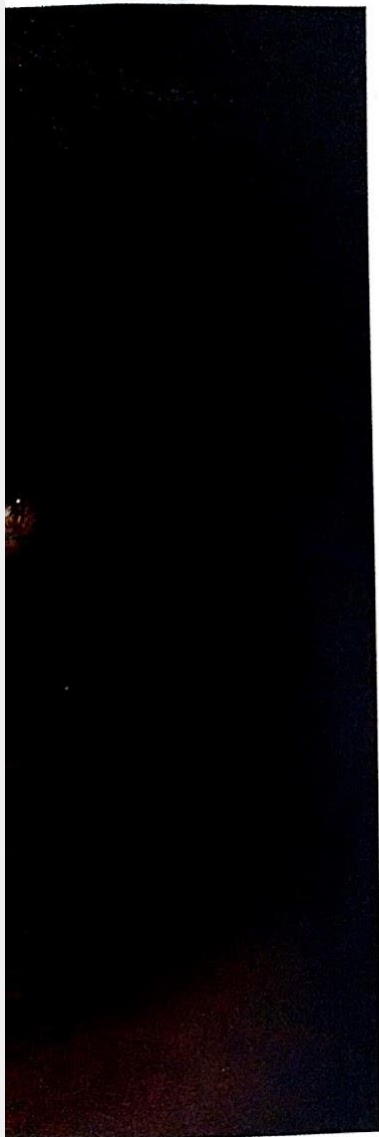
Crimes de ódio Alguns do



1873 O desembargador José Cândido Visgueiro matou **Maria da Conceição**, de 17 anos, no Maranhão. Cobrava-lhe fidelidade.



1970 O procurador de Justiça Augusto Eduardo matou a mulher, **Margot**, da atriz Maria Proença.



lidade de Marina não se ajustava a um relacionamento opressor. Ela cresceu na companhia de uma mãe liberal e independente. Começou a trabalhar aos 16 anos porque buscava autonomia, e não por necessidade. Rebelava-se com imposições sem sentido.

Pouco depois de sair da cadeia, Marcelo foi viver com Marina. Ela confiava às amigas que já não suportava as bebedeiras e o temperamento do namorado. No início de novembro, houve outro rompimento. Marina fez mais dois boletins de ocorrência. Afirmou à polícia que levava socos na cabeça e uma bofetada no rosto. "Você vai me pagar. Eu vou te atormentar o tempo todo", teria dito Marcelo. Ir a delegacias e descrever as agressões não foi suficiente. Pela lei, ela teria de "representar": pedir que Marcelo fosse processado. No dia 27 de novembro, Marina foi à Delegacia da Mulher. Voltou "supernervosa", segundo a mãe. "Ela me contou que, como não tinha lesões aparentes, os policiais a orientaram a representar no 7º DP (onde registra outro B.O. 15 dias antes), porque na ocasião tinha feito exame de corpo de delito. No dia seguinte, ela foi ao 7º DP e representou", diz Ana Maria.

Se a polícia tivesse agido rápido e enquadrado Marcelo na Lei Maria da Penha, ele poderia ter sido proibido de se aproximar da ex-namorada. Se descumprisse a determinação, voltaria para a cadeia. "Faltou à polícia a capacidade de avaliar o risco que essa menina estava correndo", afirma a advogada Carmen Hein de Campos, perita em questões de gênero. Em vigor desde 2006, a Lei Maria da Penha é um marco no Brasil. Ela determinou a instalação de varas

especializadas em violência doméstica, impediu a aplicação de penas alternativas aos agressores e criou medidas de proteção às mulheres.

"A Lei Maria da Penha é um avanço. O grande desafio é implantá-la em todo o país. Como a lei é aplicada, por exemplo, no interior do Acre ou do Pará?", diz Marcos Nascimento, coordenador da MenEngage Alliance. Uma rede mundial composta de mais de 400 ONGs e agências da ONU que fomenta o engajamento masculino na busca pela equidade de gênero. Nascimento afirma que envolver homens e meninos no debate é fundamental para coibir a violência. "Se eles são parte do problema, também têm de ser parte da solução."

Há homens que lançam mão da violência para "disciplinar" a parceira. "Eu nunca ameacei a Marina de morte. Só falava que ia bater pra ela aprender", diz Marcelo. O corretivo a reconduziria à condição de mulher subalterna. Essa relação de poder foi descrita de maneira exemplar no clássico *O segundo sexo*, da francesa Simone de Beauvoir (1908-1986). Ícone da luta pela emancipação feminina, Simone afirmou em 1949 que "não se nasce mulher, torna-se mulher", isto é: a submissão é imposta ao sexo feminino. "Estamos tentando modificar um padrão milenar. Uma ideologia, muitas vezes, amparada pela legislação", diz Silvia Pimentel, vice-presidente do Comitê das Nações Unidas para a Eliminação da Discriminação contra a Mulher.

Nos tempos do Brasil Colônia, a lei portuguesa permitia que o homem matasse a mulher adúltera e o amante. O Código Penal de 1890 deixava de considerar crime o homicídio praticado sob um estado de "total perturbação dos ►

assassinatos passionais que mais repercutiram na história do Brasil



1976 Em Búzios, Rio de Janeiro, **Ângela Diniz** levou quatro tiros de seu companheiro, Raul Fernandes do Amaral Street, o Doca



1981 O cantor Lindomar Castilho executou a ex-mulher, a cantora **Eliane de Grammont**, durante uma apresentação dela em São Paulo



1992 A atriz **Daniella Perez** foi morta a golpes de tesoura no Rio. O ator Guilherme de Pádua e a mulher, Paula Thomaz, foram condenados



1998 **Patricia Aggio Longo** grávida de 7 meses, foi morta pelo marido, o promotor Igor Ferreira da Silva, na Grande São Paulo



2000 O jornalista Antônio Marcos Pimenta Neves matou a ex-namorada **Sandra Gomide**, em Ibiúna, no interior de São Paulo



2008 A estudante **Zica Pimentel**, de 15 anos, foi assassinada pelo namorado, o estudante de 17 anos, em 22 de maio de 2008, em São Paulo

sentidos e da inteligência". "Entendia-se que determinados estados emocionais, como o da descoberta do adultério da mulher, seriam tão intensos que o marido poderia experimentar uma insanidade momentânea", afirma a procuradora de Justiça Luiza Nagib Eluf, no livro *A paixão no banco dos réus*. Até 2003, o Código Civil Brasileiro considerava o marido o "chefe da família". No Código Penal em vigor no país, o estupro ainda está incluído no capítulo "dos crimes contra os costumes".

Enquanto é na rua que a população masculina corre mais risco de agressão e assassinato, a feminina está mais vulnerável dentro de casa. As mulheres na faixa dos 15 aos 44 anos são as principais vítimas da violência doméstica. Quanto mais jovem, maior pode ser a dificuldade dela para lidar com esse problema. Principalmente quando a diferença de idade entre o casal é grande. "Pesquisas mostram que garotas de 13, 14 anos têm sido pressionadas pelos namorados a enviar fotos nuas pelo celular", afirma Carol Kurzig, diretora da Fundação Avon, que apoia projetos para erradicar a violência contra as mulheres.

Assim como ocorre com muitos homens, Marcelo não se conformava com as negativas de Marina. O casal havia passado as festas de fim de ano separado. Na véspera do crime, Marcelo decidiu "conversar" com a ex. Pouco depois de chegar à academia, viu um rapaz se aproximar para beijá-la. "Fiquei nervoso e dei um soco no cara", disse a ÉPOCA. "Comecei a xingar. Ele veio para cima de mim junto com o namorado da outra menina e um professor. Me jogaram no chão. Deram chutes. A Marina derrubou a minha moto e escondeu a chave", afirma Marcelo. "Eu me senti perdido. Os meus planos eram todos com ela. Minha vida estava andando pra frente. Quando vi a Marina com o outro cara, tomei uma facada nas costas. A Marina me traiu."

A agressão física é uma das formas de o homem provar a virilidade, diz a psicanalista Diana Corso. "Se ele se considera cornudo ou broxa, a mulher passa a ser seu atestado ambulante de impotência. Marina foi assassinada para que não pertencesse a mais ninguém." Quem age como Marcelo, segundo Diana, não suporta a rejeição. Em depoimento à polícia, Marcelo afirmou ter executado Marina ►

A violência contra a mulher

A cada ano, cerca de 50 mil mulheres são assassinadas pelo atual parceiro ou pelo ex. não importam a nacionalidade, a etnia ou a classe social

EMMA FORRESTER

Morta em fevereiro de 2008, no sul de Londres

CANADÁ 54% das adolescentes de 15 a 19 anos que participaram de uma pesquisa dizem ter sido coagidas a ter relações sexuais com o namorado

ESTADOS UNIDOS Uma mulher é agredida a cada 9 segundos. Pelo menos 3 são **assassinadas** diariamente pelo parceiro ou pelo ex. As vítimas mais frequentes têm entre 16 e 24 anos

KATHRYN WILEY-MOTES

Executada pelo marido depois de uma discussão em Winnetka, no norte de Chicago, Illinois, em março de 2009

MÉXICO 30% das mulheres são vítimas de violência psicológica e financeira dentro de casa

NICARÁGUA Quatro de cada 10 mulheres são agredidas por seus atuais ou antigos companheiros

COLÔMBIA A cada 6 dias, uma mulher é morta pelo marido, namorado ou pelo ex

CHILE Entre 1990 e 2007, mais de 900 mulheres foram assassinadas por seus parceiros ou ex. **Metade** das chilenas foi ou é vítima de violência psicológica severa

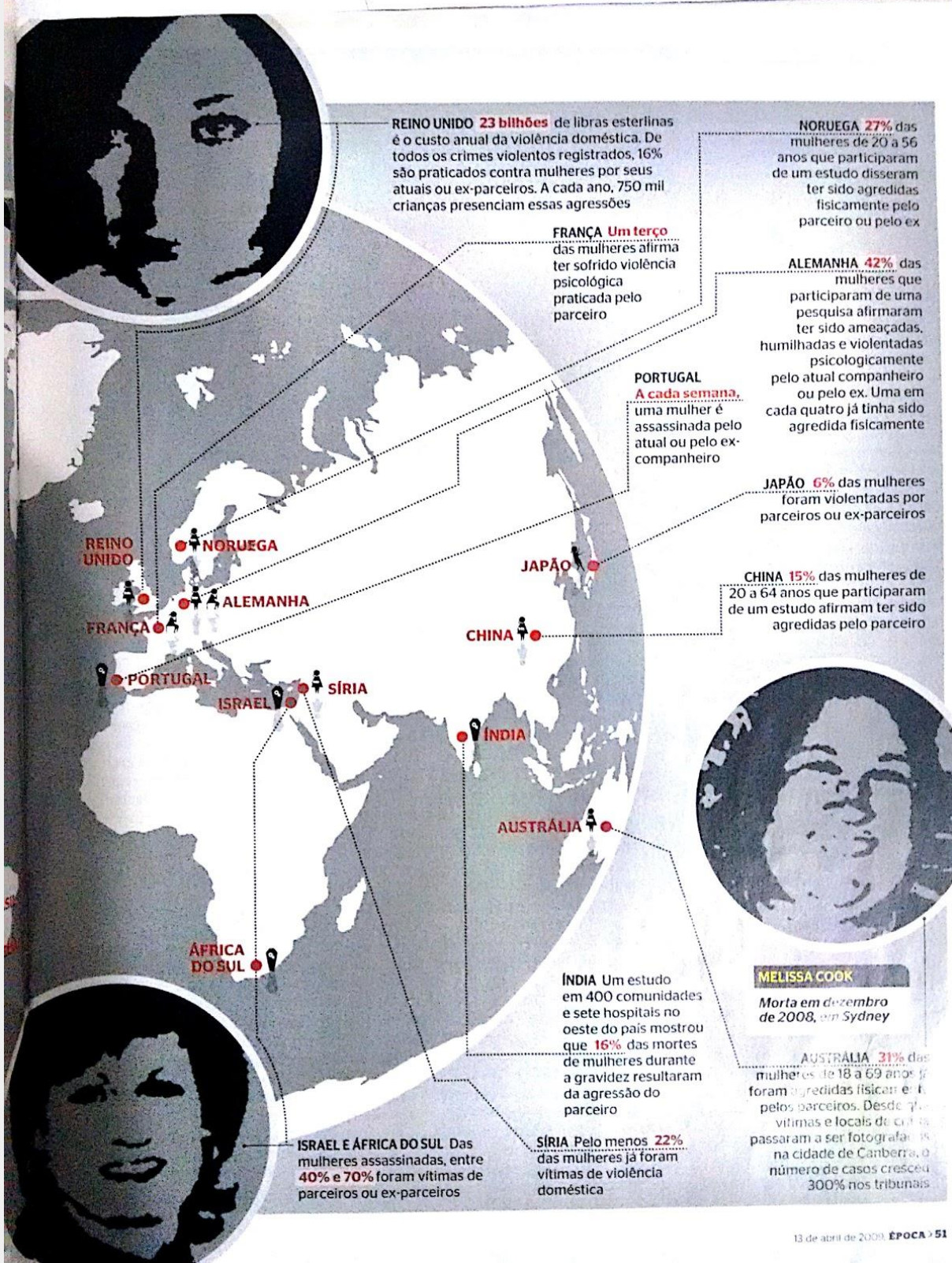
BRASIL De cada 100 mulheres, pelo menos 25 foram ou são vítimas de violência doméstica. Para um terço, as agressões começaram por volta dos 19 anos. Na Região Norte, 20% da população feminina afirmou já ter sido vítima de violência física

URUGUAI A cada 9 dias, uma mulher morre em decorrência de violência doméstica

Fontes: ONU/Unifem, OMS, Cladem, Senado Federal do Brasil, Bureau of Justice (EUA)

ROSEMARIE A. VOSLOO

Assassinada em junho de 2008, em Cape Town



DEPOIMENTO

"Ele é capaz de matar"

A vendedora paulistana Pamella dos Santos, de 26 anos, conta como ainda espera proteção da Justiça

Ele nem é tão bonito, mas sabe tratar uma mulher. Não bebe, não fuma nem usa drogas. Acho que me apaixonei porque ele parecia certinho. Algumas pessoas comentavam que ele batia na ex-namorada. Acabei ficando grávida no primeiro mês de namoro. Então ele ficou muito estranho. Me beliscava com força quando achava que eu estava dando bola para alguém. Eu tentava ser romântica. Ele continuava piorando. De qualquer jeito, ainda gostava dele. E a gente ia ter um filho.

Até que, no quinto mês de gestação, decidi terminar. Ele ameaçou se jogar sob um ônibus, bem na minha frente. Eu o segurei pela mochila. 'É assim que você quer? Então você não vai ver seu filho nascer', ele falou, em vez de me agradecer. Começou a me chutar, a me dar tapas e socos no meio da rua. Fui arrastada para um motel. Por sorte, o gerente viu tudo e o expulsou. Fiquei esperando minha mãe e fomos para a Delegacia da Mulher. Em menos de um mês, tive uma audiência e ganhei uma medida protetiva. Não adiantou. Ele pichava meu prédio, a porta da loja onde trabalho. 'Bebezinha, volta para mim.' Mudei de trabalho por causa dele. Uma advogada me disse para fazer B.O. de todas as ameaças. Na delegacia, não queriam fazer. Diziam que eu não tinha provas, que ameaça por telefone não vale... Acordei 5 da manhã para fazer B.O. dezenas de vezes. Só registraram três. Depois que meu filho nasceu, retirei a medida protetiva porque ele veio todo humilde. Foi meu grande erro. Nos seus olhos, vejo que ele seria capaz de matar. Um dia pegou meu filho no colo, comigo ainda de cama, e falou que ia matá-lo. Fiz três B.Os. por causa dessas ameaças, com testemunhas. Abri outro processo. Um juiz arquivou o caso. Ele continua fazendo as mesmas coisas. Desde setembro do ano passado espero uma resposta da Justiça. ♦

Foto: Mariana Cauduro/ÉPOCA

**"QUERO PAZ"**

Pamella dos Santos, de 26 anos, afirma que seu ex-namorado continua fazendo ameaças, apesar de vários boletins de ocorrência

por "ciúme" e "raiva" e que estava "embriagado". A ÉPOCA, contou uma história um pouco diferente: "Não bebi. Nem precisava beber. Senti ódio. Comecei a pensar em quem podia ter deitado com ela na cama que eu tinha dormido e no que a Marina fazia com o dinheiro que eu dava. Ficou tudo embaralhado na minha cabeça. Não pensei no que poderia acontecer comigo. Só no que ia acontecer com ela".

Os chamados crimes passionais repercutem no Brasil (e no mundo) há séculos. Sob a alegação de legítima defesa da honra ou de amor excessivo e ciúme incontrolável, os homens seguem matando. Foi assim em 1976, quando o playboy Doca Street eliminou a socialite Ângela Diniz no Rio de Janeiro. Ou no ano passado, quando Lindemberg Alves acabou com a vida da estudante Eloá Pimentel, de 15 anos, no ABC paulista. Pamella dos Santos, de 26 anos, teme o pior (*leia ao lado*). Há mais de seis meses, ela tenta na Justiça se proteger do ex-namorado. "A violência contra a mulher é um problema do Estado. A Fundação Perseu Abramo constatou que, no Brasil, uma mulher apanha a cada 15

segundos", diz Vanessa Mateus, responsável pelo primeiro Juizado Especial de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher de São Paulo.

Embora ainda seja uma das principais violações de direitos humanos, a violência contra a mulher tem sido combatida com mais força. Cerca de 90 países criaram leis para coibi-la. Governos, empresas e a sociedade civil têm investido no tema. No Brasil, um dos primeiros grupos de reflexão destinados a agressores foi criado em São Gonçalo, no Rio de Janeiro, há uma década. O índice de reincidência entre os que participaram dessas intervenções não chegou a 2%. Recentemente, o gigante dos cosméticos Avon firmou uma parceria de US\$ 1,25 milhão (cerca de R\$ 2,75 milhões)

com o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher. A empresa acredita que o engajamento em favor das mulheres agrega valor à marca. "Muitos consumidores escolhem nossos produtos não apenas pela qualidade, mas porque acreditam em nosso engajamento", afirma a CEO da Avon, Andrea Jung. "Precisamos continuar questionando as normas culturais, as formas de socialização e as relações de poder", diz o americano Gary Bowser, do Centro Internacional de Pesquisa sobre Mulheres, uma organização sem fins lucrativos que luta pelos direitos das mulheres. "Os homens têm de enxergar que as mulheres não são cidadãs de segunda classe." ♦

Com Marcelo Zanelli

ANEXO D - ARTIGO DE OPINIÃO NA REVISTA CARTACAPITAL

10/23/2018

O destino do Brasil em jogo — CartaCapital

#carta



Política

Opinião

O destino do Brasil em jogo

por **Nabil Bonduki** — publicado 23/10/2018 13h21

Restam poucos dias para se evitar que a democracia no País entre em coma

Ricardo Stuckert



Haddad no Tuca, em São Paulo



Temos cinco dias para evitar que a democracia brasileira entre em coma. Com os erros do PT e dos demais partidos democráticos, não existe alternativa senão a mobilização máxima da sociedade, de todos nós, contra o “risco Bolsonaro”. Até a última hora, com todas as nossas forças, temos que fazer um corpo a corpo gigantesco, nas ruas e na internet, para evitar esse desastre.

Bolsonaro não deixa margem à dúvida: levará o país, com um apoio de massas fanatizadas, para um regime autoritário e de exceção, desrespeitando a **Constituição**, em um clima de confronto,

violência e terror.

Na primeira entrevista após facada, quando tinha 22% das intenções de voto, o presidencialista disse que “não aceitaria um resultado diferente de sua vitória”. Em seguida, cresceu o questionamento anacrônico às urnas eletrônicas.

Leia também:

Jornalista pede demissão ao vivo após ser impedido de fazer perguntas a Bolsonaro
O que move os eleitores de Bolsonaro?

A *Folha de S. Paulo* mostrou que sua campanha foi impulsionada por *Fake News*, difundidas após terem roubado dados pessoais de milhões de brasileiros para disparos em massa no *Whatsapp*, a partir do exterior, com recursos ilegais de empresas, via caixa 2.

No sábado 20 foi divulgada a declaração de seu filho, eleito deputado federal com quase 2 milhões de votos, dizendo que “o STF poderia ser fechado com um cabo e um soldado”.

No dia seguinte, em *vídeo* exibido na Avenida Paulista, o presidencialista disse que “seus apoiadores são a maioria e que eles são o Brasil de verdade”. Prometeu “uma limpeza nunca vista na história do Brasil” e concluiu: “A faxina agora será muito mais ampla. Essa turma (...) ou vai pra fora ou vai para a cadeia. Esses marginais vermelhos serão banidos de nossa pátria”.

Na segunda-feira 22, seus apoiadores invadiram a “Conversa de Justiça e Paz”, promovida pela *Conferência Nacional dos Bispos do Brasil*, e gritaram que a “igreja era comunista”. Agressões contra opositores são noticiadas diariamente. Fanáticos e irracionais, são alimentados pelo ódio e por *Fake News*.

São fatos recentes, quando Bolsonaro tentou amenizar o discurso para não assustar eleitores. Nas afirmações mais antigas, o ex-capitão defendia a tortura, a homofobia, o machismo, o preconceito. Afirmava que a ditadura deveria ter matado muito mais e que seria necessária uma guerra civil com 30 mil mortos para implantar suas propostas.

Em 19 de setembro, escrevi uma **coluna** na *CartaCapital* com o título “O risco Bolsonaro exige uma frente democrática”. Fernando Haddad estava em ascensão, com 21%, e Bolsonaro estacionado em 28%. Mas eu antevia o cenário que hoje se descortina ao afirmar: “Bolsonaro não é mais o candidato que todos derrotariam”.

Para mim era evidente que a aliança entre a extrema-direita, violenta e conservadora na questão dos costumes, com o programa econômico neoliberal, alimentada pelo discurso da segurança e do antipetismo, poderia ser majoritária. Está sendo, pois as forças democráticas não se juntaram de fato.

O PT minimizou esse risco. Achou que a popularidade de Lula e a rejeição de Bolsonaro iriam levá-lo de novo ao governo. Para alguns deslumbrados, iria chegar ao poder.

Após o primeiro turno, as outras forças democráticas de centro e centro-esquerda (Ciro Gomes, **Marina Silva**, FHC, Geraldo Alckmin etc.), magoadas com a arrogância e o afã hegemônico petista e presas à suas próprias ambiguidades e umbigos, deram de ombros e lavaram as mãos. Condenaram Bolsonaro, mas não aceitaram o tardio e tímido apelo de Haddad para a formação de uma frente democrática. Aos poucos, vão declarando um voto crítico, para não ficarem para a história como omissos. É insuficiente.

Frente democrática, para se efetivar, significaria uma composição programática que diluísse, sem eliminar, o caráter petista da candidatura Haddad. Para isso, na segunda-feira após as eleições, o presidenciável, em vez de ir a Curitiba, deveria ter convidado as demais lideranças anti-Bolsonaro para sentar e recompor o seu programa, assumindo novos compromissos perante o País.

A base desse programa mínimo seriam os princípios básicos consensuais no centro e no centro-esquerda: a defesa da democracia, das instituições republicanas, dos direitos humanos e civis, do combate à corrupção, da inclusão social e a redução das desigualdades, da responsabilidade fiscal, da reforma tributária, da previdência e do Estado, da defesa do **meio ambiente** e da diversidade cultural, étnica, racial e de orientação sexual.

Esse princípios agregam muito mais que 50% dos brasileiros, mas isso não foi feito e perdeu-se um tempo precioso. Agora, com o abismo a se aproximar, será que as lideranças políticas responsáveis teriam a grandeza de criar um novo fato para evitar o desastre?

Muitos daqueles que declaram voto em Bolsonaro, mas rejeitam suas ideias, esperam por uma saída que lhes dê segurança para mudar o voto.

Mesmo com a incapacidade das lideranças políticas democráticas fazerem o que delas se espera, a sociedade reage com determinação. Artistas, juristas, intelectuais, professores, profissionais liberais, trabalhadores, cidadãos, todos nós, estamos nas ruas e na internet, incansavelmente, buscando evitar que a democracia sucumba em nosso País.

Até a última hora, até o último homem e a última mulher, até o último voto, não podemos jogar a toalha. Está em jogo o futuro dos nossos filhos e netos. Está em jogo o destino de uma nação.



Cupons e Ofertas

Economize e fique na moda com a C&A

Descontos em artigos esportivos na Centauro

Livros e Eletrônicos em promoção na Saraiva

Decoração com descontos na Mobly

Maquiagem com descontos no Boticário

Economize em perfumes e maquiagem com a Sephora

Roupas e acessórios em promoção na Zattini



ANEXO E - ARTIGO DE OPINIÃO NA REVISTA ISTO É

10/23/2018

Polícia e ladrão - ISTOÉ Independente



ISTOÉ

HOME ÚLTIMAS REVISTA VÍDEOS BRASIL ECONOMIA MUNDO COLUNAS COMPORTAMI



Rodrigo Constantino

Anúncio fechado por Google

Não é mais uma coluna e blogs

Anúncio? Por quê? ⓘ

11/out/18 - 19h00

Polícia e ladrão



Buscar

Sobre o autor

Rodrigo Constantino é economista, escritor e um liberal sem medo de polêmica ou da patrulha da esquerda "politicamente correta"

O resultado das urnas no domingo 7 mostrou a força do movimento conservador em ascensão no Brasil. No rastro da Lava Jato, o eleitor deu um grito de protesto contra os políticos tradicionais corruptos, e diversos caciques ficaram sem cargos e privilégios.

O pusilânime PSDB, incapaz de fazer oposição ao petismo, viu sua bancada desabar, enquanto o minúsculo PSL se tornou a segunda maior bancada da Câmara, mostrando a força do bolsonarismo. Uma bancada liberal foi formada pela primeira vez, com destaque para a garotada do MBL. E mulheres independentes, como Janaina

Mais colunas



**BRASIL
CONFIDENCIAL**

Trapalhão

Cristiano Zanin, o advogado de Lula, se supera a cada dia em suas trapalhadas. Desta vez, ele quase provocou o indiciamento de seu [...]



**RICARDO
BOECHAT**

Na cabeça

Brasil Alan Aantos/PR O que abalou Michel Temer na semana passada não foi o pedido de seu indiciamento no inquérito dos Portos, pelos [...]



**SÉRGIO
PARDELLAS**

A cristianização de Haddad

Mais do que um arroubo retórico ou desajuste na dose do rivotril, segundo as piadas mais infames, o discurso contundente de Cid Gomes, [...]



MENTOR NETO

Paschoal e Joice Hasselmann, foram eleitas com votos da direita “machista”.

Tudo isso e mais uma renovação recorde de cerca de metade do Congresso, o que não se via há duas décadas, alimentam as esperanças no futuro do País. É verdade que o PT ainda tem a maior bancada, apesar de ter perdido espaço e de Dilma Rousseff e diversos outros terem sido derrotados, enterrando de vez a “tese” de golpe do impeachment. Mas observar a segunda derivada é interessante para entender para onde a tendência está apontando. E aqui a conclusão é irrefutável: aponta para a direita.

O Brasil tem um povo conservador nos costumes, mas havia uma total falta de representatividade na política, dominada por uma hegemonia “progressista”. Dessa vez o fator ideológico pesou bastante na hora do voto, e por isso se espera um ativismo maior com base nos princípios liberais e conservadores. A degeneração moral promovida pela esquerda terá finalmente um obstáculo maior, não dependendo apenas dos evangélicos, que têm feito um trabalho incrível de resistência.

Essas mudanças, porém, ainda necessitam de uma guinada no comando do Executivo também. Bolsonaro, com seus quase 50 milhões de votos, é certamente o favorito. Fernando Haddad, o poste de Lula, já suaviza o discurso de olho no centro, mas sua imagem completamente colada na do bandido preso não ajuda. E esse é o tom central agora: Bolsonaro precisa falar em união e conquistar mais votos no Nordeste, ao mesmo tempo em que reforça o risco com a volta do PT. Ou o Brasil vai apontar para a Venezuela, ou para o Chile. Vamos mirar na Coreia do Sul

A tragédia de Natal

Se tem uma coisa sagrada para o tio Alcides, é a ceia de Natal. Época de juntar a família e celebrar. Viagens de férias, só depois do [...]



MURILLO DE ARAGÃO

Consenso e reformas

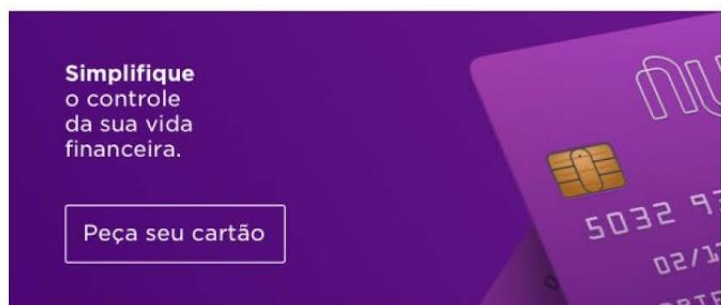
Tão logo se proclame o resultado das eleições presidenciais, o novo governo deve começar a trabalhar intensamente. Para o bem do País, [...]

capitalista, ou na Coreia do Norte comunista. É isso que está em jogo.

Quando eu era moleque, costumava brincar muito de polícia e ladrão. Entendo a adrenalina de quem escolhia ser o vilão fugitivo, mas eu preferia sempre pegar os bandidos. Em resumo, é o que temos agora: um candidato que defende a polícia e quer endurecer com marginais, e outro que vai tanto se consultar com um bandido preso que já pode até alegar redução de pena se for um dia condenado. O Brasil vai escolher entre a polícia e o ladrão no segundo turno.



Um candidato quer endurecer com marginais; o outro vai tanto se consultar com um bandido preso que pode pedir redução de pena se for um dia condenado



ANEXO F - ARTIGO DE OPINIÃO NO JORNAL EL PAÍS

23/10/2018

Xenofobia: A normalização do ódio | Opinião | EL PAÍS Brasil



OPINIÃO

XENOFOBIA TRIBUNA

A normalização do ódio

Sempre existiram movimentos xenófobos. A novidade é que exibem suas posturas desumanas e assediam nas ruas os que enxergam como diferentes

CAROLIN EMCKE

22 SET 2018 - 19:00 [BRT](#)



EULOGIA MERLE

“A fúria se desata sobre quem aparece como indefeso”, diziam Max Horkheimer e Theodor Adorno em *Dialética do Esclarecimento*. A frase volta à mente de quem viu as terríveis cenas de Chemnitz e como uma multidão cheia de ódio perseguia e agredia

https://brasil.elpais.com/brasil/2018/09/21/opinion/1537548764_065506.html

1/5

pessoas somente por terem sido apontadas como “diferentes”, “estrangeiras” e “estranhas”. A violência sem limite se dirige contra os que estão cada vez mais indefesos porque a sociedade não os reconhece como iguais. [Os desfiles de líderes neonazistas](#), vândalos violentos e representantes políticos do Alternativa para a Alemanha e outros partidos menores de extrema direita e os ataques em mercados ocorreram na Saxônia, mas as conexões e a mobilização superavam os limites regionais. Não se reduz de forma nenhuma ao leste do país. A comoção é profunda.

MAIS INFORMAÇÕES



Porque votamos em Hitler

É verdade que na [Alemanha](#) (da mesma forma que em outros países europeus) sempre existiram [ressentimentos xenófobos](#) e antissemitas, como também grupos e partidos de extrema direita. Não são fenômenos novos. A novidade desses últimos anos é o exibicionismo desavergonhado com o qual são manifestadas em público essas posturas desumanas, o desenfreio com o qual se assedia e se fustiga nas ruas os que têm aspecto, crenças e uma forma de amar diferentes dos da maioria. A novidade é o consenso social sobre o que é tolerável dizer e o que deve continuar sendo

intolerável. O consenso da Alemanha do pós-guerra, que incluía a reflexão crítica sobre os crimes do [Holocausto](#) como núcleo moral e político da própria autopercepção, se tornou frágil. As convicções racistas e antissemitas já não são expressadas às escondidas e no anonimato e sim muitas vezes abertamente e com orgulho; não somente quando se está bêbado no bar e sim também sóbrio e na televisão.

O desprezo racista e o nacionalismo deixaram de ser atitudes que são encontradas somente às margens da sociedade e das quais é preciso tomar distância. Agora estão aqui ao lado, entre nós. Se anos atrás me perguntassem se alguma vez eu poderia imaginar que se voltaria a odiar com tanta arrogância, a falar e a assediar dessa forma em nosso país, teria me parecido impossível.

O erro de Merkel não foi sua posição sobre a imigração e sim sua incapacidade para defender sua política em público

Como pôde acontecer? Diversos fatores inter-relacionados produziram uma mudança profunda na cultura política. A propaganda dos movimentos neonacionalistas repete sem cessar o mito segundo o qual em 2015 [Angela Merkel](#) “abriu as fronteiras” por decisão própria (e contra a vontade do “povo”), e com os refugiados sírios veio a desgraça. Por mais que insistam, suas afirmações continuam sendo falsas. As fronteiras já estavam abertas. A única coisa decidida por Merkel foi não fechá-las, evitando assim os efeitos devastadores que viriam da retenção dos refugiados nos países balcânicos.

Não foi somente um bonito gesto humanitário (como se somente as mulheres fossem capazes disso) e sim uma inteligente decisão tática. Diferentemente do que insinua a retórica de direita, com isso Merkel também não agiu contra seu próprio povo. Na Alemanha já existia há muito tempo um impressionante movimento civil de apoio aos refugiados sírios por parte de jovens e velhos, organizações e indivíduos, estudantes e população em geral. O Governo reagiu bem mais tarde, já que esse assombroso movimento altruísta universal estava em andamento há tempos. De fato, nessa época nunca falei com ninguém em Berlim, seja taxista ou verdureiro, um transexual maduro ou policial jovem, que não dedicasse seu tempo livre aos refugiados. Ninguém.

O erro de Merkel não foi a posição que adotou sobre a imigração e sim sua incapacidade retórica para argumentar e defender publicamente sua política na Alemanha e na Europa. Seus anos de governo deixaram um trágico vazio de deliberação democrática, de debate discursivo sobre as razões da ação política, das convicções sociais e das decisões econômicas. Com sua incompetência à comunicação, a chanceler permitiu que os demagogos da direita impeçam que os consideráveis sucessos da inclusão de quase um milhão de refugiados sejam vistos.

O Alternativa para a Alemanha não é um partido normal: provoca continuamente com suas teses antisemitas

A economia alemã floresce; há tempos que os números do desemprego não eram tão baixos; um terço dos refugiados já tem trabalho e está associado à Previdência Social; de acordo com uma pesquisa recente, a maioria da população considera a imigração algo claramente positivo e até mesmo apoia a acolhida de refugiados mesmo que outros

países europeus a recusem. Apesar de tudo, a direita penetra no debate da imprensa com sua caricatura apocalíptica de uma suposta invasão muçulmana, de uma substituição étnico-biológica da população, e empurra o Governo adiante.

A assimetria da representação é assombrosa. Enquanto os partidos de direita se apresentam sempre como as vítimas, como a voz censurada e excluída da população "preocupada", na prática são vistos e representados com desproporção.

Isso ocorre por uma mistura de covardia jornalística e afã obscuro de escandalizar e captar audiências que fez com que muitas redações não desmascarassem as atitudes persecutórias como o que são e sim a normalizá-las. Logicamente, uma vez que o Alternativa para a Alemanha é a maior força da oposição no Parlamento, tem direito, como todos os demais partidos, a que suas ideias sejam ouvidas e debatidas. Evidentemente, os aspectos sociais, culturais e econômicos concretos da imigração podem ser submetidos a um debate crítico, mas, como explicou recentemente o historiador Michael Wildt, o Alternativa para a Alemanha não é um partido normal. Pelo contrário, contém elementos da extrema direita radical e vândalos violentos, provoca continuamente com suas teses antissemitas e revisionistas que pretendem apagar o Holocausto da memória coletiva e tenta repetidamente marginalizar os alemães muçulmanos.

O que precisamos é um arrazoado de confiança e contagioso a favor das virtudes de uma democracia heterogênea e um debate comprometido sobre as vantagens de uma Europa aberta, inclusiva e solidária que não se limite a defender seus valores humanistas quando se trata de diferenciar-se de outras regiões supostamente atrasadas e sim os pratique e os desenvolva todos os dias.

Precisamos de uma reflexão sobre o que o Estado nacional ainda pode e deve contribuir, e sobre o que se pode decidir melhor em escala local e em escala transnacional. E, não menos importante, o que precisamos é de mais proteção para os que têm crenças diferentes, um aspecto diferente, uma forma de amar que não se ajusta à norma, para que a diferença já não seja vista como uma ameaça e sim como um enriquecimento.

Carolin Emcke é jornalista, escritora e filósofa alemã, autora de *Contra o ódio* (Taurus).

ANEXO G - Conto de Lygia Fagundes Telles

Que se chama solidão

Lygia Fagundes Telles

Chão da infância. Algumas lembranças me parecem fixadas nesse chão movediço, as minhas pajens. Minha mãe fazendo seus cálculos na ponta do lápis ou mexendo o tacho de goiabada ou ao piano; tocando suas valsas. E tia Laura, a viúva eterna que foi morar na nossa casa e que repetia que meu pai era um homem instável. Eu não sabia o que queria dizer instável mas sabia que ele gostava de fumar charutos e gostava de jogar. A tia um dia explicou, esse tipo de homem não consegue parar muito tempo no mesmo lugar e por isso estava sempre sendo removido de uma cidade para outra como promotor. Ou delegado. Então minha mãe fazia os tais cálculos de futuro, dava aquele suspiro e ia tocar piano. E depois, arrumar as malas.

— Escutei que a gente vai se mudar outra vez, vai mesmo? perguntou minha pajem Maricota. Estávamos no quintal chupando os gomos de cana que ela ia descascando. Não respondi e ela fez outra pergunta: Sua tia vive falando que agora é tarde porque a Inês é morta, quem é essa tal de Inês?

Sacudi a cabeça, não sabia. Você é burra, Maricota resmungou cuspinhando o bagaço. Fiquei olhando meu pé amarrado com uma tira de pano, tinha sempre um pé machucado (corte, espinho) onde ela pingava tintura de iodo (ai, ai!) e depois amarrava aquele pano. No outro pé, a sandália pesada de lama. Essa pajem era uma órfã que minha mãe recolhera, tive sempre uma pajem que me dava banho, me penteava (papelotes nas festas) e me contava histórias até que chegasse o tempo da escola. Maricota era preta e magra, a carapinha repartida em trancinhas com uma fita amarrada na ponta de cada trancinha. Não sei da Inês mas sei do seu namorado, tive vontade de responder. Ele tem feição de cavalo e é trapezista no circo do leão desdentado. Estava sabendo também que quando ela ia encontrar o trapezista, soltava as trancinhas e escovava o cabelo até vê-lo abrir-se em leque como um sol negro. Fiquei quieta. Tinha procissão no sábado e era bom lembrar que eu ia de anjo com asas de penas brancas (meu primeiro impulso de soberba) enquanto que as asas dos outros anjos eram de papel crepom.

— Corta mais cana, pedi e ela levantou-se enfurecida: Pensa que sou sua escrava, pensa? A escravidão já acabou!, ficou resmungando enquanto começou a procurar em redor, estava sempre procurando alguma coisa e eu saía atrás procurando também, a diferença é que ela sabia o que estava procurando, uma manga madura? Jabuticaba? Eu já tinha perguntado ao meu pai o que era isso, escravidão. Mas ele soprou a fumaça para o céu (dessa vez fumava um cigarro de palha) e começou a recitar uma poesia que falava num navio cheio de negros presos em correntes e que ficavam chamando por Deus. Deus, eu repeti quando ele parou de recitar. Fiz que sim com a cabeça e fui saindo, Agora já sei.

— Sábado tem procissão, eu lembrei. Vai me fazer papelote?

— Vamos ver, ela disse enquanto juntava os bagaços da cana no avental. Foi até a lata de lixo. E de repente riu sacudindo o avental: Depressa, até a casa da Juana Louca, quem chegar por último vira um sapo! Eram as pazes. Levantei-me e saí correndo atrás dela, sabia que ia perder mas ainda assim apostava.

Quando não aparecia nada melhor a gente ia até o campo para colher flores que Maricota enfeixava num ramo e, com cara de santa, oferecia à Madrinha, chamava minha mãe de Madrinha. Às vezes, ela desenhava com carvão no muro as partes dos meninos e mostrava, É isto que fica no meio das pernas, está vendo? É isto! Mas logo passava um trapo no muro e fazia a ameaça, Se você contar você me paga!

Depois do jantar era a hora das histórias fantásticas. Na escada que dava para a horta, instalavam-se as crianças com a cachorrada, eram tantos os cachorros que a gente não sabia

que nome dar ao filhote da última ninhada da Keite, acabou sendo chamado de Hominho, era um macho. Foi nessa época que apareceu a Filó, uma gata meio doida que acabou amamentando os cachorrinhos porque a Keite estava com crise e rejeitou todos. Cachorro também tem crise, avisou tia Laura olhando pensativa para a Keite que dava mordidas no filhote que vinha procurar suas tetas.

As histórias apavorantes das noites na escada. Eu fechava os olhos-ouvidos nos piores pedaços e o pior de todos era mesmo aquele, quando os ossos da alma penada iam caindo diante do viajante que se abrigou no casarão abandonado. Noite de tempestade, vinha o vento uivante e apagava a vela e a alma penada ameaçando cair, Eu caio! Eu caio! — gemia a Maricota com a voz fanhosa das caveiras. Pode cair! ordenava o valente viajante olhando para o teto. Então caía um pé ou uma perna descarnada, ossos cadentes pulando e se buscando no chão até formar o esqueleto. Em redor, a cachorrada latindo, Quer parar com isso? gritava a Maricota sacudindo e jogando longe o cachorro mais exaltado. Nessas horas sempre aparecia um dos grandes na janela (tia Laura, tio Garibaldi?) para impor o respeito.

Quando Maricota fugiu com o trapezista eu chorei tanto que minha mãe ficou preocupada: Menina mais ingrata aquela! Acho cachorro muito melhor do que gente, ela disse ao meu pai enquanto ia arrancando os carrapichos do pêlo do Volpi que já chegava gemendo, ele sofria com antecedência a dor da retirada de carrapichos e bernes.

A pajem seguinte também era órfã mas branca. Falava pouco e também não sabia ler mas ouvi minha mãe prometer (como prometeu à outra), Eu vou te ensinar. Chamava-se Leocádia. Quando minha mãe tocava piano ela parava de fazer o que estava fazendo e vinha escutar: Madrinha, por favor, toca “O sonho de Lili”!

Leocádia não sabia contar histórias mas sabia cantar, aprendi com ela a cantiga de roda que cantarolava enquanto lavava roupa:

Nesta rua, nesta rua
Tem um bosque
Que se chama, que se chama
Solidão.
Dentro dele, dentro dele
Mora um anjo
Que roubou, que roubou
Meu coração.

— Menina afinada, tem voz de soprano, disse tia Laura batendo com o leque na mesa, estava sempre se abanando com o leque. Soprano, soprano! fiquei repetindo e correndo em redor de Leocádia que ria aquele riso de dentes fortes e perguntava o que era soprano e eu também não sabia mas gostava das palavras desconhecidas, Soprano, soprano!

— Vem brincar, Leocádia! eu chamava e ela ria e dava um adeusinho, Depois eu vou! Fiquei sondando, e o namorado? Da Maricota eu descobri tudo mas dessa não descobri nada.

Morávamos agora em Apiaí, depois da mudança tão comprida, com o piano no gemente carro-de-boi. Isso sem falar nos vasos de plantas e na cachorrada que veio no caminhão com a Leocádia e mais a Custódia, uma cozinheira meio velha que mascava fumo e sabia fazer o peru de Natal. Meu pai, a tia e minha mãe comigo no colo, todos amontados no tal fordeco meio escangalhado que meu pai ganhou numa rifa. Com o carcereiro guiando, era o único que sabia guiar.

Apiaí e a escola das freirinhas. Quando nessa tarde voltei da escola, encontrei todo mundo de olho arregalado e falando baixo. No quintal, os cachorros se engalfinhando. Por que a Leocádia não foi me buscar? E cadê minha mãe? Tia Laura baixou a cabeça, cruzou o xale no peito, fechou o leque e foi saindo meio de lado, andava desse jeito quando aconteciam coisas.

Fechou-se no quarto. Custódia soprou o braseiro do fogão e avisou que ia estourar pipoca. A Leocádia fugiu?, perguntei. Ela começou a debulhar o milho, Isso não é conversa de criança. Então entrou minha mãe. Fez um sinal para a Custódia, sinal que eu conhecia (depois a gente se fala), acariciou minha cabeça e foi para o quarto de tia Laura. Disfarcei com o prato de pipoca na mão, banzei um pouco e fui escutar detrás da porta da tia. Conteí que meu marido estava viajando (era a voz da minha mãe) e que a gente não sabe lidar com isso. Uma tragédia, Laura, uma tragédia! Então o médico disse (minha mãe parou para se assoar) que ela pode ficar na enfermaria até o fim, vai morrer, Laura! Enfiou a agulha de tricô lá no fundo, meu Deus!... — A voz sumiu e logo voltou mais forte: Grávida de quatro meses e eu sem desconfiar de nada, era gordinha e agora engordou mais, foi o que pensei. Hoje ela me reconheceu e fez aquela carinha alegre, Ô! Madrinha. Era tão inteligente, queria tanto aprender a ler, queria até aprender música. Tia Laura demorou para falar: Agora é tarde!, gemeu. Mas não tocou na Inês.

Em dezembro tinha quermesse. Minha mãe e tia Laura foram na frente porque eram as barraqueiras, eu iria mais tarde com a Custódia que ficou preparando o peru. Quando passei pelo jasmineiro no quintal (anoitecia) vi o vulto esbranquiçado por entre os galhos. Parei. A cara úmida de Leocádia abriu-se num sorriso.

— A quermesse, Leocádia! Vamos?, eu convidei e ela recuou um pouco.

— Não posso ir, eu estou morta.

Keite apareceu de repente e começou com aquele latido desesperado. Antes que viessem os outros, tomei-a no colo, Fica quieta, quieta! ordenei baixinho na sua orelha. E o latido virou um gemido de sofrimento. Quieta! Aquela é a Leocádia, você não se lembra da Leocádia? Comecei a tremer. É a Leocádia! repeti e apertei a Keite contra o peito e ela também tremia. Soltei-a: Pode ir mas não chame os outros, escutou isso?

Keite saiu correndo e desapareceu no fundo do quintal. Quando olhei na direção do jasmineiro não vi mais nada, só a folhagem com as florinhas brancas no feitio de estrelas.

Entrei na cozinha. Que cara é essa? estranhou a Custódia. Encolhi os ombros e ajudei a embrulhar o peru no papel-manteiga. Vamos depressa que a gente está atrasada, ela resmungou me pegando pelo braço. Parou um pouco para me examinar melhor.

— Mas o que aconteceu, você está chorando? Enxuguei a cara na barra da saia.

— Me deu uma pontada no dente.

— Foi naquele que o dentista chumbou? Quer a Cera do Doutor Lustosa?

— Deu só uma pontada, já parou de doer.

— Pegue o meu lenço, ela disse abrindo a sacola. Ofereceu-me o lenço de algodão branco, bem dobrado. Na calçada deserta ela ainda parou um pouco para prender a fivela no cabelo. O peru era meio velho mas acho que ficou bom.

Enxuguei os olhos com raiva e cruzei os braços contra o peito, outra vez o tremor? Fomos andando lado a lado e em silêncio.

ANEXO H - CONTO *O DIA EM QUE NOSSA VIZINHA ENLOUQUECEU*, DE VICTOR GIUDICE

guiu mais ser o mesmo. No fim de algumas noites a escuridão tornou a misturar as caras da platéia e o descontentamento se alimentou de repetições. Houve mudança nas cores das guarnições. Novamente o pensamento deu voltas e novamente o pierrô se viu à frente do capuz negro. Veio outra monarquia e restituiu as esferas de prata. Dessa vez o pierrô não aceitou. Dal em diante não aceitava nada. Acabou ficando na companhia do amigo do capuz. Um belo dia deixou de ser pierrô branco e recebeu dois registros: o de número um e o de baixo cantante. Hem? Que tal?

118

O Dia em que nossa Vizinha Enlouqueceu

Para o Brandão

E finalmente, à noite, haveria o baile do Clube dos Treze, que começou com intenções de sociedade literária – inspiração em Balzac – e quase termina como grémio recreativo e escola de samba, não fosse o presidente na época ter participado da diretoria dos Setenta Pierrôs. Meu irmão nunca foi à festa porque até hoje não concorda com a linha carnavalesca. É um homem sério, com obras publicadas na Argentina, México e Polônia, e com elogios eficazes da crítica universitária. Como se vê, não é a criatura indicada para pular num cordão até cinco da manhã. Ele não compreendeu que o Baile dos Letrados foi a única maneira de se tirar o pé da lama, como declarou nosso diretor social num discurso enriquecido por Machados, Alencares e outros. Enquanto pôde, impediu-me de ir ao clube nos domingos de carnaval. Dizia que eu fazia tudo para envergonhá-lo, que o baile era um acinte aos propósitos culturais da sociedade e que ele, bem ou mal, era o sócio mais importante. Que minhas atitudes irresponsáveis – uma vez me fantasiei de dominó – poderiam prejudicá-lo nos meios literários. Eu já estava me acostumando. Meu irmão era quinze anos mais velho e como vivíamos juntos ele se achava no direito de me dar ordens e, sobretudo, de proibir coisas. Não me deixava fumar ou beber, estipulava a hora em que eu devia voltar para casa, escolhia minhas amizades e

121

por último não queria que eu olhasse para nossa vizinha, quando na verdade, ela é que olhava para mim. Nunca descobri seu nome. Sei que era solteira, bonita e devia andar pela casa dos trinta. Pena que fosse enlouquecer no momento exato em que eu ia sair para o Baile dos Letrados daquele último domingo, fantasiado de poeta romano, com coroa de louros e lira prateada. Fechei a porta com cuidado para não assustar meu irmão, mergulhado numa leitura, mas não deu certo. Nossa vizinha estava ao lado do elevador, ostentando um vestido negro aberto até a metade da coxa, olhando-me com uma expressão situada entre o deboche e a obscenidade. Os lábios juntos e levemente projetados se ofereciam a um beijo que só eu podia dar. Aproximei-me e beijei-a. O espírito da folia me encorajava e minha mão direita se intrometeu pela abertura do vestido para acariciar-lhe a perna. Foi aí que ela enlouqueceu. A boca se afastou da minha e liberou um som gutural que se prolongou praticamente por toda nossa vida. Meu irmão apareceu e tentou acalmá-la. Não adiantou. A mulher me olhava e fazia gestos incompreensíveis. Ao ver meu irmão, abraçou-se a ele sem os arroubos sensuais que demonstrara comigo, mas com uma subserviência de idolatria sorridente, o olhar meio descontrolado, como se meu irmão representasse alguma categoria de homem além da que era. Com algum esforço ele conseguiu desvencilhar-se do abraço, pegou-lhe os pulsos e forçou-lhe as mãos para baixo. Os joelhos da vizinha se dobraram e ela quase se sentou no tapete. Fiquei ali, trêmula, balbuciando sílabas desconexas, enquanto meu irmão maldizia o domingo de carnaval por todas as dificuldades que lhe acarretava. Confesso que me divertia com a visão das pernas da vizinha, agora completamente nuas. Meu irmão deve ter percebido, pois me agarrou pelo braço e tentou levar-me de volta ao apartamento. Que tolice, disse eu, não podemos deixar esta mulher assim, por que não se chama o médico que mora no quinhentos e três? Meu irmão concordou e subimos dois lances de escada. A vizinha veio atrás. Tocamos várias vezes a campainha do quinhentos e três e não houve resposta. A porta do quinhentos e dois se abriu e apareceu um rosto de mulata envolvido num turbante de baiana dizendo com voz estridente que o médico tinha ido passar o carnaval fora de casa com a família. Meu irmão agradeceu e voltou a ofender o domingo. Eu desandei a rir, mas ele disse que não achava a mínima graça e eu parei. A vizinha não dizia nada. Apenas dançava e nos observava com o mesmo olhar desconexo. Sugerí a meu irmão que chamássemos a polícia mas ele não deu confiança. Apertou o botão do elevador e descemos para a rua. A princípio a vizinha ofereceu alguma resistência, no entanto concordou logo com as ordens de meu irmão. Perguntei o que é que ele ia

fazer e mais uma vez não me deu ouvidos. Continuamos a andar sem direção. Num botequim, havia um grupo de homens batucando um ritmo frenético, como acontece em todos os botequins do carnaval. Imediatamente a vizinha começou a dançar com mais intensidade como se o batuque fosse uma imposição. Ri de novo. Meu irmão me lançou um olhar feroz e eu lhe fiz uma careta. Foi sua vez de rir. A vizinha continuava sambando com as pálpebras escancaradas. Meu irmão entrou no bar e perguntou ao dono se ele tinha um catálogo de assinantes. O homem tinha o catálogo mas não tinha telefone. Na esquina havia um. Meu irmão fez uma ligação, três ou quatro perguntas, disse alguns desaforos e desligou. Bisou mais algumas ofensas ao domingo de carnaval, ao perceber a vizinha com um copo de cerveja na mão, sambando descontrolada. Pagou a bebida e continuamos o trajeto. Tentei conversar com ele a respeito do destino que devíamos tomar, mas ele ficou exasperado e, com um tom irônico, declarou que iríamos os três para o Baile dos Letrados. A vizinha estava cantarolando por que razão só voltei quarta-feira. Meu irmão fechou os olhos e suspirou um palavrão. Fiquei com vontade de rir outra vez mas me controlei. A vizinha se chegou para perto de mim e me puxou para dançar. Dei os primeiros passos e meu irmão acabou com nossa festa. Nesse momento passou um bonde apinhado de pessoas com fantasias iguais, índios com penachos preto e branco, pertencentes a algum bloco. Meu irmão nos empurrou e ordenou vamos nesse. Com grande dificuldade conseguimos nos espremer na parte da frente, ao lado do motorneiro. Durante a viagem meu irmão desistiu de fazer proibições. Já era alguma coisa. Eu e a vizinha ficamos de mãos dadas, dançando ao compasso da música dos índios. Não sabíamos a letra mas havia um estribilho de gritos selvagens que nos dava uma grande alegria, principalmente porque a vizinha virava a cabeça e gritava bem no ouvido de meu irmão. Ele não reagia com palavras, mas o olhar e os movimentos labiais não deixavam dúvidas a respeito de seu estado de espírito. Na verdade era muito desagradável ter de abandonar a leitura de um livro para acompanhar uma vizinha louca num domingo de carnaval sem saber para onde levá-la. Foi nesse instante que o sangue me subiu às temporais e eu disse a ela que parasse com aquilo. Rápidamente. A vizinha riu na minha cara e continuou. Perdi a calma. Aguardei-a pelos ombros e comeci a sacudi-la. Ficou histérica. Meu irmão se colocou entre nós e me perguntou em voz baixa se eu ainda não compreendia que a mulher estava louca. Fiquei envergonhada. Ele me pediu um pouco de paciência, pois assim que a deixássemos num sanatório eu poderia ir para o Baile dos Letrados. Mas que, por favor, não o deixasse sozinho com ela.

Claro que eu não ia abandonar o próprio irmão a sós com uma vizinha louca, mas a cena teve um efeito medicinal, porque no resto da viagem ela ficou imóvel com os olhos fixos em algum ponto indefinido. O motorneiro e os índios permaneceram indiferentes a nosso problema. Meia hora depois, saltamos quase em frente ao hospital da prefeitura. Quando se viu na calçada, a vizinha reiniciou a dança. Nossa entrada no hospital foi trágica, pois meu irmão achou que era desrespeito a mulher sambar num ambiente dominado pela tristeza. No entanto, a vizinha parecia decidida a dançar até o final dos tempos. Meu irmão segredou-lhe carinhos, contou casos exemplares, fez promessas e ameaças. A vizinha balançava os ombros e lhe dirigia o mesmo olhar obscuro que eu já experimentara no elevador. Meu irmão desistiu. Deixou-a comigo e foi procurar o médico de plantão. Minutos depois voltou com uma enfermeira gorda e sonolenta que nos explicou ser impossível tomar alguma providência porque o hospital não dispunha de acomodações para doentes mentais, e o melhor a se fazer num domingo de carnaval era pedir auxílio à polícia. Neste ponto lancei um olhar vitorioso a meu irmão para lembrá-lo de minha idéia inicial. Se ele a tivesse seguido, estaria em casa terminando sua leitura enquanto eu triunfava em meu baile. Mas sua preocupação com a vizinha era tão grande que ele nem notou. Antes de sairmos do hospital ainda gastamos dez minutos ouvindo todas as esquinas e quarteirões que a vizinha nos bocejou como roteiro da delegacia mais próxima. A gorducha sambou mais de meia hora até chegarmos à polícia. Um grandalhão mal-humorado mandou que nos sentássemos num banco de madeira e esperássemos. A mulher não acatou a ordem e ficou de pé, dançando. Meu irmão puxou-a pelo braço e ela caiu entre nós dois. Até sentada seu corpo se remexia no ritmo de um samba subjetivo. Sem dúvida a delegacia estava num dos seus melhores dias. Durante a espera vimos entrar quatro assaltantes, cinco vítimas de assaltos, uma jovem em prantos que teve o pai assassinado, um travesti sem sentidos, outro embriagado e duas prostitutas ensanguentadas. A vizinha não se comovia. Eu pensei na loucura e logo desviei o pensamento para o Baile dos Letrados. O relógio da delegacia marcava onze e vinte. O baile devia estar esquentando. Infelizmente minhas esperanças foram por água abaixo, porque o delegado só nos atendeu à meia-noite e quarenta. Meu irmão lhe fez um relatório literário de toda a história, o que ainda atrasou mais o desenlace, sem contar as interrupções provocadas por chamadas ao telefone, descomponturas a jornalistas, impropriedades costumeiras etc. Quando meu irmão terminou a narrativa, o policial passou a tecer uma longa resposta, uma espécie de réplica doméstica ao Elogio da

Loucura, completamente inoportuna e inadequada a nossa vizinha. Mas nada se podia fazer. Descreveu epíodos esdrúxulos de loucos que não eram loucos e sãos que não eram sãos. Citou exemplos familiares, ressaltando o caso conveniente de uma tia solteirona que enlouqueceu na noite de núpcias, um minuto antes de se consumir o matrimônio. Enumerou todos os perigos decorrentes de não se diagnosticar em tempo hábil as loucuras que andam soltas por aí. E apontou com discrição para nossa vizinha enquanto comentava algum fato político ligado à insanidade mental. Mas desistiu e foi atender o telefone. Eram quinze para as duas. Faltavam três horas para o Baile dos Letrados acabar. Sentí um nó na garganta. O delegado colocou o aparelho no gancho, virou-se para nós e confessou que a polícia não tinha meios para determinar internações de doentes mentais. Em situações como aquela devíamos recorrer ao sanatório municipal, a única instituição que aceitaria nossa vizinha para um tratamento de emergência. Desculpou-se e acrescentou que se não fosse domingo de carnaval colocaria uma viatura a nossa disposição, tal a gravidade do caso. Neste ponto eu e meu irmão olhamos para a vizinha e sua dança e sentimos um princípio de medo. Às duas e meia da madrugada conseguimos um táxi para nos levar ao sanatório municipal. Exigir sobriedade do motorista era demais, principalmente porque estava bastante alcoolizado. Entrou em ruas de tráfego proibido, subiu em duas calçadas e atropelou um gato. Entre os acidentes cantarolou um samba daquele ano e foi acompanhado pela vizinha. Não sei que horas seriam quando entramos no pátio do sanatório. Eu já havia desistido de consultar o relógio. O local parecia deserto. De repente, muito distante, ouvimos uma gargalhada. A vizinha começou a rir também. Meu irmão me olhou com desânimo e eu, para contrariá-lo, resolvi fazer o mesmo que a vizinha. Só meu irmão se mantinha sério depois de tantos acontecimentos estranhos. Súbito o riso longínquo se interrompeu e nós respeitamos a interrupção. A vizinha arregalou os olhos, parou de sambar por um instante e logo em seguida recomeçou, em silêncio, como fizera na maior parte do tempo. Então, meu irmão sorriu, aproximou-se do balcão e ficou batendo palmas até que apareceu um homem uniformizado de azul. Parecia mudo. Meu irmão tornou a contar nossa história, enumerando as minúcias, mas a criatura não se emocionou. Pegou o telefone, discou um número e repetiu palavra por palavra o que tinha ouvido. Desligou, virou o rosto para nós e fez um gesto negativo. Meu irmão prendeu a respiração e se preparou para a audição dos dispositivos regulamentares que impediam o uniforme azul de tomar qualquer atitude para internar nossa vizinha louca naquele manicômio. Perguntou-nos se algum

de nós era contribuinte do fundo institucional de não sei qual repartição do estado. Caso fôssemos ainda haveria uma chance remota de resolvermos o problema na quarta-feira de cinzas, uma vez que o sanatório permanecia hermeticamente fechado durante o carnaval devido ao estado grave de seus internos. Vi o rosto de meu irmão se deformar numa cara de nojo. O homem ainda fez alguns esforços para prosseguir o discurso mas não conseguiu. Ao ver o desespero estampado no olhar de meu irmão, compreendi o verdadeiro papel daquele imbecil fantasiado de azul. No fundo não passava de um desses insetos cheios de empáfia que vivem dizendo não a tudo e a todos e entravando qualquer ação nobre. Afinal de contas, internar uma criatura louca para um tratamento de alguns dias não traria nenhuma dificuldade a uma casa de saúde municipal, especializada no assunto e cujas portas deveriam permanecer abertas a qualquer solicitação pública. Mais uma vez o ódio me dominou. Saltei o balcão, peguei o sujeito pela gola do casaco e só não fui além porque meu irmão se abraçou comigo e me pediu calma. Para evitar outras contrariedades resolvi ceder. Nossa vizinha, indiferente a todos os acontecimentos, não parou de dançar um só instante. Estava magnífica. Ao sair do sanatório, dirigiu um olhar indecente ao homem de azul, ainda meio assustado, tentando ajeitar a roupa. Na rua, podíamos ser considerados componentes de um bloco carnavalesco bem original. Uma dama de negro, sambista incansável, um poeta romano com lira e coros e um literato *blasé* a conduzir o cortejo. Depois de andarmos dois quarteirões, perguntei a meu irmão, e agora? Ele chamou o único táxi que ainda podia ser visto naquela madrugada e, depois de entrarmos no carro, deu ao motorista uma ordem que economicamente também respondia minha pergunta. Casa de Saúde da Santa Providência. Fiquei assombrado. Eram mais de trinta quilômetros. Contudo, meu assombro não chegou a se exteriorizar porque meu irmão me apertou o braço e mandou que eu ficasse quieto. Não bastava ele ter de agüentar a vizinha. Era melhor eu parar com aquelas infantilidades. Bailes, há muitos. Quando atingimos o subúrbio o sol já iluminava a parte superior da velha fachada da Casa de Saúde da Santa Providência. Não sei por que aquilo me pareceu um bom sinal e, apesar de ter alguns pensamentos voltados para o Baile dos Letrados, fiquei tranqüilo. A figura de nossa vizinha enlouquecida e baloucante me mostrou que a vida não se resumia numa parcela tão ínfima quanto uma noite de carnaval perdida. Um profundo arrependimento das ações impensadas que eu cometera durante nossa aventura, as agressões à vizinha e ao funcionário do hospital, um simples cumpridor de ordens, levou-me a uma sensação de nulidade e eu chorei. Minhas lágrimas irrita-

ram meu irmão e ele gritou, agora mais essa. Não me importei. Afinal, a razão era dele. O tratamento que recebemos do empregado da portaria trouxe alguns motivos de esperança. Era um rapaz amável que parecia ignorar a existência do carnaval. Ofereceu-nos um sofá, a mim e à vizinha, enquanto meu irmão preenchia uma ficha de internação. Ele já devia conhecer todos os dados a respeito da mulher, pois não lhe perguntou nem o nome. Depois fomos conduzidos a uma sala de ladrilhos brancos e lá ficamos à espera do médico. Naquele momento, tive a mais absoluta certeza de que se existe um sexto sentido ele pertence à loucura. Quando se viu na sala toda branca, a vizinha cessou de dançar e não teve outra reação. O psiquiatra entrou, conversou alguns minutos com meu irmão. Em seguida aproximou-se da vizinha e disse-lhe muitas coisas em voz baixa. Ela quase não falava. Ficaram assim mais de dez minutos. A vizinha caminhou até onde eu me encontrava, dirigiu-me o mesmo olhar obscuro e me implorou que não deixasse que a prendessem lá. Ela estava chorando. Não parecia a mulher que nos acompanhara durante toda a noite em requebros inexpressivos. Agora retomava sua posição de ser vivente, pleno de emoções, e suas palavras flulam com uma lucidez que só os loucos podem apresentar. Falou-me de sua ocupação como secretária de um advogado, dos problemas causados pela mãe paralisada, das dificuldades financeiras que isto lhe trazia e da impossibilidade de arranjar um trabalho mais bem pago. Fiquei penalizado. Então, ela tornou a caminhar na direção do médico. E, desgraçadamente, recomeçou a dançar. O psiquiatra olhou para meu irmão, foi até a porta por onde entrara e fez um sinal. Dois enfermeiros apareceram e foram cercando a vizinha entre seus braços musculosos. Um deles, um mulato com quase dois metros, foi o primeiro a segurá-la. A vizinha esbofetecou-o e se soltou. Entretanto o outro homem, baixinho, mas possuidor de um tórax sobre-humano, imobilizou-a definitivamente. Dava pena ver os pés nervosos da vizinha esfregarem-se nos ladrilhos, impossibilitados de continuar sua dança inofensiva. Meu irmão e o médico pediam-lhe que se acalmasse, pois nada de mal lhe iria acontecer. Teria apenas de tomar alguns remédios e descansar. Três ou quatro dias depois voltaria para casa. Meu irmão se comprometeu a vir buscá-la quando tivesse alta. Nossa vizinha não ouvia nada. As lágrimas continuavam a saltar de seus olhos esbugalhados, enquanto uma baba branca e fina escorria-lhe dos dentes por entre os lábios roxos. O médico foi outra vez até a porta e fez novo sinal. Entrou outro enfermeiro apontando uma seringa. Ao vê-lo nossa vizinha soluçou uma lengalenga de criança pedindo à mãe para não tomar o remédio. O psiquiatra fez um gesto inter-

rompendo a injeção. A vizinha voltou a se debater. Outro gesto. A seringa retomou o caminho em direção a ela. Fiquei revoltado. Corri até o enfermeiro, ergui a lira de madeira prateada o mais alto que pude e deixei-a cair com toda a força sobre sua cabeça. O homem conseguiu esquivar-se a tempo, mas a seringa voou longe, espatifando-se. Em seguida, aproximei-me da vizinha e conversei com ela. Os enfermeiros formaram um círculo em torno de nós dois. Disse-lhe que tudo aquilo era verdade. Que três ou quatro dias seriam suficientes. Que ela estava um pouco nervosa mas as coisas iam acabar bem. E no próximo ano eu a levaria ao Baile dos Letrados. Meu irmão riu. Enfim, que aquela casa de saúde era muito agradável e ela ia acabar gostando. A última frase foi um pouco infeliz, porque a vizinha se virou para mim e com um olhar perfeitamente lógico me perguntou por que motivo eu não ficava lá em seu lugar, já que era tão bom. Não tive resposta. Então, o psiquiatra e meu irmão chegaram bem perto de mim e me fizeram uma proposta idêntica à dela. Talvez o meu sacrifício desse resultado. Ficar lá alguns dias, quatro no máximo, e dizer a ela que era ótimo, que eu estava gostando muito e convidá-la para ficar lá comigo. Assim que ela concordasse, eu voltaria para casa. Olhei para o médico, para meu irmão, para a vizinha cruelmente cercada por aqueles dois animais, e concordei.

Na verdade não posso me queixar do tratamento que tenho recebido aqui na Casa de Saúde de Santa Providência, embora meu irmão venha com recriminações e com a mesma notícia de sempre, de que a vizinha ainda não concordou em ficar comigo. Não tenho muitas esperanças, pois já se passaram vinte e oito Bailes dos Letrados. Mas enquanto for necessário mantere o sacrifício. Minha palavra está em jogo e, afinal, é uma lição. Na vida, cada objetivo tem um caminho particular. Não adianta querer mudar a direção, como eu fui fazer logo no dia em que nossa vizinha enlouqueceu.

ANEXO I - CRÔNICA *E ELES VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE*, DE DUVIVIER

Gregório Duvivier

E eles viveram felizes para sempre. Seja lá quando isso for. Assim acaba essa história. Porque tudo o que começa acaba. Murilo teve sua primeira visão quando nasceu: vislumbrou sua morte, de infarto, debruçado numa janela. Abriu o berreiro. E nunca se esqueceu dessa visão, estranhamente.

Mais tarde, na infância, os filmes o entediavam: nos créditos iniciais já sabia que o casal viveria feliz para sempre. Os filmes de comédia não tinham mais graça e os de suspense não davam susto. Desistiu de assistir “Lost” no primeiro capítulo.

Tornou-se um sujeito tímido, introvertido. Bastava que fizesse um novo amigo para que anteviesse o momento em que eles romperiam ou a morte de um dos dois. Beber era difícil. No primeiro gole, visualizava a ressaca.

Um dia, apaixonou-se à primeira vista. Foi travar uma conversa. Imediatamente a viu horrenda, assinando os papéis do divórcio. E isso aconteceu repetidas vezes: viu uma dando um tiro no peito, outra comprando passagens de ônibus só de ida para Friburgo. Murilo foi, pouco a pouco, se afastando da companhia das pessoas, para não ter que começar nada que tivesse que acabar. E viveu um tempo longo em que nada começou.

Até que a visão de sua morte, tão jovem, começou a assombrá-lo. Podia acontecer a qualquer momento. Murilo se olhou no espelho e viu que ele estava se transformando no homem da sua visão: tinha engordado um pouco. Perdeu cabelo.

Não demorou muito para que ele percebesse que era melhor viver as coisas sabendo do final delas do que não viver nada. E redescobriu o prazer de viver o miolo das coisas. Passou a tentar adivinhar como é que as coisas chegariam a ser o que ele já sabia que elas se tornariam. Percebeu o quão pouco importam o começo e o final: o barato está, pensou ele, em como é que uma coisa vai dar na outra. Fez novos amigos, conheceu mulheres, se apaixonou algumas vezes. E a história poderia acabar aqui, com nosso protagonista aprendendo a viver um dia de cada vez, encarando com tranquilidade a finitude das coisas. Mas não foi bem assim, como sabemos.

Certo dia, numa praça, viu uma mulher linda e resolveu puxar conversa. E disse “Opa”, como quem diz “Oi”. E parou por aí, espantado. Porque não viu final nenhum. Ficou aflito. “Que é que houve?”, disse ela. “Não tem final”, disse ele. “O quê?”, disse ela. “Nossa história”, disse ele. “Não tem final.” “Mas precisa ter?”, disse ela. “Não, não precisa”, disse ele. “Não precisa.”

E eles viveram felizes para sempre. Seja lá quando isso for.

ANEXO J - CRÔNICA *COMPLEXO DE VIRA LATA*, DE NELSON RODRIGUES

Nelson Rodrigues

Hoje vou fazer do escrete o meu numeroso personagem da semana. Os jogadores já partiram e o Brasil vacila entre o pessimismo mais obtuso e a esperança mais frenética. Nas esquinas, nos botecos, por toda parte, há quem esbraveje: - "O Brasil não vai nem se classificar!". E, aqui, eu pergunto: - não será esta atitude negativa o disfarce de um otimismo inconfesso e envergonhado?

Eis a verdade, amigos: - desde 50 que o nosso futebol tem pudor de acreditar em si mesmo. A derrota frente aos uruguaiois, na última batalha, ainda faz sofrer, na cara e na alma, qualquer brasileiro. Foi uma humilhação nacional que nada, absolutamente nada, pode curar. Dizem que tudo passa, mas eu vos digo: menos a dor-de-cotovelo que nos ficou dos 2 x 1. E custa crer que um escore tão pequeno possa causar uma dor tão grande. O tempo em vão sobre a derrota. Dirse-ia que foi ontem, e não há oito anos, que, aos berros, Obdulio arrancou, de nós, o título. Eu disse "arrancou" como poderia dizer: - "extraíu" de nós o título como se fosse um dente.

E, hoje, se negamos o escrete de 58, não tenhamos dúvidas: - é ainda a frustração de 50 que funciona. Gostaríamos talvez de acreditar na seleção. Mas o que nos trava é o seguinte: - o pânico de uma nova e irremediável desilusão. E guardamos, para nós mesmos, qualquer esperança. Só imagino uma coisa: - se o Brasil vence na Suécia, e volta campeão do mundo! Ah, a fé que escondemos, a fé que negamos, rebentaria todas as comportas e 60 milhões de brasileiros iam acabar no hospício.

Mas vejamos: - o escrete brasileiro tem, realmente, possibilidades concretas? Eu poderia responder, simplesmente, "não". Mas eis a verdade: - eu acredito no brasileiro, e pior do que isso: - sou de um patriotismo inatual e agressivo, digno de um granadeiro bigodudo. Tenho visto jogadores de outros países, inclusive os ex-fabulosos húngaros, que apanharam, aqui, do aspirante-enxertado Flamengo. Pois bem: - não vi ninguém que se comparasse aos nossos. Fala-se num Puskas. Eu contra-argumento com um Ademir, um Didi, um Leônidas, um Jair, um Zizinho.

A pura, a santa verdade é a seguinte: - qualquer jogador brasileiro, quando se desamarra de suas inibições e se põe em estado de graça, é algo de único em matéria de fantasia, de improvisação, de invenção. Em suma: - temos dons em excesso. E só uma coisa nos atrapalha e, por vezes, invalida as nossas qualidades. Quero aludir ao que eu poderia chamar de "complexo de vira-latas". Estou a imaginar o espanto do leitor: - "O que vem a ser isso?". Eu explico.

Por "complexo de vira-latas" entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. Dizer que nós nos julgamos "os maiores" é uma cínica inverdade. Em Wembley, por que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo. Na já citada vergonha de 50, éramos superiores aos adversários. Além disso, levávamos a vantagem do empate. Pois bem: - e perdemos da maneira mais abjeta. Por um motivo muito simples: - porque Obdulio nos tratou a pontapés, como se vira-latas fôssemos.

Eu vos digo: - o problema do escrete não é mais de futebol, nem de técnica, nem de tática. Absolutamente. É um problema de fé em si mesmo. O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-latas e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia. Uma vez que se convença disso, ponham-no para correr em campo e ele precisará de dez para segurar, como o chinês da anedota. Insisto: - para o escrete, ser ou não ser vira-latas, eis a questão.

ANEXO K - CHARGES/TIRINHAS VARIADAS



SCHULZ, C. M. **Peanuts Completo (1961-1962)**. Porto Alegre: RS: L&PM, 2013, 344p.



SCHULZ, C. M. **Peanuts Completo (1961-1962)**. Porto Alegre: RS: L&PM, 2013, 344p.



SCHULZ, C. M. **Peanuts Completo (1961-1962)**. Porto Alegre: RS: L&PM, 2013, 344p.



SCHULZ, C. M. **Peanuts Completo (1961-1962)**. Porto Alegre: RS: L&PM, 2013, 344p.



LAVADO, J. S. **Mafalda**: todas as tiras. São Paulo: Martins Fontes, 2016.



LAVADO, J. S. **Mafalda**: todas as tiras. São Paulo: Martins Fontes, 2016.



ARAÚJO, Y. Devaneios com: Sigmund e Freud. **Depósito de Tirinhas**. 2016. Disponível em: <<https://deposito-de-tirinhas.tumblr.com/post/150964569187/devaneios-com-sigmund-e-freud-por-yorh%C3%A1n-ara%C3%BAjo>> . Acesso em: 29 de out. 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Estágio Obrigatório I*, do curso de Letras – Língua Portuguesa e Literaturas, proporcionou-nos um primeiro contato com o universo escolar. Essa disciplina representou um encontro com o desconhecido: através dela, descobrimos, primeiramente, a importância de planejar aulas, atentando-nos para o perfil dos estudantes e o tempo de aula disponível. À luz da teoria bakhtiniana, percebemos ainda a importância de se observar o sujeito como *uno*, levando em consideração o seu conhecimento prévio (que nada tem de escasso), adequando-o a novos conteúdos. Isso quer dizer que não podemos encarar um estudante como uma folha em branco a ser preenchida, mas como um ser complexo, dotado de vivências e historicidade. Esse período, composto de observação e regência, contribuiu não apenas para nosso crescimento e formação intelectual, mas para nossa formação enquanto indivíduos: conhecemos diversos sujeitos, com distintas realidades; exercitamos nossa ausculta, pois, ao entrarmos em contato tão profundo com o *outro* – contato este proporcionado pelo processo de ensino-aprendizagem – tivemos de refletir para além da sala de aula.

Nosso objetivo primeiro com as aulas planejadas era fazer com que os alunos evoluíssem enquanto sujeito-leitor, exercitando sua criatividade, através da imersão em obras e períodos literários até então, para eles, desconhecidos. Planejávamos fazer com que os alunos estabelecessem pontes entre o *grande tempo* e o contemporâneo, percebendo o dialogismo e a polifonia que percorrem os textos: nenhum escrito é totalmente novo, já que, conforme Geraldi (1995), as obras podem ser comparadas a um tecido, um emaranhado de ideias, que não se anulam, mas somam. Para auxiliar nessa empreitada, contamos quase que diariamente com o uso de tecnologias, como o *Datashow* e o PowerPoint. A tecnologia esteve presente como elemento fundamental ao abordarmos o período Classicismo, por exemplo, em que os alunos tiveram de realizar pesquisas em diversas plataformas, como livros, manuais didáticos, celulares e *notebooks*. Optamos por utilizar recursos tecnológicos com tamanha frequência por se tratarem de elementos presentes na rotina dos estudantes, facilitando a ponte entre os períodos estudados – Trovadorismo, Humanismo e Classicismo -, que datam de períodos longínquos.

Em relação aos pontos positivos do período de regência em classe, destacamos: a relação com os alunos foi positiva e deveras importante para a aplicabilidade dos conteúdos propostos; a convivência com a professora-regente (Lisandra Bonotto), que diversas vezes nos auxiliou com materiais e recursos metodológicos, e com a professora-orientadora (Maria

Luiza), que nos proporcionou inúmeras referências e auxílio principalmente na elaboração de materiais didáticos. Em relação aos pontos a serem melhorados, citamos: apesar de os recursos tecnológicos terem se mostrado uma estratégia positiva, consideramos que o quadro de anotações ainda se faz necessário em sala de aula – e sentimos falta de sabermos utilizá-lo como nosso aliado. Além disso, destacamos o fato de que as cópias impressas, apesar de auxiliarem no processo de ensino-aprendizagem, foi utilizado com demasia; em uma próxima oportunidade, planejamos reduzir o consumo de papel em sala.

Para a última etapa do curso de Licenciatura em Letras – Estágio Obrigatório II – apropriaremos-nos das lições até aqui apreendidas. Isso significa que pretendemos incorporar nosso aprendizado – como a criação de materiais didáticos visualmente atrativos para os estudantes – às experiências futuras, levando em consideração a realidade da comunidade escolar, focando, principalmente, na historicidade e vivência de cada sujeito, que é tão instituído, permeado... tão *uno*.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. (Volochninov). **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SANTA CATARINA. Secretaria Estadual de Educação. Instituto Estadual de Educação. **Projeto Político Pedagógico (PPP)**. Florianópolis: IEE, 2017. 100p. Disponível em: <<http://www.iee.sed.sc.gov.br/a-escola/8-secretaria/27859-projeto-politico-pedagogico>>. Acesso em: 03 de dez. 2018.